



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ELIZABHETT CHRISTINA CAVALCANTE DA COSTA

**CARTAS PESSOAIS DE PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX: o comportamento das formas de tratamento *tu* e *você* na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto**

Recife  
2019

ELIZABHETT CHRISTINA CAVALCANTE DA COSTA

**CARTAS PESSOAIS DE PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX: o comportamento das formas de tratamento *tu* e *você* na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

**Área de concentração:** Linguística

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Cláudia Roberta Tavares da Silva

**Coorientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Valéria Severina Gomes

Recife  
2019

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

C837c Costa, Elizabeth Christina Cavalcante da  
Cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX e XX: o comportamento das formas de tratamento *tu* e *você* na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto / Elizabeth Christina Cavalcante da Costa. – Recife, 2019.  
179f.: il.

Orientadora: Cláudia Roberta Tavares da Silva.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui referências.

1. Formas de tratamento. 2. Carta pessoal. 3. Tradição discursiva. 4. Sujeito. 5. Variação. I. Silva, Cláudia Roberta Tavares da (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-100)

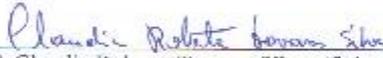
ELIZABHETT CHRISTINA CAVALCANTE DA COSTA

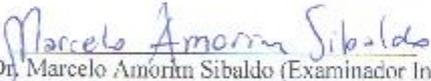
**CARTAS PESSOAIS DE PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX: O  
COMPORTAMENTO DAS FORMAS DE TRATAMENTO TU E VOCÊ NA  
POSIÇÃO DE SUJEITO SOB O ENFOQUE DA HISTORICIDADE DA  
LÍNGUA E DO TEXTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Letras da Universidade Federal  
de Pernambuco como requisito parcial para a  
obtenção do Título de Mestre em LETRAS.

Aprovada em: 20/2/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr.ª Claudia Roberta Tavares Silva (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

  
Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Examinador Interno)  
Universidade Federal De Pernambuco

  
Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa (Examinador Externo)  
Universidade Federal De Pernambuco

À minha *mainha*, Ana, aos meus eternos avós, Lú e Adeildo, ao meu companheiro de sonhos, Maxmillan, às minhas orientadoras, professoras Cláudia e Valéria, às minhas amigas Thayse e Gabryella, obrigada pela compreensão e companhia nessa conquista.

## AGRADECIMENTOS

A *Deus*, por tudo que eu não compreendo.

À minha mãe e aos meus avós, enfim, a todos da minha família. Obrigada por acreditarem em mim e nos meus sonhos e por me apoiarem incondicionalmente.

Ao meu companheiro de amor e de sonhos Maxmillan por ouvir meus prantos e me incentivar a continuar firme e forte nessa empreitada solitária. Obrigada pelo cuidado e compreensão.

À orientadora Cláudia pela orientação, organização, atenção e dedicação. Essas com certeza são destrezas profissionais que levarei comigo na jornada que se segue. Obrigada por ter acreditado em mim e por ser tão amiga.

À coorientadora Valéria também pela orientação, organização, atenção e dedicação. Agradeço por ter acreditado em mim na graduação, segundo período de Letras, quando decidi optar pela carreira acadêmica desde o PIBID, depois, PIBIC, TCC. Obrigada por ser uma pessoa tão inspiradora, incentivadora, por ter confiado na minha competência, comemorado a minha aprovação no mestrado e aceitado me coorientar. Não tenho palavras, só uma imensa alegria por a senhora fazer parte da minha caminhada.

Aos queridos amigos que encontrei na pós-graduação e que me estenderam a mão, ofereceram ajuda e viveram grandes momentos de alegria, aflições e compartilhamentos: Gabryella, Thayse, Déreck, Edrielly, Jamilylis, Juliana, Daniela, Cícero e Alane. Os levarei para sempre em minha vida pessoal.

Aos professores das disciplinas que cursei e que muito contribuíram para ampliar meus conhecimentos: Sibaldo, Cláudia, Xavier, Virgínia; Massip, Joice e Kazuê.

Aos amigos dos quais muito me afastei devido ao processo solitário de leitura e escrita, mas que sempre me procuraram para conversar e perguntar da minha saúde e bem-estar: Carol, Istarlet, Wedja, Amanda Bioni, Amanda Mirella e Renan. Obrigada pelo apoio, compreensão e preocupação.

Aos meus bons e velhos amigos Malena, Bella, Glauci, Lucas, Laelson, Filipe Guilherme e Anderson, pois sei que, mesmo longe, vocês torcem por mim e, quando nos encontramos, somos sempre os mesmos amigos de sempre.

Ao professor Marlos Barros Pessoa por suas infundáveis contribuições sobre latim e história do português brasileiro.

Aos funcionários da secretaria da pós-graduação em Letras, Adriel e Jozaías, obrigada por serem tão solícitos!

Aos meus Snoopy, Luz e Bud por me darem afeto canino nos momentos de solidão.

Ao CNPq por ter incentivado financeiramente a minha pesquisa.

Aos acervos da FUNDAJ e da APEJE pelo acolhimento.

Ao PHPB-PE por disponibilizar o acervo de cartas pessoais.

A todos que me apoiaram ao decorrer da caminhada e ao Universo por trazer bons ventos até aqui, o meu muito obrigada!

Desejo a todos sucesso e sonhos realizados!

Sobre as cartas, lembrem-se do provérbio em latim: *Verba volant, scripta manent!*

## RESUMO

O presente estudo insere-se na perspectiva da linguística sócio-histórica do português brasileiro (PB) e objetivou analisar a alternância das formas de tratamento *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno em 131 cartas pessoais de pernambucanos nos séculos XIX e XX, enfocando a historicidade da língua e do texto. A ideia desta investigação surgiu a partir da contribuição de estudos linguísticos histórico-diacrônicos, como os de Duarte (1993, 1995), que demonstram uma reorganização do quadro pronominal brasileiro relacionada a uma parcial mudança no Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) (CHOMSKY, 1981, 1986), isto é, o PB, ao contrário do português europeu (PE), é uma língua de sujeito nulo parcial (HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009; KATO; DUARTE, 2014). Assim, no que se refere à historicidade do texto, enfocamos no modelo de abordagem das Tradições Discursivas (TD) (KOCH; OESTERREICHER, 2006; KABATEK, 2006) evocadas no gênero carta pessoal através de modos tradicionais de dizer que possam motivar a variação de *Tu* e *Você* na posição de sujeito como pronome nulo ou pleno. Pelo viés da historicidade da língua, consideramos os estudos diacrônicos do PB que têm como base teórica o Modelo de Princípios e Parâmetros, centrando a atenção no PSN em interface metodológica com a sociolinguística quantitativa laboviana para análise dos dados intra e extralinguísticos (WEIREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). Diante disso, obtivemos como resultados: (a) realização mais frequente de sujeitos pronominais plenos em contextos de referencialidade definida; (b) maior produtividade da forma *Você* nos três subgêneros da carta pessoal (amor, amigo e família), e (c) os modos recorrentes de dizer atuando na alternância das formas *Tu* e *Você*, sobretudo, nas cartas de amor do século XX.

**Palavras-chave:** Formas de tratamento. Carta pessoal. Tradição discursiva. Sujeito. Variação.

## RESUMEN

El presente estudio se inserta en la perspectiva de la lingüística socio-histórica del portugués brasileño (PB) y ha objetivado analizar la alternancia de las formas de tratamiento “*Tu*” y “*Você*” en la posición de sujeto nulo y pleno en 131 cartas personales de los pernambucanos en los siglos XIX y XX, con énfasis en la historicidad de la lengua y del texto. La idea de esta investigación surgió de estudios lingüísticos históricos-diacrónicos como los de Duarte (1993, 1995) que tiene demostrado que la reorganización del panorama pronominal ha señalado un cambio parcial con respecto al Parámetro del Sujeto Nulo (PSN) (CHOMKSY, 1981, 1986), es decir, el PB en contraste con el Portugués Europeo (PE), es una lengua de sujeto nulo parcial (HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009; KATO; DUARTE, 2014). Así, en relación a la historicidad del texto, el enfoque se basa en el modelo de abordaje perteneciente a las Tradiciones Discursivas (TD) (KOCH; OESTERREICHER; 2006; KABATEK, 2006), distinguibles en el género carta personal, a través de los modos tradicionales de comunicar que puedan motivar la variación de “*Tu*” y “*Você*” en la posición de sujeto como pronombre nulo o pleno. Bajo el eje de la historicidad de la lengua, consideramos los estudios diacrónicos del PB que presentan como embasamiento teórico el Modelo de Principios y Parámetros, centralizando la atención para el PSN en interface metodológica con la sociolingüística cuantitativa laboviana para el análisis de los datos intra y extralingüísticos. (WEIREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). Frente a esa situación, obtuvimos los siguientes resultados: (a) realización más frecuente de sujetos pronominales plenos en contexto de referencialidad definida; (b) mayor productividad de la forma “*Você*” en los tres subgéneros de la carta personal (amor, amigo y familia), y (c) los modos recurrentes de comunicación actuando en la alternancia de las formas “*Tu*” y “*Você*”, principalmente, en las cartas de amor del siglo XX.

**Palabras clave:** Formas de tratamiento. Carta personal. Tradición discursiva. Sujeto. Variación.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Marcação de parâmetros em línguas naturais.....	34
Figura 2 - Sujeitos clíticos nas línguas naturais.....	40
Figura 3 - Pronomes fracos na posição de sujeito no PB.....	40
Figura 4 - Cliticização no PB.....	41
Figura 5 - Duplo sujeito no PB.....	42
Figura 6 - Ciclo de evocação das tradições.....	59
Figura 7 - A relação entre a tradição textual e a história da língua.....	60
Figura 8 - Sistemática das atividades da fala adaptada de Coseriu.....	62
Figura 9 - Nível versus domínio adaptada de Koch.....	64
Figura 10 - Os filtros concomitantes na produção do enunciado.....	64
Figura 11 - Funções do cérebro.....	78
Figura 12 - Representação da GU.....	80
Figura 13 - Carta transcrita seguindo o modelo do PHPB-PE.....	96
Figura 14 - Carta de Cícero retirada de M. Tulli Cicerones Epistolae. Vol. I Epistolae ad Familiares.....	106

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ocorrências de sujeito nulo no PE.....	26
Quadro 2 - Distribuição geral das ocorrências de formas de P2 (Tu) e de P3(Você) em cartas oitocentistas e novecentistas da família Pereira Ferraz-Magalhães.....	44
Quadro 3 - Proposta de Estágios de pronominalização de Vossa Mercê > Você.....	45
Quadro 4 - Estudos em Linguística Histórica e Diacrônica.....	53
Quadro 5 - Paradigmas pronominal e flexional do PB, adaptados de Kato e Duarte.....	83
Quadro 6 - Quantitativo inicial da coleta.....	89
Quadro 7 - Quantitativo geral do corpus por século e por subgênero da carta pessoal.....	90
Quadro 8 - Ficha técnica do corpus das 131 cartas do banco de dados do PHPB-PE, adaptada de Silva.....	91
Quadro 9 - Notações filológicas para transcrição retiradas de Guedes e Berlinck.....	95
Quadro 10 - Codificação dos dados intra e extralinguísticos.....	97
Quadro 11 - Tradução da carta de família de Cícero.....	105
Quadro 12 - Tradução da Carta de Cícero.....	106
Quadro 13 - Composicional das cartas pessoais conforme Castilho da Costa.....	107
Quadro 14 - Quantitativo das formas de tratamento por século e subgênero da carta pessoal.....	147
Quadro 15 - Peso relativo dos fatores mais significativos da forma de tratamento Você pleno e nulo.....	149
Quadro 16 - Pesos relativos dos fatores da forma de tratamento Tu pleno e nulo.....	150
Quadro 17 - Quantitativo das formas de tratamento por século e relação estabelecida pelos escreventes.....	151
Quadro 18 - Quantitativo por século e faixa etária das formas de tratamento Tu e Você nulo e pleno.....	153
Quadro 19 - Quantitativo por século e faixa etária (Idoso) das formas de tratamento Tu e Você nulo e pleno.....	155
Quadro 20 - Quantitativo de ocorrências das formas de tratamento Tu e Você com o fator da concordância.....	157
Quadro 21 - Exclusividade ou não exclusividade das formas de tratamento Tu e Você.....	158
Quadro 22 - Peso relativo dos fatores menos significativos da forma de tratamento Você pleno e nulo.....	160
Quadro 23 - Variáveis significativas da forma de tratamento Tu nulo e pleno.....	161

Quadro 24 - Tu e Você na posição de sujeito de orações subordinadas adjetivas nos séculos XIX e XX.....	162
Quadro 25 - Tu e Você na posição de sujeito de orações independentes nos séculos XIX e XX.....	163
Quadro 26 - Tu e Você na posição de sujeito de orações subordinadas adjetivas nos séculos XIX e XX.....	165
Quadro 27 - Tu e Você na posição de sujeito de orações principais nos séculos XIX e XX.....	166
Quadro 28 - Tu e Você na posição de sujeito de orações subordinadas substantivas nos séculos XIX e XX.....	167
Quadro 29 - Quadro resumitivo das ocorrências das formas Tu e Você nos fatores “tipos de orações” .....	169

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração em PE.....	27
Gráfico 2 - Ocorrências de sujeitos nulos de segunda pessoa.....	30
Gráfico 3 - Ocorrências de sujeitos nulos nas três pessoas em PB.....	30
Gráfico 4 - Hierarquia referencial.....	36
Gráfico 5 - Resultados da realização fonética de sujeitos referenciais.....	37
Gráfico 6 - <i>Continuum</i> fala-escrita.....	71
Gráfico 7 - Passagem do oral para o escrito.....	72
Gráfico 8 - Representação do medium fônico e gráfico.....	73
Gráfico 9 - Distribuição das ocorrências de Tu e Você no século XIX e XX.....	143
Gráfico 10 - Distribuição geral das ocorrências de Tu e Você nas cartas.....	144

## **LISTA DE SIGLAS**

APEJE Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano  
CA Carta de Amigo  
CF Carta de Família  
CM Carta de Amor  
CP Sintagma complementizador  
FUNDAJ Fundação Joaquim Nabuco  
PB Português Brasileiro  
PE Português Europeu  
PHPB Projeto para História do Português Brasileiro  
PSN Parâmetro do Sujeito Nulo  
SFT Sistema das Formas de Tratamento  
SN Sujeito Nulo  
SPEC CP Especificador do Sintagma complementizador  
TD Tradição Discursiva

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2 DELIMITANDO AS FRONTEIRAS DE ESTUDO SOBRE TU E VOCÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....</b>	<b>24</b>
2.1 DUARTE (1993, 1995).....	24
2.2 KATO E DUARTE (2014).....	33
2.3 RUMEU (2013).....	42
2.4 GOMES E LOPES (2015, 2016).....	46
<b>3 PENSANDO EM UMA LINGUÍSTICA SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS.....</b>	<b>52</b>
3.1 A HISTORICIDADE DO TEXTO.....	56
<b>3.1.1 Tradições Discursivas: um estudo histórico-diacrônico.....</b>	<b>60</b>
<b>3.1.2 O gênero carta pessoal: a tradição na história.....</b>	<b>67</b>
3.2 A HISTORICIDADE DA LÍNGUA.....	74
<b>3.2.1 Sistema e norma.....</b>	<b>74</b>
<b>3.2.2 Sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo (CHOMSKY, 1981, 1986): breves incursões para o estudo diacrônico.....</b>	<b>77</b>
<b>4 “COMO, O QUE E POR QUE ESCAVAR?”.....</b>	<b>85</b>
4.1 TIPO DE MÉTODO E DE PESQUISA.....	86
4.2 COMPOSIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	88
4.3 TRATAMENTO DOS DADOS.....	94
4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	100
<b>4.4.1 Procedimentos de análise qualitativa.....</b>	<b>100</b>
<b>4.4.2 Procedimentos de análise quantitativa.....</b>	<b>102</b>
<b>5 OS MODOS TRADICIONAIS DE DIZER NAS CARTAS PESSOAIS DE PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX.....</b>	<b>104</b>
5.1 OS MODOS DE DIZER TRADICIONAIS DAS CARTAS DE AMIGO E FAMÍLIA DE PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XIX.....	110
5.2 OS MODOS DE DIZER TRADICIONAIS DAS CARTAS DE AMIGO E FAMÍLIA DO SÉCULO XX.....	118
5.3 OS MODOS DE DIZER TRADICIONAIS DAS CARTAS DE AMOR DO SÉCULO XX.....	134

<b>6 A ALTERNÂNCIA DAS FORMAS TU E VOCÊ NAS CARTAS DE AMIGO, DE FAMÍLIA E DE AMOR DE MISSIVISTAS PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX.....</b>	<b>142</b>
6.1 ANÁLISE DAS FORMAS TRATAMENTAIS NA POSIÇÃO DE SUJEITO NAS CARTAS DE PERNAMBUCANOS: RELACIONANDO OS DADOS EXTRALINGUÍSTICOS.....	146
6.2 OS CONTEXTOS DE RESTRIÇÃO DAS FORMAS TU E VOCÊ NA POSIÇÃO DE SUJEITO NULO E PLENO.....	156
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>171</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>174</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*As mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com as mudanças nas relações sociais e valores culturais – Faraco (1996, p. 52).*

No latim havia duas formas para indicar a 2ª pessoa do discurso: o *Tu*, como tratamento íntimo e o *Vós*, usado no plural como tratamento generalizado (CINTRA, 1972). A língua portuguesa herda esse sistema dual do latim no qual o *Vós* era também usado no singular para indicar a cortesia. Sendo assim, o *Tu* era empregado quando houvesse certo grau de intimidade. O *Vós* era empregado de dois modos: um, no singular, como forma de cortesia, podia ser direcionado a pessoas importantes e a desconhecidos; e outro, no plural, direcionado a várias pessoas. Conforme Cintra (1972), a forma de tratamento<sup>1</sup> *Vós* está presente em documentos do século XV, nas obras de Fernão Lopes, como forma de tratamento predileta da corte portuguesa.

Uma nova classe social surge na sociedade portuguesa feudal: a burguesia. Isso faz com que haja uma reorganização social, sobretudo, reestruturam-se as relações interpessoais, nesse sentido há também a necessidade de expressar a soberania do rei às demais classes sociais. Para demarcar a hierarquia dessa sociedade, institui-se, na segunda metade do século XV, por meio de leis de cortesia, a criação de expressões nominiais de tratamento destinadas à realeza portuguesa, como: *Vossa Majestade*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria* e o *Vossa Mercê*. O cerimonioso *Vós*, portanto, passa a dividir espaço com as expressões nominiais de tratamento apresentadas acima. É nesse contexto que o *Vossa Mercê* se populariza pela nobreza e burguesia e transforma-se em estratégia de tratamento formal oposto ao informal e íntimo *Tu* (CINTRA, 1972; RUMEU, 2013).

---

<sup>1</sup> Compreendemos formas de tratamento conforme Lindley Cintra (1972) que, do ponto de vista morfossintático, classifica as formas de tratamento dentro do Sistema das Formas de Tratamento (SFT) do Português Europeu (PE) em nominiais, pronominais e verbais. Essas categorias indicam: (I) o tratamento pronominal inclui as formas *Tu*, *Você(s)*, *Vossa Excelência*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa senhoria*; (II) o tratamento nominal *Senhor*, *Senhora*, *doutor*, *doutora*, *senhor ministro*, *professor*, *pai*, *avó*, *João*, etc. (sempre faz referência a algo relacionado com a pessoa a quem nos dirigimos, como sexo, idade, parentesco, profissão); (III) o tratamento verbal, que se refere ao uso da 2ª ou 3ª pessoa do verbo no singular sem o sujeito expresso, como em: a. “Ø Gosta de café ou prefere chá?” ou em b. “Ø Gostas de café ou preferes chá?”. Segundo Cintra (1972), a forma de tratamento *Você* no PE é utilizada nas relações de igualdade ou de superior para inferior e não implicam intimidade como a forma *Tu*. Nesta dissertação, vemos a forma *Você* sendo utilizada de forma generalizada (como em cartas que mantêm uma hierarquia assimétrica ascendente – de filho para pai), isto é, sendo usada cumprindo a mesma função que a forma *Tu*, por vezes, também encontramos a forma *Você* conservando o caráter mais cerimonioso como no PE, em uma relação de superior para inferior (missivas de mãe para filho) ou de igualdade (entre primos ou amigos).

No transcorrer de paulatinas e sucessivas transformações sociais e culturais, a forma nominal *Vossa Mercê*, através das reduções fonéticas e mudanças semânticas, transforma-se, então, no pronome de tratamento de terceira pessoa *Você*. Sobre essa questão, Rumeu (2004, 2013) afirma que, no português brasileiro (*doravante* PB), o *Você*, entre os séculos XVIII e XIX, está presente em cartas oficiais e não-oficiais em um estágio intermediário de mudança no sistema pronominal e, muitas vezes, ainda se encontra a forma *Vossa Mercê* e/ou variações desta forma. Isso demonstra que o *Você*, empregado na época apresentada, guarda resquícios de formalidade do pronome de tratamento *Vossa Mercê*. Essa forma, por sua vez, já era considerada, desde fins do século XVIII para início do XIX, semântica e referencialmente arcaica. O fato de *Vossa Mercê* ser ainda encontrada em algumas cartas pessoais do século XIX e XX, evidencia construções formulaicas tradicionais próprias da natureza do gênero carta pessoal.

Segundo Rumeu (2013), é em fins do século XIX para início do XX que o gramaticalizado *Você* passa a alternar com o *Tu* na posição de sujeito para referir-se a segunda pessoa do discurso, sendo usado como o *Tu*, nas relações de intimidade. Diante disso, optamos por cartas pessoais dos séculos XIX e XX, a fim de observamos quantitativa e qualitativamente o comportamento de *Tu* e *Você* na posição de sujeito pleno e nulo e, também, analisaremos as marcas de Tradições Discursivas (TD) presentes tanto nos elementos composicionais do gênero carta quanto nos modos tradicionais de dizer presentes na própria carta pessoal. Acreditamos que essas marcas poderão revelar, nas relações de intimidade entre os correspondentes, certas preferências por certos elementos composicionais ou usos linguísticos que poderão motivar a variação de *Tu* e *Você* e, conseqüentemente, os resultados quantitativos poderão apontar para uma mudança na preferência pela realização ou não de uma forma tratamental em detrimento de outra.

Estudos linguísticos históricos-diacrônicos como os de Duarte (1993, 1995), Kato e Duarte (2014) a partir de evidências empíricas, têm demonstrado que, com a entrada das formas tratamentais *Você* e *A gente*, houve um enfraquecimento morfológico nos paradigmas de 2ª do singular e plural e 1ª pessoa do plural e, portanto, uma conseqüente reorganização do quadro pronominal brasileiro. Nesse contexto, a forma tratamental *Você* em variação com *Tu* tem indicado que, com o enfraquecimento dos paradigmas, a posição de sujeito tem de ser obrigatoriamente preenchida. Além disso, o *Você* adquiriu traços semânticos de segunda pessoa do discurso. Essa reorganização, portanto, tem apontado para uma mudança no Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN, CHMOKSY, 1981), isto é, o PB de uma língua de sujeitos

nulos consistente (*pro-drop*) tornou-se uma língua de sujeito nulo parcial (parcialmente *pro-drop*), que permite o licenciamento de sujeitos pronominais nulos e plenos.

Os trabalhos a respeito da temática escolhida para esta pesquisa, em Pernambuco, são escassos. Os que abordam o fenômeno da variação aliado às TD se restringem sobretudo aos estudos dos pesquisadores que fazem parte do Projeto para História do Português Brasileiro (PHPB-PE), como os trabalhos de Gomes (2014), Gomes e Lopes (2015, 2016). O que diferencia esta pesquisa de outras do PHPB que abordam as formas de tratamento é o caráter inovador em incluir, na análise do fenômeno da alternância das formas *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno, a teoria do PSN, tendo como interface a Teoria Gerativa e a abordagem teórico-metodológica quantitativa. Esta, para auxiliar na análise dos dados estatísticos intra e extralinguísticos. Ademais, as TD foram incluídas para auxiliar na análise composicional do gênero carta pessoal e na observação dos modos tradicionais de dizer dos missivistas em suas relações simétricas e assimétricas. Assim, buscamos constituir um estudo dentro da perspectiva da historicidade do texto e da língua.

Dessa forma, a presente dissertação está inserida na perspectiva da linguística sócio-histórica do português brasileiro e temos como objetivo analisar o comportamento das formas de tratamento *Tu* e *Você* na posição de sujeito em 131 cartas pessoais de pernambucanos nos séculos XIX e XX, enfocando a historicidade da língua e do texto (KOCH; OESTERREICHER, 2006; KABATEK, 2006).

No que se refere à historicidade do texto, enfocaremos no modelo de abordagem das TD (KOCH; OESTERREICHER; 2006; KABATEK, 2006) evocadas no gênero carta pessoal através de expressões formulaicas, da estrutura composicional e de elementos pragmáticos-discursivos que possam motivar a variação de *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo ou pleno.

Pelo viés da historicidade da língua, consideramos os estudos diacrônicos do PB que têm como base teórica o Modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986 e seguintes), centrando a atenção no PSN em interface metodológica com a sociolinguística quantitativa laboviana para análise dos dados intra e extralinguísticos (WEIREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). É com base no PSN que pretendemos perceber, nas cartas em análise, possíveis restrições no uso de *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno nos diferentes dados intra e extralinguísticos. Tomamos como referência os contextos de análise adotados por estudos diacrônicos já realizados sobre o PSN no PB, como Duarte (1993, 1995, 2012), Kato e Duarte (2014) que verificam restrições para a produção de sujeitos nulos nessa língua.

Justificamos a escolha pela carta pessoal enquanto *corpus* histórico, pois, além das cartas pessoais possuírem proximidade com a oralidade, através delas temos acesso à língua de outro tempo, conhecemos o missivista e suas escolhas linguísticas, podemos constituir o perfil social; saber o local, data e, também, modos tradicionais de dizer (ANDRADE; GOMES, 2018). Corroborando o afirmado por Pessoa (2002) sobre as cartas ser um “dos gêneros mais importantes da história das línguas [...]. Hoje tem sido o gênero preferido por muitos para estudos diacrônicos da língua pela suposta proximidade com o oral” (PESSOA, 2002, p. 197).

Sendo assim, o material para análise é constituído por 131 cartas dos séculos XIX e XX de remetentes pernambucanos ilustres e não ilustres, estando subdivididas nos subgêneros de amigo, família e amor. Todas essas cartas foram coletas após a aprovação do Comitê de Ética da UFPE e encontram-se acessíveis nos acervos da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj-PE), do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE-PE) e do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB-PE). As cartas foram registradas fotograficamente nos acervos e transcritas segundo as normas de transcrição semi-diplomáticas do PHPB-PE, baseadas nos parâmetros estabelecidos por Guedes e Berlinck (2000). Após a transcrição, os dados das epístolas foram codificados e rodados no conjunto de programas *GoldvarbX*.

Por conseguinte, a realização da discussão sobre os dados será pelo viés metodológico quantum-qualitativo laboviano (LABOV, 2008[1972]), no qual utilizamos o *GoldvarbX* para controlar a variável dependente *Tu* e *Você* e igualmente serão controladas as variáveis independentes, como: a realização fonética do sujeito, concordância verbal, exclusividade ou mistura das formas tratamentais, relação semântica de referencialidade do sujeito, tipo de oração, subgênero da carta, ano da missiva e tipo de relação (simétrica, assimétrica) mantida entre os missivistas. Dados como sexo não foram considerados nas rodadas devido à disparidade quantitativa existente entre missivistas homens adultos e mulheres, mas foram salientados na observação do perfil social dos missivistas e do próprio contexto de produção da carta. Os caminhos metodológicos adotados para esta pesquisa estão melhor esclarecidos no capítulo 3.

Portanto, por meio de estudos pretéritos e atuais sobre o assunto, do perfil social dos correspondentes, das ocorrências das formas tratamentais *Tu* e *Você* e dos resultados de dados quantitativos linguísticos e extralinguísticos, a análise quantum-qualitativa neste estudo abarca como objetivo geral investigar o comportamento das formas de tratamento *Tu* e *Você* usadas na posição de sujeito (nulo e pleno) em cartas pessoais escritas por pernambucanos dos séculos XIX e XX, tomando por base que os possíveis dados dos contextos intra e

extralinguísticos dessas formas na posição de sujeito e as possíveis marcas textuais ou modos tradicionais de dizer possam contribuir na variação de *Tu* e *Você* dentro da tradição missivista. Dessa forma, temos como objetivos específicos:

- I. Observar o comportamento das formas de tratamento *Tu* e *Você* na posição de sujeito, ao longo dos séculos XIX e XX, a partir dos dados intra e extralinguísticos que possam favorecer ou restringir o sujeito nulo ou pleno de uma ou outra forma;
- II. Verificar os modos de dizer recorrentes que mantêm uma ou outra forma de tratamento em função da natureza do texto, pelo viés da TD.
- III. Analisar quantum-qualitativamente quais fatores linguísticos podem indicar que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, pela perspectiva do PSN;
- IV. Averiguar as possíveis motivações sócio-histórico-pragmáticas (ou extralinguísticas) da variação de *Tu* e *Você* nos subgêneros: carta de amigo, de amor e de família dos séculos XIX e XX.

Tendo em vista a alternância das formas de tratamento *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno, principalmente no que diz respeito aos licenciamentos produtivos de sujeitos plenos e os contextos morfossintáticos de restrição dos sujeitos nulos no PB, os objetivos acima apresentados partiram dos seguintes questionamentos:

- I. Considerando a afirmação de Duarte (1993, 1995) sobre a entrada da forma *Você* no quadro pronominal do PB ter causado um enfraquecimento na flexão verbal, resultando assim na obrigatoriedade na realização plena do sujeito, queremos saber se a forma *Você* na amostra analisada suplanta quantitativamente a forma de tratamento *Tu*? Se sim, em quais contextos?
- II. Quais as restrições na distribuição de sujeitos nulos e plenos de *Tu* e *Você* na escrita de pernambucanos no século XIX e XX?
- III. Quais marcas textuais e linguísticas de TD nas cartas pessoais em análise que podem contribuir para o processo de variação de *Tu* e *Você*?

Nesse curso, pesquisas anteriores como as de Rumeu (2013), Lopes (2011) e Duarte (1993, 1995) têm mostrado acerca da alternância de *Você* com a forma *Tu* se instaurar com mais facilidade na posição de sujeito. Por ser esse um contexto sintático propício à gramaticalização, levantamos como hipótese que fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem essa alternância, tendo em mente que o processo de mudança se estabelece dentro da historicidade da língua e do texto, evidenciando marcas textuais e linguísticas de TD na

carta pessoal em que, em contextos específicos, o *Tu* (pleno ou nulo) pode se apresentar mais resistente em relação ao uso de *Você* (pleno ou nulo) que consegue se introduzir com mais facilidade no sistema pronominal do português brasileiro, mais precisamente, no século XX.

Sendo assim, as hipóteses abaixo são possíveis respostas aos questionamentos anteriormente expostos:

- I. Como afirma Duarte (1993, 1995), o PB tem se afastado do PE no que diz respeito ao licenciamento de sujeitos nulos, por cada vez menos permitir sujeitos nulos devido à entrada das formas tratamentais *Você* e *A gente* no sistema pronominal – concorrendo respectivamente o lugar de *Tu* e *Nós* (segunda do singular e primeira pessoa do plural) – devido ao conseqüente enfraquecimento do paradigma flexional. Nesse curso, pressupomos que a produtiva ocorrência de *Você* pleno, como forma tratamental de referência à segunda pessoa e em detrimento de *Tu* (nulo ou pleno), na amostra escrita de pernambucanos, comprova o dito por Duarte (1993, 1995) sobre a segunda pessoa na posição de sujeito ser o contexto mais afetado pela mudança do PSN no PB. De uma língua de sujeito nulo consistente, o PB está caminhando para uma língua de sujeito nulo parcial (KATO; DUARTE, 2014).
- II. Seguindo a hierarquia referencial, de Cyrino, Duarte e Kato (2000) e adaptada por Kato e Duarte (2014), é sabido que os contextos de primeira do plural e segunda pessoas provavelmente sejam os mais afetados pela mudança por possuir traços [+humanos] e [+específicos], portanto, por serem mais referenciais. Sabe-se também que quanto mais referencial, maior também é a possibilidade de um pronome pleno. Dessa maneira, presume-se que alguns dos contextos, atestados por Kato e Duarte (2014) para línguas de sujeito nulo não consistente, no que diz respeito à restrição da distribuição de sujeitos nulos, também serão confirmados no *corpus* constituído por cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX.
- III. Acredita-se que através da análise das TD na carta de pernambucanos podemos encontrar elementos composicionais ou linguísticos da carta que evoquem os usos de certas formas tratamentais na intimidade ou na cortesia, de modo cerimonioso, e que isso possa revelar a preferência de uma forma (*Você*) em certos contextos em detrimento de outra (*Tu*). Assim, segundo Gomes e Lopes (2015, 2016), será possível perceber quais escolhas pragmático-discursivas possivelmente auxiliam no processo de variação de *Tu* e *Você* e verificar se o *Você* tem ocupado o lugar da intimidade (Rumeu, 2013) a partir de expressões formulaicas, elementos composicionais, como saudação, captação da benevolência, pedido, despedida e,

até mesmo, através da assinatura. Ademais, também podemos verificar possíveis modos de dizer tradicionais e verificar a implicação emocional das expressões a partir do tipo de relação que os interlocutores possuem, sejam hierárquicas ou igualitárias.

Nesse sentido, procurando atender às questões apresentadas que envolvem o presente estudo, dividimos a dissertação da seguinte forma: o primeiro capítulo é intitulado **Delimitando as fronteiras de estudo sobre o *Tu* e *Você* no português brasileiro**, no qual realizamos uma breve revisão da literatura dos estudos históricos e diacrônicos no PB de Duarte (1993, 1995), Kato e Duarte (2014), Rumeu (2013) e Gomes e Lopes (2015, 2016) sobre a variação do *Tu* e *Você* na perspectiva do Parâmetro do Sujeito Nulo e das Tradições Discursivas.

O segundo capítulo é o **Pensando em uma linguística sócio-histórica do português brasileiro** que abarca elementos teóricos para discutirmos de que linguística histórica estamos falando, o que iremos adotar para o trabalho e quais interfaces entre perspectivas teórico-metodológicas estamos considerando neste estudo das formas tratamentais pronominais em cartas pessoais de pernambucanos. Ademais, também falamos da relevância da carta pessoal enquanto *corpus* histórico, de seus elementos estruturais e modos de dizer recorrentes que são da natureza desse texto.

O capítulo **Como, o que e por que escavar?** é o terceiro e corresponde ao capítulo metodológico desta dissertação. Neste capítulo, buscamos desenhar o caminho traçado por este estudo desde a coleta até os procedimentos escolhidos para análise do fenômeno desta investigação, mostrando também os percalços que se apresentaram no meio do caminho e quais escolhas metodológicas usamos para transpô-los e seguirmos com os objetivos definidos inicialmente.

O capítulo analítico foi dividido em dois: no capítulo 5, **Os modos tradicionais de dizer nas cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX e XX**, expomos tradições recorrentes encontradas na composição das cartas de pernambucanos, a fim de percebermos quais usos podem auxiliar na alternância de *Tu* e *Você* pleno e nulo.

No segundo capítulo analítico, correspondendo ao capítulo 6 desta dissertação, intitulado de **Alternância das formas *Tu* e *Você* nas cartas de amigo, família e de amor de missivistas pernambucanos do século XIX e XX**, abordamos a análise das formas tratamentais pronominais *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno por dois vieses: um, é a análise relacionando os dados extralinguísticos dos três subgêneros das missivas e, o outro, é analisando os contextos de restrição de uso das formas *Tu* e *Você* na posição de sujeito.

Por fim, nas **Considerações finais**, fazemos um breve retrospecto dos principais resultados obtidos e das temáticas discutidas nesta dissertação. Os resultados principais, portanto, mostraram que as formas de tratamento *Tu* e *Você*, nas cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX, foram produtivas na posição de sujeito pleno tanto em orações independentes, advérbias quanto nas orações encaixadas substantivas, nos três subgêneros da carta pessoal. Sendo assim, obtivemos como resultados: (a) a realização mais frequente da forma de tratamento pronominal *Você* na posição de sujeito pleno, majoritariamente nas encaixadas substantivas; (b) maior produtividade da forma *Você* nos três subgêneros da carta pessoal (amor, amigo e família), e (c) os modos recorrentes de dizer atuando na alternância das formas *Tu* e *Você*, sobretudo, nas cartas de amor do século XX. Dessa maneira, os resultados corroboram o afirmado por Kato e Duarte (2014) sobre a alta produtividade de sujeitos plenos com as formas pronominais *Tu* e *Você* que, por sua vez, têm traços de referencialidade semântica [+] específico e [+] humano. Além disso, vimos as TD – nos três subgêneros da carta pessoal – atuando através da implicação emocional das expressões para estabelecimento da amizade entre os correspondentes e, portanto, quanto mais íntimo, mais possibilitava-se as ocorrências alternadas das formas *Tu* e *Você*.

Assim, acreditamos ter contemplado todos os objetivos que elencamos para esta pesquisa e contribuído de maneira significativa para os estudos acerca das tradições presentes nas cartas pessoais e das formas tratamentais pronominais *Tu* e *Você* na posição pleno e nulo ao decorrer da história do PB.

## 2 DELIMITANDO AS FRONTEIRAS DE ESTUDO SOBRE TU E VOCÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

[...]O general interveio então. Falou-lhe com brandura, quase paternal, mudando o tratamento de Você para tu, que parece mais doce e íntimo quando se fala aos inferiores[...]. – Triste Fim de Policarpo Quaresma, Lima Barreto.

Neste capítulo de revisão da literatura, ressaltamos que o interesse por tal investigação a respeito da alternância de *Tu* e *Você* na posição de sujeito surge das inquietações provocadas a partir da leitura dos trabalhos como os de Duarte, sobretudo da tese intitulada *A perda do princípio “Evite pronome” no Português Brasileiro* (DUARTE, 1995), em que a autora afirma que o PB está passando por uma mudança na representação do sujeito pronominal referencial. Dessa maneira, além do intuito de observarmos *quantum*-qualitativamente o comportamento das formas na posição de sujeito, buscamos perceber também a produtividade de sujeitos nulos e plenos na carta pessoal e o que isso poderá nos dizer sobre o PB ser uma língua de sujeito nulo parcial, por isso, recorreremos também aos estudos de Kato e Duarte (2014) e a Rumeu (2013). Ademais, no que diz respeito aos modos tradicionais de dizer presentes na carta pessoal e que possam nos auxiliar na observação do fenômeno em variação, nos fundamentamos em Gomes e Lopes (2015, 2016).

### 2.1 DUARTE (1993, 1995)

Uma das principais contribuições para o crescimento da linguística brasileira, no que diz respeito ao pioneirismo em relação à questão do processo de mudança na representação do sujeito pronominal referencial, é a tese de Duarte (1995) intitulada *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. A autora acredita que a realização plena de sujeitos referenciais esteja relacionada à redução do paradigma flexional, tendo como consequência a realização fonética do sujeito devido à entrada de formas tratamentais como *Você* e *A gente* no quadro pronominal brasileiro. A produtiva representação plena do sujeito ocorreria devido à não obediência ao princípio “Evite Pronome” (CHOMSKY, 1981) – em que haveria maior produtividade de sujeitos nulos, um princípio característico de línguas *pro-drop*, isto é, de sujeito nulo consistente (DUARTE, 1993, 1995).

Os estudos de Duarte (1993, 1995) têm como objetivos principais: (a) identificar os contextos em que há maior facilidade para o aparecimento do pronome pleno; (b) confirmar a implementação da mudança através de dados de fala e escrita; (c) encontrar evidências do encaixamento da mudança no sistema que, nesse caso, é representado pelo uso irrestrito das construções de deslocamento à esquerda do sujeito (essa estrutura não se faz presente em línguas prototipicamente *pro-drop*); e, por fim, mais especificamente em relação à tese (d) defender o estatuto de *pro* para a categoria vazia do sujeito. Assim, destacamos alguns dos principais pontos de discussão da tese de Duarte (1995) e do artigo da autora (1993), intitulado *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil* (DUARTE, 1993). Alguns desses pontos principais serão importantes na análise intralinguística do Tu e *Você* na posição de sujeito (nulo e pleno) nas cartas de pernambucanos.

Duarte (1995) tem como ponto de partida a discussão sobre o sujeito nulo no Português Europeu (PE), considerado como uma língua de sujeito nulo consistente (*pro-drop*), em que se constata o fato de o PB estar afastando-se do grupo de língua conhecidas como *pro-drop*, inclusive do PE, no que diz respeito ao licenciamento e representação do sujeito pronominal de referência definida. A partir da apresentação dos resultados do artigo *O sujeito pronominal no português coloquial europeu*, que foi publicado no mesmo ano da tese, Duarte procura verificar como o sujeito pronominal se comporta dentro de um sistema flexional “funcionalmente rico” (ROBERTS, 1993) por utilizar as formas de tratamento Tu e Vós ao lado da forma *Você* e o(s) Senhor(es), considerada pela autora como segunda pessoa “indireta”. Assim, é notório que há dois sincretismos representados no paradigma flexional, um para a terceira pessoa do singular com desinência zero, e outro para designar os sujeitos de segunda e terceira pessoas do singular e plural. A autora, portanto, considera que os dois sincretismos do português são provocados por formas adicionais de tratamento, estas não alteram as seis formas distintivas e, por isso, não deveriam comprometer a riqueza funcional do paradigma.

Para confirmar a hipótese de que funcionalmente o paradigma está operando com regularidade (seja uma desinência mais distintiva ou não), Duarte (1995) realiza uma análise a partir de algumas amostras de entrevistas sociolinguísticas portuguesas com 30 falantes, dividida em dois grupos etários, de 22 a 33 e outro de 46 a 60, de escolaridade nível básico, médio e superior. A hipótese se confirma a partir do momento em que há o predomínio de sujeitos nulos em relação a sujeitos plenos, em diferentes contextos sintáticos e em todas as

peças gramaticais. Logo, na discussão sobre o sujeito nulo no PE constata-se a preferência por esse tipo de sujeito em todas as peças do discurso, como mostra a quadro:

**Quadro 1 - Ocorrências de sujeito nulo no PE**

	Com coordenadas	Sem coordenadas
Pessoa	N. / T. (%)	N. / T. (%)
1a.	334 / 561 (60)	243 / 459 (53)
2a.	101 / 138 (73)	96 / 133 (72)
3a.	303 / 417 (73)	194 / 305 (64)

Fonte: (Duarte, 1995, p. 8)

Dos resultados acima, destacamos que os dados de primeira pessoa apresentaram os mais baixos índices percentuais tanto no singular quanto no plural, mesmo tendo desinência exclusiva e isso possibilitou a ocorrência equilibrada de sujeitos nulos e plenos de primeira pessoa. Duarte justifica tal resultado a partir do fato de ele não acontecer apenas no PE, pois um falante não se apresenta apenas usando o mecanismo de concordância verbo-sujeito, que é característico de línguas pro-drop, mas, na maioria dos casos, utiliza-se de um pronome pleno (OCHS e DURANTI, 1979 *apud* DUARTE, 1995, p. 9).

Na amostra analisada do trabalho de Duarte (1995, p. 10), a primeira pessoa do plural apresenta-se com índice de sujeitos nulos ligeiramente superior à da primeira do singular, foi verificada, então, a pouca frequência do uso da expressão *A gente* com referência definida (1). Além disso, também foi constatado o uso da desinência **-mos** (2) produzida por falantes com pouca escolaridade – essa forma desinencial foi achada apenas em duas sentenças –, como em:

1. **Eu** gostava que **o meu marido** ganhasse um bocadinho mais, já se sabe...[...] quer dizer, ele não ganha mal, mas para aquilo que **a gente** quer, ganha pouco. (GK2)
2. Enfim **a gente** fazíamos tudo isso, não é? (GK3)

Os resultados de Duarte (1995) mostraram que, para a identificação de um sujeito nulo na 3ª pessoa, necessita-se da identificação de um Sintagma Nominal (SN ou NP – *Nominal Phrase*) que lhe atribua referência. Para que essa identificação ocorra, é preciso que o SN esteja acessível na posição de sujeito de uma predicação, sem que haja outros elementos que causariam, por exemplo, ambiguidades. Nesse viés, a autora (1995) afirma que uma posição

de complemento ou uma posição afastada no discurso podem comprometer o acesso ao SN, favorecendo a realização plena do pronome, como no exemplo (3):

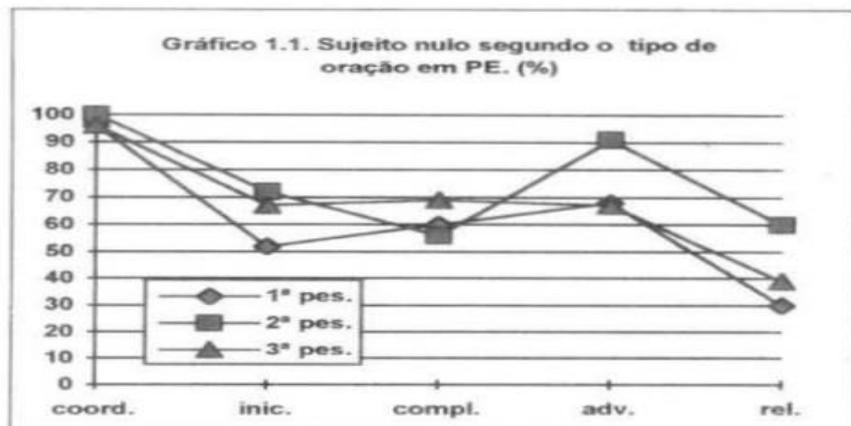
3. [...] **ele** quer pescar tudo, quer sempre arranjar taças. E **pro** tem tido sorte com isso porque **pro** já teve três e eu inda só tive uma, que foi nesse concurso. A certa altura vem uma onda, era um dia de, de chuva e **ele** apanhou um banho terrível, ficou todo molhado e não conseguia sair lá de cima, não é? (GK1)

No que tange aos resultados sobre a segunda pessoa, verificou-se que o percentual de sujeitos nulos não é sensível ao tipo de forma de tratamento escolhido, confirmando, assim, a hipótese de que o paradigma está operando com sua regularidade funcional. Dessa maneira, no PE a existência de sincretismos provocados pela entrada de formas de tratamento extras não compromete a opção de sujeito nulo:

4. [...] porque me parecia uma coisa detestável, um problema grande de consciência, se amanhã como magistrado **pro viesse** a verificar que **pro tinha errado** ou que **pro tinha julgado** mal, sobretudo se **pro tivesse julgado** mal em prejuízo de alguém... Hoje **pro** gostava de ser magistrado porque pro estou convencido que pro talvez evitasse mais injustiças como magistrado do que as que pro posso evitar como advogado. (IMS)

Dessa maneira, o tipo de oração – seja declarativa ou interrogativa –, no contexto de segunda pessoa, parece ter maior relevância na escolha pela representação ou não do sujeito. Sendo assim, sobre o gráfico a seguir, destaca-se que os dados demonstraram a segunda pessoa do PE mantendo a preferência pelo uso de sujeito nulo em todos os contextos sintáticos analisados, quais sejam, coordenadas (100%), iniciais<sup>2</sup> (72%), completivas (56%), adverbiais (91%) e relativas (60%). No entanto, em relação à primeira e terceira pessoa, o sujeito nulo nas relativas obteve 30% e 39%, respectivamente para as duas pessoas, perdendo assim para a realização plena do pronome-sujeito no referido contexto sintático.

**Gráfico 1** - Sujeito nulo segundo o tipo de oração em PE



Fonte: (DUARTE, 1995, p.12)

<sup>2</sup> Consideradas nessa categoria, por Duarte (1995), raízes, orações independentes e a primeira coordenada.

Dessa forma, conforme os resultados obtidos por Duarte, o tipo sintático da oração não afeta a preferência pelo sujeito nulo, exceto no contexto sintático das relativas. Sendo assim, dois fatores poderiam ser condicionadores desse tipo de ocorrência, em primeiro lugar, a estrutura de CP nas relativas<sup>3</sup>, pois o especificador (*Spec CP*) está preenchido, como em (DUARTE, 1995, p.12):

5. [...]*daquelas coisas* [ *CP* que [ *C*· [ *IP* nós ouvimos por tradição....]]]

Em segundo lugar, a autora afirma que a produtividade de plenos nesse contexto pode ser devido à ordem estrutural no que diz respeito à falta de correferência entre o sujeito da relativa ou completiva e o sujeito da raiz, ou seja, quando não existe a correferência opta-se pelo sujeito pleno, tanto na terceira quanto na primeira pessoa. Entretanto, Duarte observa que sujeitos correferentes nas relativas do PE são pouco frequentes e, quando ocorrem, há a preferência pelo uso de sujeitos nulos na oração raiz (ou principal) e plenos na encaixada da relativa (Ver exemplo (6)), ao contrário do que se espera nos outros tipos de orações encaixadas<sup>4</sup> em que geralmente se tem a presença do pronome nulo realizando a correferencialidade em relação à realização plena do pronome-sujeito na oração principal (DUARTE, 1995, p. 14).

6. Então **pro** ia lá à casa daquela senhora (=amante) que *ele* já tinha há muitos anos. E deu-lhe lá uma coisa e **pro** morreu. (ILS)

Ainda em relação ao sujeito nulo do PE, Duarte (1995, p.15) discute dois fatores que podem condicionar ou não o uso do sujeito nulo: o traço [-animado] do referente de terceira pessoa e os fatores idade e escolaridade.

Sobre o traço [-animado], a autora constata sujeitos nulos com esse traço em 93% dos dados (66 ocorrências de 77 totais), comporta-se igualmente ao sujeito nulo em uma relativa na qual o referente está distante:

7. Agora, os jornais portugueses que eu considero - embora desconsidere **completamente toda a Imprensa portuguesa**, dados os condicionalismos em que **pro** vive... (GMS)

Em relação aos fatores idade e escolaridade, Duarte afirma que estes não condicionam fortemente o uso do sujeito nulo no PE. Os fatores idade e escolaridade apenas condicionam,

<sup>3</sup> De igual modo, por o CP possuir a mesma estrutura, apresentou-se os mesmos resultados pela preferência por sujeitos plenos nas completivas interrogativas indiretas e nas raízes interrogativas diretas, como nos exemplos de Duarte (1995, p. 13): “que é **o que** eu estou a fazer hoje” e “**Como** eu hei de lhe dizer?”.

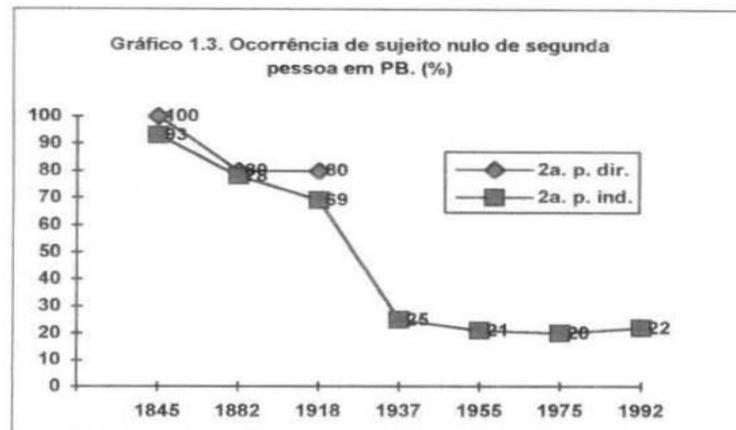
<sup>4</sup> Em línguas *pro-drop*, há uma grande preferência por sujeitos-nulos nas encaixadas (DUARTE, 1995).

no PE, os usos bem raros que dizem respeito à substituição de Nós por A gente, produzidos por falantes com o nível escolar básico. A preferência pelo sujeito nulo no PE não se mostra condicionada por fatores sociais atestados na pesquisa da autora. Constatou-se, então, que a existência de dois sincretismos associados a formas extras (como a forma verbal com desinência zero) faz o PE permanecer preferindo o sujeito pronominal nulo frente ao pleno e, isso, segundo Duarte (1995), confirmou a hipótese de Roberts (1993) sobre a “riqueza funcional” do paradigma verbal.

Entretanto, no tocante ao sujeito nulo do PB, em Duarte (1995) e na pesquisa diacrônica, *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*, publicada em 1993, a partir de textos teatrais de autores populares abrange o recorte temporal dos séculos XIX e XX, levando em consideração a proximidade desses textos com a fala, procura observar os efeitos da simplificação dos paradigmas do PB, consequência da perda, em quase todas as regiões do país, das formas pronominais Tu e Vós, substituídas por *Você(s)* e *Senhor(es)*. Assim, a autora discorre que, no PB, com dois sincretismos ultrapassaríamos o limite de sincretismo postulado por Roberts (1993) e, conseqüentemente, isso ocasionaria a perda da regularidade da opção de sujeito nulo. Esses sincretismos no paradigma do PB não são provocados por formas extras como no PE, mas são provocados pela utilização das formas de terceira pessoa (do singular e do plural) como únicas possibilidades de referência de segunda pessoa (DUARTE, 1993).

A entrada das formas *Você* e *A gente* no quadro pronominal ocasionou a erosão do paradigma flexional do PB devido à coexistência dessas formas de terceira pessoa com os pronomes-sujeitos de segunda (plural e singular) e primeira pessoa (do plural), ocasionando um paradigma com apenas quatro ou cinco formas distintivas. Segundo Duarte, os efeitos dessa erosão deveriam ser sentidos em todas as pessoas gramaticais. Relativo a essa questão, expõem-se aqui os principais resultados que interessam a esta dissertação.

Duarte (1993, 1995), primeiramente, afirma que **(I) a perda gradual da opção pelo sujeito nulo no PB pode ser atribuída à redução dos paradigmas flexionais** e, sobre isso, verifica-se na amostra analisada que, na medida em que os anos vão passando, a preferência por sujeitos nulos vai diminuindo. Igualmente, observa-se que a coexistência de duas formas de tratamento não contribui para comprometer a opção pelo sujeito nulo em nenhuma das pessoas gramaticais. Há queda de 69% de sujeitos nulos de segunda pessoa indireta nos dados de 1918 para 25% nos de 1937 e, segundo Duarte (1993, 1995), coincide com a perda da segunda pessoa direta. No restante da amostra em diante, o sujeito nulo de segunda pessoa mantém-se em torno dos 20% (Ver gráfico abaixo).

**Gráfico 2** - Ocorrências de sujeitos nulos de segunda pessoa

Fonte: (DUARTE, 1995, p. 20)

Em segundo lugar, como resultado obtém-se que **(II) a mudança não atua uniformemente por todas as pessoas gramaticais**. Dessa forma, os resultados apontaram que a mudança relativa à diminuição de sujeitos nulos afeta mais a primeira e a segunda pessoas. Já a terceira pessoa, mantém-se estável percentualmente no licenciamento de sujeitos nulos, como apresentado no gráfico abaixo em que compara o desempenho do sujeito nulo na segunda pessoa indireta com a primeira e terceira pessoas:

**Gráfico 3** - Ocorrências de sujeitos nulos nas três pessoas em PB

Fonte: (DUARTE, 1995, p. 20)

Diante do exposto, vê-se que o comportamento da terceira pessoa nos dados apresentados aponta para uma continuação da opção de representação do nulo. Entretanto, o uso de sujeito nulo tem diminuído para a primeira e segunda pessoas. Duarte (1993,1995) conclui que, de fato, a “riqueza funcional” do paradigma se perdeu, e isso fará com que

tenhamos cada vez menos sujeitos nulos de referência definida licenciados por *Agr*<sup>5</sup> (pela concordância). Nesse sentido, Duarte (1995) afirma que a primeira e a segunda pessoas são provas da diminuição da preferência por sujeitos nulos, mas sobre a terceira pessoa, pode-se presumir que “[...] não sendo mais inteiramente realizada por *Agr*, a identificação do sujeito nulo esteja ancorada na sua coindexação com um SN numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes” (DUARTE, 1995, p. 21).

Para a presente dissertação é fundamental destacar algumas das propriedades de línguas românicas de sujeito nulo (*pro-drop*), mais especificamente do italiano e do espanhol, que, fundamentando-se em Calabrese (1986) e Fernandes Soriano (1989), foram elencadas e discutidas por Duarte (1995, 1993), são as seguintes:

**I.** O sujeito nulo é obrigatório quando o referente é esperado, o uso de um pronome pleno, nesse caso, implicaria uma referência disjunta ou a inaceitabilidade da sentença.

**8.** Quando **Carlo<sub>i</sub>** ha pichiato **Antonio<sub>j</sub> pro<sub>i</sub>/ lui<sub>j</sub>** era ubriaco.

**9.** **Mario<sub>i</sub>** si é spaventato dopo che **pro<sub>i</sub>/\*lui<sub>i</sub> ha** visto quel film.

**II.** O pronome tônico não pode preceder seu antecedente em encaixadas adverbiais.

**10.** Quando **pro<sub>i</sub>/\*lui<sub>i</sub>**, lavora, Gianni <sub>i</sub> non beve.

**III.** Caso a encaixada não seja adverbial, o pronome tônico poderá preceder seu antecedente, como em **(11)**:

**11.** Le persone che **lui<sub>i</sub>** ha aiutato sono convinte che Gianni<sub>i</sub> è una buona persona.

**IV.** O que torna um referente esperado (disponível poder identificar o pronome nulo na oração matriz ou na encaixada) é o fato dele ser Tema (sujeito) de uma predicação (DUARTE, 1995). O sujeito de uma predicação secundária não é tema e, portanto, não é esperado, sendo assim, resulta no uso do pronome tônico:

**12.** Mentre il dottore<sub>i</sub> visitava **Maria<sub>j</sub>** incinta pro<sub>i</sub> \*<sub>j</sub> / lei<sub>j</sub>• cantícchiava.

---

<sup>5</sup> Vem de *Agreement* (CHOMSKY, 1986), que significa concordância.

V. O mesmo fenômeno das encaixadas pode ser visto operando entre sentenças do discurso, segundo Calabrese (1986 *apud* DUARTE, 1995, p. 24) é pelo fato de as sequências de enunciado que compõem o discurso serem sintaticamente irmãs uma das outras.

13. **Carlo<sub>i</sub>** é entrato. **Mario<sub>j</sub>** si è alzato. **Pro<sub>\*i/j</sub>** ha parlato.

14. **Mario<sub>i</sub>** ha detto che **Maria<sub>j</sub>** aveva detto quelle cose. Così **pro<sub>\*j</sub>/ lei<sub>j</sub>** é scappata via.

VI. Segundo o Princípio “Evite Pronome”, numa língua *pro-drop*, *Agr* deve obrigatoriamente atribuir seus traços de pessoa, número e caso. Os pronomes plenos são marcados por esses mesmos traços, logo, a co-ocorrência com *pro* resultaria na dupla marcação de caso. O aparecimento de pronomes plenos só se justifica quando “a identificação do conteúdo de *pro* é comprometida, porque *Agr* não é suficientemente forte, como na segunda pessoa do subjuntivo em italiano ou na primeira e terceira do imperfeito do indicativo em espanhol” (DUARTE, 1995, p.25), ver os exemplos abaixo:

15. É necesario che **tu** vada.

16. Iba **yo/el** tranquilamente andando por la calle cuando cayó un obús.

Para além das propriedades acima apresentadas, Duarte (1995) mostrou algumas sentenças para espanhóis, italianos e portugueses e houve, por exemplo, a rejeição unânime às construções com duplo sujeito, pois quando o pronome duplica um referente [-animado] – exemplo (17) –, os informantes interpretaram o SN como um complemento topicalizado e o pronome [+ animado] seria o sujeito, livre em sua categoria de regência, como em (18) (DUARTE, 1995):

17. Eu acho que **um trabalho sério<sub>i</sub>** **ele<sub>i</sub>** teria que começar por aí.

18. Eu acho que **um trabalho sério<sub>i</sub>**, **ele<sub>j</sub>** teria que começar **t<sub>i</sub>** por aí.

Ao visualizar as propriedades de línguas românicas apresentadas têm-se a impressão de que o Princípio "Evite Pronome" atua com maior rigidez no espanhol e italiano. Conforme Duarte (1993, 1995), as violações ao Princípio mais sérias são o duplo sujeito, os pronomes em encaixadas com sujeitos correferentes (excetuando-se as relativas) e os pronomes com o traço [-animado].

Por conseguinte, vários aspectos e caminhos teórico-metodológicos da tese de Duarte (1995) são cruciais para os objetivos desta dissertação. Portanto, sempre que conveniente, retomaremos aos seus estudos, retomando dados da análise de Duarte, no decorrer da análise sobre o Tu e o *Você* na posição de sujeito nulo e pleno em cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX e XX. A seguir, avançamos acerca da discussão sobre sujeitos nulos no que diz respeito às restrições na distribuição de sujeitos nulos no PB, de Kato e Duarte (2014), em que as autoras discorrem que o princípio “Evite pronome” (CHOMSKY, 1981) tem uma contraparte “Evite pronomes referencialmente deficientes” para línguas de sujeito nulo parcial, como consideram o PB. Nesse caminho, na próxima seção, iremos apresentar os principais pontos desse estudo.

## 2.2 KATO E DUARTE (2014)

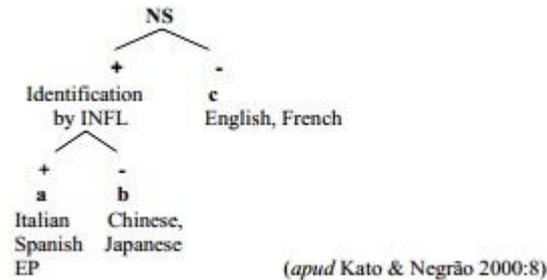
Com o objetivo de propor que o princípio ‘Evite pronome’ (CHOMSKY, 1981), postulado para línguas de sujeito nulo consistente, pode ter uma contraparte ‘Evite pronomes não-referenciais’ em línguas de sujeito nulo parcial como o Português Brasileiro (PB), as autoras Kato e Duarte (2014), no artigo intitulado *Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro*, revisitam o estudo de Duarte (1995), a fim de verificar em quais contextos há restrições ou não no licenciamento do sujeito nulo no PB. Além disso, as autoras propõem também que a variação entre sujeitos nulos e expressos pode ocorrer em línguas de sujeito nulo parcial, e é possível no PB dada a natureza clítica de seus pronomes fracos sujeitos.

Estudos como o de Taraldsen (1979) e Rizzi (1982) têm se sustentado na forte hipótese da morfologia rica, mais especificamente, a de concordância, na caracterização da possibilidade da ocorrência de NS, entretanto perde-se a generalização em relação a línguas como o chinês e japonês as quais não possuem morfologia de concordância e, mesmo assim, o fenômeno do NS se faz presente. Para as categorias vazias na posição de sujeito e objeto, Kato e Duarte (2014) dizem que Huang (1989) oferece uma solução:

- I. Italiano e Português Europeu (PE) – o identificador do NS está em um “controlador interno” (concordância, a identificação de *pro* se dá concordância nominal);
- II. Chinês e Japonês – o controlador está além da sentença (a identificação NS se dá via correferência).

Além disso, Kato & Negrão (2000) representam essas possibilidades, subparametrizando o parâmetro inicial:

**Figura 1** - Marcação de parâmetros em línguas naturais



Fonte: (KATO; DUARTE, 2014)

Segundo Kato e Duarte (2014, p. 2), o PB vem mostrando um declínio na ocorrência do sujeito nulo referencial definido, diferentemente do que tem ocorrido no PE, que permanece como uma língua de sujeito nulo consistente (DUARTE, 1993, 1995; DUARTE, KATO e BARBOSA, 2001):

19. a. [Minha esposa]<sub>i</sub> trabalha na Embratel. Ela<sub>i</sub> ganha bem, mas eu acho que ela<sub>i</sub> devia ganhar mais porque ela<sub>i</sub> merece. (PB)  
 b. Ele<sub>i</sub> quer pescar tudo; Ø<sub>i</sub> quer sempre arranjar umas taças. E Ø<sub>i</sub> tem tido sorte com isso, porque Ø<sub>i</sub> já teve três (taças) e eu inda só tive uma, que foi nesse concurso. (PE)

Nessa linha de raciocínio, as autoras assumem, fundamentando-se em Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, ao observarem que o PB tem características próximas do francês no que diz respeito aos pronomes-sujeito, quando expressos, serem pronomes fracos, como em:

20. a. Ice, on répare les chaussures. (Francês)  
 b. On, ne met plus de jupe. (Francês)

E, igualmente, mostram que, em contexto de anáfora, o nulo tem características do nulo logofórico do chinês (21(a)) – que é uma língua em que o identificador do sujeito nulo está em um controlador para além da sentença, na correferência. Referente a essa questão, Kato (1976), revisitado em Kato (2009), propõe que o sujeito nulo (*doravante* NS – Null Subject) do PB é um pronome logofórico, como o *Eu* e *Você*, que está ligado ao discurso direto (21 (b)), mas que no discurso indireto pode ter representação nula (21 (c)). Sendo assim, a partir do exemplo 21 (c) percebemos que no PB o nulo, nesse caso, sempre será

correferencial, portanto não poderá ser compreendido, na encaixada, como um referente diferente do sujeito (Ver 21 (d)).

21. (a) **Eu** pergunto a **Você**: (**Você**) está cansado?

(b) O Pedro disse: “(**Eu**) estou com fome”

(c) O **Pedro**<sub>i</sub> disse que (**ele**<sub>i</sub>) estava com fome.

(d) A **Maria**<sub>i</sub> falou que \*(**ela**<sub>k</sub>) estava com fome.

Enquanto, no Português Europeu (PE), uma língua de sujeito nulo consistente, o identificador desse sujeito está em um controlador interno, na concordância, via concordância pronominal (Ver 22. (a) e (b)).

22. (a)  $\emptyset$ <sub>i</sub> chegou cedo, o **menorzinho**<sub>i</sub>

(b) A **Maria**<sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>i</sub> esteve doente.

Como já mencionado, para alguns estudiosos como Duarte (1995), essa perda desinencial com a entrada da forma *Você* tem demonstrado que, possivelmente, o PB está em processo de tornar-se uma língua não *pro-drop*, ou seja, uma língua na qual sujeitos não realizados foneticamente não sejam mais possíveis (a saber, o NS), assemelhando-se à língua inglesa (23(a)). Assim como afirmado por Kato e Duarte (2014), o PB não pode ser mais considerado como uma língua de sujeito nulo consistente, como o espanhol (24 (a)) e o português europeu (24 (b)), mas é sim uma língua de sujeito nulo parcial, a julgar pelo processo de mudança do paradigma pronominal no que diz respeito ao enfraquecimento do paradigma de flexão verbal.

### I. Língua de realização fonética obrigatória do sujeito:

23. (a) \*<sup>6</sup>Speaks English (Inglês).

### II. Línguas de sujeito nulo consistente:

24. (a)  $\emptyset$ Habla español (Espanhol)

(b)  $\emptyset$ Fala Português (Português Europeu, doravante PE)

Essa reorganização do quadro pronominal brasileiro resultou na não-obediência ao Princípio “Evite Pronome” (*Avoid Pronoun*) (CHOMSKY, 1981) que, como as autoras afirmam, explicaria a realização de pronomes plenos nos contextos em (25), em variação com os exemplos apresentados em (26) presentes em línguas prototipicamente –NS, como o PE.

<sup>6</sup> O asterisco indica a agramaticalidade da sentença.

**25. PB**

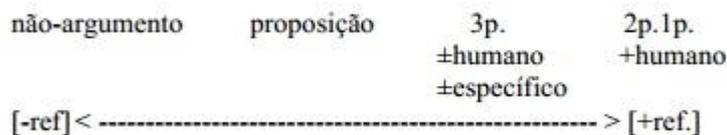
- a. **Eu** falo o dialeto paulista.
- b. A Maria, **ela** fala bem no microfone.
- c. **Ele** chegou cedo, o menorzinho.
- d. A Maria<sub>i</sub> disse que **ela<sub>i</sub>** esteve doente.

**26. PE, %<sup>7</sup>PB**

- a.  $\emptyset$  falo o dialeto paulista.
- b. A Maria,  $\emptyset$  fala bem no microfone.
- c.  $\emptyset_i$  chegou cedo, o menorzinho<sub>i</sub>.
- d. A Maria<sub>i</sub> disse que  $\emptyset_i$  esteve doente.

Dessa maneira, as autoras avançam na discussão seguindo a proposta de Cyrino, Duarte e Kato (2000) sobre a hierarquia de referencialidade no licenciamento do sujeito nulo no PB em que se postula que, para uma língua com uma opção interna para variantes nulas ou não-nulas, um fator forte na seleção de uma ou outra forma seria justamente o estatuto referencial do referente, como podemos ver na figura do gráfico abaixo.

**Gráfico 4 - Hierarquia referencial**

**I. Hierarquia Referencial**

(*apud* Cyrino, Duarte & Kato, 2000:59)

Fonte: (KATO; DUARTE, 2014, p.8)

Ao observarmos o gráfico, vemos que os argumentos [+N, +humano] estão no lugar mais alto da hierarquia referencial, enquanto não-argumentos ocupam a posição mais baixa da hierarquia. Sendo assim, considerando os pronomes *Eu* (falante) e *Você* (interlocutor), primeira e segunda pessoas, estão na posição mais alta da hierarquia; a terceira pessoa está situada em um ponto mais baixo devido à interação de traços [±humano] e [± específico]; o sujeito que se refere a uma proposição está em um nível ainda mais baixo e, no extremo mais baixo da hierarquia, estão os sujeitos não referenciais.

Recorrem, então, a uma segunda hipótese para a interpretação da referencialidade:

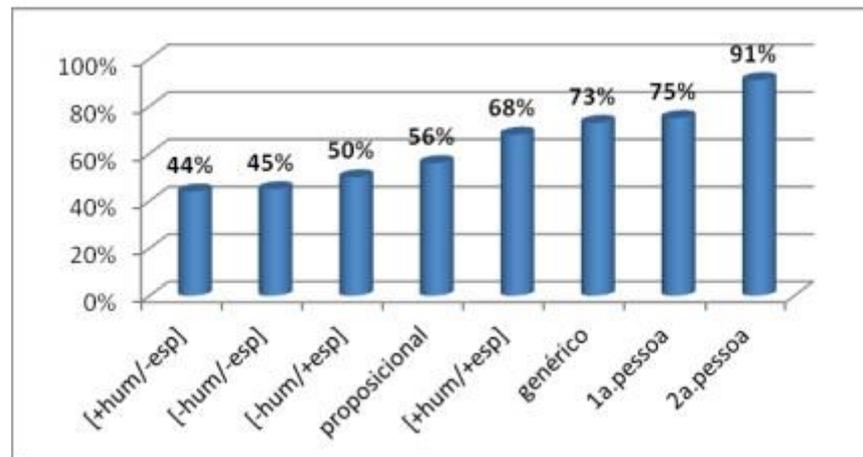
**II. Hipótese do Mapeamento Implicacional**

<sup>7</sup> Conforme Kato e Duarte (2014), o sinal % é para indicar as formas menos frequentes, nesse caso, no PB.

- (a) quanto mais referencial, maior a possibilidade de um pronome não-nulo;
- (b) uma variante nula em um ponto específico da escala implica uma variante nula à sua esquerda, na hierarquia referencial.

Essas hipóteses são confirmadas nos resultados obtidos por Duarte (1995) e revistos em Duarte (2012) no que diz respeito à realização fonética dos sujeitos referenciais na fala culta carioca, como mostra a seguir:

**Gráfico 5** - Resultados da realização fonética de sujeitos referenciais



Fonte: (KATO; DUARTE, 2014)

De modo geral, os resultados apontam que os sujeitos de primeira e segunda pessoas são os contextos mais afetados pela mudança, respectivamente 75% e 91% de sujeitos expressos:

- 27. **Você** me disse que **Você** está morando em Copacabana.
- 28. Mesmo que **Eu** não fizesse o pré-vestibular, **Eu** acho que **Eu** passaria por causa da base que **Eu** tinha.

Os sujeitos de referência genérica representam 73% dos dados:

- 29. a. Quando **Você** é menor, **Você** não dá muito valor a essas coisas.
- b. Mas na época **a gente** não podia acreditar...**a gente** não acreditava nisso primeiro porque **a gente** era novo.
- c.  $\emptyset_{gen}$  Não vê mais amolador de faca.
- d. Antigamente  $\emptyset_{gen}$  punha a mesa pra tomar lanche.

Na terceira pessoa em que os traços  $[\pm\text{humano}]$  e  $[\pm\text{específico}]$  os resultados sobre a realização fonética do sujeito em sujeitos com traços  $[\text{+hum}/\text{+esp}]$  representa 68% dos dados totais:

30. **Ela<sub>i</sub>** é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. **Ela<sub>i</sub>** não ficou solteira porque não apareceu pretendente. **Ela<sub>i</sub>** ficou solteira porque **ela<sub>i</sub>** quis.

Os referentes situados em pontos mais baixos na hierarquia são os proposicionais (56%) – verificou-se o pronome neutro *isso* em competição com o sujeito nulo:

31. a. [**O que é bom em Paris?**]<sub>i</sub> Olha **isso<sub>i</sub>** é uma coisa difícil de definir. Eu não sei por quê. (**isso**= o que é bom em Paris)  
 b. Eu fiz até algumas tentativas de caminhar porque eu gosto [**de caminhar pela manhã pela redondeza**]<sub>i</sub>, mas **Ø<sub>i</sub>** é absolutamente impossível! impossível não! **Ø<sub>i</sub>** é desagradável (**Ø** = caminhar pela redondeza).

O traço [-hum/+esp], 50% dos dados, em concorrência com o nulo:

32. a. [**A casa**]<sub>i</sub> virou um filme quando **ela<sub>i</sub>** teve de ir abaixo.  
 b. [**Nova Trento**]<sub>i</sub> é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. **Ela<sub>i</sub>** é desse tamanho. **Ela<sub>i</sub>** não tem paralela.  
 c. **O Rio de Janeiro<sub>i</sub>** é uma beleza! Realmente **Ø<sub>i</sub>** é uma cidade linda.

No traço [-esp] o sujeito nulo predomina na amostra, mostrando que os referentes [-hum/-esp] e os [+hum/-esp] se mostram mais resistentes à realização plena do pronome, tendo obtido 45% e 44% dos dados, respectivamente, como em (33) e (34):

33. a. [Um trabalho sério]<sub>i</sub> ele<sub>i</sub> **tem que começar por aqui**.  
 b. [**O armazém**]<sub>i</sub> é uma espécie de...quer dizer, acho que **Ø<sub>i</sub>** já é extinto.
34. a. **O cara<sub>i</sub>** já fez todas as matérias. **Ele<sub>i</sub>** não pode fazer de novo. Então tem algumas matérias do profissional que **ele<sub>i</sub>** pode fazer. **Ele<sub>i</sub>** pode puxar as matérias.  
 b. Ah, não pode ser assim, porque **o aluno<sub>i</sub>** [quando **Ø<sub>i</sub>** vem pro vestibular] não sabe exatamente o que **Ø<sub>i</sub>** quer. Isso é um absurdo porque [**o cara<sub>i</sub>**] [quando **Ø<sub>i</sub>** vai fazer engenharia] **ele<sub>i</sub>** sabe exatamente o que **ele<sub>i</sub>** vai fazer...

No tocante às sentenças impessoais, o PB continua a exibir um expletivo nulo, entretanto, em variação com um tipo de construção pessoal:

35. a. **Ø<sub>exp</sub>** **chove** muito nessas florestas.  
 b. **Essas florestas** chovem muito (redação de vestibular).

Sendo assim, nos fundamentando em Kato e Duarte (2014), os principais contextos de restrições no licenciamento dos sujeitos nulos no PB, e também selecionados como fundamentais para análise dos dados desta dissertação, são<sup>8</sup>:

## I. O NS em sentenças encaixadas em variação com sujeitos com pronominais

<sup>8</sup> Todos os exemplos foram retirados de Kato e Duarte (2014)

O NS nas encaixadas-complemento é possível no PB, ao contrário de língua prototipicamente NS:

36. a. O João<sub>i</sub> disse que  $\emptyset_{i/*j}$  comprou um carro ontem.  
b. *Juan ha decho que  $\emptyset_{ij}$  compró um coche ayer.*

No PB, para obter a mesma leitura de outras línguas +NS, é preciso que o pronome venha expresso como no inglês:

37. a. O João<sub>i</sub> disse que ele<sub>ij</sub> comprou um carro novo.  
b. *John<sub>i</sub> said that he<sub>ij</sub> bought a new car.*
38. a. O João<sub>i</sub> disse que  $\emptyset_i$  comprou um carro novo.  
b. O Pedro<sub>j</sub>, o João<sub>i</sub> disse que  $\emptyset_j$  comprou um carro novo. \*PB

Os logofóricos no italiano vêm categoricamente na versão do NS, já no PB existem duas possibilidades: como NS ou como pronominais. No que diz respeito ao logofórico do japonês, essa variação do PB não ocorre, pois o japonês é uma língua de nulo categórico e, por isso, conforme Kato e Duarte, o Princípio “Evite Pronome” é rigidamente seguido, igualmente no italiano. E, no japonês, quando um pronome é expresso, ele é forte.

39. a. **Eu** disse que (**eu**) cheguei tarde ontem.  
b. *Boku<sub>i</sub>-wa kinoo  $\emptyset_i$ /\*boku ossoku kaeta-to yuta.*  
eu top ontem eu-nom tarde voltei-comp disse  
c.  *$\emptyset_i$  Ho detto che  $\emptyset_i$ /\*io sono arrivato tardi ieri*

40. a. O João<sub>i</sub> disse que (**elei**) chegou tarde ontem.  
b. **Juni-wa[kinoo  $\emptyset_i$  \*karei-ga ossoku kaeta-to] yuta.**  
João-top ontem ele-nom tarde voltou-comp disse  
c. *Giovanni<sub>i</sub> ha detto che  $\emptyset_i$  /\* lui<sub>i</sub> è arrivato tardi ieri*

## II. O NS genérico em variação com sujeitos genéricos pronominais

Segundo as autoras, o desaparecimento do **se** indefinido (GALVES, 1987; NUNES, 1990) permitiu o NS genérico e de sua variação com o a gente e *Você*:

41. a.  $\emptyset_{gen}$  não pode fumar aqui.  
b. **A gente** não pode fumar aqui.  
c. *Você* não pode fumar aqui.

O sujeito genérico no japonês deve ter necessariamente o sujeito nulo:

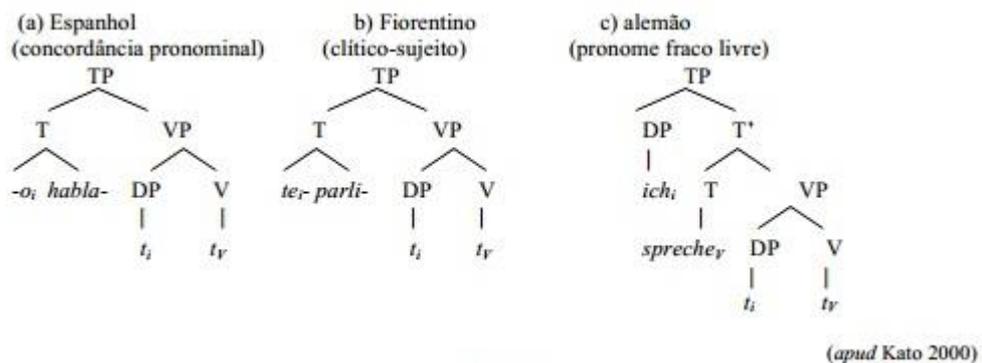
42. *Kono issu-wa  $\emptyset$  suate-wa ikenai.*  
esta cadeira-top  $\emptyset$  sentar-top pode-não  
“Não pode sentar nessa cadeira.”

O japonês, assim, se mostra como uma língua de NS consistente enquanto o PB tem comportamento de língua de NS parcial. Logo, Kato e Duarte (2014) sobre o PB atestam que da mesma forma que o NS logofórico compete com o pronome logofórico, o NS genérico igualmente compete com o pronome genérico *Você* e *A gente*.

**III. Restrições morfossintáticas na distribuição de sujeitos nulos**

Kato e Duarte (2014, p. 15) discorrem sobre Kato (1999) ter proposto que “[...] enquanto nas línguas de NS consistentes o EPP era satisfeito morfologicamente, com o afixo em adjunção a T, nas línguas -NS, o EPP era satisfeito em Spec,TP, como o alemão e o inglês.” Assim, línguas que contam com sujeitos clíticos (Ver o Fiorentino em (b)) teriam o sujeito adjungido a T:

**Figura 2 - Sujeitos clíticos nas línguas naturais**

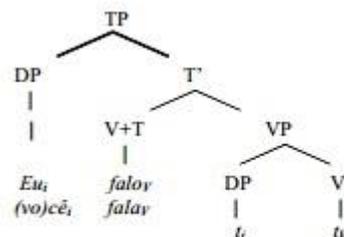


**Figura 2**

Fonte: (KATO; DUARTE, 2014, p.18)

As linguistas afirmam que o PB perdeu, portanto, a concordância pronominal, mas adquiriu pronomes fracos sujeitos como no alemão.

**Figura 3 - Pronomes fracos na posição de sujeito no PB**



**Figura 3**

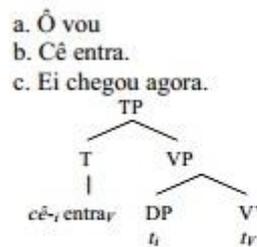
Fonte: (KATO; DUARTE, 2014, p.18)

Conforme Nunes (1990 *apud* KATO e DUARTE, 2014), os pronomes sujeito do PB são quase-clíticos, isto é, são pronomes fracos (43).

43. EU [ô]  
 VOCÊ [cê]  
 ELE [ei]  
 VOCÊS [ceis]  
 ELES [eis]

As linguistas Kato e Duarte (2014) propõem que, pelo fato de os clíticos serem adjungidos a T, os pronomes-sujeitos fracos, ao invés de subirem para o *Spec* de *TP*, deveriam ser adjungidos a *T*<sup>9</sup>.

**Figura 4 - Cliticização no PB**



**Figura 4**

Fonte: (KATO; DUARTE, 2014, p.18)

A partir do exposto, presume-se que o sujeito pode ser elidido como outros clíticos no PB (44), especialmente quando há outros adjuntos:

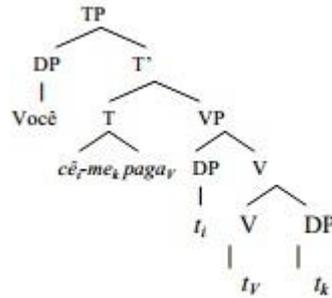
44. João comprou um livro e me (o) deu.  
 45. a. (Ô) já vou  
 b. (Cê) não entra.  
 c. (Ei) só chegou agora.

Kato e Duarte (2014) concluem que o PB respeita o Princípio da Projeção Estendida (EPP), seja movendo um DP para a posição de *Spec,TP*, seja movendo um elemento fraco para adjungir em *T*. Podemos, portanto, ter a subida simultânea de um DP para o *Spec,T* e o pronome fraco para a posição em adjunção a *T*, resultando no frequente redobro do sujeito (Ver exemplo 46 e a figura 6).

<sup>9</sup> De acordo com Kato e Duarte (2014, p. 16), “A diferença entre o PB e línguas de NS consistentes é que o que se adjuge a T nessas últimas é um sufixo, enquanto no PB é um clítico em próclise”.

46. a. O Pedro, [ei] vem amanhã.  
b. *Você*, [cê] me paga.

**Figura 5** - Duplo sujeito no PB



**Figura 5**

Fonte: (KATO; DUARTE, 2014, p.18)

As constatações de Kato e Duarte (2014), portanto, contribuirão de forma significativa para observar em quais contextos na relação de alternância entre o *Tu* e *Você* já havia a restrição de sujeitos nulos no período dos séculos XIX e XX, na escrita de pernambucanos. Por conseguinte, veremos que, de acordo com Rumeu (2013) – discussão da seção a seguir –, o quadro pronominal do PB está em um período intermediário de mudança e a produtiva realização de sujeitos plenos começa a se estabelecer em fins do século XIX, para começo do século XX.

### 2.3 RUMEU (2013)

O livro *Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro*, escrito por Maria Cristina de Brito Rumeu, em 2013, tem como objetivo analisar a norma escrita culta do PB em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas. Para isso, controla-se o perfil sociocultural dos correspondentes a fim de observar o comportamento linguístico em cartas da família Pedreira Ferraz-Magalhães<sup>10</sup> ao longo da vida dos familiares, em um estudo de painel (LABOV, 1994), no recorte temporal de fins do século XIX e início do XX. É a partir desse contexto, em cartas de família, que Rumeu (2013) investiga o processo de inserção do *Você* no sistema pronominal no PB.

Dessa maneira, o estudo de Rumeu (2013) sobre a implementação do *Você* no quadro pronominal brasileiro compreende três momentos. No primeiro, é realizado um levantamento

<sup>10</sup> As missivas são de três gerações: a primeira, do patriarca da família; a segunda geração é composta por cartas trocadas pela filha e irmãos e, por último, têm-se a geração dos netos.

geral das formas de *Tu* e *Você* encontradas na amostra, com o objetivo de verificar em quais contextos morfossintáticos o *Tu* ainda resiste e em quais o *Você* adentra com mais facilidade. O segundo momento é reservado para um estudo em tempo aparente (LABOV, 1994), objetivando focar as ocorrências da representação nula ou plena das formas *Tu* e *Você* como sujeitos pronominais. Por fim, o último momento refere-se à análise do comportamento linguístico dos sujeitos *Tu* e *Você* em sua representação nula e plena, na escrita de oito missivistas da família Pereira Ferraz-Magalhães, em distintos intervalos de tempo (estudo em painel). E, portanto, ressaltaremos os principais pontos desse trabalho que podem ser considerados como cruciais nesta dissertação.

Na tentativa de depreender como e quando o *Você* suplanta o *Tu* na escrita culta brasileira, Rumeu (2013) formula como hipóteses:

- a) A partir dos resultados de Rumeu (2004), acredita-se que o *Você*, no século XVIII, ainda se comportava como um pronome de tratamento e, por isso, postula-se que se possa encontrar mais evidências da inserção do *Você* no quadro pronominal brasileiro entre fins do século XIX e no século XX, (DUARTE, 1993). Nessa transição, o *Você* ainda conserva certa formalidade, mas já se manifesta em alternância com o *Tu*;
- b) Sobre o momento da implementação do *Você*, segue-se conforme Machado (2006) no que tange à consolidação do *Você* como estratégia de referência à segunda pessoa, a partir de 1918. Isso alterou o comportamento do preenchimento dos sujeitos no século XX, pois, com o aumento produtivo do *Você*, houve o igual aumento no uso de formas plenas (MACHADO, 2006). Assim, Rumeu (2013), através do controle do perfil social dos informantes no estudo de painel, acredita que, entre os anos 20 e 30 do século XX, pode ser confirmado (ou não) como o momento de instauração do *Você* no quadro pronominal do PB.

Sendo assim, através da escrita de missivistas letrados na produção textual informal de cartas, Rumeu (2013) destaca algumas questões, para as quais, de modo geral, atentamos o olhar sobre as cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX, como:

- I. Considerando a constatação de Rumeu (2004) de um *Você* híbrido em cartas setecentistas e oitocentistas, procura-se saber em que estágio de pronominalização (diz respeito à entrada no quadro pronominal) a forma *Você* se encontra na virada do século XIX até a primeira metade do século XX?<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Seria um problema de transição (*transition problem*), (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968).

- II. Por que ocorreu a inserção de *Você* no quadro pronominal do PB?<sup>12</sup>
- III. Qual o contexto sócio-histórico linguístico e social de implementação da forma *Você*?

Levando em consideração tais questões, a autora, através da análise quantitativa e qualitativa à luz da teoria da mudança de variação de Labov (1994), chegou aos resultados de que a variação entre *Tu* (P2) e *Você* (P3) evidenciou a presença de *Tu* em 67% dos dados em coexistência com o *Você*, 33% dos dados, nas cartas trocadas entre os membros da família Pedreira Ferraz-Magalhães.

**Quadro 2** - Distribuição geral das ocorrências de formas de P2 (*Tu*) e de P3(*Você*) em cartas oitocentistas e novecentistas da família Pereira Ferraz-Magalhães

Formas de P <sub>2</sub> ( <i>Tu</i> ) e P <sub>3</sub> ( <i>Você</i> ) em Cartas Pessoais					
Oitocentistas e Novecentistas					
Formas de P <sub>2</sub> ( <i>Tu</i> )		Formas de P <sub>3</sub> ( <i>Você</i> )		Total	
Oco	%	Oco	%	Oco	%
331/496	67%	165/496	33%	496/496	100%

Fonte: (RUMEU, 2013, p. 129)

De acordo com Rumeu (2013), esse resultado confirmou a hipótese em consonância a pesquisas anteriores sobre o fato da entrada do *Você* no quadro pronominal ter provocado a formação de um paradigma supletivo (ou fusão de paradigmas), que já aparece mudando em fins dos séculos XIX nas cartas familiares analisadas. Assim, na análise dos dados, enfocou-se, sobretudo, a observação da mistura entre paradigmas de *Você* e *Tu* em meio ao fenômeno da alternância entre as duas formas tratamentais.

Salienta-se que, por a inserção do *Você* não ter se estabelecido da mesma forma em todos os contextos morfossintáticos, considerou-se como hipótese que o *Você* se inseriu com mais facilidade nos contextos de pronome-sujeito, pronome-complemento preposicionado e nas formas verbais imperativas, enquanto que o pronome possessivo, pronome-complemento não-preposicionado (*Te*) e as formas verbais imperativas apresentam-se como contextos de resistência de *Tu*.

Dessa forma, *Você* se instalou mais facilmente na posição de sujeito, preferencialmente preenchido, e como pronome complemento preposicionado (“por *Você*”, “de *Você*”) em oposição ao *Tu* categoricamente nulo (99% dos dados do estudo aparente) e à

<sup>12</sup> Sobre essa questão, nesta dissertação nos fundamentaremos, sobretudo, nos postulados de Duarte (1993, 1995) e Kato e Duarte (2014).

resistência de *Tu* em alguns contextos, como complemento não preposicionado (Te) e pronome possessivo (Teu), como em (47 (a) e (b)), ocorrências observadas na mistura de *Você* com paradigmas de *Tu*.

47. a. Agradeço muito tua cartinha e também a vovó **tua** madrinha ficou muito contente. [espaço] Ella vae responder, e diz que cada vez mais gosta de ti, e também dos ouros bis nettinhos. Nós temos passado, assim, assim. [espaço] Desejo que esta te ache já melhor, com o uso do mercúrio. [espaço] Foi bom, **Você** voltar para Santa Fé, por que aqui teem adoecido muitas crianças, até a Maria da Glória está de cama (Carta de João Pedreira de Couto Ferraz, com 60 anos, a **sua** neta, Maria Leonor, com 6 anos. RJ, 15.04.1886 *apud* RUMEU, 2013, p. 133).

b. [espaço] [espaço] Nossa senhora permita que estejas fazendo a melhor viagem, ou antes Ella **te** encha de benção e graças para onde a obediência **te** manda. [espaço] Estou seguindo a marcha do **teu** vapor, dia por dia, pelo Jornal - sei que hoje de manhã **pro estavas** em Maceió. [espaço] Oh! com que saudades fiquei **tuas**, filho mil vezes querido do meu coração!! Estou ansiosa por **tuas** amantíssimas letras e notícias! A' bordo recebi uma linda carta de Jane para **Você**, mas como não abri o envelope deixei de **te** dar (Carta de Zélia, com 55 anos, ao filho. RJ, 23.01.1992 *apud* RUMEU, 2013, p.133).

Igualmente se averiguou a realização da ocorrência de *Você* pleno em contextos em que o sujeito da oração subordinada era diferente ao da oração matriz, ou ainda, quando há elementos intervenientes. Sendo assim, percebeu-se que o preenchimento do sujeito facilitou a acessibilidade referencial (BARBOSA, KATO e DUARTE, 2001; DUARTE, 2003). Ademais, constatou-se que o *Você* é utilizado, discursivo-pragmaticamente, para destinatários específicos e o preenchimento dessa forma na posição de sujeito, por vezes, pode marcar a ênfase, o contraste, ou ainda, a individualização entre os interlocutores (missivistas).

Por conseguinte, na pesquisa de Rumeu, vê-se o *Você*, nas cartas da família Pedreira Ferraz-Magalhães, ocupando timidamente o âmbito funcional de *Tu*. Assim, a autora diz que em fins do século XIX e na primeira metade do XX já se constata que o *Você* é um pronome de referência à segunda pessoa do discurso e, com o processo de mudança do quadro pronominal do PB, está tornando-se uma estratégia de referência indeterminada genérica (KATO e DUARTE, 2014), ver quadro abaixo.

### Quadro 3 - Proposta de Estágios de pronominalização de Vossa Mercê > Você

Estágios de pronominalização de Vossa Mercê > Você no PB  
(*transition problem*, cf. Weinreich et al., 1968.)

**Mercê => Vossa Mercê => Você => Você => Você**

(Item Lexical > Forma Nominal de tratamento > Forma Pronominal de tratamento > Forma Pronominal de 2ª Pessoa > Estratégia de Indeterminação do Sujeito)

Fonte: (RUMEU, 2013, p. 278)

Rumeu (2013, p. 279), nessa perspectiva, verifica que a inserção do *Você* no quadro pronominal do PB tem como contexto sócio-histórico (a ser considerado nessa dissertação):

[...] o processo de reorganização da sociedade portuguesa. A substituição do respeito *Vós*, como o *Vous* do francês, por formas nominais de tratamento (a forma *Vossa Mercê* é estabelecida para a realeza portuguesa por determinação de Felipe I através das leis de cortesia, em 1597) foi conduzida pela nobreza somente para o tratamento real, porém alcançou a burguesia e, por fim, caiu no *gosto da fala popular* que a desgastou fonética e semanticamente a ponto de originar um outro produtivo pronome em *português* (*Você*) (RUMEU, 2013, p. 279) (grifos do autor).

Portanto, conforme o estudo da autora, a inserção do *Você* no quadro pronominal do PB e sua respectiva competição com o *Tu*, aponta para um possível processo de mudança linguística ainda em progresso no que diz respeito ao uso produtivo de sujeitos plenos. As considerações acerca da realização ou não do *Você*, o caminho metodológico quantitativo laboviano e o contexto sócio-histórico que permeiam os missivistas, a língua e o texto estarão presentes nesta dissertação. Dando prosseguimento, apresentamos brevemente a abordagem de Gomes e Lopes (2016), a fim de destacar alguns principais pontos do estudo sobre a forma de tratamento *Você* e as Tradições Discursivas (TD) para o nosso texto.

#### 2.4 GOMES E LOPES (2015, 2016)

Esta seção propõe-se a apresentar alguns pontos discutidos nos artigos *Variação entre formas dos paradigmas de Tu-Você em cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX* (2015) e *Formas treatmentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática* (2016), estudos realizados pelas linguistas Valéria Severina Gomes e Célia Regina dos Santos Lopes. Os estudos têm por objetivo analisar as formas de tratamento, sobretudo o *Tu* e *Você*, em cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX, na posição de sujeito e na de complemento verbal.

Na metodologia de análise, as autoras (2015) adotam a correlação entre o tratamento de segunda pessoa empregado na posição de sujeito em correlação com as formas de complemento verbal: acusativo, dativo e complemento oblíquo, com o objetivo de identificar, na amostra de Pernambuco, a correlação regular (ou irregular) entre os sujeitos e seus complementos dativos, **te** e **lhe** associados ao nominativo *Tu* e *Você*.

Nas considerações apontadas pelas autoras sobre o *Tu* e *Você* na posição de sujeito, é preciso dizer que, devido ao gênero carta pessoal ter um padrão composicional socialmente

reconhecido (vocativo, despedida, assinatura), Gomes e Lopes (2015, 2016) acharam fundamental considerar para a análise das missivas a historicidade da língua e do texto, tomando por base o conceito de Tradição Discursiva (TD) (KOCH; OESTERREICHER, 2006; KABATEK, 2006). Dessa forma, as autoras afirmam que a relevância do paradigma das TD para a análise dos dados resulta de que “no processo analítico sócio-histórico dos usos linguísticos, percebermos uma distinção entre as ocorrências que retratam a norma vigente no período estudado e as fórmulas fixas, repetidas, convencionalizadas em determinado gênero particular” (GOMES E LOPES, 2015, p. 23).

No tocante às formas pronominais de segunda pessoa (*Tu* e *Você*) na posição de sujeito, Gomes e Lopes (2015, p. 20) consideraram na análise dos dados se havia a presença uniforme ou não do tratamento empregado nas cartas pessoais, isto é, controlaram se havia a presença exclusiva de uma ou outra forma, ou ainda, se havia o uso de *Tu* e *Você* em variação em uma mesma carta, como podemos observar nos exemplos<sup>13</sup> abaixo:

48. (...) Eu queria que **Você** fosse lá na 4ª feira (amanhã é feriado) e conversasse em meu nome com o chefe da casa a respeito do assumpto. Caso elles possam enviar o radio, **Você** peça para [inint.] no trem de 5ª feira pois eu tenho desejo de rever [inint.] com ingenho, depois de experimentar outros aparelhos – Outro pedio: **Você** procure tambem o Edvaldo Guimarães (o do seu Joaquim) e indique a elle dos rádios <↑Philco> que [fol. 1v.] possuo, bons , e de preço equivalente ao 141 Victor, K. 80 G.E. etc. si puder, peça para avaliar. (...) (Carta MS 13, 29/10/1937).
49. Meu caro Salvador, (...) Ela é cunhada de Mistress Hallek a viuva do celebre general, e por qualquer modo **tu** saberás onde encontral-a. Na carta fallo em ti, e Ella, desejará muito conhecer te pelo que eu lhe digo, e estou certode que será um muito agradável conhecimento para ambos. Adeus, meu caro Salvador. Cada dia mais eu te invejo - fazendo votos para que não voltes tão cedo á esta <↑capital>do café. (...) (Carta JN 02, 25/12/1875).
50. Parahyba, 11 de Novembro de 1916. Minha querida mãesinha. Recebi e **podes** avaliar bem a minha alegria ao ler a sua cartinha de 8 deste, trasida pelo bom amigo Pedrinho. (...) Deve **Você** com certesa e rasão admirar se como gastei o que trouxe dahi, mas o dinheiro vae ansiosamente tão depressa que quando se conta o já restam poucos nicheis (Carta WO<sup>14</sup> 11, 11/11/1916).

Como resultados principais das formas de tratamento, a se destacar no presente texto, obtiveram:

- I. o uso majoritário de *Você* na escrita de pernambucanos no decorrer de todo o período entre 1860 a 1969, representando 79% dos dados totais;

<sup>13</sup> Todas as transcrições seguem as normas semi-diplomáticas do grupo de pesquisa Para História do Português Brasileiro, PHPB (LOPES; GOMES, 2015, 2016).

<sup>14</sup> A carta foi remetida da Paraíba, mas o correspondente Valdemar de Oliveira é pernambucano.

- II. a presença do *Você* ou *Tu* ocorreu, com maior frequência, em cartas que possuíam o uso uniforme de uma ou outra forma;
- III. a variação de *Tu* e *Você* na mesma carta foi bastante esporádica devido ao alto nível de letramento, portanto, este resultado já era esperado;
- IV. o uso variável das duas formas na posição de sujeito em uma mesma carta deu-se nas primeiras décadas do século XX, entre 1900 e 1920<sup>15</sup>;
- V. Constatou-se o sujeito *Tu* produtivo nas cartas até meados de 1930, dado igualmente obtido no trabalho de Lopes, Rumeu e Carneiro (2013), realizado com cartas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

Dessa forma, Gomes e Lopes (2016) destacam que após o processo de gramaticalização de Vossa Mercê, o *Você*, na transição do século XIX para o XX, assume um comportamento híbrido, isto é, ao mesmo tempo que conserva um caráter cerimonioso, também guarda na inovação um caráter mais informal em variação com o *Tu*, usado nas interlocuções de relações mais íntimas (RUMEU, 2004, 2013). No artigo de 2016, as autoras consideram, para além do proposto na publicação de 2015, a dicotomia das relações de *Poder e Solidariedade*, de Brown e Gilman (1960), objetivando perceber as preferências pelo uso de *Tu* ou *Você* nas hierarquias das relações. Isso porque em uma relação de *Poder* (assimétricas), ou hierárquica, o interlocutor – por possuir controle da situação interativa – possivelmente irá manter certa assimetria no tratamento. Enquanto uma relação de *Solidariedade* (simétricas) haverá igualdade entre os interlocutores (ou missivistas) em determinada situação comunicativa e, portanto, espera-se que nesse tipo de relação haverá majoritariamente o uso do íntimo *Tu*.

Nesse viés, Gomes e Lopes (2016), através da observação de fatores sócio-pragmáticos dos dados das cartas de pernambucanos, tiveram como principal resultado o predomínio de *Você* em todas as relações, sejam elas simétricas ou assimétricas. Assim verificou-se, como dito anteriormente, um *Você* híbrido, que ora conserva o seu caráter respeitoso e ora adentra o âmbito sintático de segunda pessoa como estratégia de intimidade, em coexistência com o *Tu*. Sendo assim, o eventual emprego de *Tu* foi identificado, sobretudo nas relações assimétricas, entre pais e filhos. Um ponto interessante para levar em consideração na observação dos dados no estudo desta dissertação é o resultado apresentado pelas autoras de que, a partir de 1870, os índices de *Tu* sofrem um declínio nas missivas pernambucanas correspondidas entre amigos e, conseqüentemente, no século XX, o *Você*,

<sup>15</sup> Este resultado confirma o constatado por Rumeu (2013) e Machado (2006) sobre a inserção do *Você* se estabelecer de forma definitiva no quadro pronominal de PB a partir de 1918.

sobretudo pleno, passa a ser produtivamente produzido na escrita de cartas independentemente da relação, mostrando que, com o passar dos anos, essa forma de tratamento passou a ser produzida

Para além desses resultados principais, foram encontradas marcas de TD, nas missivas de pernambucanos, em ocorrências de *Vossa Mercê* nas cartas de relação assimétrica (filho para pai) e de relação simétrica (amizade); no vocativo polido na escrita de cartas para um mesmo amigo; no vocativo e na captação da benevolência (contextualização inicial da carta) na carta. As autoras mostram que todas essas evocações de expressões ou estruturas formulaicas percebidas servem para construir a ambientação seja de intimidade seja cerimoniosa, e isso irá desembocar na preferência por certas formas de tratamento em detrimento de outras, pois a escolha irá depender do propósito comunicativo que se quer atingir e da relação estabelecida entre os interlocutores.

Nesse sentido, os trabalhos de Gomes e Lopes (2015, 2016), no que diz respeito à variação das formas tratamentais *Tu* e *Você* em cartas pernambucanas do século XIX e XX, é mais um importante estudo que muito tem para contribuir com o que se pretende investigar nesta dissertação, sobretudo no que tange: ao modelo das Tradições Discursivas, para perceber as marcas de TD na carta pessoal; à compreensão de historicidade da língua e do texto e aos resultados a partir do método estatístico quantitativo e, portanto, sobre o enfoque desta dissertação, destaca-se que, após o processo de gramaticalização do *Você*, houve a entrada definitiva desta forma no quadro pronominal brasileiro. No uso, observa-se a alternância do *Você* com a forma pronominal de segunda pessoa *Tu*. A forma de tratamento *Você*, nesse sentido, aproxima-se, no discurso, semanticamente ao *Tu* íntimo. Gomes (2014) e Costa, Silva e Gomes (2018) apresentam vestígios empíricos de que, em cartas pernambucanas, há o registro de que a gramaticalização do *Você* começa a se estabelecer na posição de sujeito em fins do século XIX, ocupando e concorrendo o lugar de *Tu*, como em Costa et. al. (2018, p. 2-3):

### 51. Século XIX:

- a. ØDeste-nos uma agravabilissima noticia [...]. – 2 de julho e 1894, carta de amigo de Phaelante para Arthur Orlando.
- b. é possível que **Você** não tenha recebido tenho cumprido a sua ordem [...]. – 22 de junho de 1896, carta de família de Izabel Maria Fragoso para a filha Maria Fragoso Orlando da Silva.

### 52. Século XX:

- a. Fallou em casos vários de cousa semelhante ao que **tu** tens sem lesão e curavel com exercícios [...] – 16 de dezembro de 1926, de Manoel Borba para a filha Ignês.

- b. **Voce** não ia de acreditar, e entretanto é a verdade, que eu agora ando mais quebrado do que sempre andei[...]. – 10 de dezembro de 1916, Manoel Borba para o amigo Antônio Correia.

O vestígio da entrada da forma de tratamento *Você* na posição de sujeito aparece exatamente no contexto em que a posição de sujeito não era preenchida foneticamente pela 2ª pessoa do discurso. A partir do século XX, registra-se um estágio de maior produtividade do sujeito expreso. Estudos sobre pronomes referenciais de 2ª e 3ª pessoa, como Duarte (1993,1995, 2012), Kato e Duarte (2014), Lopes e Cavalcante (2011) e Rumeu (2013), têm apontado percentualmente uma maior facilidade do fenômeno da alternância entre *Tu* e *Você* na posição de sujeito.

Nesse viés, a presente dissertação adota a perspectiva teórica de Duarte (1995) e Kato e Duarte (2014) em relação ao PB ser uma língua de sujeito nulo parcial e, pra além disso, este estudo parte da revisitação a estudos anteriores como Gomes e Lopes (2015, 2016) e Rumeu (2013) sobre o fenômeno da alternância pronominal entre o *Tu* e *Você*, considerando que esses estudos têm evidenciado a tendência da forma tratamental *Você* ser mais produtiva na posição de sujeito, como referência de 2ª pessoa do discurso.

Com isso, considerar as TD dentro da historicidade do texto é fundamental, sobretudo, por podermos observar modos tradicionais de dizer e elementos composicionais do gênero carta pessoal que podem contribuir para o uso de uma forma tratamental em detrimento de outra ou com a alternância de ambas as formas (ANDRADE; GOMES, 2018). Esse, portanto, é justamente o caso da forma de tratamento *Você* que acompanhou a transformação de sociedades e de relações interpessoais, mudando não só sua forma fonética, mas também o seu aspecto semântico-discursivo e, portanto, desembocando na reorganização do quadro pronominal brasileiro. Agora, a forma *Você* encontra-se, no discurso, em concorrência com a forma de segunda pessoa, *Tu*.

Portanto, nesta pesquisa nos deteremos sobre os resultados à luz da perspectiva teórica do PSN e das TD para análise dos dados através da metodologia quantitativa variacionista, a fim de realizar o levantamento quantitativo das formas de 2ª pessoa na posição de sujeito através do grupo de fatores intra e extralinguísticos rodados no *GoldvarbX*.

Nessa ótica, acha-se pertinente a realização do estudo sobre a alternância das formas de tratamento *Tu* e *Você* em um corpus diacrônico, no caso, cartas pessoais dos séculos XIX e XX, devido à intenção de realizar uma investigação sobre essa variação pronominal na perspectiva da historicidade do texto e da língua. Como já exposto anteriormente na introdução da presente dissertação, por existirem poucos trabalhos em Pernambuco que

abordam o fenômeno da variação aliado às TD (restringindo-se principalmente aos pesquisadores que fazem parte do PHPB-PE), a relevância e distinção desta pesquisa está na inovação de se abordar o fenômeno da alternância das formas *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno dentro da perspectiva da historicidade do texto e da língua. Para isso, optamos por considerar o que há de interno na língua (PSN), a partir da interface entre teoria gerativa e a abordagem teórico-metodológica da sociolinguística quantitativa na análise dos dados estatísticos intra e extralinguísticos; e, também, as TD, a fim de auxiliar na análise composicional do gênero carta pessoal e na observação dos modos tradicionais de dizer dos correspondentes em suas relações simétricas e assimétricas. O presente estudo, portanto, diferencia-se do de Gomes e Lopes (2015, 2016) no que diz respeito à quantidade de *corpus* utilizado do PHPB, aos resultados obtidos e à abordagem analítica da análise intralinguística. Ainda assim, as ocorrências da forma *Você* plena foram majoritárias, principalmente, no século XX, nas cartas de amor, evidenciando a forma *Você* usada nas relações de intimidade ao lado da forma *Tu*.

### 3 PENSANDO EM UMA LINGUÍSTICA SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS

“O que quer, o que pode esta língua?”

Caetano Veloso

As línguas naturais “[...] estão envolvidas num complexo fluxo temporal de mutações e substituições, de aparecimentos e desaparecimentos, de conservação e inovação” (FARACO, 2006, p. 91). Dito isso, o autor afirma que as línguas têm história e que essa história é permeada por um processo de contínuas e paulatinas transformações ao longo do tempo. Em poucas palavras, resumimos aqui que a principal tarefa da Linguística Histórica (*doravante* LH) é preocupar-se fundamentalmente com transformações da língua no decorrer do tempo.

Entretanto, nem tudo é tão simples quanto parece e, por isso, necessitamos procurar caminhos que norteassem esta pesquisa, dadas as inúmeras perspectivas teóricas da LH. Dessa forma, precisamos discutir de que definição de LH estamos falando e o que adotamos para pensarmos em uma linguística sócio-histórica do português. Desde já, adiantamos que esta dissertação pretende observar a língua como um objeto de estudo com suas vicissitudes sociais e estruturais. Sendo assim, a discussão deste capítulo 2, de modo geral, envolve definições e críticas acerca do campo teórico de interesse. Por isso, é importante situarmos o que selecionamos como âncora teórica para nortear e sustentar nossa metodologia e, sobretudo, nossa análise.

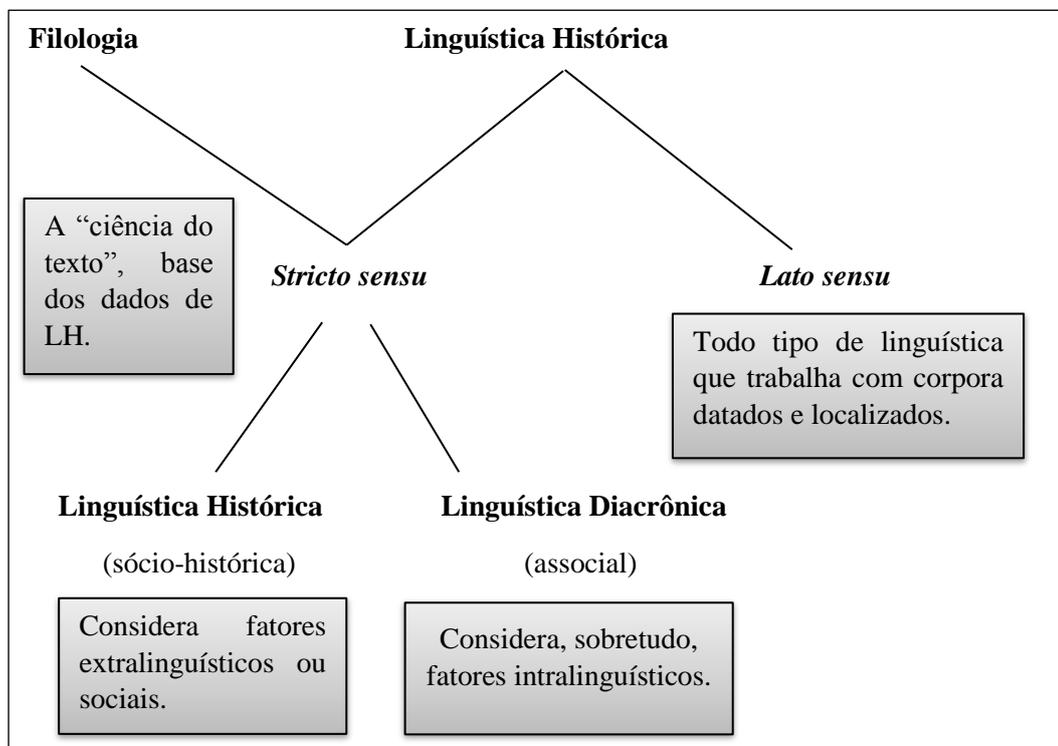
Conforme Mattos e Silva (2008), autora do livro *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*, a LH é tradicionalmente conhecida como o campo da linguística responsável por interpretar mudanças, ao longo do tempo histórico, em línguas ou famílias de línguas - sejam mudanças fônicas, mórficas, sintáticas ou semântico-lexicais – usadas em determinado espaço geográfico, por uma comunidade de falantes. Considerando o conceito tradicional da LH ainda insuficiente, a autora (2008) admite duas grandes vertentes da LH, chamadas de LH *lato sensu* e LH *stricto sensu*.

A autora considera a LH *lato sensu* a que trabalha dados datados e localizados, tal como ocorre em trabalhos linguísticos descritivos e em estudos que utilizam *corpus* para análise, geralmente, de natureza qualitativa, como: estudos dialetológicos (atlas linguístico), sociolinguísticos (sobretudo, os estudos variacionistas que utilizam programas para realizarem o cruzamento de variáveis linguísticas e extralinguísticas), e etnolinguísticos (dados coletados

com informantes de diferentes grupos étnicos tendo como objetivo de investigar a relação entre língua e cultura).

A perspectiva LH denominada *stricto sensu* tem como enfoque o tradicional "o que" e "como" muda nas línguas naturais através do seu uso ao longo do tempo (MATTOS E SILVA, 2008, p. 9). Essa perspectiva é composta por trabalhos que se alinham a uma das duas orientações seguintes: uma, é a denominada LH sócio-histórica e, a outra, linguística diacrônica associal, como podemos observar abaixo, no quadro 3<sup>16</sup>:

**Quadro 4 - Estudos em Linguística Histórica e Diacrônica**



Fonte: (MATTOS; SILVA, 2008, p. 10)

O quadro acima nos mostra que é essencial compreender o que distingue a linguística histórica da diacrônica. Isso decorre do fato que, *a priori*, etimologicamente, são vocábulos sinônimos, porém, enquanto perspectivas teóricas, caminham por vias distintas.

Segundo Mattos e Silva (2008), a Linguística diacrônica associal preocupa-se apenas com fatores intralinguísticos e interlinguísticos, tomando por exemplo estudos no âmbito da

<sup>16</sup> Por opção metodológica de Mattos e Silva (2008), não foi acrescentado ao quadro 4 a tradição da existência de gramáticas históricas. Estas têm por objetivo apresentar a transformação de diversos fatos da língua desde a origem (no passado) até os dias atuais (no presente). Estudiosos como Ismael de Lima Coutinho incluem a Gramática Histórica do século XIX na Linguística Diacrônica, por ela apresentar descritivamente as transformações ocorridas na língua ao longo do tempo, mudanças que ocorreram desde o latim vulgar até a fase moderna. Nesse sentido, Coutinho afirma que a Gramática História é “como a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo desde a origem até a época atual” (COUTINHO, 1976, p.13).

teoria neogramatical da mudança linguística (PAUL, 1880 *apud* Mattos e Silva, 2008), do estruturalismo diacrônico (MARTINET, 1972 [1952]) e do gerativismo diacrônico (LIGHTFOOT, 1979). Centrando a atenção neste último, é sabido que o interesse se volta à Língua-I (interna, individual), isto é, à competência do falante (sistema linguístico armazenado na mente do falante), enquanto boa parte dos trabalhos em LH preocupam-se com a nomeada Língua-E (externa), ou seja, com o desempenho linguístico do falante.

Como podemos observar no quadro 4, a LH sócio-histórica, para além de fatores intralinguísticos, considera fatores extralinguísticos – também chamados de sociais –, como é o caso de estudos que seguem a linha da sociolinguística laboviana através da Teoria da Variação e Mudança (MATTOS E SILVA, 2008). Esses estudos defendem uma concepção de língua na qual o uso variável de determinados fenômenos linguísticos é investigado conjuntamente a seus determinantes sociais e estilísticos, a fim de obter uma descrição mais apropriada sobre o uso da língua em diferentes contextos comunicativos. Portanto, conforme Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH, 2006 [1968]) afirmam na introdução do livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*<sup>17</sup>, esse modelo de língua faz emergir naturalmente “uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando a mais de meio século” (WLH, 2006 [1968], p.34). Essa citação é uma crítica sobretudo à tendência que se tinha, em meados do século XX, de separar rigidamente os estudos em: a) diacrônicos (a língua no tempo histórico) e b) sincrônicos (estado da língua em um momento de “estabilidade”), este último mais privilegiado devido aos estudos estruturalistas.

Tendo por base a dicotomia *langue versus parole*, Saussure (1916), embora admitisse que as línguas mudam e que é na fala que a variação e a mudança acontecem, buscou estudar a língua (sistema) enquanto objeto homogêneo, abstrato – “a língua em si mesma” –, em seu estado estável (sincronia). Sendo seu objetivo a constituição da Linguística enquanto ciência, esse linguista optou por não considerar em seus estudos a heterogeneidade na sincronia e, muito menos, a mudança da língua no decorrer do tempo.

É, portanto, nas efervescentes críticas às ideias de Saussure que se desenvolve a Sociolinguística laboviana, considerando a heterogeneidade na sincronia (variação sincrônica), como sucintamente expõe Mattos e Silva (2008, p.11):

[...] “heterogeneidade ordenada” permitiu que a mudança linguística se integrasse a esse modelo teórico, que criou o artifício metodológico do “tempo aparente”, dando

<sup>17</sup> Texto original intitulado *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* (1968).

margem à demonstração da mudança numa diacronia sincrônica, com base no estudo da variação de falantes de faixas etárias diferentes, conviventes numa mesma comunidade de fala, em um mesmo tempo e lugar. Pelas frestas da variação etária se evidenciava, na sincronia, a diacronia (MATTOS E SILVA, 2008, p. 11).

Por conseguinte, criticando a rigidez com que os estudiosos (sobretudo os estudos estruturalistas de Saussure) separavam a sincronia da diacronia, Coseriu (1979 [1973]), no livro *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*, afirma que a língua deve ser concebida, nos estudos linguísticos, como um objeto histórico, já que ela é um sistema que está em constante movimento. Nesse sentido, são importantes para a investigação tanto a sincronia quanto a diacronia, pois são duas faces de um mesmo fenômeno: a mudança.

Dessa forma, é fundamental destacarmos que estudos mais recentes têm buscado quebrar as barreiras de separação que existem entre a compreensão de teorias sincrônicas e diacrônicas para o estudo de língua, pois cada vez mais o interesse tem aumentado em considerar a abordagem sincrônica nas análises de fatores diacrônicos. Esse caminho vem direcionando os pesquisadores a fazerem com que as suas análises sincrônicas e diacrônicas melhor exponham o dinamismo da língua (LIGHTFOOT, 1979; DUARTE, 1993; ROBERTS, 1993; TARALLO, 1993).

Do mesmo modo, temos visualizado um grande avanço na complementaridade entre considerar o intra e o interlinguístico e, por vezes, também o extralinguístico, em estudos formais de perspectiva da LH.

Diante do exposto, embasamos esta pesquisa em uma perspectiva de LH que incluía, quando possível, essa complementaridade, principalmente, entre o intra e o extralinguístico, obviamente não desconsiderando a dificuldade que é “escavar” e recuperar dados do passado para além do que encontramos da estrutura da língua, como os papéis sociais dos interlocutores. O presente trabalho, percorrendo esse caminho, volta-se ao passado a fim de direcionar o olhar para o comportamento que tem tido as formas de tratamento *Tu e Você* no uso do sistema pronominal do PB. Sendo assim, foi através da coleta de dados de outros tempos históricos através de textos do passado, em específico, de cartas pessoais, que observamos quais possíveis contextos condicionam a presença ou ausência de uma ou outra forma de tratamento na posição de sujeito.

É nessa direção que uma pesquisa em Linguística sócio-histórica do PB deve caminhar, já que a “descrição e a história da língua situam-se, ambas, no nível histórico da linguagem e constituem juntas a linguística histórica” (COSERIU, 1979[1973], p. 236). Nesse viés, acreditamos que, através da análise de textos do passado, de suas tradições discursivas e

do perfil social de seus correspondentes, conseguiremos encontrar evidências de que uma variação poderá ser um vestígio que aponta para a mudança paramétrica encaixada na estrutura da língua no que se refere ao preenchimento da posição sujeito no PB, como discorreremos no decorrer das próximas seções, subseções e capítulos desta dissertação. Dessa maneira, nos próximos tópicos iremos discorrer sobre o que consideramos como embasamento teórico, tendo em vista a historicidade do texto e da língua. Ressaltamos ainda nesse capítulo que tudo que produzimos é em forma de textos, falados ou escritos, e estes são tradicionalmente usados e atualizados na história, assim como ocorre com a língua. O uso da língua é também uma tradição histórica e, por sua vez, evoca tradições no falar. Portanto, é nesse caminho que a oralidade se conduz pela história e, assim, podemos verificar modos tradicionais de dizer na carta pessoal, na qual há proximidade com a oralidade.

### 3.1 A HISTORICIDADE DO TEXTO

Com o desenvolvimento da Linguística Textual, na Europa, no final da década de 60, o interesse pelo estudo do texto aumenta devido à necessidade em estudar os princípios constitutivos do texto e os fatores envolvidos em sua produção e recepção. Entretanto, já, na década de 50, Coseriu (1955-56) postula uma linguística do texto, porém, independente dos seus postulados, na década de 60, a germanística começa a focar no estudo do texto, em suas particularidades e, sobretudo, nos tipos textuais, denominados *Textsorten* e definidos por Hartmann (1964 *apud* KABATEK, 2006, p. 2) como “conjuntos de textos compartilhando determinadas características”. Com intensa pesquisa e produção no que diz respeito ao texto, na década de 70, inaugura-se uma disciplina própria da linguística de texto e, desde então, aumentaram-se as publicações de trabalhos de diferentes perspectivas de estudo sobre textualidade, como mostra Kabatek (2006):

[...] em primeiro lugar, considera-se a textualidade a partir dos elementos lingüísticos que aparecem em cada texto, sobretudo elementos sintáticos e lexicais (p. ex., em uma previsão de tempo aparecerão outras formas verbais e outro tipo de frases do que em uma crônica ou em um tratado filosófico); - em segundo lugar, descreve-se a textualidade desde o conteúdo, diferenciando entre a microestrutura e a macroestrutura assim como padrões gerais (textos descritivos, técnicos, etc); - em terceiro lugar, considera-se o texto pela sua inserção situacional. No caso extremo, afirma-se até que um tipo bem determinado de situação define um tipo bem determinado de texto; - em quarto lugar, considera-se o texto desde a sua função ou finalidade comunicativa, derivada da sua ilocução dominante (KABATEK, 2006, p. 2).

É no desenvolvimento desse contexto teórico que os estudos de gênero/texto recebem grandes contribuições da perspectiva sócio-histórica, sobretudo, o defendido por Mikhail Bakhtin (2003) em relação aos gêneros serem flexíveis e plásticos, inseridos na história e no contexto de interação do indivíduo. Nesse sentido, Bakhtin (2003, p. 279) defende que os gêneros são “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados” e estão disponíveis cultural e historicamente.

Posto isso, é sabido que a forma e o conteúdo dos gêneros não são estáticos e se encontram inseridos nas práticas sociais e que, por conseguinte, a historicidade dos gêneros discursivos acompanha a historicidade da língua. É nessa ótica que o autor afirma que a língua não é mera transmissão, a língua, na verdade, insere-se em um processo de *contínua transformação*, processo esse que faz parte de uma sociedade que evolui, juntamente com a língua e, conseqüentemente, os gêneros do discurso também se adaptam e fazem parte dessa historicidade. Dessa forma, os gêneros estão presentes em todas as situações sociais, em cada esfera da atividade humana e, por isso, nos comunicamos através deles em diferentes situações do nosso cotidiano:

Aprendemos a moldar nossa fala às normas de gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não o dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir um dos de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível[...] (BAKHTIN, 2003, p. 302).

Considerando alguns dos conceitos aqui expostos, Gomes e Iapechino (2008), no artigo *Concepções de Texto da Tradição Retórica à Tradição Discursiva*, atentam para o fato da dificuldade em estabelecer fronteiras e categorizações fixas às TD, por isso, melhor é reconhecer as TD como dinâmicas, transitórias e situadas. As autoras, fundamentadas em Maingueneau (2001 *apud* GOMES e IAPECHINO, 2008, p. 5), ressaltam também que os gêneros enquanto atividades sociais submetem-se a condições de êxito, como:

[a] **Uma finalidade reconhecida**: todo gênero de discurso visa a um certo tipo de modificação da situação da qual participa. [...] [b] **O estatuto de parceiros legítimos**: que papel deve assumir o enunciatador e o coenunciatador? Nos diferentes gêneros do discurso, já se determina de quem parte e a quem se dirige a fala. [...] [c] **O lugar e o momento legítimos**: todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento. [...] [d] **Um suporte material**: o texto é inseparável de seu modo de existência material: modo de *suporte/transporte* e de *estocagem*, logo, de *memorização*. [...] [e] **Uma organização textual**: dominar um gênero de discurso é

ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis: de frase a frase, mas também em suas partes maiores (Grifos das autoras da citação). (MAINGUENEAU, 2001 *apud* GOMES e IAPECHINO, 2008, p. 5).

No tocante à perspectiva sócio-histórica para os estudos sobre texto, assumimos aqui que língua é “um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 51) e, conseqüentemente, o texto, “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1997 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 72). Marcuschi (2008) ainda argumenta que a oralidade e a escrita são duas modalidades discursivas, igualmente relevantes e fundamentais para o estudo de gêneros textuais. Ademais, ressalta a não rigidez na definição e fronteira entre texto e discurso, pois, atualmente, vê-se como um contínuo no qual ambos estão mutuamente condicionados. Nesse sentido, o gênero, compreendido como prática social e textual-discursiva, não pode ser visto como afastado do texto (objeto empírico) e do discurso (objeto do dizer), já que entre o discurso e o texto está o gênero que, como afirma Marcuschi (2008, p. 84) ancorado em Coutinho (2004):

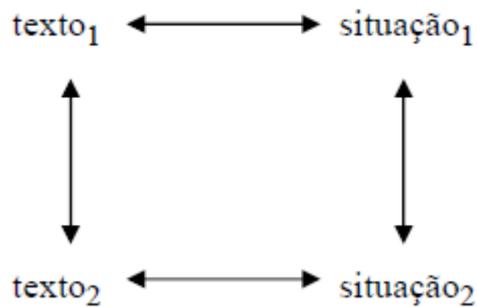
[...] opera como ponte entre o discurso como atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula (MARCUSCHI, 2004, p. 84).

É preciso destacarmos que Marcuschi vê o gênero tanto em sua “relativa estabilidade” quanto inserido em práticas sócio-histórico-culturais. Segundo ele, é “impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Dessa forma, o linguista assume como questão central que a comunicação verbal só é possível através de um gênero textual (distinguindo-o, assim, da noção de tipo textual e domínio discursivo – no sentido bakhtiniano):

Os gêneros textuais são os textos encontrados em nossa vida diária e que apresentam padrões socioeconômicos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. [...] os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. [...] [O] Domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.) [...] (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Os conceitos de gênero aqui apresentados são fundamentais para compreensão e constituição teórica das TD. Kabatek (2006) concebe o texto em sua historicidade, isto é, como um acontecimento histórico. O texto é arquivado na memória cultural de uma determinada comunidade são atualizados e formam arquétipos tradicionais. Dessa forma, é evocado através de repetições na forma ou no conteúdo. Segundo Kabatek (2006), é a repetição de um texto atual com um anterior que sustenta o conceito de TD, pois é esse movimento que compõe o texto em toda a sua historicidade. O autor ainda expõe que a relação de tradição de uma TD tem duas faces: uma é a TD propriamente dita, e a outra é a constelação discursiva que a evoca. Nesse sentido, o esquema abaixo tem como representação a evocação (no eixo horizontal) e o eixo vertical, a repetição, que corresponde ao tempo entre os dois textos:

**Figura 6** - Ciclo de evocação das tradições



Fonte: (KABATEK, 2006, p. 7)

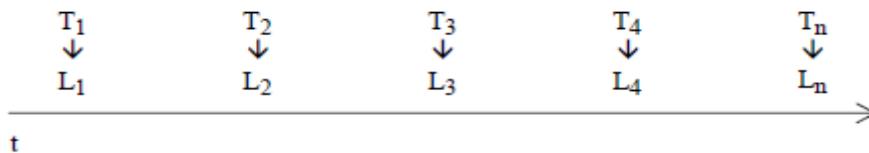
Conforme o esquema acima, Kabatek (2006) salienta que a relação entre texto e situação são, comitantemente, dois fatores definidores de TD. Sendo assim, ao evocar um texto em determinada situação é a repetição e atualização de modos de dizer tradicionais que permitem que o ciclo da figura acima seja completado caso haja a ausência de algum elemento do ciclo e, assim, também se completa o sentido da comunicação, logo:

[...] se o encontro pela rua evoca a saudação, esta evocação funciona independentemente de se a saudação é pronunciada ou não. Mas o “não-saudar” terá então uma função particular, e a pessoa não saudada perguntará talvez se aconteceu alguma coisa entre os dois que provocou tal silêncio. O silêncio adquire significado precisamente em relação a uma tradição discursiva evocada, mas não enunciada. O mesmo é possível também do lado contrário: pronunciar uma saudação fora da situação correspondente evoca tal situação, e buscar-se-á o sentido desse enunciado em relação à situação evocada. A TD tem valor de signo e é reconhecível por meio de signos metatextuais como “saudação”, “carta”, “soneto” [...] (KABATEK, 2006, p. 7).

Ademais, Longhin-Tomazi (2014, p. 22) reafirma que “é a relação de tradição entre os textos que torna legítimo o conceito de TD” e, portanto, é a repetição juntamente com a atualização que tem definido a historicidade e tradicionalidade dos textos. Isso contribui para que, em um determinado evento comunicativo, haja um encontro entre um texto inédito que se relaciona com outro texto enunciado anteriormente, repetindo e evocando tradições (KABATEK, 1996, 2006).

Com isso, Kabatek (2006) afirma que o modelo das TD auxilia a perceber os processos de mudança da língua com mais rigor. A transformação da língua não se estabelece em um processo unilinear e, por isso, se deveria reconstruir uma “diacronia ideal”. Kabatek, no entanto, afirma que o estudo da história de uma língua se constrói através de textos de diferentes épocas, textos estes que representam estados de língua, como podemos observar na figura a seguir:

**Figura 7** - A relação entre a tradição textual e a história da língua



Fonte: (KABATEK, 2006, p. 11)

Tal compreensão sobre o texto e sua historicidade é fulcral para a compreensão do gênero textual-discursivo carta pessoal, com o qual analisaremos as TD tanto nos aspectos composicionais da estrutura do gênero (como vocativo ou saudação, captação da benevolência, despedida) quanto nos aspectos linguístico-discursivos, nos modos tradicionais de dizer (LONGHIN-THOMAZI, 2014), por exemplo, “Deus guarde *Você* e os seus” sempre ao despedir-se. Com isso, esperamos que a análise das TD na carta pessoal talvez possa nos revelar alguns fatores mais favoráveis que outros na variação das formas tratamentais de *Tu* e *Você* na posição de sujeito.

### 3.1.1 Tradições Discursivas: um estudo histórico-diacrônico

O conceito basilar de Tradição Discursiva (TD) surge no seio da romanística alemã em um contexto no qual começam a emergir, nas décadas de 60 a 70, questões ligadas à

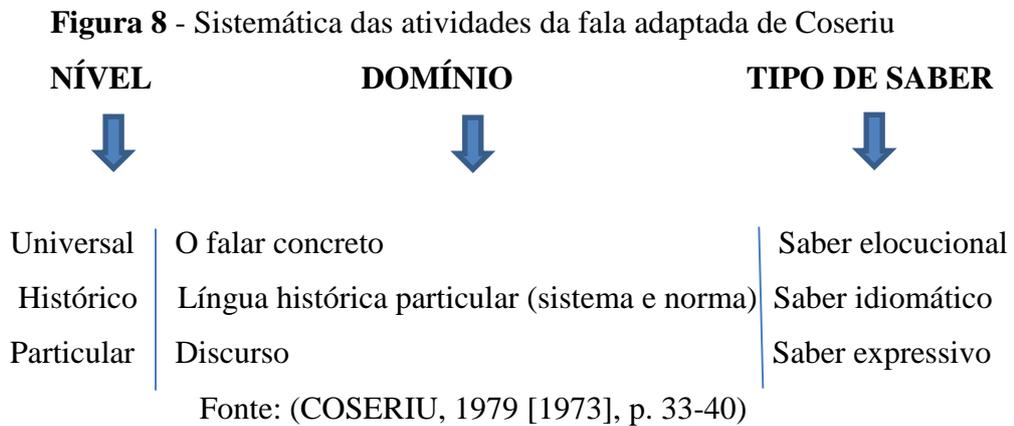
sociolinguística, à pragmática e relacionadas à, então, promissora linguística de texto. Em 1983, Brigitte Schlieben-Lange, no livro *Pragmática Histórica*, discute oralidade e escrituralidade relacionando-as com a perspectiva histórica da teoria de Coseriu e, assim, abrem-se as portas e janelas para o que virá a se denominar TD (KABATEK, 2006).

Nesse contexto, a TD surge ancorada, principalmente, nas concepções de língua(gem) e mudança linguística do romeno Eugênio Coseriu (1979 [1973]). Na tentativa de superar as dicotomias e a estática definição de língua saussuriana, Coseriu procura mostrar que a diacronia e a sincronia são faces do fenômeno da mudança linguística e esta “[...] não é alteração ou deterioração [...] mas reconstrução, renovação do sistema, e assegura a sua continuidade e o seu funcionamento. A língua se faz mediante a mudança, e “morre” como tal quando deixa de mudar” (COSERIU, 1979 [1973], p. 237). As línguas naturais enquanto objeto histórico seguem técnicas tradicionais reconhecidas pela comunidade de falantes que servem para identificar a língua enquanto tal. Nesse sentido, o conceito tripartido de língua (sistema, norma e fala, desenvolvido para contrapor a dicotomia saussureana *langue x parole*) foi fundamental para os estudos linguísticos e, principalmente, para o desenvolvimento do conceito de TD em que o sistema e a norma estão em interdependência com as tradições discursivas, na historicidade – Falaremos mais sobre essa questão no tópico 2.1.1.

Para Coseriu (1979 [1973]), a língua existe a partir do falar dos indivíduos e este falar é condicionado pela história da língua, pois falar é sempre falar uma língua natural. Dessa forma, o linguista romeno considera a linguagem enquanto falar uma “[...] atividade humana universal que se realiza individualmente, mas sempre segundo técnicas historicamente determinadas [...]” (COSERIU, 1979 [1973], p. 33). A atividade linguística segundo Coseriu (1979 [1973]), portanto, divide-se em três níveis:

- **Nível Universal:** corresponde ao falar em geral comum a todos os seres humanos (capacidade biológica), como a ação de se referir linguisticamente a um objeto ou pessoa (referenciação), dizer sobre o objeto ou pessoa (predicação), situar os enunciados no tempo e espaço (orientação dêitica), contextualizar, assumir e repartir papéis comunicativos, entre outros;
- **Nível Histórico:** corresponde ao nível que compreende a língua enquanto sistema de significação historicamente dado e atualizado, ou seja, compreende as línguas particulares, como inglês, italiano, português, espanhol, entre outros;
- **Nível Individual ou Particular:** corresponde aos textos ou discursos concretamente realizados como enunciação única e particular.

A partir dessa distinção, a sistemática das atividades de fala, considerando os tipos de saberes, fica organizada da seguinte forma:



Toda e qualquer atividade de língua(gem) perpassa por essa sistemática. Assim, Coseriu afirma que o nível universal é o nível do saber comunicar-se através de signos linguísticos, isto é, o falar concreto. O nível histórico inclui o acervo idiomático que os falantes de uma língua possuem, estando incluído, por exemplo, o falar que segue as normas de uma determinada comunidade. Por fim, no nível particular, é o lugar de expressão em forma de discurso ou texto individual realizado.

Por conseguinte, através da revisitação à tripartição do conceito sobre linguagem, Schlieben-Lange (1983, 1993) defende uma distinção entre a história dos textos e a história da língua e, também, que todo estudo em história da língua deve considerar essa questão. Essa observação tornou-se fundamental para o desenvolvimento de estudos em TD.

Em *História do falar e história da linguística* (1993), Schlieben-Lange, ao discutir a sistemática da fala e suas normas, afirma que “em situações históricas determinadas, falamos em forma de textos, orientados para uma determinada finalidade” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 18). Assim, a universalidade da fala, proposta inicialmente por Coseriu (1979 [1973]), também é preservada no nível da língua e do texto, pois, “[s]abe-se como uma língua deve ser para funcionar como tal. Sabe-se como os textos são constituídos. Também no nível do texto, a historicidade se faz presente na forma de tradições textuais historicamente transmitidas” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 19). A autora salienta que Coseriu, diversas vezes, explicitamente destacou que as comunidades que partilham as tradições de uma língua não são equiparáveis àquelas que transmitem uma tradição textual, sendo assim existiria uma comunidade de fala (sistema/língua) e uma comunidade textual (ou discursiva).

Diante do exposto, tendo como trabalhos principais de Wulf Oesterreicher (1997) e Peter Koch (1997), o conceito de TD é definido a partir da reduplicação do nível histórico coseriano, em que são diferenciados o domínio da língua histórica particular e o domínio das tradições dos textos, isto é, a língua como sistema (gramática e léxico) e norma, de um lado; e as TD, de outro. Koch e Oesterreicher (2006, p. 3) reafirmam:

[...] El nivel HISTÓRICO comprende dos aspectos. En primer lugar —y esto es lo prioritario para la cuestión que nos interesa en este libro— están las lenguas individuales como técnicas históricas y sistemas de normas [...], es decir, el latín, el español, el francés, el italiano, el alemán, el inglés, el turco, etc.; en este nivel se ubican también las diferentes variedades de estas lenguas históricas. Pero, en segundo lugar, hay que considerar también en este nivel las tradiciones discursivas, independientes de las lenguas históricas particulares, y que, en principio, pueden ser puestas en práctica en diferentes comunidades lingüísticas: géneros (adivinanza, canción folclórica, novela, soneto, texto legal, ensayo, oración fúnebre, etc.), formas de interacción conversacional (conversación palaciega, confesión, información sobre una dirección, transacción comercial, etc.), estilos (manierismo, conceptismo [...]) (KOCH; OESTERREICHER, 2006, p. 3)

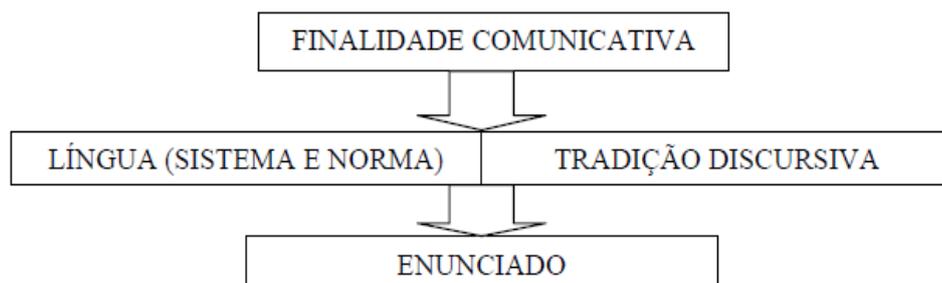
Prosseguindo por esse viés, no artigo *Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español*, Koch (2008), além de reconhecer que a visão tripartida de língua de Coseriu foi fundamental para os estudos de linguística seguirem entre esses três níveis de análise, assevera que o termo saber expressivo, como exposto na **figura 9** acima, pode levar a desentendimentos terminológicos, isto é, o que se quer dizer com o termo saber expressivo? Literalmente, o discurso seria “[...] o lugar da aplicação do saber lingüístico, mas como cada discurso é único e o saber expressivo implica a possibilidade de reprodução, saber expressivo e discurso serão incompatíveis” (KOCH, 2008, p. 54). O saber expressivo corresponderia à capacidade dos seres humanos em produzir textos seguindo tradições e modelos históricos, entretanto, as tradições históricas em forma de texto ou discurso são independentes das tradições das línguas particulares. Dessa maneira, Koch (2008) elimina da organização esquemática das atividades de linguagem a relação entre discurso e saber expressivo, pois, assim, não haverá desentendimentos entre o que é o nível individual, que engloba o domínio discursivo, o saber idiomático e expressivo. Para Koch, o conhecimento desse último saber possibilitaria a produção de textos, seguindo tradições e modelos por estar atrelado ao nível histórico, não ao particular, como mostra o esquema abaixo:

**Figura 9** - Nível versus domínio adaptada de Koch

NÍVEL	DOMÍNIO
Universal	O falar concreto
Histórico	Língua histórica particular (normas/sistema) Tradição Discursiva
Particular	Discurso

Fonte: (KOCH, 2008, p. 54-55)

Dito de outro modo, toda finalidade comunicativa da atividade histórica do falar atravessaria dois filtros e estes filtros concomitantemente provocariam adequação a dois tipos de técnicas: as técnicas da língua (organização de fatos linguísticos, como oposições fonológicas, construções morfológicas, escolhas lexicais e arranjos sintáticos) e, também, as técnicas de tradição dos textos ou discursos (que organizam o linguístico, em sentido macro, texto ou discurso concreto). A organização segundo essas técnicas podem ser em termos de conteúdo temático, ou ainda, pertencer a um domínio de sentido mais amplo, como a composicionalidade e o estilo dos textos e ou discursos (KABATEK, 2006; KOCH, 2008; LONGHIN-THOMAZI, 2014). Sendo assim, como podemos ver na figura abaixo, uma “[...] finalidade comunicativa concreta, atravessaria dois filtros concomitantes até chegar ao produto do ato comunicativo ou enunciado: um primeiro filtro correspondente à língua e um segundo, correspondente às tradições discursivas” (KABATEK, 2006, p. 3).

**Figura 10** - Os filtros concomitantes na produção do enunciado

Fonte: (KABATEK, 2006, p.4)

A título de exemplificação, Kabatek (2006) diz que, ao encontrar alguém pela manhã e ter como intenção ou finalidade o ato de expressar uma saudação, não encontramos essa finalidade no acervo lexical e gramatical do português para produzir enunciados corretos como “emito uma saudação para *Você*”, mas sim dizemos “bom dia” (ou outra semelhante expressão) segundo tradições que estão para além de regras da língua. Dessa maneira, as TD podem estar ligadas para além de atos de fala fundamentais, como saudação, promessa, agradecimento ou

[...]podem estar também ligadas a finalidades mais complexas exclusivas a determinadas culturas, como p. ex. todas as TD escritas, restritas às culturas com escrita, e dentro delas, TD ligadas a determinadas instituições, como p. ex. os gêneros jurídicos. Uma primeira abordagem poderia entender então as TD como modos tradicionais de dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples até um gênero ou uma forma literária complexa (KABATEK, 2006, p. 4).

Por isso, Kabatek (1996, 2006, 2008) diz ser fundamental uma ampliação do conceito de historicidade em que se afirma que as TD compartilham a mesma historicidade que as línguas, pois, se de um lado existe, por exemplo, o homem que se define pela palavra cristão e, tomado pelo sentido, relaciona-se com sua divindade. Por outro lado, existem modos tradicionais de dizer das escrituras sagradas, relativas ao gênero textual e, até mesmo, ao aspecto discursivo do sagrado. Dessa forma, Kabatek (2006) ao definir TD, percebemos que é essencial a independência entre a história dos textos e a das línguas particulares, pois, conforme Lopes (2011, p. 367), a

[...]historicidade particular das línguas coaduna-se à historicidade do homem como ser social, e a “história dos textos” engloba todas as formas e fórmulas comunicativas que são recorrentes, tradicionais e cujas fronteiras estão além das estabelecidas para as línguas históricas. Essas formas ou fórmulas comunicativas recorrentes são as Tradições discursivas (LOPES, 2011, p. 367).

Sendo assim, o termo *Tradições* interliga-se à historicidade dos textos já produzidos e das fórmulas de expressões tradicionais, estas caracterizam tanto atos de fala (como saudação, promessas, despedidas, agradecimentos) quanto gêneros institucionalizados (do âmbito jurídico, religioso, entre outros). O termo *Discursivas* intrinsecamente relacionado às tradições enquanto tradições linguísticas (LONGHIN- THOAZI, 2014). Segundo Kabatek (2006, p.7),

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados (KABATEK, 2006, p.7).

Diante dessa definição de TD, podemos dizer que o caráter definidor de TD é a relação de um determinado texto com outro de um momento histórico anterior. Nessa relação temporal, há uma repetição de algo – seja total, parcial ou até a ausência de repetição pode vir a indicar algo (KABATEK, 2006, 2008). Ainda que toda TD necessite de uma repetição ao longo do, isso não quer dizer que toda repetição é TD, pois, como Kabatek salienta, uma TD deve ser discursiva, ou seja, toda e qualquer repetição não linguística não constitui uma TD. A TD, portanto, será constituída a partir da evocação de elementos linguístico-discursivos, formas textuais, que se repetem em determinadas situações em uma relação de atualização e tradição.

Nesse contexto, Kabatek (2006) ainda ressalta que, dentro de um mesmo gênero, há diferentes tradições isso é evidenciado, por exemplo, em cartas pessoais coletadas e analisadas por pesquisadores do PHPB<sup>18</sup>, nas quais há diversas formas de escrever seja pelo grau de conhecimento da tradição do gênero carta seja por uma atualização de alguma tradição no momento ou contexto de produção da missiva, provocando novas tradições. Outra questão é a própria evocação de expressões ou formas gramaticais dentro de discursos para identificar um grupo (como o uso de alguma variedade diafásica), como jurídico, religioso, político; ou seja, são modos tradicionais de dizer que fazem parte da constituição de um mesmo gênero.

Como Kabatek afirma: “os gêneros são tradições de falar, mas nem todas as tradições de falar são gêneros” (KABATEK, 2006, p. 5). Desse modo, reconhecemos a fulcral relevância da TD para a análise do gênero carta pessoal, a fim de perceber quais tradições e atualizações contribuem com o comportamento das formas de tratamento a serem analisadas. Nos tópicos seguintes, seguiremos discorrendo sobre a historicidade do texto e da língua, discutindo o viés que adotamos para a análise do nosso *corpus* histórico e do fenômeno linguístico-discursivo que elegemos.

---

<sup>18</sup> O *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) foi iniciado em 1997, sob coordenação geral do pesquisador professor livre docente Ataliba Teixeira Castilho. Foi professor titular da USP e, atualmente, é professor emérito da mesma universidade.

### 3.1.2 O gênero carta pessoal: a tradição na história

Até final do século XX, no Brasil, a carta pessoal foi um dos gêneros discursivos mais utilizados para a comunicação, seja de cunho privado seja de teor público. Sobre essa questão, Pessoa (2002) afirma, em relação à história das cartas e, conseqüentemente, sobre a mudança da função desse gênero em diferentes épocas.

Na antiguidade greco-romana, a carta de teor público cumpria a função de divulgador de ideias, passava-se de mão em mão, espalhando informações e notícias como um jornal. Na Europa durante a Idade Média, entre 800 e 1400, escritas em latim, as cartas, de conteúdo privado, eram predominantemente utilizadas por imperadores e papas. Os serviços postais surgem no fim do século XIV e, igualmente, aparece a figura do mensageiro para estabelecer a troca de correspondências. Pessoa (2002) afirma que isso se constituiu devido ao crescimento das trocas comerciais entre os países europeus e, nessa época, já havia também uma forma incipiente de jornal. Entre os séculos XV, XVI e XVII, as cartas deixam de ser apenas trocadas entre clero e nobreza e há uma menor disseminação da *Carta Aberta*, de caráter público e, paralelamente, há também uma maior difusão de cartas privadas, estas, por vez, deixaram de ser escritas em latim, empregando-se as línguas locais. Nesse curso, é a partir do século XVIII que a carta ganha um novo significado e passa a ser uma espécie de telefone da época (PESSOA, 2002, p. 198-199).

No Brasil, por exemplo, a primeira carta da nossa história foi um relato de viagem, a *Carta de Caminha*, datada de 1º de maio de 1500, período das navegações. A relevância da carta epistolar para Portugal advém do frequente uso na época dos descobrimentos, época na qual as cartas exerciam a função de narrativas sobre os lugares explorados.

Já no então século XIX, a carta torna-se um instrumento produtivo para a imprensa brasileira, pois, adquire um formato de artigo jornalístico de opinião. Conforme Pessoa (2002), em meados do século XIX, já existe, no Brasil, o carteiro levando e trazendo correspondências. É nesse período que há a intensificação, a produção e as trocas de cartas pessoais. Nessa época, era comum autoridades trocarem correspondências para tratar de questões oficiais, mostrando que, mesmo com a difusão da carta pessoal, ainda se conservava um pouco o caráter público de outrora.

Nos dias atuais, é fato que a carta pessoal, mais do que meramente substituída, foi transformada, ou até mesmo, “diluída” em outras formas textual-discursivas predominantemente utilizadas na atualidade (COSTA et. al. 2017). No tocante à origem dos

gêneros, Todorov (1980, p. 11) acredita que o surgimento seja decorrência de transformações de gêneros originados anteriormente na história:

De onde vêm os gêneros? Pois bem, simplesmente de outros gêneros. Um novo gênero é sempre uma transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Um ‘texto’ de hoje (também isso é um gênero num de seus sentidos) deve tanto à ‘poesia’ quanto ao ‘romance’ do século XIX, do mesmo modo que a ‘comédia lacrimajante’ combinava elementos da comédia e da tragédia do século precedente. Nunca houve literatura sem gêneros, é um sistema em contínua transformação e a questão das origens não pode abandonar, historicamente o terreno dos próprios gêneros: no tempo, nada há de ‘anterior’ aos gêneros. Saussure não dizia que: ‘o problema da origem da linguagem não é outro senão o das suas transformações?’ (TODOROV, 1980, p. 11)

Pessoa (2002) salienta a importante relação que Todorov (1980) faz entre história do gênero e a história da linguagem, pois isso aponta para a importância da história da língua e dos textos. Em vista disso, ao considerarmos a carta pessoal como um dos gêneros fundamentais para o estudo da história das línguas e dos textos, é preciso termos em mente que os gêneros, assim como a língua, também se modificam ao longo do tempo. Através da carta, podemos estudar as transformações da língua, a função desse gênero em diferentes momentos históricos e, também, a contribuição para a formação de outros gêneros (PESSOA, 2002).

A carta pessoal, denominada na Retórica de *epistola familiaris*, conglomerada uma série de realizações com propósitos comunicativos distintos, “desde o desejo de expressar amizade, o de falar sobre religião, o de fazer fofoca sobre a vida alheia, o de dar notícias sobre a família até o de declarar amor de forma íntima” (CASTILHO DA COSTA, 2012, p. 145). A autora ainda exemplifica que as epístolas do apóstolo Paulo são cartas pessoais e que não devem ser lidas de igual maneira às escritas por Goethe à amada Christiane Vulpis, já que cumprem propósitos comunicativos diferentes. No tocante à estrutura composicional da carta, Soto (2007, p. 94) observa que

Há uma natureza convencional — de gênero — que associa à ideia de carta a expressão dos sentimentos e da intimidade, enquanto tema, e a determinada forma: local e data identificados na parte superior do papel, saudação inicial, corpo do texto, despedida na parte inferior, assinatura e possíveis “PSs”. O texto epistolar parece tão claramente definido que o que seja uma carta se nos apresenta como evidente (SOTO, 2007, p. 94).

A partir da compreensão de que “o gênero *carta pessoal* não é totalmente livre”, Castilho da Costa (2012, p. 146-151) afirma ser um gênero atravessado por um conjunto de tradições que determinam as escolhas linguísticas dos missivistas. A autora ressalta a carta

como um *sermo absentis ad absentem*, ou seja, uma conversa entre duas pessoas ausentes. Conforme Castilho da Costa (2012, p. 151) mostra em sua análise, boa parte das cartas pessoais obedece às tradições que remontam à Antiga Retórica grega e romana por estas serem divididas basicamente em cinco partes:

- a) *Salutatio* => diz respeito à saudação<sup>19</sup>;
- b) *Captatio benevolentiae* => refere-se à captação da benevolência do interlocutor;
- c) *Narratio* => contém informações sobre um estado das coisas, é o desenvolvimento da carta;
- d) *Petitio* => refere-se ao pedido;
- e) *Peroratio* => corresponde à conclusão (seguida da assinatura) e, também, poderá conter uma *recapitulatio*, um resumo do que já foi mencionado e, até mesmo, um apelo às emoções (solidariedade, indignação, entre outros).

São essas partes da carta pessoal que abarcam os modos tradicionais do dizer que abarcam desde um “bom dia!”, com a finalidade comunicativa de saudar o interlocutor (ou interlocutores) até expressões formulaicas de despedida e assinatura, com a finalidade de despedir-se e concluir a carta. Nesse sentido, as expressões formulaicas na estrutura composicional da carta interligam-se diretamente tanto ao propósito ou finalidade comunicativa que o remetente quer atingir quanto ao grau de intimidade estabelecido entre os missivistas. Pode-se perceber o grau de intimidade, a partir, sobretudo, da implicação emocional estabelecida na expressividade ao empregar determinados elementos linguístico-discursivos (CASTILHO DA COSTA, 2012). Esse grau de intimidade – que se refere à distância entre os interlocutores –, portanto, irá estabelecer como será a constituição composicional de uma carta. Corroborando essa afirmação, Bazerman (2006, p. 87) defende que a carta, enquanto meio de comunicação que serve para aproximar distâncias entre os interlocutores,

fornece um espaço transacional aberto, que pode ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes. As relações e transações em curso são mostradas para o leitor e o escritor diretamente através das saudações, das assinaturas e dos conteúdos da carta. Além do mais, cartas podem descrever e comentar – frequentemente de modo explícito – a relação entre os indivíduos e a natureza da transação corrente [...] a organização e as transações podem alcançar distâncias maiores, como também os laços sociais entre os indivíduos podem ser

<sup>19</sup> Conforme Castilho da Costa (2012, p. 151) a saudação e a captação da benevolência, juntas, constituem o *exordium* e, portanto, esse esquema pode, por vezes, aparecer de modo simplificado na carta pessoal. Sendo assim, a missiva apresentaria tais partes: *salutatio*, *exordium*, *narratio* e *conclusio* (despedida, data e assinatura (*subscriptio*)).

reforçados e até criados através de relações indiretas com outras pessoas. (BAZERMAN, 2006, p. 87).

Ademais, a carta pessoal é um gênero que abarca outros subgêneros e, portanto, evoca tradições de acordo com a função discursiva na qual está inserida e isso a identificará como sendo uma carta de amor (trocada entre namorados, amantes, noivos, casados), uma carta de amigo (trocada entre amigos e colegas) e uma carta de família (trocadas entre familiares). Esses três subgêneros correlacionam-se com os tipos de relações estabelecidas entre os interlocutores (SOUZA, 2012; SILVA, 2018). Nas palavras de Silva (2018), a carta é um hipergênero por englobar outros gêneros discursivos (como a carta comercial e a carta pessoal) que cumprem a função de acordo com características específicas e a partir da finalidade comunicativa de cada gênero, e é isso que permite à comunicação ser intermediada entre os interlocutores.

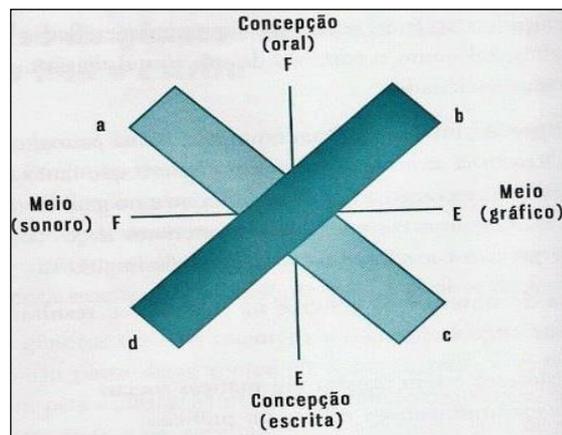
No tocante a essa comunicação, Souza (2012) ressalta que são diversos os assuntos trocados entre os missivistas, desde notícias de familiares e de amigos distantes, reclamações, informações, agradecimentos, pedidos, intimação, até mesmo, correspondências enviadas a jornais e revistas. Sendo assim, a carta, cumprindo suas diferentes funções, transita em diferentes esferas de atividades, como em relações pessoais, situações públicas etc (SOUZA, 2012, p. 59).

Nesta dissertação, portanto, assumimos que a carta pessoal é a “[...] comunicação eminentemente pessoal, uma correspondência que efetiva um contato privado e, quase sempre, constante, entre indivíduos – familiares e amigos íntimos – que mantêm entre si um relacionamento estreito” (NOVAES, 2006 *apud* SOUZA, 2012, p. 59). Essa carta, enquanto gênero discursivo, é marcada pela espontaneidade devido, sobretudo, à relação de intimidade estabelecida entre os missivistas e à tentativa de aproximação entre “os distantes” através do que o tradicional formato da carta pessoal oferece. Por isso, é nesse caminho que Bakhtin (2003, p. 302) afirma que a diversidade dos gêneros discursivos é variável “[...] conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros: há o estilo elevado, estritamente oficial, deferente, como há o estilo familiar que comporta vários graus de familiaridade e de intimidade (distinguindo-se esta da familiaridade)”.

Ainda que a carta pessoal não seja mais utilizada com frequência como meio de comunicação interpessoal no mundo atual, sabemos que é um dos gêneros mais considerados no estudo histórico-diacrônico das línguas, sobretudo, por apresentar traços de informalidade, de intimidade e de proximidade com a oralidade e, por isso, a elegemos como corpus histórico para este estudo.

Tomando por base o artigo de Costa, Silva e Gomes (2018), a definição de proximidade com a oralidade parte-se da distinção do que se compreende enquanto fala/oral e escrita/escritural. Existem expressões que são realizadas foneticamente, contudo a configuração linguística delas é estabelecida em uma espécie de “intuição de oralidade”<sup>20</sup> (orações fúnebres, explicações de um guia turístico). Por outro lado, existem expressões realizadas graficamente que serão pouco prováveis de corresponder à ideia que se tem de escrituralidade, por conter elementos da fala (anotações de aulas, carta pessoal). Nesse sentido, ao diferenciar o **meio** de realização fônico e gráfico da **concepção** de língua falada e escrita, Ludwig Söll (1974 *apud* KOCH; OESTERREICHER, 2006) compreende a concepção enquanto configuração linguística da expressão (a planificação sintática, a coerência textual). Por não haver uma plena equivalência entre meio e concepção, Koch e Oesterreicher (2006, 2008) compreendem os aspectos universais da oralidade e da escrituralidade como um *continuum*<sup>21</sup>. Marcuschi (2008) exemplifica que um poema declamado é um **texto escrito oralizado**. Portanto, não irá se tornar uma linguagem falada no ato da declamação; nesse sentido, “a concepção (escrita ou oral) indica o meio originário de produção, mas não a natureza do ato cognitivo de criação” (MARCUSCHI, 2008, p. 192), conforme a gráfico 6:

**Gráfico 6 - Continuum fala-escrita**



Fonte: (MARCUSCHI, 2008, p. 192)

Na representação do gráfico 6, a letra “a” representa o domínio do tipicamente falado; a letra “c” é a sua contraparte e representa o tipicamente escrito; as letras “d” e “b” são os domínios mistos no quais ocorrem as mesclagens de modalidades (MARCUSCHI, 2002, p. 192). Por exemplo, no que se refere à carta pessoal, não pode ser compreendida como sendo

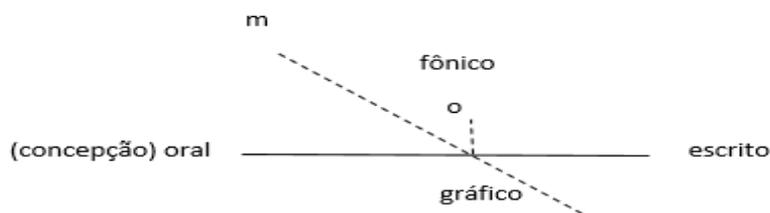
<sup>20</sup> Sobre essa discussão, ler Koch e Oesterreicher (2006, p. 2).

<sup>21</sup> Ver também Marcuschi (2008, p.190-197).

meramente uma transposição do meio fônico e de concepção oral para o meio gráfico de concepção escrita, mas sim, a análise deve considerar o gênero em sua escrituralidade referente não só à realização no meio gráfico, mas também à apresentação de traços da oralidade – concepção oral (KOCH; OESTERREICHER, 2006).

Para além do *Continuum* fala-escrita, o linguista Marlos de Barros Pessoa (2003) no livro *Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade: o caso do Recife, Brasil* propõe que entre os domínios da concepção/meio há uma instância de passagem concepcional e, nesse processo, consideram-se dois extremos concepcionais: a oralidade e a escrita, representados pela linha horizontal como mostram os gráficos abaixo. Segundo Pessoa (2003), estabelecer uma rigorosa distinção entre as modalidades oral e escrita quanto à concepção é uma tarefa sem êxito, pois é na concepção que se determina um conjunto de variações. O gráfico abaixo está representando a passagem do oral para o escrito, como ocorre nas cartas pessoais.

**Gráfico 7** - Passagem do oral para o escrito



Fonte: (PESSOA, 2003, p. 197)

A transformação concepcional do oral para o escrito conta com um percurso que implica um deslocamento da linha do **m** de um extremo a outro (PESSOA, 2003). De igual modo, o *medium* tem de ser transformado do fônico para o gráfico.

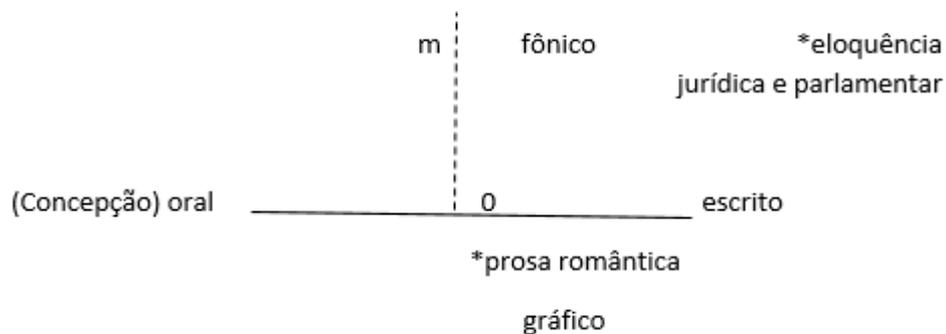
Por outro lado, ao discorrer sobre a passagem concepcional do escrito para o oral destacando o romance romântico, Pessoa (2003) afirma que desde a época em que a leitura era pouco divulgada entre a população do Brasil, já se havia uma tradição em contar histórias orais, estas oriundas de Portugal ou de países da África. O autor ainda destaca que existe uma associação do Romantismo brasileiro à oralidade, sobretudo por ter uma aproximação com a realidade cultural da população brasileira no século XIX, nesse sentido, o texto:

[...] que seria lido como folhetim na mais das vezes em voz alta era portanto adaptado à oralidade para garantir a continuidade da leitura a cada edição de jornal, mas ao mesmo tempo era elaborado em função da leitura silenciosa, que os alfabetizados do início do século começavam a praticar, sendo por isso adaptado às

possibilidades concepcionais desse leitor incipiente. Daí a tendência narrativa do contador de histórias e naturalmente a utilização do diálogo como aproximação do oral. Isso aponta dois tipos de públicos do Brasil de então. Um ouvinte do que era lido em voz alta; outro, a pequena burguesia, leitor em formação (PESSOA, 2003, p. 216).

Sobre essa questão, nos interessa destacar a simplificação do texto para captar o público, pois Pessoa (2003) afirma que os extremos dos polos da concepção (oralidade/escrita) são enriquecidos devido a duas principais atividades do século XIX. Dentro do *medium* fônico, a oratória; e dentro do *medium* gráfico, a prosa romântica. Diante disso, a prosa romântica ao tentar se aproximar da oralidade para captar o público, amplia a escala no interior da concepção (PESSOA, 2003). De mesmo modo, notamos que a oratória também exige essa mesma ampliação da escala por necessitar de uma fala mais elaborada, próxima da escrita. Essa representação gráfica foi representada da seguinte forma por Pessoa (2003, p. 217):

#### Gráfico 8 - Representação do medium fônico e gráfico



Fonte: (PESSOA, 2003, p. 217)

Diante do exposto, assim também vemos que a carta pessoal se aproxima da oralidade ainda que ocupe um *medium* gráfico e, na história, emaranha-se numa rede de tradições que a identifica como tal e, nessa perspectiva, “um texto pode corresponder a toda uma série de tradições copresentes ao mesmo tempo; e a investigação empírica tem a tarefa da identificação dessa rede de tradições” (KABATEK, 2012, p. 9). De igual modo, Castilho da Costa (2012), ao destacar a rede de tradições da carta pessoal, diz que “[...] é o relacionamento entre os interlocutores que define o espaço que uma determinada carta pessoal poderá ocupar entre os diversos agrupamentos de cartas pessoais” (CASTILHO DA COSTA, 2012, p. 145).

Portanto, por ser um documento histórico e por possuir um caráter íntimo e espontâneo, a carta pessoal pode revelar ao estudioso sobre a história da língua e dos textos o perfil social do remetente, o seu contexto de vivência – ao situar a carta no espaço, através do local, e no tempo, através da data – e, sobretudo, fazer conhecer as escolhas e estratégias linguísticas, que podem dar pistas sobre as relações sociais simétricas e assimétricas entre os correspondentes (BROWN; GILMAN, 1960; LOPES; GOMES, 2015, 2016). Além desses aspectos, podemos observar também, neste estudo, que possíveis evocações de modos tradicionais de dizer que constituem a historicidade composicional do texto e que, possivelmente, podem contribuir para a variação de *Tu e Você* nas cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX. Sendo assim, discutiremos a seguir nossas opções teóricas e interfacetadas a serviço da historicidade da língua.

### 3.2 A HISTORICIDADE DA LÍNGUA

Como vimos, não nos comunicamos se não for através de gêneros, sejam eles orais ou escritos. Esses gêneros variam e podem mudar de acordo com os propósitos e funções comunicativas em dado momento da história, assim como as línguas também variam e mudam. Diante desse ponto de vista, a historicidade da língua diz respeito às línguas históricas (ou naturais) e, estas, conforme Coseriu (1979 [1973]), englobam todas os recursos existentes do sistema e da norma.

#### 3.2.1 Sistema e norma

Nesse contexto, Coseriu (1972), de um lado, compreende como sistema as possibilidades, as diretrizes e os limites funcionais de realização de uma língua. Nesse caso, o linguista considera dentro do sistema as possibilidades léxico-gramaticais da língua. Por outro lado, existem as normas correspondentes a tudo que é estabelecido e efetivamente utilizado, quer dizer, são as possibilidades do sistema que são concretamente usadas. Longhin-Thomazi (2014) distingue, portanto, “entre o que é funcionalmente possível (sistema) e o que é tradicionalmente realizado (norma)” (LONGHIN-THOMAZI, 2014, p. 18). O nível da língua histórica de um lado irá abarcar a historicidade e tradicionalidade dos textos, como vimos no tópico anterior; e de outro, a historicidade da língua englobará o sistema e a norma. A historicidade da língua, portanto, é o lugar onde residem as variações linguísticas, as escolhas linguísticas e nos modos tradicionais de dizer dos falantes, seja variação diatópica

(geográfica), social (diafásica) e estilística (diastrática) (LONGHIN-THOMAZI, 2014; KABATEK, 1996). São essas variações que identificam os homens como pertencentes a certos grupos de falantes (KABATEK, 1996).

Coseriu (1979 [1973]), ao contrapor a dicotomia de Saussure com a tricotomia fala, norma e sistema, em que entre o sistema e a fala tem-se a norma, buscava propor uma linguística do falar pois, para ele, a língua é considerada um aspecto do falar:

[...] é necessário colocar-se primeiramente no terreno do falar e tomá-lo como norma de todas as outras manifestações da linguagem' (inclusive da 'língua'). E, em vez de considerar, como Pagliaro, a parole como 'o momento subjetivo da língua', seria mais conveniente considerar a língua como 'o momento historicamente objetivo do falar'. De nosso ponto de vista, o estudo da língua é estudo dum aspecto do falar, que não é abstrato nem exterior ao próprio falar e que, naturalmente, é fundamental, pois o falar é sempre histórico: é sempre 'falar uma língua' (COSERIU, 1979 [1973], p. 123).

Dessa forma, o autor argumenta que, se há uma linguística das línguas (o falar no nível histórico) e há também uma linguística do texto (o falar no nível individual), deveria existir também uma linguística que atendesse questões referentes ao falar no nível universal, ou seja,

[...] em nossa opinião, a lingüística do falar em sentido estrito seria uma lingüística descritiva, uma verdadeira gramática do falar. E, precisamente, uma gramática indispensável tanto para a interpretação sincrônica e diacrônica da "língua" quanto para a análise dos textos. De fato, do ponto de vista sincrônico, a língua não oferece apenas os instrumentos da enunciação e de seus esquemas, mas também instrumentos para a transformação do saber em atividade; e, do ponto de vista diacrônico, tudo o que ocorre na língua só ocorre pelo falar. Por outro lado, a análise dos textos não pode ser feita com exatidão sem o conhecimento da técnica da atividade lingüística, pois a superação da língua que ocorre em todo o discurso se pode ser explicada pelas possibilidades universais do falar (COSERIU, 1979 [1973], p. 214).

O falar está contido no nível universal e diz respeito aos fenômenos linguísticos que são comuns a todas as línguas, tendo duas propriedades fundamentais: uma, corresponde à natureza universal das línguas em que, a partir do seu caráter sígnico, identifica-se o que é e o que não é pertencente à determinada língua; e a outra propriedade diz respeito ao falante, mais especificamente, à capacidade biológica e universal do falar "[...] não determinada historicamente, que todos, como falantes, possuímos" (COSERIU, 2007, p. 131). Prosseguindo por esse caminho, a norma, para Coseriu (1979 [1973]), é tradicionalmente estabelecida sócio e culturalmente e varia de comunidade para comunidade. Duarte (2001), a partir da noção de norma de Coseriu, salienta que a norma – enquanto uso intermediário entre a fala e a língua – é que estabelece o que é usual, normal, isto é, o que se diz, e também o que

não é dito dentro de uma comunidade linguística. Assim, a norma é coerciva, enquanto a língua (sistema) não é: “Por exemplo, a norma consagrou ‘infeliz’ e não ‘desfeliz’, embora essa última possibilidade exista na estrutura da língua portuguesa. A norma seria, pois, a realização da *langue*, e a *parole*, a realização da norma [...]” (DUARTE, 2001, p.160) (grifos do autor). O sistema, nessa ótica, é composto por entidades mais abstratas realizadas de diferentes modos válidos e compreende, portanto, as possibilidades de uma língua. A língua deve ser compreendida senão como objeto histórico, estando incluído nesse domínio o conceito de competência linguística que corresponde a “um saber intuitivo ou técnico dependente da cultura nos três planos independentes entre si do falar em geral, da língua particular e do discurso ou texto” (COSERIU, 1992, p. 8).

Considerando a fundamental relevância dos postulados de Coseriu (1972) para os estudos linguísticos, Faraco (2008) diz que a perspectiva tricotômica (sistema, norma e fala) de Eugenio Coseriu, no início da década de 50, assume nos estudos linguísticos o lugar de superação da visão dicotômica de língua (*langue/parole*), postulada por Saussure. Nesse sentido, Coseriu (1972) afirma que uma norma não corresponde ao que “se pode dizer”, pois essas possibilidades são cabíveis ao sistema, mas sim ao que já foi dito e o que tradicionalmente se diz em determinada comunidade. A norma, nesse sentido, está ligada à normalidade, isto é, ao que é normal, corriqueiro, habitual, usual e recorrente em uma comunidade de fala (FARACO, 2008). Sobre o conceito de norma, argumenta Faraco (2008, p. 35):

É importante deixar claro que a ideia de norma, embora nascida no interior do arcabouço teórico estruturalista de inspiração saussuriana, não perde sua vitalidade quando transposta para outros quadros teóricos. E isso por força do que nos impõe a empiria: qualquer modelo teórico da linguagem verbal tem, inexoravelmente, de se posicionar frente à variabilidade supraindividual, ou seja, frente às diferentes variedades que constituem uma língua. Assim, se adotarmos um olhar gerativista, diremos que a cada norma corresponde uma gramática. Se adotarmos um olhar variacionista (sociolinguístico ou dialetológico), será produtivo equiparar norma e variedade (FARACO, 2008, p. 35)

Diante do exposto, é fundamental deixarmos claro que a presente dissertação se ocupa, por um lado, com o que “se pode dizer”, isto é, com o que é cabível ao sistema – este aqui compreendido a partir do sistema internalizado na mente do falante (CHOMSKY, 1981, 1986) –, no sentido de investigar a presença ou ausência do *Tu e Você* na posição de sujeito e, igualmente, o que essa “escolha linguística” (norma) pode revelar em termos da marcação do valor paramétrico referente ao sujeito nulo do PB. Por outro lado, assumimos que deve haver

uma preocupação com texto histórico, pois, através de suas marcas tradicionais, podemos perceber quais possíveis fatores influenciam na variação dessas formas de tratamento e, também, na escolha do correspondente por uma forma em detrimento de outra.

Trilhando por esse caminho, dentro da constituição da história do texto e da língua, optamos por nos ancorar teórico-metodologicamente por dois vieses. O primeiro, já amplamente apresentado é o conceito de TD, para a investigação do texto e do perfil social dos correspondentes como dados extralinguísticos. O segundo, até agora pouco explorado, mas que tem um peso crucial para a análise intralinguística, corresponde ao Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) (CHOMSKY, 1981, 1986 e seguintes) que é uma teoria fulcral para os estudos histórico-diacrônicos atuais. Nesse viés, incluímos também o procedimento metodológico *quantum*-qualitativo laboviano (2004, 2008 [1972]), isto é, considerando dados intra e extralinguísticos na observação da variação de *Tu e Você* na posição de sujeito.

Como, infelizmente, não temos acesso à língua falada do passado, partimos de dados linguísticos de textos próximos do falar pernambucano da época (a saber: séculos XIX e XX) que nos revelam um possível ou, ao menos, parcial processo de mudança paramétrica no que se refere ao comportamento do sujeito nulo, como por exemplo a entrada de formas de tratamento como o *Você* no quadro pronominal brasileiro (DUARTE, 1995; KATO; DUARTE, 2014). Assim, compreendemos que “a língua é algo que se cria e recria continuamente no falar” (KABATEK, 1996, p. 20) e, portanto, que o falar é a materialização concreta da capacidade inata de todo ser humano à linguagem. A partir dessa perspectiva, pretendemos investigar nas cartas pessoais pernambucanas como o conhecimento inato do PB de seus falantes revela-se através do uso do *Tu* e do *Você* na posição sujeito em diferentes séculos e, com isso, observaremos o que possivelmente o desempenho tem provocado na estrutura da língua por meio das pistas que nos revelam o texto e suas tradições.

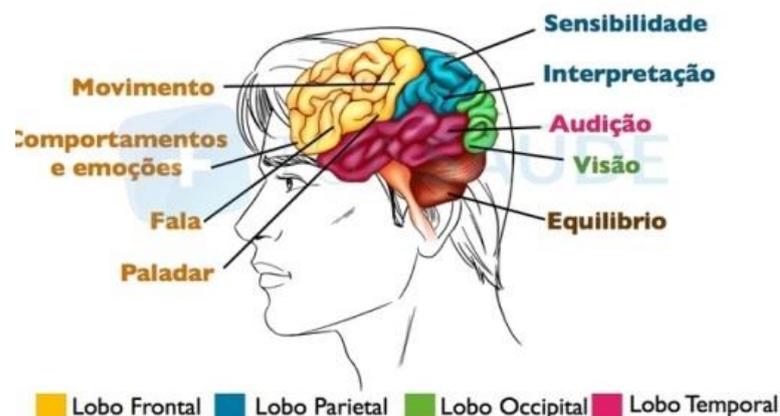
### **3.2.2 Sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo (CHOMSKY, 1981, 1986): breves incursões para o estudo diacrônico**

Estudos diacrônicos como de Tarallo e Kato (1989) e Roberts e Kato (2018 [1993]) e mais recentes têm obtido êxito ao tentar relacionar os princípios e parâmetros com a variação interlinguística e intralinguística e, também, com os conceitos de encaixamento estrutural no sistema linguístico. Com isso, os estudos diacrônicos mais recentes que adotam a Teoria

Gerativa e a metodologia sociolinguística para dar conta da análise do *corpus*<sup>22</sup>, tem procurado conciliar os conceitos de encaixamento do social e estrutural dentro da teoria dos parâmetros (DUARTE, 2012). Por isso, além do conceito exposto e adotado do modelo de abordagem das TD no estudo do texto e dos modos de dizer recorrentes, os contextos estruturais que apresentam as formas de tratamento *Tu e Você* em posição sujeito serão analisados sob o viés da Teoria Gerativa, mais especificamente, do Modelo de Princípios de Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986 e seguintes), centrando a atenção, especificamente, no Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN).

Segundo essa teoria, a capacidade de adquirir uma língua natural é inata ao ser humano e é isso que o diferencia de outras espécies. Por o corpo humano apresentar órgãos diferentes para a realização de diferentes funções, acredita-se que o cérebro é partidarizado em módulos com funções e especificidades várias, e um desses módulos suporta as especificidades da língua, ou melhor, suporta uma arquitetura específica para lidar com os elementos constitutivos das línguas naturais (CHOMSKY, 1957). Para Chomsky (1981, 1986), existe um aparato genético e inerente ao ser humano, a saber, a Faculdade da Linguagem (FL), localizada no cérebro humano e responsável pela produção de estruturas sintáticas de uma língua natural. Essa faculdade inerente ao ser humano é que possibilita a aquisição de uma língua, seja português, francês, chinês, alemão, entre outras e se apresenta como um dos módulos da mente humana, conforme ilustração a seguir:

Figura 11 - Funções do cérebro<sup>23</sup>



<sup>22</sup> O pesquisador que investiga na linha do gerativismo diacrônico “tem de lidar com dados, em busca de *insights*, para sustentar sua argumentação[...]” (MATTOS e SILVA, 2008, p. 136), já que não tem acesso a competência do falante de outros tempos.

<sup>23</sup> Figura retirada do site: <https://www.tuasaude.com/sequelas-de-avc/>. A figura representa as funções do cérebro, sobretudo, as áreas que podem ser afetadas no caso de um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Acesso em: 05 de mar. de 2018.

Conforme acima, as áreas do cérebro humano associadas à FL são a área do lobo frontal, mais especificamente, a região de Broca (produção/fala/língua/linguagem) e também a área do lobo parietal, na região denominada *Wernicke*, responsável pela compreensão e interpretação (KENEDY, 2016). Com base nessa perspectiva da teoria gerativa (CHOMSKY, 1986), Raposo (1992, p. 27) levanta quatro questões que são centrais na teoria gerativa:

- I. Qual é o conteúdo do sistema de conhecimentos do falante de uma determinada língua particular, por exemplo do Português? O que é que existe na mente deste falante que lhe permite falar/compreender expressões do Português e ter intuições da natureza fonológica, sintáctica e semântica sobre sua língua?
- II. Como é que este sistema de conhecimentos se desenvolve na mente do falante? Que tipo de conhecimentos é necessário pressupor que a criança traz *a priori* para o processo de aquisição de uma língua particular para explicar o desenvolvimento dessa língua na sua mente?
- III. Como é que o sistema de conhecimentos adquirido é utilizado pelo falante em situações discursivas concretas?
- IV. Quais são os sistemas físicos no cérebro do falante que servem de base ao sistema de conhecimentos lingüísticos?

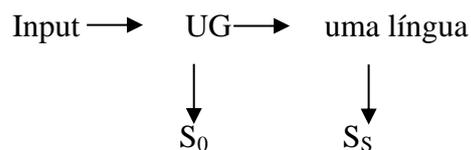
A partir desses questionamentos, Chomsky preocupa-se, sobretudo, em como se estabelece a aquisição de uma língua, já que a criança adquire uma língua natural em tão pouco tempo mesmo em contato com ambientes tão cheios de ruídos, incompreensões, quer dizer, sob as condições de tanta pobreza de estímulo – denominado problema de Platão (CHOMSKY, 1981, 1986). A criança, assim, recebe o *input* (dados lingüísticos primários de uma dada língua particular) finitos no tempo de maturação da sua FL e, por fim, após o tempo de aquisição da linguagem, é capaz de compreender e produzir sentenças e discursos ilimitados (*output* infinito). Corroborando com a afirmação acima, Silva (2004, p. 84) diz que Chomsky procura respostas para “[...] como se dá a aquisição de uma língua particular a partir de um conjunto de princípios inerentes à mente humana que permitem ao falante não só, a partir de dados lingüísticos primários, construir seu conhecimento gramatical, como também criar estruturas frásicas num dado ambiente lingüístico”.

Nesse sentido, o principal papel do linguista é buscar explicar o caráter gerativo da linguagem, isto é, os procedimentos mentais que geram as estruturas das línguas naturais. Nesse sentido, os estudos da gramática gerativa preocupam-se com a *competência lingüística*,

ou seja, com o conhecimento que o falante tem da língua e a sua capacidade natural para produzir sentenças – esta é a denominada *Língua-I*, para referir-se à língua interna: “[...] Vamos referir-nos a esta noção como “língua interna” (Língua-I). A língua-I é, pois, um elemento que existe na mente da pessoa que conhece a língua, adquirido por quem aprende e usado pelo falante-ouvinte” (CHOMSKY, 1994 [1986], p. 41). Em oposição à competência, tem-se o *desempenho ou performance*, este é representativo do uso concreto da própria competência linguística, como afirma Chomsky (1994 [1986]) “[...] uma língua é usada por uma população [...] por um interesse comunicativo. Vamos referir-nos a esse conceito como instância de uma “língua externa” (Língua-E), no sentido em que o construto é compreendido independentemente das propriedades da mente/cérebro” (CHOMSKY, 1994 [1986], p. 39). A *Língua-E*, nessa ótica, é, portanto, um “[...] fenômeno sociocultural, histórico, político que compreende um código linguístico[...]”, por exemplo, a língua portuguesa (KENEDY, 2016, p. 29).

Sabendo que as línguas naturais não são idênticas, pois se diferenciam tanto em relação ao léxico quanto à organização das palavras na sentença (sintaxe), Chomsky (1981) propõe o Modelo de Princípios e Parâmetros procurando explicar a diversidade e o que há de comum existente na estrutura linguística das línguas, tendo como objeto de análise a *Língua-I* (internalizada) do falante, ou seja, sua competência linguística. Para tanto, assume-se a existência da Gramática Universal (GU), determinada biologicamente na constituição genética de todo ser humano e constituída por um conjunto de princípios comuns a toda a espécie (RAPOSO, 1992). Sobre a GU, Raposo (1992) diz que pode ser compreendida como um órgão biológico que evolui no indivíduo assim como qualquer órgão. Conforme Chomsky (1981, 1986), a GU é o estado inicial da FL ( $S_0$ ) e a gramática do indivíduo adulto (a língua em si) é o estado final de maturação da FL, representada pelo  $S_S$  (*Steady State*):

**Figura 12** - Representação da GU



Fonte: (MIOTO;SILVA; LOPES, 2007, p. 33)

Ademais, a GU abarca não só *Princípios* rígidos concebidos abstratamente como invariáveis e universais, ou seja, projetados em todas as línguas naturais, como é o caso de todas as línguas projetarem um NP sujeito (ainda que não haja a realização fonética desse

sujeito) e um VP predicado, mas também os *Parâmetros* (especificidades de cada língua natural), que são compreendidos abstratamente como variáveis de uma língua para outra.

São os parâmetros que determinam as opções de produções de sentenças possíveis na GU. Nessa perspectiva, são compostos por valores binários (positivo e negativo), sendo um dos valores acionado pela criança durante o processo de aquisição da linguagem. Conforme Raposo (1992), neste modelo teórico, a aquisição da gramática final de sua língua, por parte da criança, incide principalmente em dois aspectos: “a aprendizagem de formas lexicais da língua, com propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas determinadas pelo <<dicionário mental>> e a atribuição de aos vários parâmetros da Gramática Universal do valor que possuem nessa língua” (RAPOSO, 1992, p. 55). Portanto,

[...] qualquer fenômeno gramatical minimamente complexo, as propriedades da Gramática Universal desempenham um papel fundamental na determinação (logo, na explicação) das propriedades da gramática final [...] O estudo da natureza e das propriedades da Gramática Universal é pois o objetivo central do empreendimento generativista <sup>24</sup>(RAPOSO, 1992, p. 47).

Por conseguinte, após a fixação de todos os parâmetros, a criança adquire uma gramática nuclear (*Core Grammar*, CHOMSKY, 1981, 1986) que corresponde a um sistema complexo de conexões entre os rígidos princípios e os variáveis parâmetros, determinando as propriedades específicas de sua língua particular.

Um dos Princípios da GU é que toda língua natural possui a posição de sujeito projetada em contextos finitos, a saber: o Princípio da Projeção Estendida (EPP, CHOMSKY, 1981, 1986). Entretanto, não é em todas as línguas que o sujeito está foneticamente realizado (cf. exemplo (53a) do PB):

53. a. Chove (PB)

b. *It rains* (Inglês)

c. \*Rains.<sup>25</sup>

Dessa maneira, enquanto há línguas que permitem categorias vazias na posição de sujeito, como o português (cf. (53a)); há também aquelas que não permitem, como o inglês (cf. (53c)). Dito de outro modo, o inglês apenas permite obrigatoriamente a realização fonética do sujeito. Isso quer dizer que, mesmo um verbo como “Chover” que não exige em

<sup>24</sup> Conservamos a grafia do português europeu, conforme consta no texto-fonte.

<sup>25</sup> O asterisco identifica a sentença como agramatical.

sua estrutura argumental um sujeito semântico, deverá haver um elemento expletivo realizado foneticamente (que é o sujeito sintático), esvaziado de significação, como é o caso do *It*. A partir dessa distinção entre as línguas, foi proposta a existência do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) na GU que divide as línguas em (MIOTO, SILVA, LOPES, 2007, p. 34):

- a) línguas que obrigatoriamente realizam foneticamente o sujeito - *sujeito pleno*, (línguas de sujeito não-nulo (línguas não pro-drop)) (ex.: inglês e francês), atribuem o valor [-] para o parâmetro;
- b) línguas em que o sujeito pode não ser realizado foneticamente – *sujeito nulo* (línguas de sujeito nulo (línguas pro-drop)) (ex.: espanhol, italiano), atribuem o valor [+] para o parâmetro.

Observemos as orações a seguir do PB (cf. (54)), do italiano (cf. (55)) e do inglês (cf. (56)) (MIOTO, SILVA E LOPES, 2007, p.24-25):

- 54. a. O Paulo<sub>i</sub><sup>26</sup> disse que ele<sub>i</sub> vai viajar (PB)
- b. O Paulo<sub>i</sub> disse que Ø<sub>i</sub> vai viajar. (PB)
- 55. a. \*Paolo<sub>i</sub> ha detto che lui<sub>i</sub> viaggerá.
- b. Paolo<sub>i</sub> ha detto che Ø<sub>i</sub> viaggerá.
- 56. a. Paul<sub>i</sub> has said that he<sub>i</sub> will travel. (In)
- b.\*Paul<sub>i</sub> has said that Ø<sub>i</sub> will travel.

Os exemplos acima mostram que, enquanto o inglês exige o sujeito pleno na oração encaixada que é correferente com o sujeito da oração principal, o italiano exige o nulo na encaixada. O caso do PB é interessante porque tanto o pleno quanto o nulo podem ocupar a posição de sujeito da encaixada e serem correferentes com o sujeito da principal. Nesse sentido, Duarte (1993,1995), ao realizar um estudo sobre o PSN no PB, argumenta que essa língua está atravessando um processo de mudança em seu quadro pronominal e que essa mudança pode estar relacionada à redução do paradigma flexional, que, segundo a autora, evoluiu de seis formas distintas incluindo as duas formas de tratamento, *Você* e *A gente*, para um paradigma que tem não mais que três ou quatro formas, como exemplo *Nós* sendo substituído por *A gente* e concordando com a 3ª pessoa do singular. Uma das marcas

---

<sup>26</sup> O índice “i” identifica elementos que estão em relação de correferência.

linguísticas que evidenciam essa referência à segunda pessoa é justamente o apagamento da desinência número-pessoal nos verbos, perdendo assim a marca de concordância, como em *Tu vai* (paradigma de 3ª pessoa, corresponde a um vestígio da entrada do *Você* no quadro pronominal) em lugar de *Tu vais/ ØVais* ou simplesmente *ØVai*. Esse enfraquecimento da flexão verbal pode ser verificado, conforme Duarte (2000) e Kato e Duarte (2014), ao observarmos que o paradigma do PB passou de seis formas distintas no século XIX (paradigma 1) para quatro formas na primeira metade do século XX (paradigma 2) e, por fim, para quatro ou cinco formas na segunda metade desse século (paradigma 3):

**Quadro 5** - Paradigmas pronominal e flexional do PB, adaptados de Kato e Duarte

		Século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX
Pessoa/Número	Pronomes	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
<b>1.p.sg</b>	<b>Eu</b>	am o	am o	am o
<b>2.p.sg.</b>	<i>Tu</i> <sup>27</sup> <i>Você</i>	am a s am a	am a s am a	am a (s) am a
<b>3.p.sg.</b>	<b>Ele/Ela</b>	am a	am a	am a
<b>1.p.pl.</b>	<b>Nós</b> <b>A gente</b>	am a mos -	am a mos am a	am a (mos) am a
<b>2.p.pl.</b>	<b>Vós</b> <i>Vocês</i>	am a is am a m	- am a m	- am a (m)
<b>3.p.pl</b>	<b>Eles/ Elas</b>	am a m	am a m	am a (m)

Fonte: (KATO; DUARTE, 2014, p. 3)

Dessa forma, percebemos, no quadro acima, o *Você* e o *A gente* inseridos no quadro pronominal brasileiro e isso, conseqüentemente, provocou uma quase total uniformidade paradigmática, levando o interlocutor a deixar o sujeito referencial expresso (DUARTE, 2012). Nesse sentido, ao pensar no objeto de estudo desta dissertação, é necessário considerarmos a historicidade do texto e da língua, pois ao mesmo tempo que a realização ou não fonética do sujeito trata-se de uma questão internamente linguística, há também questões a respeito do preenchimento do sujeito que são históricas e impulsionadas socialmente pelas relações interpessoais.

Como vimos na revisão da literatura, em sua tese, Duarte (1995) discorre sobre a perda do princípio “Evite Pronome” no PB, em virtude da pouca frequência do sujeito nulo nos dados, sendo usada, sempre que possível, a realização fonética do sujeito (a saber: o

<sup>27</sup> Destaca-se, aqui, que o uso do *Tu* com concordância ainda é muito produtivo em algumas cidades brasileiras como São Luís-MA, Belém-PA e Florianópolis-SC (SCHERRE et al., 2009).

sujeito pleno), levando em conta os contextos que não resistiram à entrada do pronome pleno e as evidências de encaixamento no sistema. Os resultados à luz do PSN e da análise quantitativa variacionista, a partir de uma amostra sincrônica, evidenciaram, nos estudos dessa autora, que o PB perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo consistente (como o italiano) devido ao enfraquecimento de sua morfologia de flexão verbal.

Ademais, ao revisitar sua proposta de 1995, Duarte em parceria com Kato (2014), ancoradas na proposta de análise de Holmberg, Nayadu e Sheehan (2009), afirmam que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial. As autoras observaram que o PB tem características próximas do francês no que diz respeito aos pronomes-sujeito, quando expressos, serem pronomes fracos. Já no contexto de anáfora, o nulo tem características do nulo logofórico do chinês – que é uma língua em que o identificador do sujeito nulo está em um controlador para além da sentença, na correferência. Enquanto no Português Europeu (PE), que é uma língua de sujeito nulo consistente, o identificador desse sujeito está em um controlador interno, na concordância, via concordância pronominal, como notadamente observarmos na revisão da literatura. A partir dessa questão, com base no PSN, pretendemos perceber possíveis restrições em diferentes contextos sintáticos para o uso de *Tu e Você* na posição de sujeito como pronome nulo e pleno nas cartas pernambucanas submetidas à análise.

#### 4 “COMO, O QUE E POR QUE ESCAVAR?”<sup>28</sup>

*O começo de todas as ciências é o espanto de as coisas serem o que são. (Aristóteles)*

À maneira de Tarallo (1990), concordamos que realizarmos uma pesquisa em linguística histórica nada mais é que “escavar” o passado da língua. Dessa maneira, todos os trabalhos incluídos na linguística histórica de sentido *stricto* dependem fundamentalmente da filologia, pois necessariamente dependem “da análise de inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, torna-se o *corpus* indispensável às análises das mudanças linguísticas de longa duração” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 10) e, este, com certeza, foi um dos cuidados do nosso estudo para a transcrição dos dados remanescentes do tempo de outrora.

Entretanto, “escavar” os antepassados da língua é praticamente “Ouvir o inaudível” – como bem afirma Lass em *Historical Linguistics and Language Change* (1997, p. 45) –, pois, o pesquisador em linguística histórica, além de não ter acesso a dados de fala do passado, ainda encontra em seu caminho a problemática em torno da fidedignidade de dados nos documentos escritos históricos, como a dificuldade de localização de documentos históricos, a escassa preservação e recuperação das condições desses documentos e a quase impossibilidade de recuperação do perfil social dos missivistas dos documentos históricos (LABOV, 1994), que podem dificultar na leitura e interpretação dos dados.

Nessa direção, procurando perceber quais fatores sociais e da estrutura da língua influenciam o fenômeno da alternância de *Tu e Você* em 131 cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX, coletamos uma grande quantidade de missivas, na tentativa de aumentarmos as possibilidades em obter dados quantum-qualitativos expressivamente significativos. Corroborado o afirmado por Guy em Guy e Zilles (2007) que devemos “[...] coletar grande quantidade de dados de muitos indivíduos; conseqüentemente, devemos enfrentar problemas ligados a controle de qualidade e confiabilidade, a manuseio e apresentação dos dados, e a interpretação e inferência” (GUY; ZILLES, 2007, p. 19).

Uma das dificuldades deste estudo foi encontrada na coleta, no que se refere à equiparação da quantidade de *corpus* de cada subgênero de carta - seja de amor, amigo ou família - nas duas metades dos séculos XIX e XX. Houve dificuldades também na recuperação do perfil social dos missivistas, mas, ainda assim, conseguimos recuperar boa

<sup>28</sup> Citação retirada de Tarallo (1990, p. 173).

parte das informações. Parte dessa recuperação, devemos ao esforço dos envolvidos no Projeto para História do Português Brasileiro (PHPB-PE), coordenado pela Professora Doutora Valéria Severina Gomes, do qual nos foi cedido o *corpus* dos bancos de dados selecionados para este estudo.

Nesse sentido, este capítulo pretende discorrer sobre o caminho metodológico que percorremos e as soluções que optamos para cada etapa, desde coleta, seleção de corpus e variáveis até codificação e rodadas no conjunto de programas quantitativos do *GOLDVARB X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), por acreditarmos que o grande desafio é o como selecionar ou descartar elementos inseridos nos procedimentos metodológicos sem comprometer a leitura e interpretação dos dados e, assim, realizar a difícil “[...] arte de fazer bom uso dos maus dados” (LABOV, 1982, p.20). Por isso, nesta “escavação” sobre o fenômeno em estudo, optamos por adotar os procedimentos metodológicos da sociolinguística quantitativa para auxiliar na obtenção dos dados quantitativos intra e extralinguísticos que, conseqüentemente, contribuirá na análise qualitativa intralinguística pelo viés do PSN, Teoria Gerativa; e na análise qualitativa dos dados extralinguísticos, para uma sócio-história do PB.

#### 4.1 TIPO DE MÉTODO E DE PESQUISA

No presente estudo sobre as **Cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX e XX: o comportamento das formas de tratamento *Tu* e *Você* na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto**, optamos por considerar para tal pesquisa o método de abordagem hipotético-dedutivo (POPPER, 1975, 1977), na tentativa de, através de hipóteses prévias de estudos anteriores – como Kato e Duarte (2014) – e dos resultados das rodadas dos dados intra e extralinguísticos gerados, verificar uma regularidade ou não da ocorrência nula ou plena das formas de tratamento nos contextos dos grupos de fatores selecionados. Com isso, busca-se essencialmente perceber, na observação e análise do comportamento do *Tu* e *Você* nos séculos XIX e XX, fatores que possam indicar ou refutar que o português atualmente é uma língua de sujeito nulo parcial, como afirmado por Kato e Duarte (2014), fundamentadas nas propriedades de uma língua de sujeito nulo parcial propostas por Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009).

Esta dissertação enquadra-se no tipo de pesquisa documental por recorrermos às cartas pessoais dos séculos XIX e XX enquanto *corpus* históricos, tendo sido coletadas em acervos e doação do PHPB-PE cujo detalhamento será feito no tópico seguinte. Por conseguinte, como

etapa mais concreta desta investigação, consideramos como métodos de procedimentos, concomitantemente: os métodos histórico, comparativo e estatístico (LAKATOS; MARCONI, 2003). O método histórico é considerado em nossa pesquisa no que diz respeito ao perfil social e contexto de produção da carta pessoal em diferentes séculos, a fim de desvelar modos tradicionais de dizer e papéis sociais que possam contribuir com a observação do comportamento do fenômeno analisado nos séculos XIX e XX. Utilizaremos o método comparativo na análise, quando possível, tendo em vista a comparação entre os séculos XIX e XX e entre os subgêneros das cartas pessoais: amigo, família e amor. O método de procedimento estatístico configura este estudo como quantitativo e, portanto, esses dados nos auxiliam de forma fundamental a voltar ao passado e realizar as comparações estatísticas entre as ocorrências presentes nos subgêneros das cartas dos séculos analisados, com intuito de analisar a alternância das formas de tratamento *Tu e Você* nos contextos morfossintáticos e extralinguísticos elencados para as rodadas do *GOLDVARB X*.

Tendo em vista que WLH (2006 [1968]) e Labov (1972) consideram a língua em sua heterogeneidade ordenada, abarcamos dois questionamentos dos autores como principais para os estudos em LH, o primeiro é: “[...] se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto muda?” (WLH, 2006 [1968], p. 35). O segundo, refere-se a um questionamento interligado diretamente com a nossa finalidade de observação, que é: “como as mudanças observadas estão encaixadas na matriz de concomitantes linguísticos e extralinguísticos das formas em questão? (Ou seja, que outras mudanças estão associadas a determinadas mudanças de um modo que não pode ser atribuído ao acaso)” (WLH, 2006 [1968], p. 36). Pensando nisso, ao elegermos a Sociolinguística Quantitativa – desenvolvida por Labov (1972) com o objetivo de investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação linguística – como um instrumento analítico, acreditamos, conforme afirma Guy (2007), que devemos “[...] ter a visão do deus Jano<sup>29</sup> sobre os problemas da linguagem humana, simultaneamente olhando, de um lado, para a organização das formas linguísticas, e, de outro, para a sua significância social” (GUY; ZILLES, 2007, p. 19). Consideramos, portanto, imprescindível adotarmos a sociolinguística quantitativa para obtenção dos dados estatísticos intralinguísticos e extralinguísticos da alternância do *Tu e Você*.

---

<sup>29</sup> “Deus romano a quem era atribuída a faculdade de ver, ao mesmo tempo, o futuro e o passado; por isso as suas estátuas o mostram com duas caras, olhando em direção opostas” (GUY; ZILLES, 2007, p. 19).

## 4.2 COMPOSIÇÃO DO *CORPUS*

Para a elaboração do *corpus* desta pesquisa, recorreremos a 131 cartas escritas por pernambucanos no século XIX e XX. Este estudo foi submetido à Plataforma Brasil e teve como devido fim a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPE. Por a pesquisa envolver a escrita de seres humanos, foi preciso passar por uma formalização ética.

Recebido o parecer substanciado do CEP, de número 2.590.379, com a aprovação da pesquisa e coleta dos dados, partimos para a coleta de, inicialmente, 240 cartas pessoais, tendo em vista coletar uma média, 120 cartas de cada século. Entretanto, do quantitativo estipulado, encontramos apenas 131 cartas dos dois séculos, em quantidades não distribuídas igualmente, com a presença do fenômeno que escolhemos para esta investigação. Para que a coleta fosse possível, cartas de anuência nos seguintes acervos e banco de dados foram assinadas pelos responsáveis:

- Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE- PE), localizado na rua Imperial, nº 1069, Recife – PE, é coordenado por André Luiz Tognoli Lima;
- Acervo da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ-PE), localizado na avenida Dezessete de Agosto, nº 2187, Recife – PE, é coordenado por Carlos Antônio Ramos de Carvalho;
- Banco de dados do PHPB-PE, coordenado pela professora Valéria Severina e vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE), localizada na rua Manuel de Medeiros, s/n - Dois Irmãos, Recife – PE.

Ao realizarmos a coleta, consideramos a afirmação de Guy (GUY; ZILLES, 2007, p. 20) sobre a pesquisa e análise quantitativa ter pelo menos três fases: (a) coleta de dados; (b) redução e apresentação de dados; e por fim, (c) a interpretação e explicação de dados. Essas fases foram cruciais para realizarmos o passo-a-passo da metodologia desde a coleta até a análise. Ainda sobre a coleta, em uma leitura rápida e por meio de registro fotográfico<sup>30</sup> coletamos 240 cartas tentando perceber se seguiam os seguintes critérios de inclusão:

- a) ser de missivistas pernambucanos;
- b) possuir data, ano e localização;

---

<sup>30</sup> Escolhemos o registro fotográfico por podermos armazenar em nosso banco de dados e, também, por ser um método confiável para a leitura e conferência no momento da transcrição de dados.

- c) possuir as formas de tratamento *Tu e Você* nulo ou pleno na posição de sujeito;
- d) apresentar a relação de amizade, parentesco ou um relacionamento afetivo-amoroso entre os missivistas.

Após a coleta das 240 missivas, realizamos a redução do *corpus* para 131 missivas em conformidade com os critérios acima. A distribuição geral de cartas por acervos e no banco de dados é a seguinte:

**Quadro 6 - Quantitativo inicial da coleta**

<b>Acervo</b>	<b>Quantitativo inicial de missivas coletadas</b>
<b>APEJE-PE</b>	50 missivas
<b>FUNDAJ-PE</b>	10 missivas
<b>BANCO DE DADOS DO PHPB-PE</b>	180 missivas

Deste quadro, ressaltamos que o banco de dados do PHPB-PE é constituído em sua maioria por cartas coletadas na FUNDAJ, por isso, apenas coletamos dez missivas que não coincidiam com as que já tínhamos coletado. De modo geral, na etapa de redução do *corpus*, relemos tudo o que foi coletado e descartamos as missivas da FUNDAJ e APEJE e algumas do banco de dados, pois eram cartas nas quais o *Tu e Você* não ocupava a posição sujeito, só de objeto, como “Recebi a carta escrita por *Você*” (do acervo de Joaquim Nabuco) ou ainda, com formas nominais de tratamento, como Senhor(a), Vossa Excelência, entre outros, não atendendo ao nosso principal critério quanto ao fenômeno de estudo desta dissertação. Além disso, durante a coleta, nos deparamos com a dificuldade legibilidade em algumas missivas devido à ação do tempo e desgaste da tinta, rasuras e, até mesmo, fragmentação do papel, impossibilitando a leitura parcial ou total da carta. Dessa forma, as missivas que não atendiam aos critérios desta pesquisa foram armazenadas para futuras investigações, no banco de dados do PHPB-PE e, sendo assim, reduzimos a composição do nosso *corpus* para 131 cartas pessoais de pernambucanos, subdivididos por século e por subgênero da seguinte maneira:

**Quadro 7** - Quantitativo geral do corpus por século e por subgênero da carta pessoal

Subgênero da carta	Quantitativo por século			
	2ª metade do século XIX <sup>31</sup>	1ª metade do século XX <sup>32</sup>	2ª metade do século XX <sup>33</sup>	<b>TOTAL</b> (por subgênero)
<b>Amor</b>	0	50	1	<b>51</b>
<b>Amigo</b>	11	6	4	<b>21</b>
<b>Família</b>	5	50	4	<b>59</b>
<b>TOTAL</b> (por cada metade dos séculos)	16	106	9	<b>131</b>

Como podemos observar no quadro 7, a disparidade quantitativa é enorme entre as missivas que possuem as formas de tratamento *Tu e Você* na posição de sujeito, e isso só foi possível recuperar por já existir um banco de dados robusto de cartas pessoais armazenadas por pesquisados pernambucanos em estudos anteriores, considerando a carta pessoal enquanto documento histórico. Por isso, é de extrema relevância pesquisar e coletar novas missivas para a ampliação do banco de dados e, conseqüentemente, das possibilidades de investigação, para continuarmos a voltar ao passado de nossa língua a fim de estudá-la e tentarmos compreender sua constituição atual.

Acreditamos, então, que seja mais adequado realizar as rodadas seguindo as peculiaridades e as necessidades de observação sobre as cartas em cada século em que foram escritas, nos três subgêneros: amigo, família e amor. Por isso, para a etapa de análise (interpretação e explicação dos dados), iremos dividir os capítulos analíticos em dois: o primeiro será sobre as TD presentes nas cartas; o segundo, comportamento do fenômeno da

<sup>31</sup> Compreendemos enquanto segunda metade do século XIX os anos entre 1851 a 1900.

<sup>32</sup> Compreendemos enquanto primeira metade do século XX os anos entre 1901 a 1950.

<sup>33</sup> Compreendemos enquanto segunda metade do século XX os anos entre 1951 a 2000.

alternância das formas de tratamento *Tu* e *Você* nas cartas de amigo, família e amor dos séculos XIX e XX.

Nesse sentido, para a etapa de análise é fundamental organizar a ficha técnica das cartas nos três subgêneros, pois, conforme Silva (2018, p.67) essa organização facilita na compreensão da exposição dos exemplos na análise. Por isso, optamos por adotar a organização de códigos de Silva (2018) que também trabalhou com cartas do banco de dados do PHPB-PE, mais especificamente, na investigação de TD nos três subgêneros (amor, amigo e família) da carta pessoal do século XX, de missivistas ilustres e não-ilustres, isto é, pessoas públicas escolarizadas e pessoas desconhecidas de pouca escolarização, respectivamente. A organização da ficha técnica consiste em dividir em três grupos os três subgêneros da carta pessoal e, cada grupo, é composto pelo código da carta que engloba o ano de produção e missivista em ordem crescente, como dispomos no quadro da ficha técnica<sup>34</sup> no **quadro 8**:

**Quadro 8** - Ficha técnica do *corpus* das 131 cartas do banco de dados do PHPB-PE, adaptada de SILVA

Código da carta	Missivista <sup>35</sup>	Dia/mês/ano
<b>Grupo 01 – Cartas de família (CF)</b>		
<b>2ª metade do século XIX</b>		
CF01	Izabel Fragoso	06/09/1895
CF02	Izabel Fragoso	15/06/1896
CF03	Izabel Fragoso	22/06/1896
CF04	José Mariano	13/07/1900
CF05	José Mariano	28/11/1900
<b>1ª metade do século XX</b>		
CF06	Elvira Fragoso	29/10/1904
CF07	Ardimilra	03/11/1904
CF08	Mário Sette	16/11/1905
CF09	Mário Sette	13/01/1906
CF10	Valdemar de Oliveira	14/10/1907
CF11	Valdemar de Oliveira	20/01/1908
CF12	Arthur Orlando	05/11/1908
CF13	Elvira Fragoso	16/07/1911
CF14	Valdemar de Oliveira	19/01/1916
CF15	Valdemar de Oliveira	22/01/1916
CF16	Valdemar de Oliveira	07/02/1916
CF17	Valdemar de Oliveira	02/11/1916
CF18	Valdemar de Oliveira	11/11/1916
CF19	Valdemar de Oliveira	20/11/1916
CF20	Valdemar de Oliveira	23/11/1916
CF21	Valdemar de Oliveira	23/07/1917
CF22	Valdemar de Oliveira	30/07/1917
CF23	Valdemar de Oliveira	03/08/1917

<sup>34</sup> Informações acerca do perfil social dos missivistas serão apresentadas ao decorrer da análise.

<sup>35</sup> Os missivistas com os nomes expostos são de missivas cedidas pelos familiares ou pelo próprio missivista (já falecido) aos acervos e, portanto, autorizados para divulgação científica. Os nomes abreviados com letras aleatórias correspondem a cartas cedidas por correspondentes vivos, por ética, preservamos a identidade e, quando necessário, o teor do assunto das missivas.

CF24	Valdemar de Oliveira	06/08/1917
CF25	Valdemar de Oliveira	07/09/1917
CF26	Valdemar de Oliveira	22/09/1917
CF27	Valdemar de Oliveira	28/09/1917
CF28	Valdemar de Oliveira	12/10/1917
CF29	Valdemar de Oliveira	15/10/1917
CF30	Billuca (apelido)	20/06/1918
CF31	Manoel Borba	06/03/1922
CF32	Manoel Borba	16/03/1923
CF33	Manoel Borba	16/03/1923
CF34	Manoel Borba	01/08/1925
CF35	Manoel Borba	13/08/1925
CF36	Manoel Borba	23/08/1925
CF37	Manoel Borba	17/09/1925
CF38	Manoel Borba	16/12/1926
CF39	Pupu (apelido)	22/06/1929
CF40	Mário Sette	08/05/1933
CF41	Mário Sette	16/10/1934
CF42	Mário Sette	19/10/1934
CF43	Mário Sette	29/10/1934
CF44	Mário Sette	14/03/1935
CF45	Mário Sette	04/06/1935
CF46	Mário Sette	28/04/1936
CF47	Mário Sette	18/03/1937
CF48	Jarbas Pernambucano	07/08/1939
CF49	José Antônio G. de Mello	21/08/1940
CF50	José Antônio G. de Mello	26/08/1941
CF51	Breno Braga	12/12/1941
CF52	Breno Braga	13/12/1946
CF53	Jarbas Pernambucano	28/06/1947
CF54	Breno Braga	11/09/1947
CF55	Breno Braga	20/04/1948
<b>2ª metade do século XX</b>		
CF56	M	29/12/1985
CF57	B	09/10/1986
CF58	I	13/02/1995
CF59	B	17/01/1998
<b>Grupo 2 – Cartas de amigo (CA)</b>		
<b>2ª metade do século XIX</b>		
CA01	Joaquim Nabuco	--/--/1867
CA02	Joaquim Nabuco	25/12/1875
CA03	Joaquim Nabuco	04/06/1876
CA04	Joaquim Nabuco	--/--/1877
CA05	Joaquim Nabuco	13/05/1881
CA06	Joaquim Nabuco	02/01/1882
CA07	Joaquim Nabuco	12/11/1882
CA08	Joaquim Nabuco	23/07/1888
CA09	Joaquim Nabuco	07/05/1893
CA10	João Gonçalves	08/07/1894
CA11	Joaquim Nabuco	21/02/1896
<b>1ª metade do século XX</b>		
CA12	Joaquim Nabuco	14/03/1904
CA13	Manoel Borba	10/12/1916
CA14	Aurélio Domingues	18/12/1919
CA15	Caramuru	21/04/1922
CA16	Lourival	24/07/1930
CA17	Mario Sette	25/04/1937
<b>2ª metade do século XX</b>		
CA18	Ascenso Ferreira	25/06/1962

CA19	Pernambucano não identificado	20/02/1963
CA20	Jordão Emerenciano	20/07/1969
CA21	G	06/02/1980
<b>Grupo 3 – Cartas de amor (CM)</b>		
<b>1ª metade do século XX</b>		
CM01	Arthur Orlando	02/11/1908
CM02	Nelson Ferreira	23/05/1925
CM03	Breno Braga	22/12/1941
CM04	Breno Braga	20/01/1942
CM05	Breno Braga	23/03/1942
CM06	N	21/05/1949
CM07	N	04/07/1949
CM08	N	22/07/1949
CM09	N	02/08/1949
CM10	N	09/08/1949
CM11	N	02/09/1949
CM12	N	13/09/1949
CM13	N	29/09/1949
CM14	N	20/10/1949
CM15	N	18/11/1949
CM16	N	15/12/1949
CM17	N	26/12/1949
CM18	J	--/04/1949
CM19	J	02/05/1949
CM20	J	17/07/1949
CM21	J	27/07/1949
CM22	J	06/08/1949
CM23	J	19/08/1949
CM24	J	27/08/1949
CM25	J	05/10/1949
CM26	J	23/10/1949
CM27	J	05/11/1949
CM28	J	15/11/1949
CM29	J	05/12/1949
CM30	J	10/12/1949
CM31	J	23/12/1949
CM32	N	10/01/1950
CM33	N	17/01/1950
CM34	N	12/02/1950
CM35	N	17/02/1950
CM36	N	13/03/1950
CM37	N	08/05/1950
CM38	N	16/05/1950
CM39	N	27/05/1950
CM40	N	18/07/1950
CM41	J	07/01/1950
CM42	J	14/01/1950
CM43	J	14/02/1950
CM44	J	28/02/1950
CM45	J	22/04/1950
CM46	J	03/05/1950
CM47	J	13/05/1950
CM48	J	04/07/1950
CM49	J	09/07/1950
CM50	J	30/07/1950
<b>2ª metade do século XX</b>		
CM51	J	28/--/1952

Fonte: (SILVA, 2018, p. 67)

Diante da falta de equiparação quantitativa entre os subgêneros da carta, visualizamos a importância de cada vez mais haver a ampliação do *corpus* para a realização comparativo-diacrônica das ocorrências das formas de tratamento *Tu* e *Você* entre os séculos. Realizamos as rodadas de acordo com o subgênero e século, para então, observamos o fenômeno da alternância do *Tu e Você* na posição de sujeito nulo e plena seguindo as distribuições da quadro acima. Em alguns casos, conseguimos comparar as cartas de amigo em diacronia devido ao quantitativo de ocorrências produzidas em cada missiva serem equivalentes, sempre com cuidado para minimizar os *knockouts*<sup>36</sup>, podendo ainda assim ocorrerem, pois estes também dizem muito sobre a alternância de *Tu e Você*. Ainda que se tenha apresentado alguns *Knockouts* nas rodadas, na análise, justificaremos estas ocorrências. Sendo assim, nos exemplos das análises realizadas no próximo capítulo, observaremos o *Tu e Você* nas cartas de família, amigo e de amor, realizando a comparação direta entre os dados de cada século, quando possível. É importante atentarmos para a disparidade quantitativa entre cartas do século XIX e XX. Discutiremos melhor essa questão no capítulo de análise.

#### 4.3 TRATAMENTO DOS DADOS

Após a coleta dos dados nos acervos e redução do *corpus*, o tratamento dos dados foi iniciado pela transcrição digitada e, nesse curso, ressaltamos que todas as cartas obedecem ao padrão de transcrição seguido PHPB-PE adaptado de Guedes e Berlinck (2000) para a edição e conservação dos manuscritos.

A transcrição conservadora diplomático-interpretativa – também denominada de semi-diplomática – das cartas pessoais de pernambucanos foi escolhida pelos pesquisadores do PHPB, objetivando respeitar a grafia, pontuação e demais práticas textuais que podem ser identificadas como peculiaridades das missivas produzidas nos séculos XIX e XX (RUMEU, 2013), já que “[...] a transcrição diplomático-interpretativa (ou semi-diplomática) vai mais longe na interpretação do original, pois já representa uma tentativa de melhoramento do texto, com [...] o desdobramento das abreviaturas (trazendo as letras, que não configuram no original, colocadas entre parênteses) [...] (SPINA, 1977, p. 79).” Dessa forma, a transcrição diplomático-interpretativa busca conservar a originalidade dos textos tentando, para além do que é textual, sinalizar marcas de corrosão, manchas, rasgados, como podemos observar na

---

<sup>36</sup> Os *knockouts* referem-se a fatores com resultados categóricos para um dos valores da variável, seja esse resultado 0% ou 100% (GUY; ZILLES, 2007).

discriminação dos símbolos de ordem filológica realizada por Guedes e Berlinck (2000, p. 12):

**Quadro 9** - Notações filológicas para transcrição retiradas de Guedes e Berlinck

[ ]	Indica a ausência de uma letra/sílaba na palavra ou de uma palavra dentro de um enunciado. Ex.: a[c]eita-se pedidos; para poder continuar [ ] vender; para o verão e arti[ ]s de modas.
[[ ]]	Indica que a letra/sílaba/palavra estão repetidas. Ex: dirigi[[di]]ram; dinheiro [[a dinheiro]].
[ilegível], [furo] [corroído], [espaço]	Indica que uma dessas situações aconteceu no texto transcrito. Ex.: assim ao modo de [ilegível] que há tempos; faz [furo] sciente ao Público; vende-se huma propriedade [corroído] de três andares; de profição agrônomo. [espaço] com boas referêcia.
	Na maioria dos casos, a barra simples indica mudança de linha.
	Indica mudança de parágrafo.
<i>Itálico</i>	Indica desenvolvimento de abreviaturas. Ex.: Senhor, réis, número, Excelentíssimo, Nossa Senhor, ReVerendíssima

Fonte: (GUEDES; BERLINCK, 2012, p. 12)

A título de exemplificação, a seguir, expomos uma figura de uma missiva transcrita seguindo as notações filológicas de Guedes e Berlinck (2012) para uma interpretação semi-diplomática. As missivas transcritas seguem o modelo de cabeçalho padronizado pelo PHPB, constando: modalidade, tipo de texto, assunto da carta, data e local de origem e de depósito do documento, identificação do autor (escritor) da carta, número de palavras, informações sobre o missivista e, por fim, nome do(s) editor(es); como na figura abaixo:

**Figura 13 - Carta transcrita seguindo o modelo do PHPB-PE**

**Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco**  
Século XX - Manuscrito/Carta Particular  
Edição: AMORIM, Tatyana; GOMES, Valeria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: exposição das contrariedades enfrentadas em uma viagem a bordo de um vapor.
4. Data do documento: 29 de outubro de 1904
5. Local de Origem do documento: Brasil - Pernambuco
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE. Arquivo CA a23 g2.
7. Identificação do autor: Elvira Fragoso é cunhada de Arthur Orlando.
8. Número de palavras: 791
9. Informações Levantadas: Acervo de Arthur Orlando, período abrangido pelo arquivo: 1884/1968. Carta enviada por Elvira Fragoso (cunhada de Arthur Orlando) a sua irmã Maria Fragoso Orlando da Silva (esposa de Arthur Orlando).
10. Editor do documento: COSTA, Elizabeth Christina C. da. & GOMES, Valeria Severina. *Cartas pessoais - Recife, Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2014. Carta AO 15.

Rio 29 10 1904

[fol. 1r] Maria || Muito me alegrou sua car- l ta aqui chegada a 27. Des- l confiando que as cartas que l vão para o Correio da Escola l Militar não chegaõ ao seu de[stino] [mandei] avisar para l m escreverem para rua [inint.] || O que de mais importante ometti na primeira carta de l Joãozinho relatei muito minucio- l samente na sua comecei con- l tando-lhe a nossa chegada l á bordo após a partida do l vapor, onde tendo um dos oficiaes perguntando-me l [fol1v] pela minha passagem, respon- l di apontando para D. Sinhá l que isso era com ella. Não l imagina

como fiquei contra- l riada quando ella disse ao l official Esta e' minha irmã! l Comprehendi que alguma l cousa desagradavel havia a l acontecer. D. Sinhá e l todos os della excepto Mariet- l ta, logo que o vapor pôe-se l em movimento, procurão, l (mais depressa do que lhe posso l diser) metter-se na cama: l ora ajuiza, algumas das malas l devião ir para l o beliche foram para o porão. l [rasura] Entre elas a l minha, que l com algum custo, conseguia l [fol2 r] reti- rassem naquella mesma l tarde, mas para botar onde? l Creia que, mesmo o peor Ca- l marote do vapor, estava re- l servado para D. Sinhá!! l Esta, depois de estarmos l algum tempo no salão, con- l seguio por intermedio do l immediato, unico que l a conhecia a bordo, arran- l jar-lhe 2 camarottes, dos l de baixo (lado terra) Como l não estava enjoada, ou por l tá com paciencia tudo isso, l mas, ao chegar o vapor l a Bahia bem cedo pela l manhã, recebeu D sinhá l intimação do commissario, para pagar uma passa- l [fol 2 v] gem de 1ª e 3 de 2ª e mais l excesso de bagagem inclu- l sive o piano . D sinhá recebeu l mal o portador; disendo que l mais tarde iria ou mandaria l o immediato entender-se com l eles, nova intimação do com- l missario (á ella) eu fiquei tão l contrariada, que mandei di- l ser que antes de tocar para o l almoço iria pagar a minha l passagem o que assim o fiz l 135 Réis com multa de que conservo o recibo. || Não tendo Mimosas recebi- l do aviso da vinda de D. Sinhá l andamos de rua em rua l de casa em casa, até que l acertaram até chegar aqui l [fol. 2 v] aqui como já disse bem re- l cebida, mas assim con- l trariada, não podia estar sa- l tisfeita e assim continuo... l Se Você tivesse sido mais ca- l ridosa me disendo franca- l mente que não viria ao Rio, l antes de uma mez eu teria l voltado. || Mandei pelo correio um l cartão postal para Pupú e l outro para Biluca. Den- l tro d'esta achará alguns l annuncios para ser como l tudo aqui esta' barato l até casas. Fazendas pretas de que Você falla forão l as primeiras que me chamarão a attenção l Os últimos l [fol 3 r] dias da semana l passada forão de muita chuva, l pelo que só esta semana l poderemos ir onde vossê l lembrou. Ha cousa de um l mez, tentei, até annunciando l passar-me para alguma casa de familia, onde l lucraste mais do que aqui. l D. sinhá appoz-

Dessa maneira, a transcrição facilita não só a leitura e interpretação dos dados, como também simplifica o trabalho inicial de seleção e codificação dos dados. Para esta etapa, selecionamos apenas sentenças declarativas infinitivas e finitas, por haver um ou outro dado de sentenças exclamativas ou interrogativas com as formas *Tu e Você*. Embora consideremos as orações infinitivas e finitas, não foram criados grupos de fatores para elas, por entendermos que quantitativamente há mais contextos de sentenças finitas e, também, por a relevância da observação, na análise desta pesquisa, está mais imbricada com o tipo de oração na qual se apresenta o sujeito. Além disso, também não consideramos os dados de imperativo. Conforme Duarte (1993) aponta, o contexto de imperativo inflaciona as ocorrências de sujeito nulo, estas no imperativo são obrigatórias até mesmo em línguas não *pro-drop*, como no inglês, em “Take a break”.

Nesse sentido, investigaremos o fenômeno da alternância de *Tu e Você* na posição de sujeito e, portanto, seguimos os procedimentos da Sociolinguística Quantitativa (Labov, 2008 [1972]) para obtenção dos dados estatísticos, através das rodadas do *GOLDVARB X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Para isso, compreendemos enquanto variação a ocorrência de duas ou mais formas linguísticas que expressem a mesma coisa ou um “estado de coisas” (LABOV, 1978, p. 2) e, por isso, elegemos como variável dependente

as formas de tratamento *Tu e Você*, em sua realização fonética (plena) ou não realização fonética (nula). Por conseguinte, tendo consciência de que o emprego variável das formas tratamentais não é aleatório, mas sim influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) linguísticas e extralinguísticas, codificamos os fatores que compõem cada variável para que os dados possam ser rodados no *GOLDVARB X*:

**Quadro 10 - Codificação dos dados intra e extralinguísticos**

*Código*

<b>VARIÁVEL DEPENDENTE</b>	
<b>I. Alternância de <i>Tu e Você</i></b>	
<i>T</i>	TU NULO
<i>P</i>	TU PLENO
<i>V</i>	VOCÊ PLENO
<i>N</i>	VOCÊ NULO
<b>VARIÁVEIS INDEPENDENTES</b>	
<b>II. Concordância verbal com a forma <i>Tu e Você</i></b>	
<i>L</i>	[+] CV
<i>G</i>	[-] CV
<b>III. Exclusividade e não exclusividade das formas de tratamento em uma mesma missiva</b>	
<i>U</i>	Remetente com uso exclusivo de sujeito <i>Tu</i>
<i>C</i>	Remetente com uso exclusivo de sujeito <i>Você</i>
<i>M</i>	Remetente com o uso alternado de <i>Tu e Você</i>
<b>IV. Relação hierárquica de parentesco entre os missivistas</b>	
<i>B</i>	Simétrica (para a relação entre amigos e colegas)
<i>H</i>	Assimétrica descendente (para a relação de pai para filho)
<i>A</i>	Assimétrica ascendente (para a relação de filho para pai)
<i>S</i>	Simétrico-solidária (para a relação amorosa entre casais)
<b>V. Tipo de Oração</b>	
<i>F</i>	Oração Independente
<i>D</i>	Oração principal
<i>E</i>	Oração substantiva
<i>O</i>	Oração adjetiva
<i>Q</i>	Oração adverbial
<b>VI. Faixa etária</b>	
<i>J</i>	Jovem (de 18 a 30 anos)
<i>K</i>	Adulto (de 31 a 50 anos)
<i>I</i>	Idoso (a partir de 51 anos)
<b>VII. Subgênero da carta pessoal</b>	
<i>I</i>	Amigo

2	Família
3	Amor
<b>VIII. Tempo (por século)</b>	
<i>a</i>	2ª metade do século XIX
<i>b</i>	1ª metade do século XX
<i>c</i>	2ª metade do século XX

As variáveis acima foram selecionadas a partir da leitura dos trabalhos de Duarte (1995) e Lopes e Gomes (2016). Ressaltamos o grupo de fatores “tipo de oração” para apresentar evidências empíricas dos dados, a fim de salientar que entendemos como:

**57. Oração independente:** incluímos os dados de *Tu e Você* na posição de sujeito em orações absolutas, coordenadas assindéticas e sindéticas.

(a) **Século XIX => *Você tem*** a alma do povo, eu tenho a consciência (CA08)

(b) **Século XX=>** Recebi e *Opodes* avaliar bem a minha alegria ao ler a sua cartinha (CF18)

**58. Oração principal:** consideramos os dados de *Tu e Você* na posição de sujeito das orações principais das subordinadas.

(a) **Século XIX=>** *OSabe* muito bem a luta que tive em encontrar uma camisa branca na festa de Algisa Bastos (CF22)

(b) **Século XX=>** *Tu pedes* que eu ore por ti (CM06)

**59. Oração substantiva:** incluímos os dados que correspondiam às classificações das orações subordinadas substantivas (subjativa, objetiva direta e indireta, completiva nominal, etc.).

(a) **Século XIX=>** disce <sup>37</sup>elle q' **voce** a muito não escreve (CF01)

(b) **Século XX=>** peço-te que *Oestejas* à minha espera (CM02)

**60. Oração adjetiva:** incluímos nesse grupo de fator os dados de *Tu e Você* na posição de sujeito que dizem respeito às orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas.

<sup>37</sup> Os exemplos são apresentados como escritos nas missivas

(a) **Século XIX**=> “Felismente com a carta em *que* Ø me **dizias** estar doente dos olhos” (CF04)

(b) **Século XX** => “a carta que **Você** mandou para sua mamãe” (CM35)

**61. Oração adverbial:** consideramos os dados de *Tu* e *Você* na posição de sujeito nas classificações das orações subordinadas adverbiais.

(a) **Século XIX** =>“ Vi portanto *porque* Ø **saudaste** essa *que* não chegou aqui.” (CF04)

(b) **Século XX** =>“encanto **Você** dorme eu | penço em **Você**” (CM35)

Além disso, precisamos destacar também que o nosso quadro de codificação abrangia mais dois fatores, a saber: a referência semântica do sujeito ([±]definido, [±] indefinido, [±] específico, [±] humano) e o sexo (masculino e feminino), este foi retirado das rodadas devido haver uma quantidade muito desigual de homens e mulheres se correspondendo. Esse fato se deve, sobretudo, por haver mais homens escolarizados na 2ª metade do XIX. Portanto, isso geraria *Knockouts* que podem ser evitados e, segundo Guy e Zilles (2007), essas categorizações geram um problema analítico no programa de dados quantitativos, porque

[...]num dado momento, se procede a uma divisão pela fração de aplicações e, noutro, de não-aplicações. Se uma dessas frações é equivalente a zero cria-se a violação de um princípio básico da matemática de números reais: não se pode dividir por zero. Portanto, qualquer nocaute dos dados tem que ser excluído dos pesos relativos. Ademais, o valor do peso de um nocaute não precisa ser calculado: se a percentagem de aplicações em tal contexto é 0%, o peso desse fator é 0, e se a percentagem é 100%, o peso é 1, e nada mais importa, a não ser o efeito do fator em questão (mais uma vez, cabe lembrar que dados categóricos devem ser relatados, e seu papel em processos de mudança, especialização de significado ou de função merece ser discutido) (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

Sendo assim, não consideramos a referência semântica do sujeito na codificação dos dados por ele ser categoricamente [+] definido, [+] específico e [+] humano quanto ao uso das formas *Tu* e *Você*. Portanto, acreditamos na hipótese, em conformidade com as pesquisas de Duarte (1995) e Rumeu (2013), de que, na escrita de pernambucanos do século XIX e XX a forma *Você* ainda conserva o seu caráter referencial [+]humano, [+] específico e [+] definido. O *Você* tem ocupado produtivamente a posição de realização fonética do sujeito. Desconsideramos também o fator sexo, pois as cartas são majoritariamente escritas por homens jovens e com escolaridade avançada. No século XIX, isso ocorre devido ao contexto histórico de produção dessas cartas, uma época em que as mulheres adultas e idosas,

predominantemente, cuidadoras do lar, tinham pouco ou nenhum grau de instrução. No século XX, encontramos um maior quantitativo de cartas escritas por mulheres jovens e adultas, ainda que não superem nem se iguale ao quantitativo masculino. Lembramos também que todas as missivas são de correspondentes pernambucanos e, por ser categórico, não precisamos incluir na codificação.

Ademais, os pesos relativos são extremamente relevantes para sabermos quais variáveis são significativas e quais não, pois isso irá nos mostrar as variáveis que mais atuam no fenômeno da alternância de *Tu e Você* como pronomes nulos ou plenos, indicando quais fatores devem ser considerados nesse quesito. Desse modo, para evitar *knockouts*, a opção em realizar rodadas por século nos pareceu mais eficiente; Por isso, dividimos o capítulo de análise, no primeiro momento, com o enfoque nas cartas de amigo e família no século XIX; e, no segundo momento, com ênfase nos três subgêneros da carta pessoal: amor, amigo e família, século XX, com o intuito de ressaltar sempre as decisões metodológicas com base nos resultados dos dados. Sendo assim, é necessário enfatizarmos os procedimentos de análise quantitativa e qualitativa que realizamos a partir dos dados obtidos pelo *GOLDVARB X*.

#### 4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Os procedimentos de análise são de extrema importância, principalmente no que diz respeito à dificuldade de equiparação quantitativa do *corpus* das missivas dos séculos estudados, pois, a partir de uma análise com procedimentos bem estruturados, podemos minimizar os riscos de uma interpretação equivocada acerca dos dados estatísticos. Diante do que foi anteriormente exposto neste capítulo, os procedimentos de análise estão divididos da seguinte maneira: procedimentos de análise qualitativa e procedimentos de análise quantitativa, como podemos visualizar nos subtópicos 4.4.1 e 4.4.2.

##### 4.4.1 Procedimentos de análise qualitativa

No presente estudo das formas de tratamento *Tu e Você* nas cartas pessoais do século XIX e XX, a análise qualitativa perpassa desde considerar o modelo de abordagem das TD para a observação dos modos tradicionais de dizer e no que podem despontar no uso variável de *Tu* e de *Você*, até considerar a interpretação dos dados de sujeito nulo e pleno para a análise do comportamento das formas de tratamento em relação ao PSN do PB.

Dessa maneira, como procedimentos da análise qualitativa, primeiramente, observamos a estrutura composicional da carta pessoal e quais pistas essa estrutura nos pode revelar, por exemplo, sobre a relação mantida entre os correspondentes, ou ainda, sobre o assunto da missiva constar informações sobre o perfil social dos missivistas. Nesse sentido, na observação analítica da estrutura da carta pessoal, apoiamo-nos em Castilho da Costa (2012), que apresenta elementos de tradição da carta pessoal atuando no estabelecimento amizade/intimidade em uma relação de proximidade comunicativa (KOCH; OESTERREICHER, 1996, 2006).

No que diz respeito à observação da relação de parentesco, amizade ou intimidade entre os interlocutores, a análise encontra-se fundamentada na Teoria do **Poder & Solidariedade**, de Brown e Gilman (1960), segundo a qual as formas de tratamentos são utilizadas para estabelecer uma relação hierárquica entre os interlocutores. Nessa teoria, na relação de **Poder**, assimétrica, há a hierarquização das relações, sendo assim, elegem-se certas formas de tratamento diferentes, não-recíprocas na comunicação que é estabelecida entre os interlocutores. No tocante ao parâmetro da **Solidariedade**, este relaciona-se com o nível igualitário das relações interpessoais e da hierarquia social.

Assim sendo, o *Tu* remete ao tratamento igualitário, por exemplo, das relações de amizade e, é nesse sentido que “[...] se outorga o uso mútuo do *TU* (recíproco ou igualitário), logo o uso simétrico de *TU* configuraria intimidade (sentimento de solidariedade entre os participantes da situação comunicativa)” (GOMES; LOPES, 2016, p. 141) (Grifos das autoras da citação). Em contrapartida, a forma *Você*, por ter um caráter mais cerimonioso, estaria interligada com as relações hierárquicas ou de poder, como bem verificam Brown e Gilman (1960). Entretanto, conforme Gomes e Lopes (2016), o *Você*, no PB, na virada do século XIX para o século XX, já ocupa e concorre com o *Tu* o lugar de segunda pessoa do discurso, por isso, ora conserva o caráter cerimonioso, respeitoso, em relacionamentos assimétricos e, ora, juntamente com o *Tu*, é usado nos relacionamentos de intimidade, a fim de estabelecer um tratamento igualitário, como de amizade ou amor. Pensando nisso, foi que adotamos o tipo de relação para ser um de nossos grupos de fatores nas rodadas do *GOLDVARB X*, tomando por base a nomenclatura adotada por Gomes e Lopes (2016, p.141-142):

- I. **Relação simétrica:** dizem respeito às relações entre amigos que constituem uma relação de igualdade.
- II. **Relação assimétrica:** relação hierárquica entre os interlocutores.

**a) assimétrica descendente:** são as relações estabelecidas de superior para inferior, como de pai para filho, de mãe para filho.

**b) assimétrica ascendente:** são as relações estabelecidas de inferior para superior, de filho para o pai ou de filho para a mãe.

**III. Relação simétrico-solidária:** relações íntimas e amorosas estabelecidas entre um casal.

Com isso, através do olhar para as peculiaridades da composição estrutural da carta pessoal, para os tipos de relações interpessoais e para o que conseguimos mapear sobre o perfil social dos missivistas, esperamos que esses dados extralinguísticos evidenciem as TD presentes no gênero carta pessoal e quais modos tradicionais de dizer faz tornar visível ou evidenciam a preferência por *Tu* ou *Você*, nulo ou pleno, nas cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX.

#### 4.4.2 Procedimentos de análise quantitativa

Labov (1972) desenvolve a Sociolinguística Quantitativa com o objetivo de defender a heterogeneidade ordenada da língua e que as línguas variam enquanto mudam. Nesse sentido, a metodologia quantitativa revolucionou o modo de fazer linguística, e considerar tanto fatores intralinguísticos quanto extralinguísticos nos faz perceber mais claramente o afirmado por WLH (2006 [1968]) em relação aos cinco questões e problemas da mudança linguística, como as questões dos fatores condicionantes, transição, encaixamento, avaliação e implementação da mudança. Sobre isso, WLH afirmam que

[...]uma solução para a questão dos fatores condicionantes fornece uma série de mudanças dentro da qual as outras questões podem ser colocadas. À luz das repostas a estas, podemos avançar uma quinta questão, talvez a mais fundamental: a que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que as mudanças num aspecto estrutural ocorrem em uma dada língua particular numa dada época, mas não em outras línguas com o mesmo aspecto, ou na mesma língua em outras épocas? Este problema da implementação [*actuation*] pode ser considerado como o verdadeiro cerne da questão. Fica claro, portanto, que desejamos uma teoria da mudança linguística de uma comunidade complexa se transforma no curso do tempo, de tal modo que, em certo sentido, tanto a língua quanto a comunidade permanecem as mesmas, mas a língua adquire uma forma (WLH, 2006 [1968], p. 37).

Embora o nosso enfoque seja no comportamento das formas *Tu e Você* em variação, sabemos que os resultados quantitativos dos dados poderão nos auxiliar a mapear esse comportamento variável nulo e pleno. Ao observar dados de pesquisas anteriores acerca do

PB ser uma língua de sujeito nulo parcial, observamos que a variação de *Tu e Você* está encaixada tanto na estrutura da língua quanto no uso social e, por isso, para a análise quantitativa e auxiliar na análise qualitativa, utilizamos o *GOLDVARB X* (Ver seção anterior) para realizar as rodadas por cada metade de século. Logo, foram realizadas três rodadas, uma, da segunda metade do século XIX; a segunda, da primeira metade do século XX e, outra, da segunda metade do XX. Essas rodadas foram realizadas para a análise multivariada do grupo de fatores (intra e extralinguístico) em relação à variável dependente *Tu e Você*. A partir disso, iremos proceder com a apresentação dos dados estatísticos e com a interpretação dos dados a serviço da historicidade da língua.

Conforme Santos et. al. (2011), o *GOLDVARB X*, enquanto modelo de programa quantitativo de análise de dados, revela-se indispensável para os trabalhos teóricos e metodológicos em sociolinguística, pois o programa verifica o efeito relativo de cada fator nas variáveis em estudo, gerando uma projeção dos valores a partir de pesos relativos. Nessa projeção, os valores percentuais e as medidas estatísticas apontam para quais fatores em análise são significativos ou não (SCHERRE; NARO, 2003). Esse modelo de programa estatístico-computacional foi proposto por David Sankoff em 1978, intencionando implementar a proposta de Labov (2008 [1972]) quanto ao tratamento dos fenômenos variáveis (SANTOS; VITÓRIO, 2011). Diante dessa perspectiva, é essencial que a observação do funcionamento da língua seja também essencialmente estatística (quantitativa), pois a produtividade de certos elementos em detrimento de outros poderá apontar para um dos vários sentidos da mudança, ou ainda, pode desencadear vários pequenos reajustes encaixados na estrutura de uma língua, que são usados socialmente (LABOV, 2008 [1972]).

## 5 OS MODOS TRADICIONAIS DE DIZER NAS CARTAS PESSOAIS DE PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX

*O amor é uma carta, mais ou menos longa, escrita em papel velino, corte dourado, muito cheiroso e catita; carta de parabéns quando se lê, carta de pêsames quando se acabou de ler. Tu que chegaste ao fim, põe a epístola no fundo da gaveta, e não te lembres de ir ver se ela tem um “post-scriptum [...]”. – A mão e a luva, Machado de Assis.*

Neste capítulo, temos como objetivo abordar os modos tradicionais de dizer – que correspondem às TD – presentes nas cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX e XX, tendo em vista a composicionalidade do gênero carta pessoal e expressões linguísticas que possam evocar usos tradicionais de dizer que auxiliem os missivistas na escolha da forma de tratamento, *Você*, em detrimento da forma *Tu* (vice-versa); ou até mesmo, optar pela mistura de ambas as formas de tratamento em uma mesma missiva.

Sabendo-se que a historicidade do texto se constrói através de textos ditos e escritos arquivados na mente de uma comunidade, consideramos a repetição de elementos linguísticos tradicionais (seja na forma ou no conteúdo) como crucial para garantir a historicidade de modelos linguísticos orais e escritos. Por isso, no tocante às 131 cartas pessoais, observamos que a maioria das missivas possuíam um formato tradicional que remontam à Antiga Retórica. Como podemos observar, nos exemplos das cartas latinas de Cícero<sup>38</sup>, existem algumas características do composicional do gênero carta pessoal que alcançaram os séculos XIX e XX das cartas de pernambucanos:

No exemplo do quadro abaixo, Pessoa (2018) atenta para a importância da marca de pessoa verbal, pois na carta pessoal as pessoas do discurso assumem seus papéis na enunciação. Sendo assim, Pessoa afirma que há um jogo de alternância (seja eu/tu ou nós/vós) nas cartas de Cícero.

Nas cartas de Cícero há presença da saudação, captação da benevolência, cobrança para o interlocutor enviar mais missivas e, por fim, expressões formulaicas de despedida. O linguista Marlos Pessoa (2018) menciona algumas marcas do gênero carta pessoal e fórmulas presentes nas cartas de Cícero que, de um modo ou de outro, permaneceram ou foram adaptadas na composição da carta pessoal de pernambucanos dos séculos XIX e XX:

---

<sup>38</sup> Traduções livres realizadas pelo professor de história da língua e latim da UFPE, Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa. Trechos retirados das apostilas de Latim I e II ministradas pelo professor em 2018.

### Quadro 11 - Tradução da carta de família de Cícero

*Tullius S. D. Terentiae suae*  
S. v. b; e. v. Da operam ut convalescas, quod opus erit, ut res tempusque postulat, provideas atque administres,  
et ad me de omnibus rebus quam saepissime litteras mittas. Vale.

#### TRADUÇÃO

Túlio (Cícero) saúda a sua Terência (mulher de Cícero)  
Se vais bem; eu vou bem. Te esforça para que convalesças, porque é necessário, como as coisas e o tempo exigem, te precavenha e administres, e me envies cartas sobre todas as coisas muito mais frequentemente.  
Adeus.

Fonte: (PESSOA, 2018)

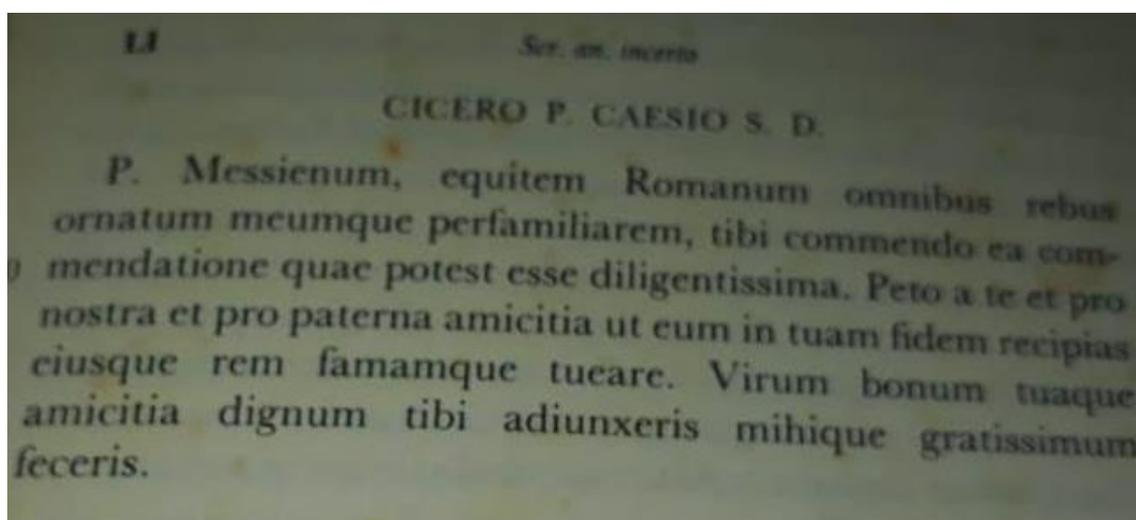
- **Marcas do gênero carta pessoal (PESSOA, 2018, p.1):**

- I. Textualidade –
  - a) no alto da missiva há a pessoa que escreve e depois aquela a quem se escreve;
  - b) aparecem abreviaturas (S., S. D., etc.) que expressam o vocativo;
  - c) aparecem outras abreviaturas (s. v. b., e.v.), que expressam saudação;
  - d) o corpo do texto;
  - e) a despedida (vale).
- II. Fórmulas –
  - a) Em “*Tullius S. D. Terentiae suae*”, temos S. D. como abreviaturas de “*salutem dicit*” (salutem acusativo de dicit) e “*Terentiae suae*” (dativo) = Túlio saúda sua Terência.
  - b) Na saudação, temos a abreviatura “s. v. b; e. v.” (si vales bene, ego valeo) = se estás bem, eu estou bem). Valeo/valere = estar bem de saúde
  - c) Na despedida, temos o “vale” (adeus)
- III. Formais verbais –
  - a) Imperativo presente: uso do imperativo “Da”, do verbo “do” (dare);
  - b) 2ª pessoa do presente do subjuntivo: “[...] as formas do subjuntivo presente (PS) precedidas da conjunção **ut**: convalescas, provideas, administres, mittas. Como Túlio Cicero escreve para a filha, é claro que ele usa a 2ª. pessoa singular, aquela com quem se fala. Marca –s [...]” (PESSOA, 2018, p. 2).

A ação de cobrar mais cartas, de saudar, captar a benevolência e de se despedir utilizando-se de expressões formulaicas é constantemente empregada nas cartas dos

missivistas pernambucanos dos séculos XIX e XX, como veremos ao longo da análise. Para além dessas questões, os assuntos das missivas englobam notícias sobre si e outros, assuntos políticos, acontecimentos importantes e recomendações. Também são recorrentes esses assuntos nas cartas de Cícero e os próprios modos de dizer tradicionais, como o pedido como voto de amizade, mostrar ser íntimo da pessoa recomendada ao amigo interlocutor; além de haver um emolduramento da missiva com expressões formulaicas de vocativo, saudação, despedida e, por vezes, assinatura. Na carta de recomendação, há presença da saudação, vocativo, recomenda-se alguém de confiança ao interlocutor, mensagem rápida, etc.

**Figura 14** - Carta de Cícero retirada de M. Tulli Cicerones Epistolae. Vol. I Epistolae ad Familiares.



Fonte: (Oxford University Press, 1982)

### Quadro 12 - Tradução da Carta de Cícero

#### TRADUÇÃO

Dotado de muitas qualidades.

Cícero saúda P. Caesio

Te recomendo P. Messieno, cavaleiro romano dotado, muito íntimo meu, com essa recomendação que pode ser muito zelosa. Peço a ti e pela nossa e paterna amizade que o recebas na tua confiança e defendas a causa e a reputação dele. Agregarás a ti um homem bom e digno de tua amizade e me farás muito grato.

Fonte: (MARLOS, 2018)

Por conseguinte, o formato tradicional da composição da carta está presente na carta de amigo, de família e de amor inserido em um conjunto de tradições internas ao gênero, conforme podemos observar os exemplos seguinte:

### Quadro 13 - Composicional das cartas pessoais conforme Castilho da Costa

Modelo recorrente de composição da carta pessoal	Século XIX – CA08	Século XX – CA17
<b>Local e data</b>	Rio de Janeiro, 23 de julho de 1888.	Recife, 25 de Abril de 1937.
<b>Saudação</b> ( <i>salutatio</i> )	Meu caro José Mariano,	Meu muito caro Decio Silveira:
<b>Captação da benevolência</b> ( <i>captatio benevolentiae</i> )	Afinal, dirá <i>Você</i> o Nabuco  me escreve! Mas na guerra  como na guerra, até hoje  não tenho descansado e assim  se não nos escrevemos é porque  estávamos trabalhando juntos  pela mesma causa.	Tendo ido a São Paulo e não podendo ver <i>Você</i> , por estar ausente da ca-pital, tive uma impressão parecida a de haver ido a Paris, sem visitar o Louvre; á Nápoles sem conhecer Pompeia; á Lisboa sem subir até Cintra; á Hollanda sem  admirar suas tulipas [...].
<b>Texto</b> ( <i>narratio</i> )	O Beltrão entretanto com quem <i>Você</i> se corresponde disse me  hoje na Camara que <i>Você</i> havia-lhe  manifestado contentamento por  ter me eu declarado contra o  Ministerio. É preciso á vista  d'isto que eu lhe [init.] para  <i>Você</i> conhece bem a minha attitude.   Essa não mudou. Eu estou hoje  onde estava hontem. Combato o  João Alfredo no terreno dos Ban  cos Hypothecarios como o susten  tei no da abolição pelos mesmos  motivos. Estou longe porem de  querer derribar de qualquer  forma juntando-me com os reac  cionarios escravistas. Se elle quizer  cair, cá com os olhos abertos[...].	[...]O que, porém, vem me causando estranheza, confesso, é o seu silencio   inexplicavel para commigo. Dahi, mandei-lhe um telegramma para o Hotel   Central, em Lambary: deixei-lhe, no Fagundes, um exemplar de “Senhora de En- genho”, onde os nossos espiritos, com tantas afinidades, se reuniram em prefa  cio e romance, e ... até hoje nem mais uma daquellas cartinhas suas tão esperadas e tão affectuosamente lidas[...].
<b>Pedido</b> ( <i>petitio</i> )	Levante-se, meu caro  amigo e comande!	<i>Você</i> quando se resolve a dar um passeio até o Recife?
<b>Despedida/Conclusão</b> ( <i>conclusio ou peroratio</i> )	Minhas recom- mendações a D.   Olegarinha [...] A abolição desatou muitos laços  submergiu muitas posições, trans  formou tudo e abalou todos.   Estou certo porem que ella não  fez senão tornar-nos a nós  dois ainda mais <u>unos</u> do  que eramos. Mil saudades do	Não preciso   lhe repetir que estarei sempre ansioso de acolhel- o.   Por hoje só. Vamos a ver si <i>Você</i> agora me escreve: Abraçe com affecto e gratidão o

Assinatura (*subscriptio*)

Joaquim Nabuco

M. Sete

Fonte: (CASTILHO DA COSTA, 2012, p.151)

Como já mencionado, a maioria das missivas obedecem ao formato composicional exposto na tabela acima, entretanto, as cartas que têm como assunto convite, negócios, breves relatos sobre política ou viagem, não seguem o formato da tabela apresentada acima. Foi observado que isso ocorreu principalmente nas cartas de amigo do século XIX e XX. A título de exemplificação, temos a carta de Joaquim Nabuco ao amigo Adolpho, escrita na segunda metade do século XIX:

**62. Meo Caro Adolpho**|| Mando-lhe uma carta para o Pranaguá, que| **Você me fará o favor** de entregar-lhe, a copia da mesma| carta para a imprensa. Peço-lhe que torne publico|o meo prothesto contra o novo trafico de ingenuos que| começa|| **Eu desejava que Você reorganizasse** n'uma Sessão| a Sociedade Brasileira contra a Escravidão. Somos | um comité abolicionista, nem queremos ser outra| coisa. **Você**, o Serra, o Alencastro, o Gusmão Lobo, o Clapp,| o velho Barreto, o José Américo, o Rebouças, o Nicolao| Moreira, <^> o Marcolino e mais outros.Bastam para constituir a | sociedade. **O que eu quizera é que uma vez por mez| pelo menos Vocês fizessem uma reunião de Junta| e publicassem** a acta- e que despertassem nas provin-| cias o espirito abolicionista por comités seme-|lhantes|| O Rebouças aqui está de perfeita saúde. Eu| tenho mil saudades do nosso Brazil, mas não vejo| quando poderei para lá voltar, o que muito me aflige| Se eu pudesse viver ahi independente – partiria ama-|nhã mesmo. **Abrace por mim todos os nossos bons |amigos e nunca se esqueça de que tem em mim| um amigo firme e dedicado.**| Seo do Coração. [assinatura] (CA08).

A missiva exemplificada em (62) tem por objetivo passar uma mensagem rápida sobre instruções sobre o comitê abolicionista e a solicitação de favores ao amigo e, por isso, como podemos observar, embora a missiva possua quase todos os elementos da composição estrutural de uma carta, como a saudação (que abriga o vocativo), o pedido, o narratio (indicando o estado das coisas e dos seus “[...]O Rebouças aqui está em perfeita saúde[...].”(CA08)); a carta não apresenta uma captação da benevolência antes de introduzir o narratio. Percebemos então uma simplificação na estrutura composicional na carta CA08, pois a finalidade comunicativa é passar uma informação rápida e, por isso, o missivista saúda o interlocutor e, logo, realiza o pedido, unindo a captação da benevolência ao desfecho da carta, através do apelo emocional, a fim de indicar uma relação igualitária, solidária (CASTILHO DA COSTA, 2012; BROWN; GILMAN, 1960).

Conforme Costa, Silva e Gomes (2018), essa “instabilidade” apresenta-se em algumas cartas, por serem curtas e com uma finalidade muito específica, quando os correspondentes passam a focar na passagem de mensagens rápidas. Isso corrobora o que defende Bakhtin (2003), uma vez que os gêneros do discurso estarem inseridos em práticas sociais, a forma e o

conteúdo dos gêneros não são estáticos e podem ser modificados, readaptando-se ao longo do tempo. Portanto, os gêneros são “tipos relativamente estáveis” (BAKHTIN, p. 279). Por isso, foi bastante comum encontrarmos missivas que apresentavam, como em (63) a instabilidade em sua composição estrutural:

### 63. Carta CA01:

**Local e data:** Não apresenta local, apenas o ano de 1867

**Saudação:** Barrinhos

**Captação da benevolência:** Não apresenta

**Desenvolvimento do texto:** Ahí são os estatutos do Atheneo e do culto a scien\_] cia para que organises os 10 artigos[ inint] || [...] Estou *decididamente* /maníaco pelos livros. O que eu leio agora me diz| que eles são nossos melhores amigos.

**Pedido:** [...] Convida a todos amanhã ás 6 *horas.*| se quiseres passar á noite por aqui, vem para con|versarmos e fazermos um passeio [...] Precisa-|mos combinar n'uma cousa: apareça|~~Manda-me~~

**Despedida/Conclusão:** Teo || Amigo Certo

**Assinatura:** Joaquim Nabuco

A carta **CA01** de Joaquim Nabuco para o amigo Barrinhos, não diferente de outras cartas que não seguem estritamente a estrutura composicional do gênero analisado, tem como objetivo passar uma mensagem e informações rápidas e, nesse sentido, o missivista apenas destacou o ano, dispensando local e, por conseguinte, dispensando também a captação da benevolência do interlocutor. A captação da benevolência e a saudação, juntas, constituem o *exordium*, isto é, representa o início da missiva. Segundo Castilho da Costa (2012) esse *exordium* pode vir a ser simplificado na carta pessoal, podendo apresentar “[...]as seguintes partes da carta pessoal: *salutatio, exordium, narratio e conclusio* (saudação, data e assinatura).” (CASTILHO DA COSTA, 2012, p. 151). Nesse sentido, a conclusão e a saudação seriam adaptadas, deixando de, por vezes, apresentar o pedido, a despedida ou recapitulação, geralmente, presentes na conclusão.

Diante do que foi apresentado, seguiremos com a análise dos modos de dizer tradicionais presentes nas cartas de pernambucanos e, para isso, separamos os tópicos por século e por subgênero da carta pessoal. Ao investigar os diferentes modos tradicionais de dizer presentes no corpo da carta pessoal, atentamos para as relações entre amigos, familiares e entre noivos ou namorados, buscando observar o que as relações igualitárias (ou solidárias) e assimétricas podem evocar de marcas de tradição discursiva. Acreditamos que essas marcas da natureza do texto podem ser perceptíveis através do emprego dos pronomes e, dessa maneira, analisamos as missivas observando os modos de dizer tradicionais da abertura da

carta (a saudação, o vocativo), da captação da benevolência; do desenvolvimento do texto, de despedida, da assinatura. Sempre observando também elementos linguísticos que fazem referência à variação entre *Tu e Você* pleno ou nulo (COSTA, SILVA, GOMES, 2018).

### 5.1 OS MODOS DE DIZER TRADICIONAIS DAS CARTAS DE AMIGO E FAMÍLIA DE PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XIX

Conforme Silva (2018) destaca, os missivistas empregam nas cartas modos de dizer tradicionais que se aproximam mais de uma relação comunicativa face a face, denominada por Koch e Oesterreicher (1996, 2006) de proximidade comunicativa. Silva (2018) ainda ressalta que é justamente a proximidade comunicativa que revela a carta pessoal como um gênero “[...]panorâmico de transições linguístico-discursivas no contexto pernambucano” (SILVA, 2018, p. 17). Nessa direção, Castilho da Costa (2012, p. 151) afirma que são traços típicos de proximidade comunicativa: “[...]a familiaridade com que interlocutores se tratam, a privacidade da comunicação (quer dizer, busca-se um público restrito) e a forte implicação emocional.”

As cartas de amigo da segunda metade do século XIX do nosso *corpus* pertencem a Joaquim Nabuco, líder abolicionista, jurista e político brasileiro, que nasceu em Recife em 19 de agosto de 1849 e veio a falecer em Washington, em 17 de janeiro de 1910. As cartas de Joaquim Nabuco compreendem a década de 1867 (tendo ele 18 anos) a 1896 (entorno de 47 anos de idade). De modo geral, as cartas de amigo do século XIX têm como temática principal assuntos acerca de política, abolição, viagens e convites. Nesse sentido, destacamos algumas aberturas (saudação) das cartas abaixo:

#### **64. Expressões de abertura (saudação) da carta de amigo do século XIX:**

- a. Meo caro Barros (CA06)
- b. Meo Caro Adolpho (CA07)
- c. Meu Caro Salvador (CA04)
- d. Meu caro Alberto (CA05)
- e. Meu caro José Mariano (CA08)
- f. Barrinhos (CA01)

O uso de possessivos e diminutivos no vocativo (ou saudação) aparece com frequência tanto nas cartas de amigo quanto nas cartas de família do século XIX. Nos exemplos acima destacados, percebemos uma grande intimidade, apesar do assunto das cartas ser sobre política ou convite, na escrita das missivas direcionadas ao amigo Barros. Essa intimidade é evidenciada, no primeiro momento, por, na saudação, empregar-se o nome do correspondente no diminutivo, o que não ocorre em outras missivas.

Temos como exceção às cartas de Joaquim Nabuco apenas uma carta de outro missivista, a carta de amigo de João Gonçalves para o pernambucano Arthur Orlando. O que se sabe é que os dois eram amigos e aliados políticos. Na carta, o remetente inicia a saudação usando o segundo nome do destinatário e encurta a parte de captação de benevolência:

**65. Saudação da carta de amigo do século XIX:** “Orlando[...]” (CA10)

**66. Breve captação da benevolência:** Ultimamente não tenho recebido cartas suas l além das que acusei (CA10).

Durante toda a carta João Gonçalves trata Arthur Orlando de maneira igualitária, empregando a forma *Você* e o possessivo de 3ª pessoa do discurso (“seu”). Manda notícias sobre acontecimentos políticos e avisando que não tem recebido cartas do amigo. O remente da missiva se direciona ao correspondente apenas citando o segundo nome uma única vez (Ver exemplo 63) e, a partir disso, transcorre a carta. Segundo Castilho da Costa (2012, p.154), tanto a abertura quanto o fechamento da carta “são a expressão da construção de um relacionamento”[...]. Diante disso, podemos dizer que na carta de amigo de João Gonçalves – e em outras missivas que tenham a finalidade de passar mensagens rápidas e informações sobre acontecimentos – são a abertura e o fechamento que cumprem a função demonstração do estabelecimento da amizade, intimidade, como podemos ver no fechamento (conclusão, despedida e assinatura) abaixo.

**67.** Os seus gosam saúde. l Recummende-me a sua *Excelentíssima Senhora* e desponha do ll *Amigo* certo. || João Gonçalves. (CA10).

O mesmo caminho das cartas de amigo enviadas por Joaquim Nabuco, seguem as cartas de família da segunda metade do século XIX, pois os missivistas Izabel Maria Fragozo, sogra de Arthur Orlando da Sila, e José Mariano Carneiro da Cunha fazem uso recorrente de possessivos, adjetivos e diminutivos na construção do relacionamento na abertura da carta. A diferença reside na relação de assimetria do interlocutor que envia a missiva para os destinatários, pois são missivas escritas de pai ou mãe para seus filhos (Ver os exemplos seguintes).

**68. Expressões de abertura (saudação) da carta de família do século XIX**

a. **Minha** Filha (CF01)

b. **Minha** Filha (CF02)

c. **Minha** Filha (CF03)

Através dos exemplos acima expostos, percebermos uma recorrência no modo de realizar a saudação na abertura da carta. Em termos gerais, mãe e filha compartilham assuntos sobre si, saúde dos familiares e lembranças para os seus parentes. As mensagens enviadas por Izabel Fragoso são rápidas e conservam um certo grau de distanciamento, ainda assim, a intimidade se estabelece na captação da benevolência (69) e na temática livre do *narratio*<sup>39</sup> (ou desenvolvimento do texto), como podemos ver em (70).

69. [...]Todos os dias espero receber car- | ta sua perguntei a Joãosinho | disce elle q' voce a muito não | escreve a elle q' já se esqueceo de | escrever não basta o cuidado | q' tenho em Eduardo. (CF01)

70. [...] Continuo | em caza de Sinha não tenho po | dido alugar uma caza com | dições em que Doutor quer, acaza deve ser em beiramar para mim tem | sido custoso, hai outra razão | que eu não heide hir. Só Generosa | tinha tratado devir porem | **deu em beber não vale nada** [fol. 1v] estou vendo se encontro ou- | tro o que é bem custozo em O- | linda se encontra criados. (CF01)

Ademais, observamos que nas cartas de Izabel Maria Fragoso uma oscilação no modo de assinar as missivas. Os diferentes modos de assinar evidenciam uma sinalização de possível não manutenção dessa tradição mesos em uma relação de relativa intimidade e, isso, pode ter relação com a própria assimetria descendente dessa relação mãe-filha, como em (70) e (71). Nesses dois exemplos há uma relativa manutenção do modo de despedir-se.

### 71. Expressões de despedida e assinatura da carta de família do século XIX

a. Todos ficamos de saude e | todos mandão muitas lem | branças Pupu fica de saude | manda muitos beijos Papai | e amamãe e abelua e muitos | abraços atodos e de sua mãe | as saudades que nunca terafim | Lembranças a [Sianinha] **Izabel M<sup>a</sup> Fragoso (CF01)**

b. Todos mandam | lembanças. Pupuzinha manda muitas | saudades a Papai e a mamãe [inint.] | [fol. 1v] [mui]tos abraços. Lembranças de | seus manos e muitas saudades de | sua mãe || **Izabel Fragozo ||** Deis lembranças a [Sianinha] | Ubaldo manda lembranças | a todos. (CF02)

Dando prosseguimento, José Mariano Carneiro da Cunha, pernambucano abolicionista e político, nas cartas para a filha emprega o uso de possessivos, adjetivos e diminutivos. Esse modo de dizer recorrente na escrita de José Mariano tem forte implicação emocional através das expressões utilizadas. Sendo assim, tanto a saudação quanto a despedida emolduram a carta com a finalidade de estabelecer intimidade e simetria na relação entre os interlocutores,

<sup>39</sup> Sobre a temática livre no *narratio*, ficará mais claro na carta do século XX remetida da filha para a mãe, Izabel Maria Fragoso.

embora seja uma relação assimetria descendente, isto é, uma carta remetida do pai para a filha.

### 72. Expressões de saudação na carta de família do século XIX:

- a. Minha querida filhinha | Yayá. (CF04)
- b. Querida filhinha Yayá. (CF05)

### 73. Expressão de despedida na carta de família do século XIX:

[...] Adeus *minha filhinha*. Não | deixa de mandar-me sem-| pre noticias de Olegario. | Aceitem a *minha* benção || **Teu pae do coração** || J. Mariano (CF04)

Além disso, as cartas de José Mariano para a filha são iniciadas com cobranças para enviar mais cartas, ou ainda, avisando quais as datas das cartas que as recebeu ou enviou, correspondendo a captação da benevolência, no interior do *narratio*, como em (74(a) e (b)).

### 74.

- a. Tenho recebido apenas | três cartas tuas -, uma | de 6 de junho no dia 20 | e ante-hontem as | de 24 e 36 de junho que | vieram no *mesmo* envelope | e a de 3 de julho. Li | outras que teus escriptos | não tenho recebido. A | *minha* ultimas, se não me | engano, foi a 15 de ju-| nho, por intermedio de Galhardo. Depois disso, | por causa dos atropellos | [fol. 2] do serviço da fazenda | onde tenho estado qua- | si sempre e perdi as ma-| las de outros vapores. (CF04)
- b. Escrevi-te a 21 deste pelo “Cor-| delliere” e hoje novamente es-| crevo-te pelo “Magdalena” para | dar-te a compensação de não | teres recebido cartas pelo Da-| nubé. É mesmo cumpro a pro-| messa que te fiz em *minha* ulti-| ma carta de te escrever sem-| pré. || Recebi hontem uma cartinha tua, sem data, mas que pro-| vavelmente devia ser de 19 ou | 20. || A esta hora já deves estar | mais satisfeita porque já | terá recebido a carta que | foi pelo Cordelliere. (CF05).

Retornando à análise das cartas de amigo do século XIX, no que diz respeito a captação da benevolência do interlocutor, as cartas de amigo de missivistas pernambucanos têm como particularidade forte caráter emotivo em seus modos de dizer permeados de adjetivos e advérbios que auxiliam na exacerbação de sentimentos através de expressões para descrever algum acontecimento ou opinião.

### 75. Captação da benevolência nas cartas de amigo do século XIX

- a. Acabo de ter a **triste** noticia que| dá hoje o Jornal e mando-te| as **minhas** mais **sentidas**| saudades de amigo n'este| **cruel** transe de tua vida. | O laço que te prendia a| teu pai era mais **profundo**| e **complexo** do que costuma| ser a affeição filial (CA09)
- b. Ultimamente não tenho recebido cartas suas | além das que acusei. (CA10)
- c. O anno começa bem para mim porque | recebi hontem a tua carta. (CA06)

A implicação emocional das expressões contribui para firmar a relação de amizade estabelecida entre os correspondentes e, portanto, contribui para constituir a proximidade comunicativa, pois a partir de expressões que indiquem o estado emocional do missivista em relação com quem se fala, o interlocutor poderá presumir sentimentos de empatia, tristeza, alegria, amor, saudade, raiva, etc. As cartas que tratam de assuntos rápidos, como algumas de Joaquim Nabuco, simplificam o formato composicional e a captação da benevolência acaba por aparecer, por vezes, através de um convite.

**76. a.** Como eu tenho hoje a noite tomado por| um compromisso anterior e o Saldanha| só chegou esta manhã, não posso convi-|dar-te senão para jantar commigo- quando| esperava poder ler-te depois o meu| drama (CA04).

**b.** Ahí são os estatutos do Atheneo e do culto a scien\_| cia para que organises os 10 artigos[ inint] || Convida a todos amanhã ás 6 horas.| se quiseres passar á noite por aqui, vem para con|versarmos e fazermos um passeio (CA01).

Esses convites aparecem no começo das cartas desse correspondente pernambucano do século XIX e, por ser uma carta curta, tem o *exordium* simplificado e, então, a carta já se inicia como uma espécie de captação de benevolência e *narratio*. Sabemos, pois, que o *narratio* é o desenvolvimento da carta e que abriga a narrativa de acontecimentos e informações sobre o estado das coisas, como em (77 (a) e (b)). No *narratio* percebe-se também que acaba abarcando, por vezes, outros gêneros, funcionando como uma espécie de jornal (77 (b)).

**77. a. Morte de um amigo ou ente querido:** Infelizmente | estou sob a terrivel impressao da morte | do Gambetta. Lembras te dos nossos | tempos da Academia? Do entusiasmo | que nos causava a leitura dos ultimos | actos [ilegível] politicos do Imperio - | a estréa de Gambetta, o discurso do | Plebiscito, a guerra ainda depois | de Metz ! Enfim, a morte representa | ha ' muito esse mesmo papel ; somos | nós que demasiado o esquecemos e | temos fe ' na vida (CA06).

**b. Notícias políticas:** Seguio para o Rio o Capitão Rego Barros que vai de- l por no processo de José Mariano ll Elle aqui veio buscar a familia, mas fez crer que l vinha em commissão em busca de documentos con- l tra o Barbosa, para por este meio obtel-os mais l facilmente, como aconteceo (CA10).

A autora Castilho da Costa (2012, p. 161), fundamentada em Schronder (2007), afirma que a carta tem como principal papel o estabelecimento da amizade e, nesse sentido, escrever cartas é corresponder a regras determinadas. Por isso, destacamos abaixo uma das regras apresentadas pela autora representadas nos exemplos que encontramos nas cartas de amigo do século XIX, no interior do *narratio*.

**78. Caritas – a obrigação de elogiar a obra lida do amigo:**

Meu caro Alberto, || Muito obrigado pelo seu volume, cuja duplicata expedi ao meu a- | migo Rio Branco. || Eu tinha lido o exemplar do Dantas, de uma assentada, como o | C. de Laet. O Gaspar está muito penhorado com as sua palavras a | respeito delle. É inútil repetir-lhe quanto divirjo do seu ideal, | dos métodos *Você é* | um monarchista que não se conhece a si mesmo, ou por outra que to- | ma certos impulsos literarios de sua intelligencia por verdadeira característica do seu tempo. || Lamento político em vez de tomar os instictos profundos do | seu coração. Um desses Catolicos que se julgam atheus e só se sen- | tem religiosos em face de morte, isto é, a primeira que enca- | ram o problema face a face. O fermento litterario ou a fermenta- | ção do meio, não se confunde com o sentimento que brota das fon- | tes da vida. Lamartine republicano de 1848, o que foi? Agora está | se vendo o que foi Michelet (!) e todo o mundo sabe o que V. Hugo | era quando era só poeta. Monarchistas, meu caro, como V. *Exelência*. o seu livro | (que revela uma tendencia para a reconsideração do caminho feito | e da direção seguida) torna isso evidente para mim. Literariamen- | te **falando o que *Você* escreveu é a única medida verdadeira e exata | que *Você* deu até hoje das proporções e da flexibilidade, da sua vida- | de do seu talento e sinceramente o felicito[...]** (CA05).

Ainda que o missivista tenha tecido críticas à obra lida, ele não deixa de elogiar a obra do interlocutor. Outras regras devem ser seguidas, como exprimir modéstia, mostrar interesse pelo interlocutor, lembrar que as missivas podem ser extraviadas, mas, a primeira delas, é a obrigação em responder a carta que foi recebida, como temos as reclamações que temos vistos nas cartas. Ao decorrer das seções, iremos mostrar algumas dessas regras de interação estabelecidas entre os correspondentes pernambucanos. Em (78) assim como em outras cartas, a forma de tratamento *Você é* escrita com letras maiúsculas. Isso pode indicar um conservadorismo do caráter cerimonioso dessa forma de tratamento. O exemplo acima refere-se a uma carta de fins do século XIX, trocada entre amigos de vida pública e, portanto, embora o tratamento seja igualitário, conserva-se um tratamento altamente respeitoso.

Diante o exposto, ao direcionarmos o olhar para as missivas de família e amigo do século XIX, percebemos que, no desenvolvimento da carta, os missivistas, por meio de expressões modalizadoras (com o uso do subjuntivo), ou ainda, o uso de imperativo, em um dado momento da missiva, tem intenções de pedir ou indicar que o destinatário realize algo que o missivista deseje, igualmente mostram os exemplos em (80) e (81).

### 80. Expressões de pedido em cartas de amigo do século XIX

- a. [...] **Peço-lhe** que torne publico|o meo prothesto contra o novo trafico de ingenuos que| começa[...] (CA07).
- b. [...]Mas como tu és bom pai de| família e **não te custa deixar** nehuma| companhia as dez horas para voltar|[ fol.1.r]para casa, **se quiser** dar-me o | prazer de estares aqui ás sete horas| hoje – nos jantaremos[...] (CA04).
- c. [...]A carta junta ***Você* remeterá** para Santos (CA10).

### 81. Expressões de pedido da carta de família do século XIX

- a. [...] **Manda** dizer todos como tem passado. [...] Pupuzinha **manda** muitas | saudades a Papai e a mamãe [...] (CF02).
- b. [...] **Mande** dizer <↑voce> como tem | passado e Belluquinha e *Doutor* Orlando | **não deixe** de escrever dando noticia | izata[...] (CF03).
- c. [...] **Não deixes** de me es-|crever sempre. [...] **Não** | **deixa** de mandar-me sem-| pre noticias de Olegario. | **Aceitem** a *minha* benção[...] (CF04).

A conclusão das cartas de amizade do século XIX é bem diversificada com a presença de expressões formulaicas de despedida (82 (a)), de expressividade emocional no uso linguístico, em 82 (a) e (b), e votos (83).

### 82.

- a. **Adeus**, meu querido Amigo. | Eu que passei por um golpe | igual sei o que é essa primeira | morte que se morre na | vida. **Do teu Velho Querido** || Joaquim Nabuco. (CA09).
- b. Soa muito incon [ilegível] | como sabes, mas nunca mudei de principios | nem de amidades. **Teo sempre o mesmo** || Joaquim Nabuco (CA06).
- c. Cada dia | mais eu te invejo - fazendo **votos** para que | não voltes tão cedo á esta <↑capital>do café. [inint.] à Voz || **Joaquim Nabuco** (CA02).

Todas as cartas acima são do missivista Joaquim Nabuco para diferentes interlocutores. Nesse sentido, o remetente adequa o fechamento da missiva de acordo com a finalidade comunicativa. Enquanto nos exemplos 82 (a) e (b) há forte implicação emotiva, demonstrando sentimentalidade e compadecimento pelo outro (este último caso em 82 (a)), já em (b) o remetente é mais objetivo não formula uma expressão de despedida e, logo após, finaliza com a assinatura. É notado que as expressões de despedida, quando há, são carregadas de expressividade e carregam o compromisso de firmar o estabelecimento da amizade (CASTILHO DA COSTA, 2012). Diante desse fato, o uso de possessivos e adjetivos ressaltando valores ou a si (como em “**Do teu velho querido**”, ou ainda, em “**Teu sempre o mesmo**”), indica a intimidade e a relação de uma amizade duradora.

Na carta de João Gonçalves, ao nos voltarmos para despedida, encontramos a mesma expressão formulaica de despedida do exemplo 82, “**Amigo certo**”. Para além disso, a presença de verbos como recomendar, mandar e lembrar aparecem como modos tradicionais de dizer, geralmente no fechamento do texto, nas missivas do século XIX. Essas modos tradicionais de dizer não são escolhidas livremente no acervo da língua, mas sim são reproduzidas ou repetidas de modelos linguísticos já anteriormente conhecidos, assim também atesta Castilho da Costa (2012). Sendo assim, o verbo recomendar presente no exemplo 83 da

**CA10** é evocado no contexto de querer transmitir cumprimentos ao coenunciador, seja de terceiros ou, ainda podendo ser o coenunciador do próprio remetente.

### 83.

- c. *Amigo certo* || João Gonçalves (**CA10**)
- d. Os seus gosam saúde. | **Recummende-me** a sua *Excelentíssima Senhora* e desponha do || **Amigo certo** || João Gonçalves (**CA10**)

Por fim, após apresentar na despedida um apelo às emoções, lembranças, pedidos, conselhos e cumprimentos, o enunciador finaliza a carta com uma expressão formulaica, que também indica emotividade e, finalmente, coloca o ponto final após a assinatura ou rubrica.

### 84. Expressões formulaicas de despedida e assinatura da carta de amigo do século XIX:

- a. Todo teu| *Joaquim Nabuco*.| Buckingham (**CA04**)
- b. Teo sempre o mesmo || *Joaquim Nabuco*. (**CA06**)
- c. Teo || *Amigo Certo*|| *Joaquim Nabuco* (**CA01**)
- d. Seo do Coração. [assinatura] (**CA07**)

Dessa maneira, os interlocutores das missivas de família e amigo do século XIX se utilizam de diversos modos de dizer tradicionais, os evocando, repetindo e, também, os atualizando de acordo com a finalidade comunicativa da carta e de acordo com a relação estabelecida entre enunciador e interlocutor, isto é, entre remetente e destinatário. Sendo assim, vimos que a escolha por esses modos tradicionais de dizer recorrentes não é aleatória, mas sim estão arquivadas na memória e no contexto social da época através de formatos e expressões de textos escritos anteriormente.

Nesse sentido, o estabelecimento da amizade tem papel fundamental entre o tempo de escrita e espera de resposta, por isso, o vimos a todo momento atuando desde abertura ou saudação, na captação da benevolência, no desenvolvimento do texto, na despedida e, até, nas expressões que precedem a assinatura. Isso demonstra que é o estabelecimento da amizade (ou *amicita*, conforme SCHRONDER, 2007, p. 150) que, através de elementos linguísticos que envolva o correspondente e o mantenha em uma relação de intimidade, atua na proximidade comunicativa das cartas pessoais. A manutenção de relação de intimidade e de proximidade comunicativa é concretizada a partir do cumprimento da regra interacional tradicional em responder a carta recebida. Portanto, a resposta é esperada e, com isso, o missivista espera não apenas ter sido lido, mas correspondido em todos os sentidos da palavra.

Assim, prosseguiremos analisando os modos de dizer tradicionais das cartas de amigo e família do século XX, procurando observar, o que, de igual modo, foi observado nas

missivas do século XIX: quais elementos compõem o formato composicional do gênero (elementos da saudação, desenvolvimento, despedida, conclusão) e, também, como esses elementos atuam no estabelecimento da amizade e proximidade comunicativa na carta pessoal do século XX.

## 5.2 OS MODOS DE DIZER TRADICIONAIS DAS CARTAS DE AMIGO E FAMÍLIA DO SÉCULO XX

Os modos de dizer tradicionais das cartas de amigo e família do século XX nos mostram algumas pequenas oscilações em relação às cartas de amigo e família do século XIX. Nas cartas do século XX, podemos ver com mais clareza alguns conjuntos de tradições além do gênero, ou seja, diferentes conjuntos de tradições presentes nas interlocuções de missivista para missivista, dependendo da relação existente entre eles.

Em relação ao contexto de produção das missivas, no século XX, o Brasil passa por intensas transformações, mais especificamente, o estado de Pernambuco é marcado por intenso e acelerado processo de urbanização e industrialização. De acordo Silva (2018), no século XX houve mudanças consideráveis no que diz respeito à acontecimentos históricos e sociais

No contexto brasileiro, passamos por um acelerado processo de urbanização e internacionalização da economia, principalmente a partir da década de 1930, com a Era Vargas. O Brasil viveu 21 anos de regime militar e foi regido por seis constituições no século XX. Linguística e textualmente, o Brasil passou por várias mudanças ao longo do século XX. Ao todo, no país, houve duas reformas ortográficas: em 1943 e em 1979. Várias mudanças no português brasileiro foram ocasionadas por estrangeirismos, neologismos e gírias (SILVA, 2018, p. 63).

Diante desse contexto de produção, de modo geral, as cartas de amigo da primeira metade do século XX abarcam assuntos relacionados à política, ao estado das coisas, à apresentação de terceiros, à tentativa de reaproximação de uma amizade, ao falecimento de terceiros, a falta de tempo e dinheiro, à solicitação de empréstimo. As cartas de amigo da segunda metade do século XX também preservam em sua constituição assuntos políticos, notícias sobre si, notícias sobre o interlocutor e sobre familiares e amigos do remetente ou de terceiros, recomendações, lembranças, elogios, etc.

Por conseguinte, nas cartas de família do século XX, os correspondentes abordam assuntos como notícias de familiares, pedido à família sobre informações de documentos, informações sobre o recebimento de correspondência conteúdo notícias dos parentes, demonstração de afeto e saudades da família, envio de condolências sobre o falecimento de parentes, notícia sobre encomendas solicitadas, notícias de viagens.

Essas missivas se diferenciam das do século XIX, pois, ao longo do século XX, vamos percebendo nas escolhas de tratamento que as relações (igualitárias ou hierárquicas) vão se transformando e, cada vez mais, a forma *Você* vai sendo usada de forma generalizada no PB, para indicar o grau de intimidade da relação igual a forma de segunda pessoa do singular. Diferentemente do que ocorre no PE, que até hoje, em algumas regiões, tratar por *Você* chega a ser ofensivo, por já haver uma relação de maior intimidade, teria que se utilizar a forma de tratamento *Tu*.

Dessa maneira, avançaremos analisando os modos de dizer tradicionais das cartas de amigo e família do século XX, analisando os principais elementos que compõem o formato composicional do gênero (elementos da saudação, desenvolvimento, despedida, conclusão). De igual modo, observamos como esses elementos atuam no estabelecimento da amizade e proximidade comunicativa na carta pessoal do século XX.

Por questão de organização, ao abordarmos a análise de cada parte da estrutura composicional das cartas, iremos ponderar em cada uma delas (abertura, desenvolvimento, conclusão) primeiramente sobre as cartas de amigo do século XX e, logo após, sobre as cartas de família do século XX.

Utilizamos para a composição do nosso corpus 6 cartas de amigo da primeira metade do século XX e 4 cartas de amigo da segunda metade do século XX. Nas cartas de amigo do século XX, na primeira e segunda metades, percebe-se uma leve oscilação no uso de modos tradicionais de dizer de vocativo ou saudação da carta em relação às cartas do século XIX. Isso ocorre sobretudo por cada carta do século XX ter um autor diferente, tendo, portanto, modos tradicionais de dizer que, por vezes, se diferenciam um do outro e também podendo se diferenciar um pouco de tradições do século XIX, atualizando-as.

#### **85. Expressões de abertura (saudação) da carta de amigo da primeira metade do século XX**

- a. Arnaldo, **meu grande amigo** (CA15)
- b. **Meu caro** Arnaldo (CA16)
- c. **Borba** (CA14)
- d. **Meu caro** Paranhos (CA12)
- e. Antonio Correia (CA13)
- f. **Meu muito caro Decio Silveira** (CA17)

### 86. Expressão de abertura (saudação) da carta de amigo da segunda metade do século XX

- a. **Meu querido** Caio [*Benjamin Dias*] (CA18)
- b. **Meu caro** Gilberto Freire: (CA20)
- c. **Meu querido** NELSON FERREIRA (CA18)

Utilizam-se ainda com frequência do possessivo e, em **85 (a)**, ao saudar o amigo, acrescenta-se a explicação ao vocativo na carta da primeira metade do século XX. Há oscilação também, composta por novos elementos linguísticos atuando na expressividade, na saudação de uma carta de amigo do final do século XX (Ver o exemplo **87**).

### 87. meus Cordial bom dia || querida Amiga (CA21)

Por conseguinte, nas cartas de família do século XX há uma falta de equiparação quantitativa muito grande, pois possuímos 50 missivas da primeira metade e apenas 4 missivas da segunda metade do XX. Nos exemplos das cartas de família da primeira metade do século XX, selecionamos os principais trechos dentre as 50 missivas para destacar na análise. Sobre a abertura da carta de família, salientamos que nessas cartas podemos perceber as diferenças de tratamento, ou seja, a assimetria ou simetria entre os interlocutores e, isso, é sobretudo evidenciado pelo vocativo da missiva, como mostra os exemplos a seguir.

### 88. Expressões de abertura (saudação) da carta de família da primeira metade do século XX

#### I. Carta enviada de filho(a) para mãe:

- a. **Minha Mãe.** (CF39)
- b. **Minha mãe** (CF30)
- d. **Mamãe** || Abenço (CF54)
- e. **Minha boa mãe** (CF09)
- f. **Minha adorada** (CF08)
- g. **Cara Mamãe** (CF17)
- h. **Minha boa** (CF23)
- i. **Minha querida** (CF24)
- j. **Minha querida mãesinha** (CF25)
- k. **Querida Mamãe** (CF28)

#### II. Carta enviada de mãe para filho(a): Maria (CF13)

#### III. Carta enviada de filho(a) para o pai:

- a. **Papai**|| Abençam (CF52)
- b. **Papai**|| Abenço (CF55)

#### IV. Carta enviada de pai para filho:

- a. **Ignes** (CF31)
- b. **Rita** (CF33)
- c. **Mercês** (CF34)
- d. **Querido** Hoel (CF40)
- e. **Meus queridos** Hilton, Lucia e Bibizinha. (CF47)
- f. **Meus queridos** filhos. (CF46)

**V. Carta enviada de irmã para irmã:****Minha irmã (CF07)****VI. Carta enviada de primo para primo:****Caro Gilberto (CF48)****Meu caro Gilberto (CF50)**

Nas cartas familiares os pais, em uma posição de assimetria descendente, utilizam principalmente apelidos carinhosos, diminutivos, adjetivos antes do nome para estabelecer um diálogo mais íntimo com os filhos, mandando notícias e falando das saudades, como em (I) e (IV (d, e, f)). Alguns pais apenas escrevem o primeiro nome do filho e, conseqüentemente, o assunto dessas cartas geralmente falam de notícias dos pais, burocracias documentais, saudades, com uma menor expressividade emocional nas palavras, como em (II) e (IV (a, b, c)). No que diz respeito aos filhos, eles estão em uma relação de assimetria ascendente e, na saudade, do modo de dizer tradicional “mamãe”, “papai”, “mãezinha”, “pai”, “mãe” às vezes precedido de adjetivos, como em (I) e (III). Em (III), há também o ato respeito de pedir a bênção, o que indica uma relação mais cerimoniosa. Nas cartas trocadas entre irmãos (V) e primos (IV) se estabelece uma relação de igualdade. Nas cartas trocadas entre Gilberto Freyre, sociólogo, e os primos há uma relação parecida com a de seus amigos, inclusive o assunto das cartas envolve notícias sobre si, falar sobre política e os livros de Gilberto.

No tocante às expressões tradicionais de abertura ou saudação das missivas de família de fins da segunda metade do século XX, as missivas se diferenciam no que diz respeito ao perfil social dos missivistas da primeira metade. Eles têm maior grau de escolaridade em relação aos missivistas da segunda metade. Ainda assim, as missivas de fins do século XX obedecem à presença de maior parte das características composicionais da carta pessoal, com duas missivas mais curtas e com o formato simplificado. Nessas missivas de família temos formas mais atualizadas de saudação, com os missivistas utilizando expressões mais comuns da época como “**Prezado**” ou ainda “**Meu abraço**”, esta última muito presente no fim de cartas de amigo do século XIX. Outro fato interessante, é em relação as cartas de 89 (c e d) serem direcionadas a todos os entes da família. Observamos também a presença da palavra “**saudação**” indicando uma forma de dizer que conscientiza sobre a estrutura da carta.

**89. Expressões de abertura (saudação) da carta de família da segunda metade do século XX****a. meu abraço || J. (CF56)****b. Prezado Tio J. (CF58)****c. Saudação ao longe de todos || Presado mano e cunhado (CF59)****d. Saudade Ao longe de todos (CF57)**

A Captação da benevolência do interlocutor nas cartas de amigo do século XX possui um teor altamente emocional que é expressado através de elementos linguístico-discursivos agindo na argumentação do remetente para o convencimento e manutenção da interação entre os interlocutores (CASTILHO DA COSTA, 2012).

#### 90. Captação da benevolência na 1ª metade do século XX em cartas de amigo:

**a. Estava em falta contigo, | Por não poder te escrever, | Mas não foi por pouco caso,| Ao contrario, o grande atrazo| Foi bem contra o meu querer || Foi a causa deste mal,| A minha vida actual,| Que sendo activa de mais,| Tem sempre prejudicado,| O cumprimento sagrado,| Dos deveres sociaes.(CA15)**

**b. Mando a *Você* meus parabens pelo dia de| hoje, **cuja data ha de sempre recordar a| do dia feliz em que *Você* pode, com honra| e desassombro**, desencarregar-se, enfim, de| governar o estado. (CA16)**

**c. *Voce* não ia de acreditar, e entre- | tanto é a verdade**, que eu agora ando | mais quebrado do que sempre andei (CA13)

**d. Tendo ido a São Paulo e não podendo ver *Você*, por estar ausente da ca-|pital, **tive uma impressão parecida a de haver ido a Paris, sem visitar o Louvre;| á Napoles sem conhecer Pompeia; á Lisboa sem subir até Cintra; á Hollanda sem |admirar suas tulipas[...]** (CA17)**

Nos exemplos em 90, acima destacados, notamos que em (a) o missivista procura justificar suas faltas para com o amigo dizendo que tem uma grande quantidade de atividades diárias que não o deixam escrever. É praticamente categórico encontrar no *corpus* cobranças de respostas do remetente ao destinatário. Assim, mais uma vez reforçamos que a primeira regra de interação entre os missivistas é a obrigatoriedade em responder e, conseqüentemente, ser respondido. Já em (b) e (d), observamos a manutenção da amizade através de uma regra de escrita de cartas denominadas *bienveillance*, isto é, apresentar interesse pelo interlocutor, e a *bienséance*, que corresponde a buscar diminuir-se, para então, elogiar o destinatário (BRUGYSSER, 1993 *apud* SCHRODER, 2007, p. 156). Em (c), acreditamos que a sentença destacada representa uma validação do afirmado pelo missivista da previsão de um possível julgamento negativo que o destinatário poderia pensar sobre o seu interlocutor. Nos exemplos 89 (b) e (c), podemos visualizar mais uma vez a grafia da forma de tratamento *Você* ser

diferenciada em maiúsculo e minúsculo, ainda que na escrita de dois missivistas diferentes, os dois são da primeira metade do século XX.

As cartas de amigo ou família que tem como assunto pêsames pela morte de algum ente querido, independentemente se são do século XIX ou XX, possuem forte implicação emocional, através de termos linguístico-discursivos (como adjetivos, advérbios modalizando o discurso, lembranças sobre o ente, etc.) que garantem a estas cartas emocionalidade, empatia, compadecimento ou tristeza. A carta **CA16** tem um caráter muito poético e, após o remetente, Lourival, mostrar-se compadecido com o seu interlocutor (Arnaldo Guedes), ele escreve um poema de sua autoria para “[...]soar aos ouvidos de tua alma amiga[...]”.

**91.** Pae, como tu, **bem aquilato** da tua dôr **immensa**, ven- | do fugir para o desconhecido, si bem que para mim este desço- | nhcido seja a eternidade feliz, o ente **querido** que era bem | um **pedaço de tua alma esplendida**. Recebi, ha poucos dias, um postal – photographia do | **teu filhinho no seu leito de morte**. Escusado é dizer que a - | **impressão causada no meu espirito foi bastante emocionante**, | fazendo uma Idea do quanto *Vocês* ahi soffreram, paes, avós, | toda a familia. || **Foi justamente pensando na | tua dôr, da qual compartilho, que fiz e faço soar aos ouvidos | de tua alma amiga[...] (CA16)**

A captação da benevolência em cartas de amigos 2ª metade do século XX também apresentam as regras de *bienveillance*, e de *bienséance*, como visualizamos a seguir:

**92. Captação da benevolência na 2ª metade do século XX em cartas de amigo:**

- a. **De alma embandeirada, radiante, amanheci mergu- | lhado num oceano de felicidade**, pois sabia que um **grande | amigo** amanheceria enriquecendo as páginas dos jornais, an-|te a **noticia alviçareira** de ter recebido o pomposo titulo | de CIDADÃO DO RECIFE. **(CA19)**
- b. Estive apenas dias na Cosal | em Dortmund e cada vês mais **me orgulhei | pernam bucanamente, do prestígio do seu nome | e de sua obra aqui na Alemanha. (CA20)**
- c. **é com | muita saudade que pego | este lapis para darte as | minhas noticia e ao | mesmo Tempo saber das | Tuas (CA21)**

As missivas dos exemplos acima são permeadas por exageros e simbolismos, têm características bastante poéticas. Os correspondentes se utilizam de hipérboles (**92 (a)**), adjetivações (**92 (b)**) como recurso linguístico para expressar afetividade e emocionalidade. A carta **CA21**, exemplo **92 (c)**, foi escrita por um missivista com pouca escolaridade e, ainda assim, percebemos presentes na carta os modos recorrentes de dizer e, igualmente, a carta segue regras de interação, como o estabelecimento da amizade. Sobre essa questão, Koch e Oesterreicher (2006) expõem que o estabelecimento da amizade se constrói na carta através do grau de intimidade em que o enunciador de forma expressiva e afetuosa enaltece o

coenunciador. Sendo assim, para que a amizade seja estabelecida, deve-se haver sempre uma espécie de ativação da emocionalidade sendo dirigida ao interlocutor (KOCH e OESTERREICHER, 2006).

Destacamos seis principais exemplos de captação da benevolência, dos quais três são do missivista Manoel bora para suas filhas e os outros três exemplos são de Valdemar de Oliveira para sua mãe. Logo, buscamos observar nos exemplos abaixo uma relação assimétrica descendente (carta escrita por um interlocutor em uma posição hierárquica superior à posição do destinatário, como pai escrevendo para filho) e uma relação assimétrica descendente (carta escrita por um interlocutor em uma posição hierárquica inferior à posição do destinatário, como filho escrevendo para a mãe).

### 93. Captação da benevolência na 1ª metade do século XX em cartas de família:

- a. Mercês|| **Aqui** em Goianna recebi hontem | **sua cartinha que me deu muito | praser** (CF32)
- b. Rita|| Recebi sua **cartinha muito| pequenininha muito laconica|** mas mesmo assim **me deu| muito praser.** (CF33)
- c. Igenes || Hontem lhe telegraphiei em resposta ao seu | teleprogramma em que me dava a opinião. (CF31)

Nas missivas acima de Manoel Borba para as filhas, a captação da benevolência em **93 (a)** e **(b)** tem como forma recorrente “**sua cartinha me deu muito prazer**” buscando estabelecer a amizade e a intimidade entre os missivistas. As cartas de Manoel Borba para as filhas são de grande expressividade emocional, essa expressividade é fixada na captação da benevolência e na despedida, o *narratio* é o lugar no qual o missivista fala sobre seu estado de saúde e realiza algum pedido. As cartas que não têm captação da benevolência são aquelas em que tratam de assuntos mais urgentes, como pedido para realizar algum favor, em **(c)**. Já as cartas enviadas pelo filho Valdemar de Oliveira a sua mãe Maria da Penha, de modo geral, são bem intimistas levam notícias sobre si, sobre suas viagens e sobre os estudos que tem realizado, além de pedir dinheiro para ele se manter e pagar as despesas, ver abaixo.

### 94. Captação da benevolência na 1ª metade do século XX em cartas de família:

- a. **Cheguei e com saúde | Fis a viagem bem,** só com o incove- | niente de muito pó (CF17)
- b. **Com grande satisfação** recebi a | sua encommenda trasida pela sr. Alves (CF16)
- c. Recebi e **podes avaliar bem a mi- | nha alegria ao ler a sua cartinha** | de 8 deste, trasida pelo bom amigo (CF18)

As cartas de família da segunda metade do século XX englobam em sua captação da benevolência o modo de dizer tradicional em desejar bonanças aos seus interlocutores, como podemos observar no início das missivas **95 (a, b,d)**. Ainda no exemplo **(b)** o missivista adianta na captação da benevolência uma espécie de resumo das notícias sobre si e sobre a família dizendo que está bem. No exemplo **(c)**, a captação da benevolência adianta o objetivo da carta e, durante a carta, a missivista pergunta pelos seus entes queridos.

#### 95. Captação da benevolência na 2ª metade do século XX em cartas de família:

- a. **desejo** que | linhas o encontre com saúde e felicidade- | de. (CF58)
- b. [...] primeiro do que tudo **Deus ti a bençoi**, | ti proteija juntamente com tua familia | Quanto a **eu, e minha familia estamos em | paz graças a Deus.** (CF56)
- c. Ao te escrever estas **pequenas linha** | É para da as minhas notícias | E ao mesmo tempo Saber as suas (CF59)
- d. Primeiro do que tudo **espero** que estas | Pequenas linhas o encontre todos da familia | gozando saude e muita felicidade. (CF57)

Sabendo que o desenvolvimento ou núcleo da carta (*narratio*) é a parte na qual os interlocutores articulam a razão pela qual estão escrevendo, dentro do próprio *narratio* situam-se conjuntos de tradições, uma delas diz respeito a uma das diversas funções sociais da carta. Como já mencionamos, uma dessas diversas funções é o estabelecimento da amizade. Esse estabelecimento ocorre através da consolidação do contato que se dá ao se responder a missiva recebida, a partir do grau de intimidade entre os missivistas e que se é revelado através da expressividade emocional nas escolhas linguístico-discursivas da missiva. Por isso, para além do que verificamos nas missivas do século XIX, observamos o caráter poético presente no interior do *narratio* em cartas de amigo e família do século XX. Percebemos também que esse caráter auxilia no exagero das expressões, a fim de causar emoção e consolidar a amizade.

#### 96. Modos de dizer no *narratio* da carta de amigo da primeira metade do século XX:

[...]Ja sendo **commerciant**e, | Metter-me a ser **estudante**, | Foi um acto mal pensado, | Eu acho que fiz **asneira**, | Vivo sempre na **carreira**. || [fol. 1v] É pensado em **melhorar**, | Que vivo assim a **lutar**, | Mas disto não vejo geito | Por mais que este mundo **róde**. | “Quem quer se fazer não **pode**... | Quem é bom já nasceu feito”... || Mas isto ao caso não **vem**, | Não interessa a **ninguém**. | Tenho cá no meu **bestunto** | Que com esta **explicação**, | Já logrei o teu **perdão**, | Por isso mudo de **assumpto**. || Recebi um teu **retrato** | E me alegrou este **facto**. | Assim como o receber | um cartão e um **jornal**, | com versos de **carnaval**, | Que me fez rir a valer. || [fol.2 r] Embora tendo **sciencia**, | Que tinhas **intelligencia** | é regular **instrucção**, | Eu ainda não **sabia**, | Que davas p’ra **poesia**, | Com tamanha **perfeição**. (CA15)

No exemplo acima, o estado das coisas que compõe o *narratio* é apresentado em estrofes com a última sílaba de cada palavra do final do verso rimando com a última sílaba do final do verso posterior.

Os modos de dizer do *narratio* nas cartas de família do século XX apresentam-se através das notícias sobre si e sobre os entes queridos, igualmente às missivas do outro século e de outro subgênero, mas as cartas de família do século XX trazem também o diferencial das assimetrias nas relações (BROWN; GILMAN, 1960). Nesse sentido, observamos que as cartas remetidas pelos filhos às mães (Ver exemplos de **96 (a)** e **(b)**) têm temática mais livre e uma maior implicação emocional, revelado através do caráter apelativo das expressões, do que as cartas remetidas aos pais, ou ainda, em relação às cartas que os pais remetem aos filhos. Estas geralmente abarcam questões pragmáticas sobre realizar algum favor ao pai, falar sobre algum acontecimento familiar e, em algumas dessas cartas, a implicação emocional para o estabelecimento da amizade, ficam contidos apenas na abertura e fechamento da missiva, como em **97 (c)**.

#### **97. Modos de dizer no narratio da carta de família da primeira metade do século XX:**

- a. Recebi sua carta e a do China do dia 8 juntamente com | os jornais os quais muito agradeço. || Fiquei **mais tranquilo** por saber que voce já sarou. | Quando sentir dificuldade em escrever-me, peça empres- | do, por um **pouquinho**, os óculos do Papae; ele não se | zangará por isso. || **Dê um abraço por mim na Ilda** pelo dia 28, não escrevi | nem passei um telegrama porque deixei ahi o caderni-| nho em que tenho anotado os aniversarios de todos e | não os sei de cór. Aqui, também, tem chovido pavorosa-| mente, contudo, não deixar de haver instrução para nós, | que, aliás, está cada vês mais pesada; não lastimo, por-| que, a situação do momento assim a exige. (CF51)
- b. Pelo São Paulo passou aqui *Excelentíssimo* João [Meringues] e familia | e depois de me procurarem deixaram collegas me procurando para | ir falar-lhe à bordo. Fui encontrado e fui. Na pressa de sahi- | da do vapôr atirei três cartas que tinha para ahi e ellas cahiram | n'agua. Eis a razão de só agora receber *Você* cartas minhas. || Minhas aprovações foram: Chimica 7; Physica 8; Parasi- | tologia 6. Agmentei os pontos em todas excepção de Parasitologia que diminui um. || Pergunta-me se recebi os 5 *Réis*. Respondo: Não recebi desde | o momento que *Você* não mandou. Esqueceu-se de botar na conta | Estou precisando de outra cousa de injecções. Mande dinheiro. 7 *Réis* dellas, com 5 *Réis* de Mamãe e algum de agrado pode mandar | pelo correio 5 *Réis* que estou precisando  muito. (CF25)
- c. Rio 23 de Agosto de 1925. || Igenes. || **Como vão todos os nossos? Eu vou passan-| do bem**, não levando em conta a comida do | hotel que anda muito ruim, mesmo para | mim que sou facil de contentar. || Pelo telephone me communiquei com | Tonita que me disse para deixar o dinheiro | de suas ecommendas na rua sete de setembro | 101, o que fis no mesmo dia. Depois não a | vi e nem pelo telephone fallei com ella, mas certa-| mente Ella procurava o dinheiro. || Miss Helena que vi [init.] | mais feia do que sempre, disse a Cotia que | *Você* estava noiva. A Cotia me perguntou disen-| do que estava com vontade de mandar pa-| rabens o que não tem por lhe haver eu dito | com a noticia era maluquice de Miss Helena. [Folha 1v.] isto de com os remedios que ella estava to- | mando. | G° A. Vasconcelos está na Europa. | Escrevi hontem por Ademar Tavares. || Já dei nosso nome para o “Galvia” que | deverá passar de volta aqui no dia 18, de | hoje a 15 dias. Deus queira que corra | tudo bem e possamos ir, melhorada | e

estabelecida ella. || Nada mais disse de mamãe. || **Adeus. Saudades e abraços | do Pai e amigo | M. Borba. (CF36)**

As cartas de família da segunda metade do século XX que compõem o nosso *corpus* apresentam, no desenvolvimento da carta, notícias sobre a saúde dos familiares e sobre a saúde do próprio remetente. A relação é respeitosa e há pouca implicação emocional na escolha dos modos de dizer recorrentes, entretanto, como já vimos em exemplos anteriores da carta de família do século XX (segunda metade), por vezes, essa implicação emocional fica relegada às partes de abertura e fechamento da missiva.

#### **98. Modos de dizer no narratio da carta de família da segunda metade do século XX:**

[...] **eu recebi as suas carta | fiquei muito contente.** || olha eu não respondeo não foi por | nada que quem escreveu sempre para | mim e a I. mais este dias | Ela teve uma grande luta com o marido | Que foi enternado duas Vezes | Então não deu para ele escrever. | Agora estou na casa do B. | Ele foi quem escreveu para | mim esta carta. || S. como que passou o natal | E o Ano novo? | **por aqui foi Tudo Bem graças Deus | S. eu já fiquei Boa | Do meu sangue eu me tratei muito | E compri com o regime direitinho.** || **Já fiz trez ezame e não deu mais | nada.** || S. *Você* [rasura] e Sandra | Já escreveram para mandaram | todas as noticia mais não mandou | me dizer nada soubre o S. | **como que ele vai de saude.** || E a ana tambem Se já apozentou | **Eu fico preocupada com Vocês[...]** (CF59)

Por conseguinte, encontramos uma breve carta de amigo da primeira metade do século XX (99) cujo tamanho se iguala ao de um simples bilhete, entretanto, ao lê-la, vemos que tem o formato composicional e modos de dizer da carta pessoal, sendo que de modo simplificado.

#### **99. Modos de dizer no narratio da carta de amigo da primeira metade do século XX:**

**Meu caro Paranhos,** ||Quero ter o prazer de apresentar-lhe| <o meu> amigo dezembargador| Domingos Alves Ribeiro. É um dos meus| mais íntimos amigos, e devo essa amizade| ao Dantas, e tambem, indireta-| mente, ao José Bonifacio. De ambos elle| foi amigo dedicadissimo. <Por minha vez>| [inint. 2 linhas] a [init.] ao nos| do Eduardo Prado, que| não teve no fim da vida amigo maior. Como *Você* vê, não| é uma apresentação commum| que [inint.]lhe faço. <O meu papel limita-se a>| pol-o em contacto com *Você* <O resto [init.] | me dirão algum dia.> || **Do seu sempre dedicado|| J. Nabuco 14 de março de 1904 (CA12)**

Assim como nas cartas de amigo da primeira metade do século XX, em muito se exalta o interlocutor no interior do *narratio* com adjetivos, expressões interjetivas para expor emoções, apelos, sentimentos, sensações e estado de espírito na carta pessoal, como verificamos em (100):

#### **100. Modos de dizer no narratio da carta de amigo da segunda metade do século XX:**

No gabinete do diretor do Instituto, o Prof. **I** (Stieger) | lá estava um **bom retrato** seu e o prof. Stieger | se referiu a voce e à sua obra com um carinho | e um respeito **que muito sensibilizaram a | minha “pernambucanidade”**. Em Colonia, Ham | burgo, Berlim **ouvi também um verdadeiro hi- | no de louvor a seu nome ilustre e à Casa | Grande & Senzala**. Isso é bom porque dá uma | ideia de alto nível da cultura brasileira. No | Instituto Ibero Americano de Berlim seu nome foi | referido não somente como a mais alta expressão |do pensamento brasileiro, mas como o de um | dos maiores sociólogos contemporâneos. (CA20)

De igual modo, encontramos missivas de amigo e de família, em fins da segunda metade do século XX, com o *narratio* tendo o *exordium* simplificado, contendo o início e o final das cartas condensados e passando mensagens com intuito de receber respostas rápidas:

**101. Carta de amigo da segunda metade do século XX: Timbaúba e de Fevereiro de 1980** || meus Cordial bom dia || querida Amiga é com | muita saudade que pego | este lapis para darte as | minhas noticia e ao | mesmo Tempo saber das | Tuas: A. S. *Você* | não escreveu mais par | mim porque *Você* já | Esqueceu de mim pois | eu lembro de *Você* Todos os | dias so não escrever mais | par *Você* porque não | tinha Tempo pariso uma metira A. eu trabalhava no Hospital e | não tinha tempo nem par | me cosar mais graças a Deus | agora eu sair trabalho na Associação dos fornecedores de | cana de acucar agora eu | tenho mais Tempo espero | que *Você* me entenda: | **Termino com beijo e abraço | da amiga G (CA21)**

**102. Carta de família da segunda metade do século XX: Mandacaru 29 de 12 de 1985** || meu abraço || J. primeiro doque tudo Deus ti a bençoi, | ti proteija juntamente com tua familia | Quanto a eu, e minha familia estamos em | paz graças a Deus. Olha meu filho recebi | teu cartão com a quela emportancia fiquei | muito alegre, . Deus te a bençoi ti proteija | com saude paz [?] tranquilidade so o que | eu tenho oara te dar com todos os dias, assim | como *Você* nunca se esquece de mim | meu filho, A. falou que *Você* vai sair | de ferias em janeiro e vem pasar uns dias | com migo como foi sempre-sempre *Você* | passou a qui com nos, estou anciosa | que chege este dia venha passar suas | ferias com nos que eu estou de braços | a[espaço]berto lhes esperando. G. manda lembrança | pra S. e pra *Você*, beijos nas meninas | eu tambem mando lembrança para S. | e beijos nas meninas || **Pra *Você* minha bençao | muitas saudes paz um felis ano novo || deseja-lhe a madrinha que nunca esquece || M. (CF56)**

A carta CA21 e C F56 apesar de terem a estrutura condensada, provavelmente para repassar informações que o missivista acredita serem mais urgentes, possui local, data, abertura (saudação), cobra-se por resposta, fala sobre o estado das coisas e ainda possui fechamento, com despedida breve e assinatura. O mais importante é que ainda assim a carta segue o conjunto de tradições do gênero carta pessoal e procura seguir a regra de interação de escrever e querer ser respondido, mostra interesse no interlocutor, ademais, pelo assunto da missiva, identificamos alto grau de intimidade.

Em contrapartida, encontramos também uma carta passiva (103) muito longa de um amigo não identificado de Nelson Ferreira, compositor recifense de frevos, na qual exalta o

destinatário sem poupar palavras, expressões sentimentais e interjetivas. A carta de amigo é da segunda metade do século XX.

**103.** [...]Era NELSON FERREIRA. Era o símbolo | de uma época **inolvidavel** nas dobras do Século XX, **um nome | que é uma bandeira, que é uma constelação inteira no bri-** | **lho de um céu** de sinceridade; de bondade espiritual; de no- | breza de caráter; de tudo quanto possa elevar o nome de um | homem sadio que nunca soube chorar. Rir foi sempre o apa- | nágio do novo agraciado pelos poderes municipais. Com o co- | ração transbordante daquela clareza que sempre foi minha | irmã gêmea, posso afirmar que, muitos e muitos dêesses expre | sivos títulos teem sido conferidos a vultos de todas as es | pecies, de todas as classes, mas nunca de tanta expressão | como o que lhe coube: VOCE FOI SEMPRE FELICIDADE PARA A CI- | DADE DO RECIFE, FOI SEMPRE ALEGRIA, FOI SEMPRE PAZ DE ESPI- | RITO, FOI SEMPRE O VENDEDOR DE VIDA E BOM-HUMOR EM FAVOR DA | FELICIDADE DOS OUTROS, FOI SEMPRE O DONO DO RECIFE QUE, A- | GORA, LHE TIRA O CHAPÉU, EM SOBERBA REVERENCIA[...] (**grifos do autor da carta**) (CA19)

Ainda sobre a carta de amigo da 2ª metade do século XX, localizamos um pedido, este pouco frequente nas cartas de amigo nas duas metades do século. Entretanto, o pedido encontrava-se no início da missiva, diferente da localização em cartas de amigo e família do século XIX, pois, nessas, o pedido, geralmente, estava inserido no final da carta, antes da despedida e assinatura.

**104. Pedido no início da carta de amigo da segunda metade do século XX:**

Meu querido Caio [Benjamin Dias]// Junto lhe envio uma carta afim de Voce me fa-|zer o especial favor de faze-la chegar às mãos de | *Dona Neusa Brizola*, pois não sei se ela permanece | em Palacio, com essas andanças do Governador[...]. (CA18)

Os pedidos da carta de família do século XX das duas metades do século são muito frequentes e não só no final da carta, conforme ilustram os exemplos abaixo. Independentemente do tipo de relação, podem aparecer no começo, após a saudação; no meio da missiva após informar o objetivo da missiva e, por fim, o pedido pode aparecer antes da despedida, no final da carta:

**105. Expressões formulaicas de pedido na carta de família da primeira metade do século XX:**

- a. **Pedido no começo (*exordium*) da missiva:** Mercês || Aqui em Goianna recebi hontem | sua cartinha que me deu muito | praser. || **Quando** me escrever novamente | (**si ainda houver tempo**) **diga** si | Foi por doente que a Noemia foi | para o interior de Minas. (CF32)
- b. **Pedido no meio (*narratio*) da missiva:** **Se não lhe custar** | um sacrifício acima do | que for possível **veja** se | e acertado mandar logo os | meus troços porque eu | agora tenho que entregar | esta casa porque acaba-se | o contracto e vou ficar | mesmo com uma casa | completamente vazia. (CF39)

- c. **Pedido no final (*peroratio*) da missiva:** Da uma busca na gaveta de minha secretaria e n'uma pasta (a menor) de papeu | carta que costumava estar na m'esa de | centro do meu gabinete e me manda | todos os recibos e papeis da "Sul America". || Há na pasta e na gaveta, apolices reci-| bos, um contrato de emprestimo etc. Manda | tudo que achares. Eu deixei ahi duas | pastas, a menor e a que tem os papaeis e do- | cumentos a que me refiro. (CF37)

Relativo aos modos tradicionais de pedir, os interlocutores das cartas de família da primeira e segunda metades do século XX utilizam-se de expressões do modo subjuntivo para indicar possibilidade de realizar a tarefa ou favor que o remetente deseja e, ao mesmo tempo, usam verbos no imperativo para indicar a tarefa ou favor que deseja ou dar as instruções para o destinatário realizá-las, ver as seguintes exemplificações:

**106. Expressões formulaicas de pedido na carta de família da segunda metade do século XX:**

- a. Tio J. **entregue** este Bilhete | Para madrinha S. (CF57)  
 b. **nunca se esquece** de mim | meu filho (CF56)  
 c. A mãe | é que anda muito doente devido aos pro- | blemas que *Você* já conhece, **ela manda** lem- | branças à todos e pede o endereço de Tio (CF58)  
 d. [se] **der** lembrança para lia | **fala** para ela que eu ainda estou vivo | **fala** para ela escrever para min. | madrinha E. **manda** muita | lembrança para Senhora (CF59)

Como já comentado, o *peroratio* da carta é formado pela conclusão, seguido da assinatura (*subscripto*). A linguista Castilho da Costa (2012) afirma que o *peroratio* pode contar com um apelo às emoções (solidariedade, indignação) e com um *recapitulaio* (ou recapitulação), que seria um resumo do que foi apresentado. Passemos, então, a observar as expressões de despedida e assinatura das cartas de amigo e família do século XX:

**107. Expressões de despedida e assinatura (fechamento) da carta de amigo da primeira metade do século XX**

- a. *Você* quando se resolve a dar um passeio até o Recife? Não preciso | lhe repetir que estarei sempre ansioso de acolhel-o. || **Por hoje só.** Vamos a ver si *Você* agora me escreve: **Abrace com affecto e gratidão o** || M. Sete (CA17)
- b. **Um abraço emotivo para todos os teus. Para a tua querida | pessôa, a alma entristecida mas sempre amiga do** || teu [inint.] corde || Rio, 24 de Julho de 1930. || **Lourival** || [endereço] (CA16)
- c. Cada passo encurta o caminho do tu-|mulo. Console-se com a visão e com a| esperança do seio bem aventurado da| natureza, do repouso eterno![fol. 2v] || Para ora [inint.] do aconchego acolhe-|dor, leal e bem [inint.] da família – da| esposa e dos filhos que são os unicos| amigos de *Você*. || **Que Deus abençoe a todos!** || **São os votos pollidos do pequeno amigo.** || **Aurelio Domingues** || Recife, 18-12-919 (CA14)

Os exemplos acima expõem a expressividade dos modos tradicionais de dizer atuando a partir de elementos linguísticos que indiquem proximidade comunicativa, como: “**por hoje**

só”, “Abraça com affecto e gratidão”, em 107 (a); “Um abraço emotivo para todos os teus”, em 107 (b); por fim, a expressão interjetiva como apelo emocional “Que Deus abençoe a todos!”, em 107 (c). Ao analisarmos as missivas, observamos que o assunto e o modo tradicional de assinar dos diferentes missivistas podem dar pistas sobre o grau de intimidade entre os interlocutores. O primeiro interlocutor abrevia o nome, sendo marcado apenas o sobrenome “Sete”. A carta deste correspondente tenta retomar o contato com um amigo que, pelo teor da carta, nunca mais tinha se falado ou se correspondido. Através de uma escrita descontraída, Mário Sette remete notícias de si e pede notícias do destinatário, tendo também o intuito em retomar o projeto de iniciar a 2ª reedição de um dos livros do missivista, o *Maxambomba*, ao lado do seu destinatário. Sobre essa relação, levantamos a hipótese de que não seria tão íntima, mas também não seria uma relação que exigisse muitas formalidades. Já o segundo missivista, utiliza a assinatura do primeiro nome e o assunto da missiva é delicado, sobre a morte do filho do pernambucano Arnaldo Guedes, o teor da carta é bastante apelativo, sentimental e intimista. Por fim, o terceiro missivista, Aurélio Domingues, assina o nome e sobrenome e na missiva aborda questões que dizem respeito à trajetória política de Manoel Borba. O remetente exalta e parabeniza Borba pela conquista do cargo de governador. Embora a missiva mostre intimidade entre o interlocutor, temos a hipótese de que a escolha em escrever o nome e sobrenome na missiva seja mais devido ao propósito da carta do que a relação entre os dois missivistas.

De igual maneira, nas cartas acima também observamos que os correspondentes seguem (de forma não consciente) regras tradicionais de interação, por exemplo a missiva 106 (a) tenta ser descontraída e humorada (*agrément*, cf. SCHRODER, 2007) para não entediar o destinatário, e, na missiva 107 (c) o missivista segue a regra de se diminuir para exaltar ou elogiar o destinatário (*bieséance*, cf. *ibid.*). Por conseguinte, a missiva abaixo, destinada a Arnaldo Guedes, segue a regra interacional de não preocupar o amigo com importunações ou problemas (*retenue*, cf. *ibid.*):

#### 108. Expressões tradicionais de despedida e assinatura (fechamento) da carta de amigo da primeira metade do século XIX

[...] Arnaldo! Abusei de ti, | E só agora é que eu vi, | Eu não tinha este direito | **Por isso peço perdão**, | Eu tinha bôa intenção, | O que me faltou foi geito... || Folgo muito em te mandar, | quando estou a terminar | Esta carta tão modesta, | (P’ra que não fiques zangado) | Um beijo muito apertado | E um grande abraço na testa. **Caramurú (CA15)**

Nesta mesma carta de teor poético há um *Post scriptum* e também foi a única missiva na qual o encontramos:

**109. *Post scriptum*:**

[...]P.S.: Se eu que não sou poeta, | Não deixei a Lyra quieta, | Em missiva tão custosa, | Julgo ser de teu dever. | Se algum dia responder. | Não fazel-o nunca em prosa. **(CA15)**

Os modos tradicionais de dizer no *peroratio* ou *conclusio* encontrados nas cartas de amigo da segunda metade do século XX, são:

**110. Expressões tradicionais de despedida e assinatura (fechamento) da carta de amigo da segunda metade do século XX**

- a. [...]Receba, meu caro Gilberto, com Dona Madalena | **os meus cumprimentos** e de Maria da Penha | e o **testemunho da minha afetuosa admiração**.|| Jordão Emerenciano. **(CA20)**
- b. [...]Termino com beijo e abraço | da amiga G. **(CA21)**
- c. [...]Com um abraço forte, para Voce e os demais | amigos, Uchôa o general [ate], **assigna-lhe, seu do coração**. [espaço] **Ascenso Ferreira**. Obs: meu endereço é. [endereço] **(CA18)**

As expressões destacadas acima são da carta de amigo da segunda metade do século XX. Não diferente das outras cartas de amigo e de família dos séculos XIX e XX, possuem grande emotividade e seguem as regras interacionais da carta pessoal – é preciso deixar claro que essas regras são inconscientes, arquivadas na memória social através de textos já escritos e lidos –, modos de dizer como em **110 (a)**: “[...] o **testemunho da minha afetuosa admiração**”. Mais uma vez temos em **110 (b)** e **(c)** expressões que indicam uma comunicação próxima do face a face como em “**Termino com um beijo e abraço[...]**” e em “**Com um abraço forte[...]**”, respectivamente.

Dando prosseguimento, as expressões tradicionais de despedida e assinatura na carta de família parecem indicar uma maior intimidade entre os interlocutores, sobretudo devido ao frequente uso de assinar apenas o primeiro nome ou apenas o apelido do missivista, como em **111 I (a)** e **(c)**, **II** (todos os exemplos).

**111. Expressões tradicionais de despedida e assinatura (fechamento) da carta de família da segunda metade do século XX**

**I. Despedida entre irmãs:**

- a. 1 abraço saudoso e| as menninas a | **mana**.|| **Elvira**. **(CF13)**
- b. **Recommendações** a Dr. I Orlando. Abraço [nas] | meninas a João e a si da || **sua mana** || **Elvira Fragoso**. **(CF06)**
- c. Aceite de Emilia as mais verdadeiras | **expressões de sentimento e dor** pelo seo estado, **um abraço** em todos seus **filhinhos** e | me escreva já. **Sua irmã e amiga** || **Ardimilra** **(CF07)**

**II. Despedida de filho(a) para os pais (mãe ou pai):**

- a. **com saudosos abraços** meus e *Doutor Antonio*. **Os beijinhos de** [inint.] para | todos *Vocês* // **Biluca**. (CF30)
- b. **Aqui termino** enviando para todos *Vocês* um **apertadíssimo** | **abraço**, e para *Você* um **abraço especial** do filho que | sempre a quiz muito bem , **Breno**. (CF54)
- c. o filho que **muito** os quer bem || **Breno** (CF52)
- d. **Aqui fica** o filho amigo que **sempre** os quiz muito bem, **Breno** (CF55)

Ademais, os exemplos de fechamento acima possuem expressões linguística recorrentes que indicam uma comunicação de proximidade entre os interlocutores, como: “**Aqui fica**”, “**apertadíssimo abraço**”, “**Aqui termino**”. Na despedida dessas missivas também há recomendações, sentimentos de empatia, dor, alegria, prazer, saudade. Todos esses elementos contribuindo para a expressividade de emoções. Nesse mesmo viés, as expressões tradicionais de despedida e assinatura da segunda metade do século XX nas cartas de família estão presentes nas cartas mais longas e nas menores e, ainda, assim em todas apresentam no fechamento seja desejos, lembranças aos familiares. Há também a presença de possessivos, adjetivos e advérbios intensificando a expressividade da missiva e expressões como “**Finalizo esta carta**”, “**Vou terminando por falta de assunto**”, que é mais uma marca da proximidade comunicativa:

#### 112. Expressões tradicionais de despedida e assinatura (fechamento) da carta de família da segunda metade do século XX

- b. Escreva para mim **Sempre** | E. a minha mulher manda | **muita lembrança** para todos da | casa || Tio **aqui eu Vou terminando** | **por falta de a Sunto** | **o demais ficara para proxima** || **B.** (CF59)
- c. **Jamais** esqueci de | madrinha S. e Tia A. e tam- | bém S. e P., um abraço a S. | e as meninas, **Finalizo** esta carta com | muitas saudades e para[rasura] dizer que a | minha mãe está enviando a quantia de | cem reais para *Você*, sem mais, um | beijo. | **De sua sobrinha** | **I.** (CF58)
- d. **G. manda lembrança** | pra S. e pra *Você*, beijos nas meninas | eu tambem mando lembrança para S. | e **beijos** nas meninas || Pra *Você* **minha benção** | **muitas saudes paz um felis ano novo** || **deseja-lhe a madrinha que nunca esquece** || **M.** (CF58)

Nas duas cartas da missivista **B.**, remetente da missiva abaixo representada, a expressão “**Por falta de assunto**” é recorrente e parece ser um recurso a fim de cumprir o *retenue* (não querer preocupar ou enfadar o interlocutor) regra tradicional de interação das cartas pessoais.

#### 113. Expressões tradicionais de despedida e assinatura (fechamento) da carta de família da segunda metade do século XX

**aqui eu vou terminando** | **Por falta de asuto deixando um abraço** | Para madrinha A. madrinha B. | muita lembrança Para o P. e S. | um abraço Para o Senhor | A minha mulher manda muita lembrança |

Para o senho e dona V. e as minhas | Tias que ela não conhece. || mãe manda um abraço Para o senhor | e V. e a dona Z. || Para S. || **Embreve nois mandamos carta novamente | mande resposta Para nois** | [fol. 2v] Tio eu Tenho serteza que Se eu | ganha de Veriado eu Vou logo | Em Pernambuco. || **Aqui eu Termino com um forte | Abraço Para Todos || Assina-se B. (CF57)**

Dessa maneira, através de modos recorrentes de dizer nas cartas de Amigo e família do século XX, vimos a implicação emocional atuando na intimidade entre os interlocutores para o estabelecimento da amizade (CASTILHO DA COSTA, 2012). Assim, o uso de expressões recorrentes da carta pessoal se apresentou nos dois subgêneros da missiva, nas duas metades do século XX. Vimos também que esse uso oscila de missivista para missivista e também depende com quem se fala, do objetivo da carta e da assimetria ou simetria no relacionamento construído entre os correspondentes (COSTA et.al., 2017). Na próxima seção, portanto, observaremos os modos recorrentes que estão presentes nas cartas de amor do século XX.

### 5.3 OS MODOS DE DIZER TRADICIONAIS DAS CARTAS DE AMOR DO SÉCULO XX

As cartas de amor exploram ao mais alto nível o apelo às emoções. Esse subgênero não apenas funciona como um meio de comunicação, também eternizam, através da escrita, os sentimentos vividos entre o casal (CARPENEDO; KOLLER, 2004). Torna presente o amor distante e, no sentido de aproximar dois ausentes, a carta de amor explora bem a temática livre, a espontaneidade e as emoções entre os missivistas. Isso tudo contribui para, através da afetividade emocional, o casal estabelece uma relação simétrica ou igualitária (BROWN; GILMAN), através de confidências de intimidade. Sendo assim, Brown e Gilman (1960) discorrem que essa intimidade e simetria-solidária (relação amorosa) é codificada através, principalmente dos pronomes, como o uso do íntimo *Tu*. Portanto, ao observamos as missivas amorosas, voltamos olhar tanto para o formato composicional do gênero quanto para os elementos de expressividade emocional, de intimidade que contribuem para a manutenção da amizade.

As cartas de amor que selecionamos para a composição do nosso *corpus* correspondem ao quantitativo de 51 missivas, dentre estas, 5 são de 3 correspondentes diferentes, sendo eles: Breno Braga (para uma possível pretendente), Nelson Ferreira (para a noiva Aurora) e Arthur Orlando (para a noiva Maria Fragoso). Ademais, as outras 46 missivas pertencem ao casal **J.** e

N. escritas na metade do século XX. Por hora, iniciaremos a análise discorrendo sobre o composicional das cinco missivas do início e metade do século XX.

#### **114. saudação da carta de amor do século XX (saudação/salutatio)**

a. Estou preso, **ap-** | **proima-te da gaiola.** (CM01)

b. Aurorinha, || **Minha santinha adorada.** || Saudades. (CM02)

A saudação e os vocativos das cartas amorosas são carregados de elementos linguístico-discursivos que constroem uma subjetividade compartilhada entre o casal e que auxiliam na construção de um elo da intimidade, tem-se a intimidade constituída através da ideia de se há uma comunicação sendo estabelecida entre iguais, um contando com o outro, apoiando e esperando pelo outro até que não se existam mais distâncias. Nesse sentido, a subjetividade encontrada na carta pessoal e que, por vezes, chega a ser poético-ficcional devido ao exagero de expressões apelativas sobre os sentimentos, serve para atuar na proximidade comunicativa do casal. De acordo com Carpenedo e Koller (2004, p. 7)

Estes sentimentos exemplificam o componente intimidade da teoria triádica do amor de Sternberg (1986). Este se refere àqueles sentimentos que promovem a conexão e a proximidade do casal. Envolvem o desejo de promover bem estar e felicidade para o companheiro amado, assim como poder contar com o outro nos momentos de necessidade. A mútua compreensão entre o casal, doar-se a si mesmo, dar e receber suporte emocional, construir uma boa comunicação, valorizar o amor de um na vida do outro, tudo isso emerge do componente intimidade. É claro que não necessariamente alguém tem de experimentar todos estes sentimentos, mas estes são alguns dos sentimentos que uma pessoa pode vivenciar quando tem intimidade com um outro alguém. O componente intimidade é o único, segundo afirma Sternberg, que pode ser encontrado em outras relações que não as amorosas, tais como relação entre amigos, pais e filhos, entre outras[...] (CARPENEDO; KOLLER, 2004, p. 7).

As diferentes escolhas de vocativos podem representar diferentes propósitos de comunicação, como observamos nas três cartas de amor de Breno Braga. Através da leitura das cartas percebemos uma relação respeitosa e timidamente emotiva. Em nenhum momento o remetente fala que é namorado, por isso acreditamos que Ináh tenha sido uma pretendente ou estavam no início da relação. Consideramos para essa hipótese, a transformação dos modos tradicionais de dizer nas três cartas, sobretudo as escolhas das expressões ao saudar ou ao despedir-se, como podemos visualizar nos vocativos abaixo localizados na saudação das missivas. No exemplo **115 (a)** há menção a um relacionamento entre amigos e cumprimentos para os entes da destinatária, mas três meses depois da carta em **(b)**, Breno Braga escreve uma terceira carta, em **(c)**, com uma maior expressividade emocional, auxiliado pelo uso de

adjetivos, advérbios para intensificar as emoções e, também, o pronome *Você* atuando como forma íntima, próxima ao *Tu*. Ademais, o vocativo em (c) demonstra uma avanço na intimidade entre os correspondentes e, talvez, possíveis pretendentes.

#### 115. Vocativo na carta de amor do século XX

- a. **Ináh**|| Para *Você* o meu abraço de amizade sincera. (CM03)
- b. **Ináh** || Para todos *Vocês* meu cumprimento muito aten-| cioso. (CM04)
- c. **My dear Princesa**|| Para todos *Vocês*, **principalmente *Você***, | meu cumprimento **muito** cordial. (CM05)

Outra questão imprescindível de analisarmos nas cartas amorosas é que o interior do *Narratio* é composto por uma enorme liberdade de assuntos e formatos composicionais, estes últimos, por vezes, imprevisíveis, fazendo com que as missivas de amor nem sempre se “adequem” ao tradicional formato do gênero em questão. As cartas de amor têm seu conjunto de tradições próprios podendo se diferenciar de um casal de missivistas para outro, de acordo com o objetivo pretendendo pelos missivistas. A declaração sentimental, conforme Silva (2018, p.112), “[...] pode ou não vir acompanhada por traços comuns aos outros subgêneros, tais como o pedido de notícias e/ou favores, expressões saudosistas e recados”. Logo, os principais assuntos que adornam as missivas de amor referem-se às notícias dos correspondentes e familiares, convites para encontros, reclamações, solicitação de respostas, declarações amorosas, notícias sobre casas para vender, ou ainda, sobre organização de casamento.

#### 116. *Narratio* da carta de amor do século XX

[...] A missa da festa de *Nossa Senhora Auxiliadora* será às 8 horas. Portanto, | **minha bonequinha**, passarei entre 7 e 20 e 7 ½ . Espera-me, sim? | Ainda: Querendo eu aproveitar toda a tarde do dia de amanhã, peço-te | que estejas á minha espera, não ás 4 ½ conforme houveste deliberado, | e sim ás 5 e 40. || Terça-feira proxima, então, responderei **a tua cartinha**, de hontem, que, | segundo meu modo de vêr e os conceitos nella omittidos, será da | minha franca e fiel resposta que resultara a tua cathgorica decisão | a **effectivação da minha maior felcidade**: || **Têr-te como minha esposa adorada**. || Até amanhã **minha noivinha**. **Não esquece o louco amor do teu, só | teu** || Nelsinho (CM02).

O diminutivo atuando no exagero das emoções está presente nas missivas de amor do século XX tanto na saudação e no desenvolvimento do texto quanto no fechamento e, até, na assinatura da missiva, igualmente apresentado no exemplo 116. A missiva de amor do remetente Nelson Ferreira para sua noiva (e futura esposa) tem um formato composicional bastante completo em relação aos aspectos tradicionais do gênero, para além de saudação (vocativo), desenvolvimento da carta e fechamento, contém ainda um pedido nas expressões “**Espera-me, sim?**” e em “**peço-te que estejas à minha espera**”. Nesse curso, a seguir está

exposto o fechamento da missiva **117 (a)** e, em **117 (b)**, vai além das expectativas de ser uma tradição no século XX, há um *post-scriptum* pouco comum no século analisado. A missiva de **117 (a)** é de Arthur Orlando para, na época, noiva Maria Fragoso. Infelizmente, não temos como expor o desenvolvimento dessa missiva por tratar de assunto privado do casal, entretanto, podemos afirmar a intensa poética da carta e expressividade emocional, abaixo exemplificada:

**117. Fechamento da carta de amor do século XX (*peroratio*)**

- a. Não te esque- | ças de que é com | as linhas de teus braços e com a | cor de teus olhos | que minha alma | vai todos os dias | desenhando o seu ide- |al. || Arthur Orlando (CM01)
- b. Até amanhã **minha noivinha**. Não esquece o louco amor do teu, só | teu || Nelsinho || **P.S. Meu amor:** onde está escripto “nella omittidos,” leia-se “nella emittido.” || **Mais saudades do Nelsito** (CM02).

É importante visualizar os modos de dizer tradicionais que os casais empregam, como a presença frequente de diminutivos, do possessivo em contrapartida à ausência de sujeitos pronominais. Além disso, ao final da carta há uma espécie de modo tradicional de lembrete do sentimento existente entre o casal, a título de exemplificação, temos a expressão: “**Não esquece o louco amor do teu, só | teu || Nelsinho**”.

Por conseguinte, as 46 cartas de amor de meados do século XX pertencem a um casal de pernambucanos, ainda vivente, em que ambos nasceram na cidade do Recife-PE. Entretanto, em um determinado momento, a noiva N. mudou-se de cidade, por isso, o casal teve que se corresponder via carta com o noivo, J. Os nomes foram abreviados para preservar a identidade do casal de qualquer constrangimento que a pesquisa possa causar. Salientamos ainda que os dados servem apenas para análise linguística e, por isso, caso haja qualquer assunto da missiva que possa constranger os missivistas, não divulgamos.

Nesse sentido, ressaltamos que os missivistas das cartas amorosas não são figuras ilustres do Recife, possuem baixo grau de escolaridade. Ainda que as cartas tenham sido escritas por pessoas de pouca escolaridade, correspondem à estrutura composicional do gênero carta pessoal e também estão englobadas no subgênero cartas de amor. Os exemplos logo abaixo destacados visam mostrar que as tradições, através de modos tradicionais de dizer, perpassam o discurso independentemente do nível de escolarização e atuam de maneira eficiente na proximidade da comunicação entre o casal. Desse modo, as cartas de amor trocadas entre o casal de noivos nos anos de 1949 a 1952, são evidenciadas a proximidade das missivas com o

meio fônico e há também uma proximidade discursiva evidenciada por meio de dêiticos (de tempo, lugar, espaço, pessoa, etc.).

Na saudação, além de utilizarem o vocativo com o nome ou apelido da pessoa amada, o casal evoca um modo tradicional de dizer da religião protestante, desejando a “**paz do Senhor**” para seu interlocutor. Esse modo recorrente de dizer refere-se à religiosidade do casal ao evocar um cumprimento comum na fala de evangélicos, que se pode configurar como uma tradição constitutiva singularmente das cartas do casal (COSTA et. al., 2017). A seguir, iniciaremos a análise a partir da saudação das missivas:

### **118. Os vocativos na saudação das cartas de amor de J. para N.**

- a. N. a paz do Senhor (CM30)
- b. Querida N. a paz do senhor (CM18)
- c. L. N. a Paz do Senhor (CM20)
- d. **Qeuridinha N.** a paz do Senhor (CM46)
- e. **Saudação N.** A paz do| Senhor (CM51)

Através dos exemplos acima salientamos a diversidade de vocativos nas diferentes cartas de um mesmo remetente para um mesmo destinatário, isso configura a intenção de sempre o noivo querer inovar nos modos de dizer seus sentimentos para impressionar a noiva. A presença do diminutivo (**em 118 (d)**) é tão frequente quanto nas cartas de amor dos outros missivistas. Sobre a abertura e fechamento das cartas pessoais, a linguista Castilho da Costa (2012, p. 154) discorre que “as formas utilizadas na abertura e fechamento das cartas são a expressão da construção de um relacionamento, que, de início, pode ser entendido como de apenas conhecimento e de certo distanciamento e que, posteriormente, torna-se um relacionamento próximo, íntimo e pessoal com reflexos nas escolhas linguísticas”.

### **119. Os vocativos na saudação das cartas de amor de N. para J.**

- a. querido Z<sup>40</sup>. a paz do Senhor (CM09)
- b. Querido a paz do Senhor (CM13)
- c. Z. paz do Senhor (CM33)
- d. Queridinho paz do Senhor (CM36)

Da mesma forma, os exemplos de **119** são parecidos com os de **118**, pois o casal de missivistas compartilha dos mesmos modos de dizer e, eles mesmos, atualizam segundo o objetivo e assunto da missiva. Dessa maneira, ressaltamos que os principais assuntos que

---

<sup>40</sup> Z. é o apelido de J.

compõem as missivas se referem a notícias sobre si e sobre entes queridos, de como vai a saúde, declarações amorosas, sentimentalismo exacerbado (de tristeza, alegria, saudades), notícias sobre a casa que querem comprar, sobre as atividades ocorridas na igreja, cobrança de resposta à missiva anteriormente enviada, etc. Precedendo o assunto das cartas de amor, todas as missivas de **J. e N.** possuem captação da benevolência com bastante expressividade através de expressões que indicam emocionalidade (**Ver exemplos em 120**):

### 120. Captação da benevolência nas cartas de amor

**a.** N. venho por meio desta **mau traçadas linhas** responder a **tua amavel| cartinha** que veime trazendo muitas **alegria** da qual **o meu coração trasbo-| da di gozo** em saber que tu ainda mi entrega nos peis do mestre e quero| que sempre sejas a sim pois eu ainda espero muito mais de voser (**CM25**).

**b.** N. venhor por meio destas mau trasada linha **darti| As minha noticias** que **estou bem di Saude** graça au| Nosso bom Deus. || **Minha qeurida** as **Saudades** que eu Sinto longe di ti| So Deus Sabe **porque tu bem sabe quem ama longe| Sofre muito não é.** talvez voser não a credite mais| Deus sabi di tudo. (**CM41**)

**c.** Z. **eu ao faser esta é para| saber deste teu silencio.** Este teu| silencio muinto me faz **sofre** pois tu| sabe que o silencio para quem amo| faz sofre muinto. pois **nunca** ame| a niguem **como te amo** (**CM13**).

**d.** Com o **coração transpacado de | saudade** que hoje **pego na minha | pena para enviart-te estas pocas | linhas a dart-te minhas noticias** | tamben **para diser-te que recebi | sua cartinha** com a qual fiquei | **satisfeita** em ver tudas palavras | cariozas. (**CM36**)

A afetividade entre os interlocutores, demonstrada nas missivas exemplificadas em 119, a partir de expressões que indicam sentimentos, deixam transparecer na comunicação a expressividade próxima da oralidade. Segundo Koch e Oesterreicher (2006), o grau de fixação ou liberdade temática, estabelecido entre os interlocutores na missiva, contribui para uma interação intimista e afetiva, como revelam os exemplos acima, nos quais a implicação emocional da captação de benevolência dos interlocutores perpassa todo o *narratio* e culmina em uma despedida e assinatura igualmente expressivas.

A composição do *narratio* das cartas de amor é bem diferente das cartas dos outros subgêneros que analisamos até agora. O *narratio* nas cartas de amor ainda continua sendo a parte na qual os interlocutores articularão a razão pela qual estão escrevendo a carta, mas, além disso, nas missivas de **J. e N.** o assunto do *narratio* mistura-se às diversas declarações, apelos emocionais que aparecem durante toda a missiva, como exemplificado em **121 (a)** e **(b)**.

### 121. Expressões recorrentes no interior do *narratio* das cartas de amor

a. [...]não| **avalias** a alegria que cauzo-me| na hora em que recebi a sua| **cartinha** ao ler fico mais alegre em| saber que **Você** vem sabado D.| não esta aqui quem vai lhe esperar| é V. Z. eu quando recebo| uma carta **sua** não eziste nada| pra enteronper eu responder **suas**| cartas se **Você** não recebe logo a cur|pa esta no correio não esta em| mim. Z. mãe esta bôa| graça ao nosso bom Deus foi a| nossas orações que chegou no| trono da gloria. olha jesus tem| tem feito tantas maravilhas conmigo| que eu não sei agradiser não eu| que mereço mais jesus é tão| <vire> amôr|[fol. v2] bom. Z. eu não estou mais| triste mãe ja esta bôa| agora estou muinto alegre[...]. (CM12)

b. [...]N. quero saber porque| é este tão grande cilencio que **tu estai** com| migo. Porque **vocer** diz que sofre quando| eu não escrevor pra **vocer** quando a cabo| **vocer** da tanto caurão a mi, não e a sim| que si <↑faz> Com quem a mar, pois eu sendo| homem parece mi esforçar, mais para ti| Escrever do que **tu a mir** mais isso e| a sim mesmo eu **mi** conformo com| tudo, sim N. quero dizerte novamente| que a **minha viagem** quando eu vim di| lar foi| Bem graça au nosso bom deus sertamente| **tu orace** muito por mir eu penço a sim| mais não Ceis.[espaço]| Minha N. a que **tu soberse** quanto eu| soufro pela tua auzencia talvez **tu não**| Acredite mais deus saber do meu coração| Quantas verzes que eu com meso a pen-|sar em nosso amor e veigo mesmo| que esta tudo entregeu nas mão do| senhor a que **tu soberse** mi recompencar igual no a môr , mais espero que seiga | <vire a môr> [fol.1v] Como eu penço eu cei que nascie para ti.|| Espero que **tu saiba** bem mi compreenda| Sim N. Como vai irmão margarida| vai bem não é, diga a ela que não ci esqueca| di orar por mir não, vui [...]. (CM45)

Costa et. al. (2017) afirma que não é fácil fixar o modelo de um *narratio* nas missivas ao longo do tempo, principalmente porque as cartas pessoais contêm, geralmente, temática livre e, ainda que se fixe uma temática, no desenvolvimento (ou *narratio*) da carta encontraremos uma série de outros conjuntos de TD. Nos dois exemplos de 120 verificamos uma regularidade de assunto entre o casal de interlocutores. Estes mantêm o estabelecimento da amizade, para além da expressividade emocional de palavras, através da intimidade codificada nos usos dos pronomes, aproximando, assim, as distâncias físicas que existe entre o casal de noivos. Portanto, nos exemplos **121 (a)** e **(b)** as formas de tratamento *Tu e Você* foram destacadas, sobretudo por haver a alternância de *Tu e Você* em uma mesma missiva. Isso é encontrado com menos frequência nas missivas dos outros subgêneros, tanto no século XIX e XX. Corroboramos o afirmado por Costa (et. al. 2017) que *Você* nesse tipo de missiva perceber melhor a antiga forma conservadora *Você* passando a ocupar o lugar de intimidade do discurso, concorrendo com o *Tu*, usando na intimidade (GOMES; LOPES, 2016). Sendo assim, parece que o *narratio*, nas cartas de amor, vai além de cumprir a função de abarcar as informações sobre o estado das coisas.

Além de encontramos modos de dizer tradicionais no em todo o composicional de todas as 47 cartas trocadas entre N. e J., foram identificadas marcas de expressões formulaicas de despedida própria dos missivistas. A expressão “**Nada mais**” nas cartas de N. tem a mesma equivalência do “**Aqui termino**”, para indicar que está finalizando a carta. Já nas cartas de J., a despedida tem como elo de proximidade comunicativa o apelo saudosista “**Fico nas maiores ausências**”, é como se a amada tivesse ido embora.

## 122. Expressões formulaicas de despedida da carta de amor do século XX

### I. Missiva de N. para J.:

- a. [...] **Nada mais** quem te ama. | **N. L. P. (CM06)**
- b. [...] **Nada mas** só com nossa| presença|| tua fiel noiva que tanto te| ama.||[espaço] **N. L. P. (CM32)**

### II. Missiva escrita de J. para N.:

- a. [...] E a qiu ficar **nas maiores auzencia** di ti| [espaço]Não demore es crever|[espaço] ||O teu esquecido Noivo **J. R. B. (CM30)**
- b. [...]termino ficando **em uma das m-|aiores saudade** di ti quem não| Ci esquece di ti um so momento| Na vida teu Noivo **J.R.|B. (CM47)**.

Portanto, as cartas pessoais de amor do século XX evidenciaram diferentes conjuntos de tradições, através de diferentes modos recorrentes de dizer. Uma das principais tradições que vimos atuando na carta pessoal não só de amor, mas de amigo e família também diz respeito a uma das diversas funções sociais da carta, o estabelecimento da amizade (*amicita*). Dessa maneira, na análise das cartas de amor do século XX, vimos a consolidação do contato, através da resposta ao outro e também da implicação emocional na escrita, como principal regra para a manutenção do estabelecimento da amizade e, portanto, manutenção do relacionamento à distância entre o casal de noivos, estabelecendo a intimidade através da expressividade emocional entre os correspondentes para a aproximação de dois ausentes.

## 6 A ALTERNÂNCIA DAS FORMAS TU E VOCÊ NAS CARTAS DE AMIGO, DE FAMÍLIA E DE AMOR DE MISSIVISTAS PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX

*e agora, Você?  
Você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
Você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?*

– Carlos Drummond de Andrade.

Um dos objetivos contemplados nesta dissertação diz respeito à análise quantitativa e qualitativa do fenômeno da alternância das formas de tratamento pronominais *Tu e Você* na posição de sujeito nulo e pleno. Dessa maneira, na observação da escrita de pernambucanos em cartas pessoais, procuramos atentar o olhar especificamente para os elementos composicionais, linguísticos e extralinguísticos em que esse gênero possa nos oferecer pistas sobre a produtividade dos sujeitos pronominais *Tu e Você* pleno e nulo.

Como já discutido na revisão da literatura e no capítulo teórico, este estudo substancialmente está embasado em quatro importantes investigações acerca da produção das formas de tratamento pronominais *Tu e Você* nos contextos de sujeito nulo e pleno, são elas: Rumeu (2013), Gomes e Lopes (2015, 2016), Kato e Duarte (2014) e Duarte (1995, 1993). Estes dois últimos estudos não abordam diretamente as formas de tratamento aqui estudadas, pois o enfoque principal são os contextos de sujeito nulo. Entretanto, os trabalhos de Duarte (1995) e Kato e Duarte (2014) são os que fundamentam de um modo mais abrangente a nossa opção teórico-metodológica de considerar o modelo teórico do PSN (CHOMSKY, 1986) e a análise quantitativa laboviana para a compreensão do fenômeno da alternância das formas de tratamento *Tu e Você* e da mudança do parâmetro do sujeito nulo no PB. Assim, como Tarallo e Kato (1989) salientaram, devemos olhar qualitativamente para a marcação do parâmetro (de ordem positiva ou negativa) e também para a frequência com que as propriedades se realizam.

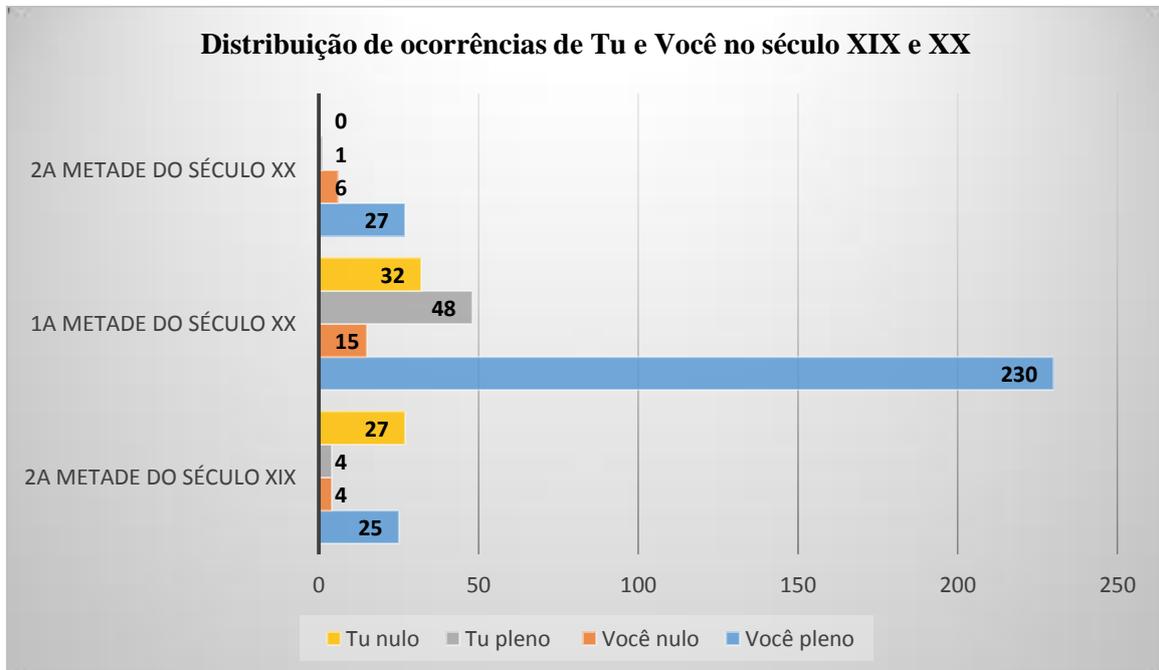
Por compreendermos, conforme Coseriu (1979), que a língua é uma tradição histórica e essa tradição se manifesta na estrutura da língua, acreditamos na relevância, para os estudos histórico-diacrônicos, da união entre as contribuições das TD, que se manifestam nos textos através de modos tradicionais de dizer recorrentes, e o estudo do fenômeno da alternância de *Tu e Você*, embasado no PSN. Essa opção teórico-metodológica nos fez olhar não apenas para a estrutura interna da língua – para suas propriedades internalizadas –, mas também para as

evidências empíricas que favoreçam a compreensão acerca dos contextos de produção e restrição dos sujeitos *Tu e Você* nulo e pleno.

A partir dessa compreensão, optamos por considerar, na seleção dos dados, orações declarativas finitas e de infinitivo por estas terem apresentado as formas tratamentais pronominais de tratamento com maior frequência em nossos dados. Essas orações também evidenciam o uso de sujeito nulo e pleno nas orações encaixadas, em algumas coordenadas e em contextos de anáfora (DUARTE, 1995). Segundo Kato e Duarte (2014), o tipo de oração e a hierarquia referencial são mais significativas quanto ao resultado de sujeitos nulos e plenos, porém obtivemos resultados um pouco diferentes. Dessa forma, é necessário salientar ainda que excluímos as orações com o verbo no imperativo, pois, segundo Duarte (1995, 1993), o imperativo inflaciona a posição de sujeito nulo devido ele ser obrigatoriamente nulo até mesmo em línguas não *pro-drop*, como no inglês, em “*Keep Calm*”.

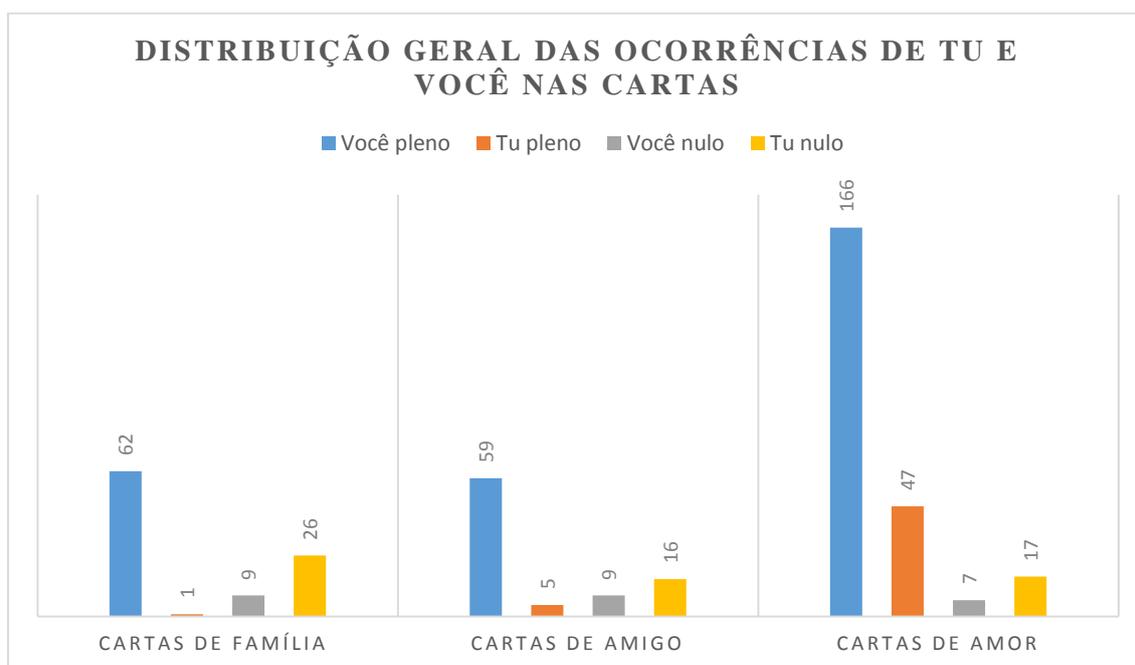
Ao consideramos 131 missivas de pernambucanos na análise dos dados quantitativos linguísticos e extralinguísticos, obtivemos 419 ocorrências de *Tu e Você* nulo e pleno, distribuídas em cada século:

**Gráfico 9 - Distribuição das ocorrências de Tu e Você no século XIX e XX**



Para além da divisão por séculos, os 419 dados das formas tratamentais pronominais *Tu* e *Você* pleno e nulo também estão subdivididos em cada subgênero (amigo, família e amor) da seguinte maneira:

**Gráfico 10** - Distribuição geral das ocorrências de *Tu* e *Você* nas cartas



Observando os dados do gráfico acima, obtivemos no resultado total 282 ocorrências de *Você* pleno, representando 67,3% dos dados; 25 ocorrências de *Você* nulo, sendo 6% dos dados; 59 ocorrências de *Tu* nulo, representando 14,1% dos dados; e 53 ocorrências de *Tu* pleno, correspondendo a 12,6% dos dados totais de 419 ocorrências.

Diante desse resultado geral, destacamos a majoritária produtividade do *Você* pleno nos três subgêneros da carta pessoal. A produtividade de sujeitos plenos, na virada do século XIX para o XX, foi atestada também nos estudos de Duarte (1995), Gomes e Lopes (2016) e Rumeu (2013). Logo, a forma *Você* plena na posição de sujeito foi, predominantemente, produtiva nas cartas de amor, totalizando 166 (70%) ocorrências. O *Você* pleno apresentou resultados aproximados de 62 (63,3%) e 59 (14,1%), respectivamente, nas missivas de família e amigo. A forma *Você* nulo foi pouco frequente nos três subgêneros da carta pessoal, sendo 9 (9,2%) ocorrências da carta de família e 7 (3%) ocorrências de amigo. Logo, observamos que se tem a necessidade de expressar, nas cartas pessoais, a pessoa com quem se fala e, portanto, essa posição de sujeito tem de ser preenchida por um pronome referencial com traço de pessoa, como as formas *Você* e *Tu*.

Sobre as formas de *Tu* pleno e nulo, notamos uma diferença quantitativa significativa entre os três subgêneros das cartas de pernambucanos. Nas cartas de família, temos apenas 1 (1%) ocorrência de *Tu* pleno e 26 (26,5%) ocorrências de *Tu* nulo. De igual modo, nas cartas de amigo, estão presentes 5 (6%) ocorrências de *Tu* pleno e 16 (19%) ocorrências de *Tu* nulo. Provavelmente, a diferença de maior produção de *Tu* nulo em relação à *Tu* pleno esteja relacionada ao tipo de relação estabelecida entre os missivistas e com o processo de gramaticalização da forma *Você* (na posição de sujeito, sendo usada ao lado da forma *Tu*) está em seu estágio intermediário na segunda metade do século XIX, conforme afirma Rumeu (2013). Do contrário, é nas cartas de amor que mais se evidenciam as ocorrências de *Tu* pleno (47 ocorrências, 19,8% dos dados), ao passo que o *Tu* nulo representa 17 ocorrências e 7,2% dos dados. Apesar de o *Tu* pleno ser bem produtivo nas cartas de amor, o *Você* pleno representa 166 ocorrências, como vimos. Segundo Rumeu (2013), é nesse sentido que observamos a forma *Você* já plenamente gramaticalizada em plena primeira metade do século XX e, portanto, as cartas de amor, pelo teor de intimidade, evidencia esse processo.

Como já expomos na metodologia, temos em nosso *corpus* a presença de 50 cartas de amor da primeira metade do século XX. Sendo assim, ao compararmos com os dados das 50 cartas de família que temos do século XX, percebemos que o quantitativo de *Tu* e *Você* plenos na carta de família é bem inferior ao mesmo quantitativo de sujeitos plenos nas cartas de amor.

### 123. Sujeitos plenos de *Você* na carta de família e amor da 2ª metade do século XX:

- a. *Você* não imagina como ella se portou bem e como fez agrados a Dona Amelia e as meninas. (CF30)
- b. *vocer* disse qeu quando si lembra (CM44)<sup>41</sup>

Já no quantitativo das formas *Tu* nulo e pleno na posição do sujeito, percebemos um quantitativo aproximado na preferência de uso dessas formas. Entretanto, o *Tu* nulo foi empregado com mais frequência nas missivas trocadas entre amigos na segunda metade do XIX. Vejamos no exemplo abaixo como sujeito da encaixada:

### 124. Sei que *Øestás* em New York (CF02)

---

<sup>41</sup> É importante lembrar que os exemplos conservam o modo como os missivistas escreveram as cartas, sendo assim os exemplos estão de acordo com a transcrição semi-diplomática, conservando a grafia original.

Ao passo que o *Tu pleno* foi mais produtivo nas cartas de amor do século XX, como veremos mais nitidamente no gráfico da próxima seção.

**125. Tú não sabe quanto eu me sinto feliz em receber tuas amável cartinhas (CM38)**

Além disso, destacamos o fato de termos 50 cartas de família e 50 cartas de amigo na primeira metade do século XX, isto é, a mesma quantidade de missivas mostra que os usos de *Tu* e *Você* são altamente produtivos nas cartas em que os escreventes mantêm uma relação de maior intimidade, como igualmente afirmam Castilho da Costa (2012) e Rumeu (2013). Sendo assim, os dados mostraram que o subgênero da carta pessoal – considerado aqui como uma das variáveis extralinguísticas (RUMEU, 2013) – é um dos grupos de fatores mais significativos na realização nula ou plena do sujeito *Tu* ou *Você* em cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX.

Nessa projeção, os resultados alcançados e discutidos neste capítulo procuram expor em quais contextos linguísticos e extralinguísticos a forma de tratamento pronominal *Tu*, sobretudo a realização nula, tem resistido quanto à entrada da forma de tratamento *Você*, sobretudo em sua realização plena. Logo, acreditamos que os resultados alcançados trilham mais uma vez na reconstrução dos caminhos da forma *Você* alternando com o *Tu*. Assim, os resultados mostram, já na segunda metade do século XX – ao menos nas cartas de amor e família – que a forma *Você* e *Tu* são usadas quase categoricamente para marcar a relação de intimidade e são consideravelmente produtivas nas orações encaixadas (substantivas).

Sendo assim, nas próximas duas seções iremos abordar as análises quantitativas das formas de tratamento *Tu* e *Você* a partir dos fatores extralinguísticos e intralinguísticos.

## 6.1 ANÁLISE DAS FORMAS DE TRATAMENTO *TU* E *VOCÊ* NA POSIÇÃO DE SUJEITO EM CARTAS DE PERNAMBUCANOS: RELACIONANDO AOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

A presente análise das formas de tratamento pronominal *Tu* e *Você* na posição de sujeito pleno e nulo inclui variáveis linguísticas e extralinguísticas para melhor compreensão do fenômeno da alternância nos contextos em que as formas de tratamento são usadas. Sendo assim, para observarmos esses contextos selecionamos variáveis contempladas em outros estudos (GOMES; LOPES, 2016; DUARTE, 1995, 2012), como vimos na tabela de codificação dos dados intralinguísticos e extralinguísticos exposta no capítulo metodológico. Nesta seção, analisaremos os dados de *Tu* e *Você* cruzados com as variáveis extralinguísticas:

o subgênero da carta, a faixa etária, a relação hierárquica dos autores das missivas e o fator tempo (séculos XIX e XX).

Para a obtenção dos resultados, foram realizadas 3 rodadas dos dados. A primeira rodada foi realizada com os dados de *Tu* e *Você* juntos constando os oito grupos de fatores. Porém alguns fatores apresentaram *Knockouts* e foram retirados, são eles: na variável faixa etária, o grupo de fator idoso; na variável tempo, a segunda metade do século XX; e, por fim, do fator de concordância com *Tu* e *Você*, [-] concordância com a forma *Você*. Sobre este último fator, falaremos na próxima seção, que se refere aos dados intralinguísticos. Nesta primeira seção discutiremos os dados estatísticos, cruzando com os fatores extralinguísticos, pois esses fatores nos dizem muito sobre quem usou mais determinada forma, quando e em qual tipo de relação interpessoal.

Diante das diferenças quantitativas referentes ao uso de *Tu* e *Você* nos três subgêneros das cartas, é necessário apresentar a distribuição geral das formas de tratamento pronominal por século. Para isso, cruzamos os grupos de fatores século e subgênero da carta com as variáveis dependentes *Tu* e *Você* nulo e pleno. Desse modo, obtivemos os seguintes resultados quantitativos:

**Quadro 14** - Quantitativo das formas de tratamento por século e subgênero da carta pessoal

SÉCULO	FORMAS DE TRATAMENTO POR SÉCULO E SUBGÊNERO	CARTAS DE FAMÍLIA	CARTAS DE AMIGO	CARTAS DE AMOR	TOTAL (%)
2ª metade do século XIX	<i>Tu</i> nulo	11 (69%)	16 (36%)	-	27 (45%)
	<i>Tu</i> pleno	1 (6%)	3 (7%)	-	4 (7%)
	<i>Você</i> pleno	3 (19%)	22 (50%)	-	25 (42%)
	<i>Você</i> nulo	1 (6%)	3 (7%)	-	4 (7%)
	<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>44</b>	<b>-</b>	<b>60</b>
1ª metade do século XX	<i>Tu</i> nulo	15 (21%)	-	17 (7%)	32 (10%)
	<i>Tu</i> pleno	-	2 (12%)	46 (20%)	48 (15%)
	<i>Você</i> pleno	51 (70%)	13 (76%)	166 (71%)	230 (71%)
	<i>Você</i> nulo	7 (10%)	2 (12%)	6 (3%)	15 (5%)
	<b>TOTAL</b>	<b>73</b>	<b>17</b>	<b>235</b>	<b>325</b>
2ª metade do século XX	<i>Tu</i> nulo	-	-	-	-
	<i>Tu</i> pleno	-	-	1 (50%)	1 (3%)
	<i>Você</i> pleno	8 (89%)	19 (83%)	-	27 (79%)
	<i>Você</i> nulo	1 (11%)	4 (17%)	1 (50%)	6 (18%)
	<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>23</b>	<b>2</b>	<b>34</b>
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>98</b>	<b>84</b>	<b>237</b>	<b>419</b>

No quadro acima, vemos que a quantidade total de *Tu* nulo nas cartas da 2ª metade do século XIX é de 27 ocorrências, representando 45% dos dados totais do século XIX. Estas

ocorrências de *Tu* nulo superam as de *Você* pleno, sendo estas 25 ocorrências e 42% dos dados totais do século XIX. É nas cartas de amigo que obtivemos o maior quantitativo de *Você* pleno, pois são 22 ocorrências representando 50% dos dados das missivas nesse mesmo subgênero. É nesse mesmo subgênero que também ocorre o maior quantitativo de *Tu* nulo no século XIX, 16 ocorrências, representando 36% dos dados desse subgênero da carta. Assim, as cartas de família tiveram 11 ocorrências de *Tu nulo* representando 69% dos dados que são representativos da carta de família. Nos diversos cruzamentos de dados que realizamos, um deles mostrou que essas ocorrências de pleno e nulo nas missivas do século XIX foram usadas, sobretudo, em cartas de uso exclusivo de *Tu* ou de *Você*, isto é, houve pouca alternância das formas de tratamento pronominal em uma mesma missiva. Outro dado importante a destacar, são as ocorrências de *Tu* pleno (1 (6%) e 3 (7%)) e *Você* nulo (1 (6%) e 3 (7%)) que foram iguais nos subgêneros de família e amigo, respectivamente. Com esses dados, ainda que seja uma frequência baixa de ocorrências das formas, percebemos que há uma frequência inversamente proporcional. Nas cartas ocorrem mais formas de *Tu* nulo e *Você* pleno, ao passo que ocorrem menos formas de *Tu* pleno e *Você* nulo. Este fato também se repete nas outras missivas das metades do século XX, só não nas cartas de amor em que o *Tu* pleno e *Você* pleno são altamente produtivos. Vale salientar que não constam dados de cartas de amor na 2ª metade do século XIX, pois apenas temos dados deste subgênero no século XX.

Como dito anteriormente, as cartas de amor, na primeira metade do século XX, atestam alta produtividade das formas *Você* e *Tu* plenos na posição de sujeito. Dessa forma, são 166 (71%) de *Você* pleno e 46 (20%) de *Tu* pleno. Por outro lado, as formas de *Tu* nulo nas 50 cartas de amor são menos frequentes, representando 17 (7%) ocorrências. Nessas cartas predominou a presença das formas de tratamento de modo alternado na mesma missiva, ora o remetente usava *Tu*, ora usava *Você*. Apesar de termos igualmente 50 cartas de família da primeira metade do século XX, não obtivemos nenhuma ocorrência de *Tu* pleno; e o *Você* pleno foi mais frequente, correspondendo a 51 e 70% dos dados, ao lado de *Tu* nulo, 15 ocorrências e 21% dos dados totais de cartas de família. Isso nos fez pensar na hipótese de que a diminuição das formas nulas de *Tu* e *Você*, de um subgênero da carta pessoal para outro, como nas cartas de amor do século XX, tem relação com o tipo de relação hierárquica assimétrica ou simétrica que um correspondente tem com seu interlocutor (GOMES; LOPES, 2016). Como veremos nos quadros ao decorrer dessa seção.

Em relação aos dados da 2ª metade do século XX, não conseguimos realizar grandes comparações, pois tínhamos em nosso *corpus* poucas missivas desta época, entretanto,

destacamos a presença de *Você* nulo nos três subgêneros, pois, ainda que pouco frequente, esteve presente nos três subgêneros e nas 3 metades dos séculos. O *Você* pleno apareceu nas cartas de família (8, 89% dos dados) e de amigo (19, (83%)), mas não teve ocorrência nas de amor. Também não houve ocorrências de *Tu* nulo nos subgêneros e apenas houve uma ocorrência de *Tu* pleno na missiva de amor. Não podemos, portanto, fazer muitas constatações, porque tivemos que retirar da variável “tempo” o fator “2ª metade do século XX” das rodadas, a fim de obtermos os pesos relativos, mas é fato que na segunda metade do século XX a frequência de cartas começou a diminuir dando lugar, aos poucos, ao telefone com discos numéricos.

Por conseguinte, ao realizarmos as rodadas para obtermos os pesos relativos, constatamos enquanto variáveis extralinguísticas significativas de *Tu* nulo e pleno e *Você* nulo e pleno:

**Quadro 15** - Peso relativo dos fatores mais significativos da forma de tratamento *Você* pleno e nulo

<b>Variáveis significativas da forma de tratamento <i>Você</i> pleno e nulo</b>			
<b>GRUPO DE FATORES:</b>	FAMÍLIA	AMIGO	AMOR
Peso relativo por gênero da carta pessoal	.339	.309	.636
<i>Valor de significância</i> <sup>42</sup> =>	0.011		

A partir dos pesos relativos acima mostrados, verificamos que os subgêneros família, amigo e amor evidenciam os dados mais significativos sobre a ocorrência de *Você* nulo e pleno. Isso, provavelmente, ocorreu porque cada subgênero da carta pessoal possui distintos tipos de relacionamentos mantido entre os escreventes. Alguns modos tradicionais de dizer revelam a relação de intimidade ou não intimidade entre os interlocutores e, conseqüentemente, isso poderá fazer com que o remetente opte por uma forma de tratamento ou outra; ou até mesmo, opte pela alternância das formas em uma mesma missiva, como vimos nas cartas de amor, no século XX (GOMES; LOPES, 2015, 2016; RUMEU, 2013).

<sup>42</sup> O Valor de significância quanto mais perto de zero, mais significativo o grupo de fatores. Já o peso relativo quanto mais próximo de 1, mais significativo é o fator dentro do grupo de fatores.

Na tabela a seguir estão expostos os valores dos pesos relativos do grupo de fatores mais significativo e, também, os melhores valores dos pesos relativos do grupo de fator escolhido como o mais próximo de ser relevante dentro do conjunto de variáveis menos significativas:

**Quadro 16** - Pesos relativos dos fatores da forma de tratamento *Tu* pleno e nulo

<b>Melhores variáveis dentro dos grupos de fatores menos significativas de <i>Tu</i> pleno e nulo</b>			
<b>GRUPO DE FATORES:</b>	Família	Amigo	Amor
Peso relativo por subgênero da carta pessoal	.964	.730	.152
<b>Valor de significância =&gt;</b>	0.334		

Através dos pesos relativos destacados acima, obtivemos que os subgêneros da carta pessoal têm os valores mais próximos do grupo considerado como significativo. Sendo assim, o programa quantitativo elegeu os subgêneros da carta pessoal de pernambucanos como o grupo de fatores das formas de tratamento pronominal *Tu* (na posição de sujeito nulo e pleno) tendo os mais próximos valores dos pesos relativos mais significantes de *Tu*, isto é, o gênero carta pessoal, depois de tipos de orações de ocorrências da forma *Tu* (Ver seção 6.3), é o mais significativo. Isso mostra que tanto o subgênero carta pessoal quanto os tipos de orações contribuem na alternância de *Tu* e *Você* e na produção enquanto sujeitos nulos e plenos.

Dando prosseguimento à análise, ao compreendermos que no uso das formas de tratamento pronominal *Tu* e *Você* pode haver uma escolha conforme a hierarquia das relações estabelecidas entre os interlocutores, consideramos os dados quantitativos para a análise dos dados de *Tu* e *Você* na posição de sujeito pleno e nulo. Como expomos na metodologia, Brown e Gilman (1960) acreditam que os pronomes de tratamento indicam relações de *Poder* e *Solidariedade*. Nesse caso, o *Tu* ocuparia o lugar de intimidade das relações e, consequentemente, o *Você* estaria relacionado aos usos mais cerimoniais, seria indicador de um grau hierárquico estabelecido pela pessoa que fala e com quem fala. De certo modo, esse fato é bem estabelecido em algumas línguas com as formas de tratamento pronominal *Tu* e *Você*, como no espanhol o “tutear”, ou seja, tratar por *Tu* na relação de intimidade. Em certos casos, o interlocutor recebe como ofensa ser tratado por *Você* em uma relação de amizade, por

exemplo. Entretanto, no Brasil, usamos outras formas nominais de tratamento para evidenciar a hierarquia nas relações, como *Senhor (a)*, *Vossa Excelência*, *Vossa Santidade*, etc. Nesse sentido, sabemos que as formas *Você* e *Tu* têm sido usadas na intimidade, por isso, acreditamos que a virada do século XIX para o XX é o marco intermediário da mudança do cerimonioso *Você* (RUMEU, 2013; LOPES; GOMES, 2016), para uma forma que se adequa à necessidade dos usos conforme as relações interpessoais. Diante dessa perspectiva, segue abaixo a exposição dos dados no quadro a seguir para melhor visualizarmos as formas de tratamento estudadas nesta dissertação relacionadas com as relações estabelecidas entre os missivistas:

**Quadro 17 -** Quantitativo das formas de tratamento por século e relação estabelecida pelos escreventes

CRUZAMENTO DE DADOS		2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL (%)
Relação assimétrica ascendente (ex. missivas escritas de filho(a) para pai ou mãe)	<i>Tu</i> nulo	-	10 (24%)	-	10 (22%)
	<i>Tu</i> pleno	-	-	-	-
	<i>Você</i> pleno	-	26 (63%)	4 (100%)	30 (67%)
	<i>Você</i> nulo	-	5 (12%)	-	5 (11%)
	<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>41</b>	<b>4</b>	<b>45</b>
Relação assimétrica- descendente ( missivas de pai ou mãe para filho(a))	<i>Tu</i> nulo	11 (69%)	5 (24%)	-	16 (40%)
	<i>Tu</i> pleno	1 (6%)	-	-	1 (2%)
	<i>Você</i> pleno	3 (19%)	16 (76%)	2 (67%)	21 (52%)
	<i>Você</i> nulo	1 (6%)	-	1 (33%)	2 (5%)
	<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>21</b>	<b>3</b>	<b>40</b>
Relação simétrica (missivas troçadas entre amigos e colegas)	<i>Tu</i> nulo	16 (36%)	-	-	16 (16%)
	<i>Tu</i> pleno	3 (7%)	2 (7%)	-	5 (5%)
	<i>Você</i> pleno	22 (50%)	22 (79%)	21 (84%)	65 (67%)
	<i>Você</i> nulo	3 (7%)	4 (14%)	4 (16%)	11 (11%)
	<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>28</b>	<b>25</b>	<b>97</b>
Relação simétrico-	<i>Tu</i> nulo	-	17 (7%)	-	17 (7%)
	<i>Tu</i> pleno	-	46 (20%)	1 (50%)	47 (20%)

solidária (missivas troçadas entre casais)	<b>Você pleno</b>	-	166 (71%)	-	166(70%)
	<b>Você nulo</b>	-	6 (3%)	1 (50%)	7(3%)
	<b>TOTAL</b>	-	<b>235</b>	<b>2</b>	<b>237</b>

O cruzamento de dados das relações estabelecidas entre os autores das missivas e o uso das formas de *Tu* e *Você* nas três metades dos séculos está distribuído como mostra o quadro acima. Segundo os dados, a relação assimétrica-ascendente são as que mais apresentaram, depois das cartas de amor, sujeitos com *Você* pleno, apresentando 26 ocorrências (63% dos dados da primeira metade do século XX). Por outro lado, a relação assimétrica-descendente apresenta dados aproximados de *Tu* nulo com 69% dos dados da 2ª metade do século XIX e *Você* pleno com 16 ocorrências, representando 76% dos dados da primeira metade do século XX. Houve, então, uma diminuição da quantidade de sujeito nulo de *Tu* e mais uma vez percebemos uma frequência inversamente proporcional nesse tipo de relação, pois enquanto o sujeito de *Tu*, ao logo do tempo, vai diminuindo, o sujeito pleno de *Você* vai sendo mais empregado nas cartas de pernambucanos. De acordo com Rumeu (2013), a forma de tratamento *Você* é, por vezes, conservada em seu caráter cerimonioso de outrora, sobretudo, nas missivas de família do início do século XX. Na amostra das cartas do *corpus*, observamos a presença de um *Você* mais cerimonioso em cartas de amigo quando se tratava de um assunto político ou de uma carta enviada a um missivista ilustre, como no exemplo abaixo.

**126.**[...] Mando-lhe uma carta para o Pranaguá, que| **Você** me fará o favor de entregar-lhe, a copia da mesma| carta para a imprensa. Peço-lhe que torne publico|o meo prothesto contra o novo trafico de ingenuos que| começa|| Eu desejava que **Você** reorganizasse n'uma Sessão| a Sociedade Brasileira contra a Escravidão. Somos | um comité abolicionista, nem queremos ser outra| coisa [...]. (CA07)

Por conseguinte, nessas cartas de amigo, os missivistas mantêm uma relação de simetria. Neste fator, na segunda metade do século XIX, houve 16 ocorrências de *Tu* nulo, que representa 36% dos dados deste século. Além disso, a presença de *Você* pleno, como dito, por vezes é empregado nas missivas troçadas entre amigo com um caráter mais cerimonioso, notado a partir de modos tradicionais de dizer, de escolhas lexicais que diferem das cartas enviadas para interlocutores com os quais mantêm mais proximidade.

Na primeira metade do século XX, as missivas correspondentes à relação simétrica permanecem com 22 ocorrências de *Você* pleno e, na segunda metade, 21 ocorrências de *Você* pleno. As ocorrências de *Tu* nulo não aparecem no século XX. Ao que parece, as cartas de amigo e de família foram as que menos alternaram o uso das formas de tratamento

pronominal, pois são cartas nas quais prenominações relações de menor intimidade. Nas cartas de amigos, por exemplo, apesar de serem mantidas relações de simetria, algumas foram escritas por homens ilustres e de alto grau de escolaridade e possuem assuntos específicos ou formais, como assuntos políticos, convites, etc. Não favorecendo, assim, o uso alternado das formas.

A partir do quadro 18, devemos apontar que as missivas de relação simétrico-solidária (cartas trocadas entre namorados, noivos, etc.) foram as que mais revelaram o aumento das formas de *Tu* pleno (46 ocorrências, 20% dos dados) e *Você* pleno (166 ocorrências, 71%). Nesse fator, a porcentagem de *Tu* nulo é a mais frequente na primeira metade do século XX, representada por 17 ocorrências e 7% das ocorrências totais. As cartas de amor são as que mais tiveram uma maior alternância de *Tu* e *Você* pleno e nulo em uma mesma missiva. Nesse caso, percebemos com mais evidência as formas *Tu* e *Você* em competição, a forma *Você* variando e ocupando o lugar de intimidade de *Tu* (LOPES; GOMES, 2016).

Para finalizar a discussão desta seção, é necessário salientar que o grupo de fator referente à faixa etária dos correspondentes muito revela sobre as mudanças ocorridas de geração para geração nas gramáticas internalizadas, uma dessas mudanças é a do PSN (CHOMSKY, 1986; DUARTE, 1995). Observemos o quadro a seguir:

**Quadro 18** - Quantitativo por século e faixa etária das formas de tratamento *Tu* e *Você* nulo e pleno

CRUZAMENTO DE DADOS		CARTA DE FAMÍLIA	CARTA DE AMIGO	CARTA DE AMOR	TOTAL (%)
<b>ADULTO</b> (31-50 anos)	<b>Tu nulo</b>	11 (31%)	7 (14%)	-	18 (21%)
	<b>Tu pleno</b>	1 (3%)	2 (4%)	-	3 (4%)
	<b>Você pleno</b>	20 (56%)	35 (71%)	-	55 (65%)
	<b>Você nulo</b>	4 (11%)	5 (10%)	-	9 (11%)
	<b>TOTAL</b>	<b>36</b>	<b>49</b>	<b>-</b>	<b>85</b>
<b>JOVEM</b> (18-30anos)	<b>Tu nulo</b>	10 (24%)	9 (53%)	17 (7%)	36 (12%)
	<b>Tu pleno</b>	-	3 (18%)	47 (20%)	50 (17%)
	<b>Você pleno</b>	27 (64%)	3 (18%)	166 (70%)	196 (66%)
	<b>Você nulo</b>	5 (12%)	2 (12%)	7 (3%)	14 (5%)
	<b>TOTAL</b>	<b>42</b>	<b>17</b>	<b>237</b>	<b>296</b>

Como apresentado no quadro acima, são os jovens na carta de amor apresentam a maior incidência de formas de tratamento pronominal na posição de sujeito, são elas: 17 (7%) de *Tu* nulo, 47 (20%) de *Tu* pleno, 166 (70%) de *Você* pleno e 7 (3%) ocorrências de *Você* nulo. Por possuímos missivas de jovens noivos da segunda metade do século XX, é importante ressaltarmos que são eles que mais fazem uso alternado das formas de tratamento *Tu* e *Você* na mesma carta, como vimos ao longo da seção. Os jovens nas cartas de família produziram mais a forma *Você* pleno, sendo 27 (64%) ocorrências. Ao passo que os mesmos jovens, na carta de amigo, produziram 9 (53%) ocorrências de *Tu* nulo. Sendo assim, percebemos que, ao mudar de interlocutor, muda-se também a forma de tratamento pronominal usada. Na carta de jovens escrevendo para a família, não foi obtido nenhuma ocorrência de *Tu* pleno, mas houve 10 (24%) ocorrências de *Tu* nulo. Mais uma vez as ocorrências apontam para mudança de tratamento relacionada com quem se fala, seja um familiar ou um amigo. Por fim, os jovens, nas missivas para amigos, produziram apenas 3 (18%) ocorrências de *Você* pleno e *Tu* pleno, sendo pouco frequente. Houve apenas 2 (12%) ocorrências de *Você* nulo.

Por conseguinte, os dados das cartas de família de correspondentes adultos e jovens obtiveram um quantitativo percentual bem próximos, representando, respectivamente, 36 e 49 ocorrências totais das cartas de família. Os adultos, nas cartas de família, produziram maior percentual de *Você* pleno (20 ocorrências, 56% dos dados). Por outro lado, houve 11 ocorrências (31% dos dados) de *Tu* nulo e apenas 1 (3%) de *Tu* pleno. A forma *Você* nulo se manteve pouco frequente nas missivas dos três subgêneros, na carta de família apenas obtivemos 4 ocorrências, correspondendo a 11% dos dados realizados por adultos pernambucanos em cartas de família. Nas cartas de amigo, houve maior produtividade da forma *Você* na posição de sujeito pleno, tendo obtido 35(71%) ocorrências. Os quantitativos de *Tu* nulo (7 ocorrências, 14%), *Tu* pleno (2 ocorrências, 4%), e *Você* nulo (5 ocorrências, 10%). As formas de *Você* nulo e *Tu* pleno na escrita de adultos são quantitativamente estáveis ao longo dos séculos e não há alta produtividade nos dados de ocorrências desses sujeitos.

Ademais, as cartas de família e amigos de adultos são as com menor índice de ocorrência de *Tu* pleno e maior quantitativo de *Você* pleno, portanto, nos dados mostrados no quadro fica evidente que são os mais jovens que mais alternam em situações de intimidade, ainda que tenhamos encontrado algumas missivas com *Você* ou *Tu* exclusivos, como no exemplo abaixo.

127.[...] Creio pelo elevado espírito que possui, que *Você* | não é capaz de ofender a quem quer que seja, mesmo | intencionalmente.[...] O motivo do meu silêncio não é | caracterizado pelo que *Você* pensa [...]Também, não quero que acredite nesse léro-léro, por-| que *Você* sabe, o papel aceita tudo. O que eu quero | é que *Você* tenha confiança em mim e analise bem o | [fol. 1v.] que si passou, pois, ah!, pois ah! está toda a verdade | Lamento não ter estado ah! para o churrasco e o | baile. Ada foi ao baile e *Você* não, ela sabe | aproveitar a vida melhor do que *Você*. [...] De coração agradeço *Você* ter lembrado de mim em | suas orações [...] (CM03)

Como Gomes e Lopes (2015 e 2016) e Rumeu (2013) atestam em seus resultados *quantum-qualitativos*, a relação intimidade está associada fundamentalmente à produtividade das formas de *Você* de sujeito pleno ao lado de formas de *Tu* – como sujeito pleno nas relações de intimidade. Como também, Castilho da Costa (2012) afirma que o principal papel da carta é o estabelecimento da amizade e, conseqüentemente, a construção de um relacionamento de intimidade na troca de cartas entre dois “ausentes”.

Outros resultados importantes, mas que foram descartados das rodadas devido ao *Knockouts*, foram os dados de produção de sujeitos nulo e pleno por parte dos idosos nas cartas de família e amigo, como podemos observar no quadro abaixo:

**Quadro 19** - Quantitativo por século e faixa etária (Idoso) das formas de tratamento *Tu* e *Você* nulo e pleno

CRUZAMENTO DE DADOS		CARTA DE FAMÍLIA	CARTA DE AMIGO	CARTA DE AMOR	TOTAL (%)
IDOSO (a partir de 51 anos)	Tu nulo	5 (25%)	-	-	5 (13%)
	Tu pleno	-	-	-	-
	Você pleno	15 (75%)	16 (89%)	-	31 (82%)
	Você nulo	-	2 (11%)	-	2 (5%)
	<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>18</b>	<b>-</b>	<b>38</b>

O *Tu* nulo apenas apareceu em 5 (25% dos dados) ocorrências nas cartas de família. Diante dos dados apresentados, que os idosos, ao escreverem para a família (filhos, primos, etc.), utilizavam a forma exclusiva *Você* e, por vezes, contextos de *Você* com formas verbais de imperativos, não consideradas nesta análise. Sendo assim, os dados evidenciam que as ocorrências das formas de tratamento pronominal *Você* pleno, na escrita de idosos, foram produtivas. Portanto, as formas de tratamento de *Você* pleno nas cartas de amigo (16 ocorrências, 89% dos dados) e nas cartas de família (15 ocorrências, 75% dos dados).

Portanto, observamos, nas cartas escritas por idosos, o emprego de *Você* mais cerimonioso, a fim de demarcar as relações, algumas vezes combinados com formas de imperativo (não incluídas na análise). Diante do exposto, observemos o exemplo com a exclusividade da forma *Você* na posição de sujeito:

**128.** Como disse no telegramma de hontem | se não é necessario ficar ahi *para* faser o tratamento, *Você* venha *para* fazê-lo aqui. || Como recommendei *Você* a Abreu Fia- | lho e ao David Lansor e conte-lhes suas | consultas de São Paulo e a do Padre de | Farias – Talves elles tenham alguma | coisa para a aconselhar. || Em carta anterior fis a ecommenda [Folha 1v] de 3 janellas iguaes a nossa e de uma mesa que | via mesmo [init.] sós. || Na supposição de ser pouco o dinheiro eu man- | dei [inint.], quando ***Você*** foi, eu dei aqui ao | Banco do Povo mais quinhentos mil reis a pe- | dido delle e o avisei por carta que elle deve | ter recebido [...].

A observação dos grupos de fatores extralinguísticos nos aponta para uma possível mudança na produção de sujeitos nulos no PB, pois, conforme Duarte (1995), se antes evitava-se a produção de sujeitos plenos para não se repetir frequentemente o sujeito (princípio evite pronomes referencialmente nulos). Hoje, com o enfraquecimento da morfologia verbal e a entrada do *Você* no quadro pronominal brasileiro representando a 2ª pessoa do discurso ao lado de *Tu*, a forma *Você* é produtivamente plena e usada nas relações de intimidade. Por outro lado, temos o *Tu* nulo que é produtivo como forma nula em contextos de anáfora, de modo geral, nas encaixadas, conforme veremos na próxima seção sobre os contextos de restrições das formas de tratamento pronominal de *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno.

## 6.2 OS CONTEXTOS DE RESTRIÇÃO DAS FORMAS TU E VOCÊ NA POSIÇÃO DE SUJEITO NULO E PLENO

De acordo com Duarte (1995) e Kato e Duarte (2014) o enfraquecimento dos paradigmas verbais provocado pela entrada das formas tratamentais *Você* e *A gente* – sendo esta considerada forma de tratamento nominal (CINTRA, 1972) – é um dos fatores para o licenciamento e maior produtividade de sujeitos plenos no PB. Os estudos de Duarte (1995, 1993) caminham na direção de tentar visualizar em quais contextos os efeitos das simplificações do paradigma flexional está presente o sujeito pleno em detrimento do sujeito nulo, que até meados do século XIX era muito produtivo no PB. Dessa maneira, selecionamos como variáveis intralinguísticas, aqui exploradas: os fatores concordância, exclusividade ou não exclusividade das formas de tratamento *Tu* e *Você* nulo e pleno em uma mesma missiva e

os tipos de orações. Além disso, destacamos os pesos relativos das variáveis intralinguísticas mais significantes das formas *Tu* e *Você* na posição de sujeito pleno e nulo.

No tocante a questão da concordância, tentamos incluí-la nas variáveis desta pesquisa, entretanto apenas houve [-] concordância com a forma de *Tu* nos dados do *corpus* e, por isso, tivemos que retirar dos dados gerais, a fim de obtermos os pesos relativos. Assim, abaixo seguem expostos apenas os dados estatísticos desse grupo de fator:

**Quadro 20** - Quantitativo de ocorrências das formas de tratamento *Tu* e *Você* com o fator da concordância

	<b><i>Você</i> pleno</b>	<b><i>Tu</i> nulo</b>	<b><i>Você</i> nulo</b>	<b><i>Tu</i> pleno</b>	<b>TOTAL</b>
<b>[+] CV</b>	282 (74,4%)	59 (15,56%)	25 (6,59%)	13 (3,45%)	<b>379</b>
<b>[-]CV</b>	-	-	-	<b>40 (100%)</b>	<b>40</b>

Os dados acima destacam que as formas com concordância de *Você* pleno (282 ocorrências, 74,4% dos dados) foi altamente produtiva assim como a forma de *Tu* nulo (59 ocorrências, 15,56% dos dados). Em contrapartida, as ocorrências de *Você* nulo (25 ocorrências, 6,59% dos dados) com concordância obtiveram menos índices percentuais e unitários. Sendo assim, é preciso destacarmos 40 (100%) ocorrências de *Tu* pleno sem concordância, como em “*Tu vem*”. Essas ocorrências mostram a maior produtividade de *Tu* pleno na posição de sujeito, sendo 13 ocorrências (3,45% dos dados) de *Tu* pleno (com concordância) e 40 ocorrências (100% dos dados de sem concordância).

Dando prosseguimento aos estudos sobre a produção de sujeitos nulos no PB, Duarte juntamente com Kato, procura investigar quais os contextos de restrições licenciam as ocorrências desse tipo de sujeito. Nesse sentido, as autoras propõem que, para o princípio “Evite Pronome” (Chomsky, 1981) – postulado para línguas de NS consistente –, pode ter uma contraparte “evite pronomes não-referenciais” para línguas de sujeito nulo parcial, como o PB. Sendo assim, a variação de sujeitos referenciais, como as formas *Tu* e *Você* nulo e pleno, pode ocorrer nas línguas em que licenciam a realização fonética ou não dos sujeitos, isto é, pode ocorrer em línguas de sujeito nulo parcial.

Sendo assim, nos resultados, as autoras mostram que o PB tanto tem características do francês em relação aos pronomes expressos serem fracos (natureza clítica de pronomes fracos sujeitos, como em “*cê vai*”), como também, em contexto de anáfora, os pronomes sujeitos têm características do nulo logofórico do chinês (que seria uma referência semântica de

correferencialidade<sup>43</sup>. Para obter os dados sobre o licenciamento seletivo do sujeito nulo do PB, as autoras se embasam nos estudos de Cyrino, Kato e Duarte (2000) sobre a hierarquia referencial do sujeito na qual a primeira e segunda pessoas do discurso com o traço [+] humano ocupariam as posições mais altas. Já o expletivo, sem traços de pessoa (pronomes de 3ª pessoa sem traços de pessoa), como o “cê”), ocuparia posições mais baixas da hierarquia referencial<sup>44</sup>. Dessa forma, quanto mais referencial, maior a probabilidade de sujeitos plenos (KATO; DUARTE, 2014).

No tocante a hierarquia de referencialidade, afirmamos que as ocorrências das formas pronominais *Tu* e *Você* das cartas de pernambucanos do século XIX e XX apresentaram-se categoricamente com valor de referencialidade semântica [+] humano e [+] específica. De acordo com Kato e Duarte (2014) isso contribui para a presença majoritária de sujeitos plenos devido à posição de sujeito através do enfraquecimento da concordância, em línguas não pro-drop ou parcialmente pro-drop, licenciar os traços [+] humano e [+] específico na produção de sujeitos plenos. Executamos, assim, mais duas rodadas em separado, uma, de *Você* nulo e pleno; e outra, de *Tu* nulo e pleno, pois, na rodada em conjunto, o grupo exclusividade e não exclusividade das formas em uma mesma missiva estava dando *Knockouts* para as formas de *Você* do remetente com uso exclusivo de sujeito *Tu* e vice-versa.

Por conseguinte, a partir do gráfico abaixo, podemos perceber as ocorrências das formas de tratamento pronominal *Tu* e *Você* sendo usadas de modo exclusivo, não exclusivo ou alternado em uma mesma missiva:

**Quadro 21** - Exclusividade ou não exclusividade das formas de tratamento *Tu* e *Você*

	<b><i>Você</i> pleno</b>	<b><i>Você</i> nulo</b>	<b><i>Tu</i> pleno</b>	<b><i>Tu</i> nulo</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Remetente com uso exclusivo de sujeito <i>Tu</i></b>	-	-	11 (28,9%)	27 (71,10%)	38 (9,1%)
<b>Remetente com uso exclusivo de sujeito <i>Você</i></b>	201 (91,8%)	18 (8,2%)	-	-	219 (52,3%)
<b>Remetente com uso alternado <i>Tu</i> e <i>Você</i></b>	81 (50%)	7 (4,3%)	42 (25,9%)	32 (19,8%)	162 (38,7%)

<sup>43</sup> Ver mais sobre essa questão na revisão da literatura.

<sup>44</sup> Ver gráfico no capítulo de revisão da literatura.

<b>TOTAL GERAL DE CADA FORMA DE TRATAMENTO</b>	282 (67,3%)	25 (6%)	53 (12,6%)	59 (14,1%)	419
--	----------------	------------	---------------	---------------	-----

Conforme o quadro 22, obtivemos os 419 dados de *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno, sendo 307 dados da forma de tratamento *Você* e 112 dados da forma de tratamento *Tu*. O grupo de fator referente à variável “exclusividade e não exclusividade das formas *Tu* e *Você* em uma mesma missiva” nos mostra que, mesmo realizando dados separados das formas *Tu* e *Você*, podemos visualizar as quantidades unitárias e os percentuais do contexto em alternância no qual aparecem as seguintes ocorrências mostradas no quadro acima: 81 (50%) de *Você* pleno, 7 (4,3%) de *Você* nulo, 42 (25,9%) de *Tu* pleno e 32 (19,8%) no contexto de alternância. Assim, mesmo nas rodadas em separado, conseguimos visualizar a alternância das formas através do grupo de fator exclusividade e não exclusividade das formas. Ademais, obtivemos 201 (91,8%) ocorrências de *Você* pleno e 18 (8,2%) ocorrências de *Você* nulo usado de forma exclusiva pelos interlocutores em uma mesma missiva. Dessa forma, podemos visualizar que as ocorrências de *Você* pleno (201, 91, 8% dos dados) em cartas com uso exclusivo dessa forma ganha em quantitativo para as formas de *Você* pleno em cartas que os interlocutores usam o *Você* pleno (81, 50% dos dados) em contexto de alternância. Por outro lado, os dados da forma de tratamento *Tu* usado de modo exclusivo correspondem a 11 (28, 9%) ocorrências de *Tu* pleno e 27 (71, 10%) ocorrências de *Tu* nulo.

No quadro acima, vimos que os dados quantitativos nos revelam uma alta produtividade de *Você* pleno (201 ocorrências, correspondendo a 91,8% dos dados) em missivas nas quais os remetentes fazem uso exclusivo da forma *Você* em uma mesma missiva. Em contrapartida, a forma *Tu* nulo foi mais produtiva em cartas com o uso exclusivo de *Tu*. As ocorrências de *Tu* e *Você* nulo e pleno considerando a exclusividade ou não exclusividade do sujeito em uma mesma missiva correspondem aos seguintes exemplos:

### 129. Exclusividade ou não exclusividade na posição de sujeito

#### a. Remetente com uso exclusivo de *Tu*:

[...] Talvez tivesses | te esquecido de me diser | mas como pensaste | em diser-me *Øestas* equivo-| cada. Depois da carta | de 6 de junho *que* me *Øes-*| **creveste** em papel em | Ministerio da Guerra, | 20 recebi essas duas car-| tas *que* me chegaram na-| te-hontem. Vi portanto | *porque Øsaudaste* essa | *que* não chegou aqui [...]. (CF04)

#### b. Remetente com uso exclusivo de *Você*:

[...] Mando-lhe uma carta para o Pranguá, que| **Você** me fará o favor de entregar-lhe, a copia da mesma| carta para a imprensa. Peço-lhe que torne publico|o meo prothesto contra o novo trafico de ingenuos que| começa|| Eu desejava que **Você** reorganizasse n'uma Sessão| a Sociedade Brasileira contra a Escravidão[...] (CA07)

**c. Remetente com uso alternado de Tu e Você:**

[...] Z. se fôr verdade | o Que **Você** manda dizer-me em tua| cartinha eu poderia considerar-me | Feliz mais creio que estas palavras| saem de um coração sincero e não fin-| gido não e assim? Fiquei muito alegre em| saber que **tú vem** passar são joão comigo| manda-me dizer o dia porque se for po- | ssivel eu vou te esperar [...] Z. **tú pedes**, que | eu ore por ti olhar eu nunca me esqueco de entregar-te ao senhor[...] (CM06)

Relativo aos pesos significantes para a produção de *Você*, o programa quantitativo classificou que o grupo de fatores mais próximo da significância, depois dos subgêneros da carta pessoal, são os tipos de orações, apresentando os consequentes dados:

**Quadro 22** - Peso relativo dos fatores menos significantes da forma de tratamento *Você* pleno e nulo

<b>Melhores variáveis dentro dos grupos de fatores menos significantes de <i>Você</i> pleno e nulo</b>						
<b>GRUPO DE FATORES:</b>	Independentes	Principais	Substantivas	Adverbiais	Adjetivas	
Peso relativo por tipo de oração	.299	.563	.674	.563	.577	
<b>Valor de significância =&gt;</b>	0.020					

Diante desses resultados, visualizamos que os pesos relativos das melhores variáveis dentro do grupo dos fatores menos significantes servem para mostrar o quanto “o tipo de oração” influência na produção de sujeitos plenos e nulos das formas analisadas nesta pesquisa. O peso relativo de 0,020 também se aproxima muito do valor de 0,011, entretanto, o peso dos tipos de orações nos mostra que, embora elas exerçam certa influência na realização plena ou nula das formas, não é a mais relevante no contexto das cartas pessoais que constituem o nosso *corpus*. Ainda assim, é fundamental apresentarmos e analisarmos quantitativamente em quais contextos as formas de tratamento pronominal *Tu* e *Você* pleno e nulo mais se apresentam, seja na oração encaixada substantiva, adjetiva, principal, etc. Para então, percebermos o que isso aponta na direção da mudança paramétrica que estamos vivendo no PB.

Ao contrário do que constatamos acerca dos pesos relativos mais significantes de *Você* pleno e Nulo, na seção anterior, os resultados dos pesos da forma de tratamento pronominal *Tu* pleno e nulo mostram que o “tipo de oração” é mais relevante para a produção de sujeitos nulos e plenos de *Tu*.

**Quadro 23** - Variáveis significativas da forma de tratamento *Tu* nulo e pleno

<b>Variáveis significativas da forma de tratamento <i>Tu</i> nulo e pleno</b>					
<b>GRUPO DE FATORES:</b>	Independentes	Principais	Substantivas	Adverbiais	Adjetivas
Peso relativo por tipo de oração	.287	.902	.654	.497	.255
<b>Valor de significância =&gt;</b>	0.010				

Dessa maneira, alguns fatores do grupo “tipos de orações” podem nos indicar que, possivelmente, são contextos de resistência de entrada de *Você* na posição de sujeito (pleno ou nulo). Ademais, a presença dos subgêneros da carta pessoal como um dos fatores que não devem ser descartados – mas também não é o mais significativo – representa que as relações interpessoais estabelecidas entre os missivistas das cartas influenciam muito mais a produtividade de *Você* e essa forma cada vez mais é usada na intimidade, nas relações simétricas (entre amigos) e simétrico-solidária (entre casais).

Os dados atestam, portanto, que as formas *Tu* e *Você* pleno vêm aumentando a frequência nas orações subordinadas, sobretudo nas encaixadas, nas principais e coordenadas. Ao passo que, ao longo dos séculos, a produção do sujeito nulo de *Tu* e *Você* cada vez mais vai perdendo sua produtividade até mesmo nas orações encaixadas que são um contexto de nulo obrigatório em línguas prototipicamente *pro-drop* (DUARTE, 1995). Ademais, nas cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX, ao contrário do que os dados de peças teatrais de Duarte (1993, 1995) mostram, as formas de tratamento pronominais de *Tu* e *Você* na posição de sujeito, realizam-se indicando a referencialidade do sujeito com os traços [+]humano e [+]específico e, quando expressos, são pronomes fortes.

Nesse sentido, o nosso objetivo nesta seção é mostrar os dados estatísticos das formas *Tu* e *Você* nulo e pleno obtidos e, também, relacioná-los com os tipos de orações produzidas ao longo dos séculos XIX e XX. Abaixo, verificamos alguns dados de orações subordinadas

adjetivas sobre as formas de tratamento pronominal ao longo das três metades dos séculos analisados:

**Quadro 24 - *Tu* e *Você* na posição de sujeito de orações subordinadas adjetivas nos séculos XIX e XX**

TIPO DE ORAÇÃO		2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL (%)
Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito de orações subordinadas adjetivas	Tu nulo	4 (50%)	2 (6%)	-	6 (13%)
	Tu pleno	-	3 (9%)	-	3 (6%)
	<i>Você</i> pleno	4 (50%)	25 (78%)	7 (100%)	36 (77%)
	<i>Você</i> nulo	-	2 (6%)	-	2 (4%)
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>32</b>	<b>7</b>	<b>47</b>

O sujeito pleno *Você* foi muito produtivo na escrita dos missivistas pernambucanos na primeira metade do século XX, principalmente nas cartas de amigo. Essas ocorrências de *Você* pleno totalizaram 25, sendo 78% dos dados do século XX. Já o *Tu* nulo foi menos frequente, correspondendo a 4 (50%) ocorrências no século XIX e 2 (6%) na primeira metade do século XX, também frequentes nas cartas de família, como vemos nos exemplos abaixo. As ocorrências de *Você* pleno (4 ocorrências, 50% dos dados) na 2ª metade do século XIX. Na segunda metade do século XX, obtivemos apenas 7 (100%) ocorrências de *Você* pleno. Sobre essa questão, na amostra de dados de Duarte (1995), os dados de orações relativas aparecem sendo produzidos por interlocutores mais velhos. Essa, talvez, seria a explicação de poucas ocorrências de *Você* e *Tu* nas orações relativas nas cartas dos pernambucanos no século XX.

### 130. Orações adjetivas

#### I. Orações adjetivas no século XIX –

- (a) felizmente com a carta em que me **pro dizias** estar doente dos olhos (CF04)
- (b) chegou outra em que **pro dizes** já está ficando boa (CF04)

#### II. Orações adjetivas no século XX –

- (a) gostei muito das notícias que **Você** me deu (CF39)
- (b) recebi o telegrama que **Você** mandou o irmão passar (CF52)

As ocorrências das formas de tratamento *Tu* e *Você* nas orações subordinadas adjetivas (ou relativas) corroboram o afirmado por Duarte (1995) sobre a preferência de sujeitos plenos nas relativas. Sobre essa questão, a autora afirma que hipoteticamente existem dois fatores condicionantes pela preferência de sujeito pleno nas relativas. O primeiro fator condicionante seria a própria estrutura de CP<sup>45</sup> na qual o especificador (Spec CP) está preenchido igualmente ao seguinte exemplo:

**131.** gostei muito das notícias [<sub>CP</sub> que [<sub>C'</sub> [<sub>IP</sub> *Você* me deu]]] (CF39)

O segundo fator condicionante diz respeito à questão estrutural da falta de correferência entre o sujeito da relativa e o sujeito da oração raiz (DUARTE, 1995). Assim, essa explicação vai ao encontro, nos nossos dados, da forma *Você* ocupando a posição de sujeito pleno, já que, na maioria das ocorrências, essa realização foi constatada no contexto das orações relativas.

Dando prosseguimento à análise, ressaltamos que dentro das orações independentes abarcamos as orações absolutas (período simples) e coordenadas sindéticas e assindéticas. Duarte (1995) não inclui as orações coordenadas, por acreditar que as enumerativas (ou aditivas) inflacionam a posição de sujeito nulo. Entretanto, tivemos um quantitativo equilibrado dessas orações em relação às outras e, nessas orações, os missivistas realizaram predominantemente o sujeito pleno, uma ou outra oração apareceu com sujeito nulo na coordenada sindética.

**Quadro 25 - *Tu* e *Você* na posição de sujeito de orações independentes nos séculos XIX e XX**

TIPO DE ORAÇÃO		2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL (%)
Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito de orações independentes	Tu nulo	6 (38%)	7 (8%)	-	13 (12%)
	Tu pleno	3 (19%)	20 (24%)	1 (9%)	24 (22%)
	<i>Você</i> pleno	6 (38%)	52 (63%)	4 (36%)	62 (56%)
	<i>Você</i> nulo	1 (6%)	4 (5%)	6 (55%)	11 (10%)
	<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>83</b>	<b>11</b>	<b>110</b>

No quadro acima, os dados da segunda metade do século XIX obtivemos pouca frequência dos dados de todas as formas de *Tu* e *Você*. Nesse sentido, houve 6 (38%) ocorrências de *Tu* nulo, 3 (19%) ocorrências de *Tu* pleno, 6 (38%) ocorrências de *Você* pleno e apenas 1 de *Você* nulo. Os dados indicam, assim, pouca frequência das formas de tratamento

<sup>45</sup> Abreviação de *Complementizer Phrase* (CP) (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007)

na 2ª metade do século XIX e, igualmente, acontece na 2ª metade do século XX em que as frequências quantitativas foram: nenhuma ocorrência de *Tu* nulo, 1(9%) ocorrência de *Tu* pleno, 4 (36%) ocorrências de *Você* pleno e, por fim, 6 (55%) ocorrências de *Você* nulo.

A forma *Você* pleno mais uma vez é produtiva na escrita de correspondentes pernambucanos, totalizando 52 ocorrências que representam (63%) do total geral de dados da primeira metade do século XX. Além disso, destacamos a produtividade de sujeitos plenos com a forma *Tu*. Estas ocorreram com mais frequência também na primeira metade do século XX, com o total de 20 (24%) ocorrências. Não houve grande aumento na produção de ocorrências de *Tu* (6 ocorrências, 38% dos dados) e *Você* (1 ocorrência, 6% dos dados) nulo ao longo dos séculos nas cartas analisadas. Logo, as ocorrências das formas de tratamento nas orações independentes correspondem às seguintes:

### 132. Orações independentes:

#### I. Orações independentes no século XIX –

(a) mas como **pro pensaste** em dizer-me (CF04)

(b) achei-o muito magro pelo retrato, mas **tu dises** que ele agora está gordo e casado (CF05)

#### II. Orações independentes no século XX –

(a) já se passaram dias e **Você está** ainda cortindo dores desconhecidas (CA11)

(b) **Você** não está aqui, **Você** se terá sentido humilhado (CA08)

(c) **pro Tens** mandado para *mim* eu tenho recebido (CM22)

A partir dos exemplos e dos dados apresentados nos quadros acima, percebemos que a produção de sujeitos plenos nas orações independentes serve para dar ênfase a como o destinatário tem que proceder ou procedeu. Portanto, os sujeitos *Tu* e *Você* no contexto das independentes servem para indicar que fez ou tem que fazer algo, ou ainda, indicam o estado em que se encontra a pessoa com quem se fala. Esse fator é apontado pelo verbo de ligação *ser* e o verbo *ter*. Percebemos, então, que o sujeito nulo de *Tu* ou *Você* raramente ocorreram com verbos que indiquem modo ou estado.

No tocante aos dados das orações substantivas adverbiais, incluídas nas encaixadas adjuntas nos estudos de Duarte (1995), obtivemos os seguintes dados:

**Quadro 26 - *Tu* e *Você* na posição de sujeito de orações subordinadas adjetivas nos séculos XIX e XX**

TIPO DE ORAÇÃO		2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL (%)
Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito de orações subordinadas adverbiais	Tu nulo	10 (71%)	2 (3%)	-	12 (16%)
	Tu pleno	1 (7%)	7 (12%)	-	8 (10%)
	<i>Você</i> pleno	1 (7%)	45 (78%)	5 (100%)	51 (66%)
	<i>Você</i> nulo	2 (14%)	4 (7%)	-	6 (8%)
	<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>58</b>	<b>5</b>	<b>77</b>

A forma *Tu* nulo (10 ocorrências, 71% dos dados) foi a mais produtiva na 2ª metade do século XIX e, de igual modo, é a forma mais produtiva depois de *Você* pleno (1ª metade do XX), que corresponde a 45 ocorrências, sendo 78% dos dados. Ainda sobre a segunda metade do século XIX, obtivemos apenas 1 (7%) ocorrência de sujeito *Tu* e *Você* pleno e 2 (14%) ocorrências de *Você* nulo. Como já mencionado, nas orações subordinadas adverbiais da 1ª metade do século XX, ressaltamos mais uma vez a alta produtividade do *Você* pleno (45 ocorrências, 78%). Ademais, houve baixa frequência de *Tu* nulo (2 ocorrências, 3% dos dados), *Tu* pleno (7 ocorrências, 12% dos dados) e *Você* nulo (4 ocorrências, 7% dos dados) nesse tipo de oração. Na 2ª metade do século XX, obtivemos apenas 5 ocorrências de *Você* pleno nas orações subordinadas adverbiais.

Essa recorrência de dados das formas *Você* pleno e *Tu* nulo refere-se não somente à quantidade de missivas que temos em cada subgênero, mas também à faixa etária e o tipo de relação estabelecida entre os interlocutores, como vimos na seção anterior. Portanto, as formas de tratamento pronominal, aqui estudadas, no contexto das adverbiais, foram mais produzidas por idosos em missivas de amigo no século XIX e família no começo do XX. As ocorrências de sujeitos plenos e nulos foram muito produtivas também nas cartas de amor de jovens da primeira metade do XX.

### 133. Orações adverbiais

#### I. Orações adverbiais no século XIX –

(a) aí são os estatutos do Atheneo e do culto a sciencia para que **pro organises** os 10 artigos (CA01)

(b) se **pro quiseres** passar à noite por aqui, *vem* para conversarmos (CA01)

#### II. Orações adverbiais no século XX –

(a) se *Você* não recebe logo a culpa está no correio não está em mim (CM13)

(b) Todo o nosso grau de amizade e parentesco, explico-lhe estes fatos *para* que *Você* não mantenha uma idéia errada sobre o que se passou. (CF53)

Nas orações acima percebemos que o licenciamento de sujeito pleno *Você* nas adverbiais está relacionado aos contextos nos quais, aparentemente, o *Tu* nulo não é licenciado. Nos exemplos acima, podemos visualizar, na carta de amigo de um mesmo escrevente que o pronome pleno *Tu* não é alçado à posição de sujeito das orações subordinadas adverbiais que estabelecem a ideia de finalidade ou condicionalidade. Do contrário, os exemplos de *Você* nos mesmos contextos, mas em missivas diferentes, são preenchidos pela forma de tratamento *Você* na posição de sujeito pleno.

Por conseguinte, os dados apresentados sobre as orações principais mostram que a forma de tratamento pronominal *Você* pleno é a forma mais produtiva nas três metades dos séculos –

6 (86%) ocorrências na 2ª metade do XIX; 39 (78%) na 1ª metade do XX e 6 (100%) na 2ª metade do XX. Por outro lado, o *Você* nulo apresenta apenas 1 (14%) ocorrência na 2ª metade do XIX e 2 (4%) ocorrências da primeira metade do século XX. Na primeira metade do século XX, houve pouca frequência de *Tu* nulo (7 ocorrências, sendo 14% dos dados), *Tu* pleno (2 ocorrências, 4% dos dados) e *Você* nulo (2 ocorrências, 4% dos dados) correspondendo, juntamente com as 39 ocorrências de *Você* pleno, a 50 ocorrências dos dados totais, como veremos na tabela a seguir:

**Quadro 27 - *Tu* e *Você* na posição de sujeito de orações principais nos séculos XIX e XX**

TIPO DE ORAÇÃO		2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL (%)
Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito da oração principal	Tu nulo	-	7 (14%)	-	7 (11%)
	Tu pleno	-	2 (4%)	-	2 (3%)
	<i>Você</i> pleno	6 (86%)	39 (78%)	6 (100%)	51 (81%)
	<i>Você</i> nulo	1 (14%)	2 (4%)	-	3 (5%)
	<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>50</b>	<b>6</b>	<b>63</b>

Nas orações principais, a presença de *Tu* nulo tem frequência nos dados apenas na primeira metade do século XX, representado por apenas 7 ocorrências sendo 4% dos dados deste século. Sobre as orações principais, percebe-se que, para uma total identificação do sujeito na oração, as orações principais em I (a e b) pedem necessariamente um argumento externo. Por outro lado, as orações em II (a e b) o sujeito nulo é licenciado e, conseqüentemente, o *Tu* nulo é favorecido nesse contexto de produção. Isto é possível, pois a falta desse sujeito nas orações em II não irá causar ambigüidades, pois é o sujeito da oração é claramente identificado pela morfologia verbal (DUARTE, 1995; KATO; DUARTE, 2014).

### 134. Orações principais

#### I. Orações principais no século XIX –

- (a) a carta que foi junta, *Você* remeterá para santos  
 (b) *Você* é um monarquista que não se conhece a si mesmo

#### II. Orações principais no século XX –

- (a) *Tu* pedes que eu ore por ti  
 (b) *pro* não *avalias* alegria que causou-me na hora em que recebi a sua cartinha

Por fim, os dados das orações subordinadas substantivas, representadas no quadro abaixo, apresentam a alta produtividade de *Tu* e *Você* plenos na primeira metade do século XX. Dentre todos os quantitativos dos tipos de orações no contexto de produção de sujeitos nulos e plenos das formas *Tu* e *Você*, os resultados da primeira metade do século XX foram os que apresentaram uma maior frequência quantitativa e percentual de ocorrências das formas de tratamento nas orações substantivas.

**Quadro 28 - *Tu* e *Você* na posição de sujeito de orações subordinadas substantivas nos séculos XIX e XX**

TIPO DE ORAÇÃO		2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL (%)
Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito de orações subordinadas substantivas	Tu nulo	7 (47%)	14 (14%)	-	21 (17%)
	Tu pleno	-	16 (16%)	-	16 (13%)
	<i>Você</i> pleno	8 (53%)	69 (68%)	5 (100%)	82 (67%)
	<i>Você</i> nulo	-	3 (3%)	-	3 (2%)
	<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>102</b>	<b>5</b>	<b>122</b>

O sujeito *Você* pleno, de acordo com o quadro, obteve 69 ocorrências, representando percentualmente 68% dos dados da 1ª metade do século XX. Nessa mesma metade do século, vemos as formas *Tu* nulo (14 ocorrências, 14% dos dados) e *Tu* pleno (16 ocorrências, 16% dos dados) concorrendo com a forma *Você*. Esta forma de tratamento na posição de sujeito pleno é majoritariamente usada nas cartas de amor e, também, bastante alternada com a forma de *Tu* (pleno ou nulo). No entanto, na 2ª metade do século XIX e na 2ª metade do século XX obtivemos pouca frequência dos dados estatísticos desses séculos. O *Você* pleno representa o quantitativo de 8 (53%) ocorrências na 2ª metade do século XIX e 5 (100%) ocorrências na 2ª metade do século XX. O *Tu* nulo representa 7 (47%) ocorrências nas missivas da 2ª metade do XIX. Nesse sentido, nos exemplos abaixo conseguimos visualizar como as ocorrências estão distribuídas no contexto de orações substantivas:

### 135. Orações substantivas

#### I. Orações substantivas no século XIX –

- (a) disse elle q' *Você* a muito não escreve (CF01)
- (b) sei que **pro estás** em New York (CA02)

#### II. Orações substantivas no século XX –

- (a) peço-te que **pro estejas** à minha espera (CM02)
- (b) a maioria supunha que *Você* governava tudo (CA14)

Através das orações substantivas acima destacadas e do quantitativo apresentado no quadro acima, percebemos que a, já no século XX, a forma *Você* plena ocupa os contextos de sujeitos das encaixadas nas quais o sujeito nulo, no caso de *Tu*, é licenciado e plenamente identificado, assim como determina o Princípio Evite Pronome (CHOMSKY, 1986). Observa-se que o sujeito nulo é sempre presente quando pode ser identificado por um referente. Em II (a) esse referente é identificado pelo pronome oblíquo átono “te”, já em I. (b) é a morfologia do verbo que o identifica e o referente mais próximo se encontraria no âmbito discursivo-contextual da carta, como o vocativo – evitando ambiguidades.

Concluindo a análise dos dados, abaixo segue o quadro resumitivo das ocorrências das formas de tratamento *Tu* e *Você* na posição de sujeito pleno e nulo em todos os tipos de orações apresentados neste capítulo. Observamos a seguir a forma *Você* plena predominante em todas as orações ao longo dos séculos e, por outro lado, o *Tu* nulo cada vez menos produtivo ao passo que vai aumentando as ocorrências de *Tu* pleno ao decorrer do tempo.

**Quadro 29** - Quadro resumitivo das ocorrências das formas *Tu* e *Você* nos fatores “tipos de orações”

<b>QUADRO RESUMITIVO DAS OCORRÊNCIAS DOS TIPOS DE ORAÇÕES DE TU E VOCÊ PLENO E NULO DO SÉCULO XIX AO XX</b>					
<b>TIPOS DE ORAÇÕES</b>		<b>2ª metade do século XIX</b>	<b>1ª metade do século XX</b>	<b>2ª metade do século XX</b>	<b>TOTAL (%)</b>
<b>Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito de orações subordinadas adjetivas</b>	<b>Tu nulo</b>	4 (50%)	2 (6%)	-	6 (13%)
	<b>Tu pleno</b>	-	3 (9%)	-	3 (6%)
	<b><i>Você</i> pleno</b>	4 (50%)	25 (78%)	7 (100%)	36 (77%)
	<b><i>Você</i> nulo</b>	-	2 (6%)	-	2 (4%)
	<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>32</b>	<b>7</b>	<b>47</b>
<b>Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito de orações subordinadas independentes</b>	<b>Tu nulo</b>	6 (38%)	7 (8%)	-	13 (12%)
	<b>Tu pleno</b>	3 (19%)	20 (24%)	1 (9%)	24 (22%)
	<b><i>Você</i> pleno</b>	6 (38%)	52 (63%)	4 (36%)	62 (56%)
	<b><i>Você</i> nulo</b>	1 (6%)	4 (5%)	6 (55%)	11 (10%)
	<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>83</b>	<b>11</b>	<b>110</b>
<b>Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito de orações subordinadas adverbiais</b>	<b>Tu nulo</b>	10 (71%)	2 (3%)	-	12 (16%)
	<b>Tu pleno</b>	1 (7%)	7 (12%)	-	8 (10%)
	<b><i>Você</i> pleno</b>	1 (7%)	45 (78%)	5 (100%)	51 (66%)
	<b><i>Você</i> nulo</b>	2 (14%)	4 (7%)	-	6 (8%)
	<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>58</b>	<b>5</b>	<b>77</b>
<b>Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito de orações principal</b>	<b>Tu nulo</b>	-	7 (14%)	-	7 (11%)
	<b>Tu pleno</b>	-	2 (4%)	-	2 (3%)
	<b><i>Você</i> pleno</b>	6 (86%)	39 (78%)	6 (100%)	51 (81%)
	<b><i>Você</i> nulo</b>	1 (14%)	2 (4%)	-	3 (5%)
	<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>50</b>	<b>6</b>	<b>63</b>
<b>Tu e <i>Você</i> na posição de sujeito de orações substantivas</b>	<b>Tu nulo</b>	7 (47%)	14 (14%)	-	21 (17%)
	<b>Tu pleno</b>	-	16 (16%)	-	16 (13%)
	<b><i>Você</i> pleno</b>	8 (53%)	69 (68%)	5 (100%)	82 (67%)
	<b><i>Você</i> nulo</b>	-	3 (3%)	-	3 (2%)
	<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>102</b>	<b>5</b>	<b>122</b>

Dessa maneira, os dados da primeira metade do século XX foram os que mostraram a oração subordinada substantiva apresentando-se como um contexto de menor resistência à

entrada da forma *Você* pleno no contexto em que a forma de tratamento *Tu* nulo ainda resiste – ambas as formas têm traços [+] humanos e [+específicos] e isso facilita a realização plena do sujeito (KATO; DUARTE, 2014). É nesse sentido que os resultados e a proposta de Kato e Duarte (2014) são fundamentais para compreendermos que, quanto [-]específicos e [+]genéricos os pronomes referenciais forem, maiores são as possibilidades de sujeitos nulos. Dessa forma, quanto à análise das variáveis intralinguísticas e extralinguísticas, podemos dizer que os dados quantitativos apontam evidências de que o PB seja realmente uma língua de sujeito nulo parcial, evitando, portanto, a realização fonética de pronomes não-referenciais (KATO; DUARTE, 2014). Portanto, a tendência é cada vez mais usar o sujeito pleno para identificar com quem se fala ou sobre quem se fala, já que também temos uma reorganização no quadro pronominal, deixando as desinências verbais uniformes, aproximando-se de línguas não pro-drop, como o inglês. Sendo assim, vimos também que o contexto das encaixadas é de resistência do sujeito nulo. Portanto, é necessário destacar que os modos recorrentes de dizer auxiliaram na busca de pista acerca da variação das formas *Tu* e *Você* nas cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX. Com isso, visualizamos os caminhos das formas de tratamento pronominal *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno através dos séculos XIX e XX, no quais Rumeu (2013) afirma que estas formas estão em um estágio intermediário de mudança quanto às ocorrências de *Você* ao lado de *Tu* íntimo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O português são dois; o outro, mistério* – Carlos Drummond de Andrade in Aula de português.

Em relação às discussões abordadas e aos resultados alcançados, vimos que esta investigação se insere na perspectiva da linguística sócio-histórica do português brasileiro, tendo como enfoque a historicidade da língua e do texto (KOCH; OESTERREICHER, 1996, 2006; KABATEK, 2006). Nesse sentido, é fundamental ressaltarmos que, através da observação do comportamento das formas de tratamento *Tu* e *Você* na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto, objetivamos perceber como os dados dos fatores intra e extralinguísticos das formas de tratamento pronominal *Tu* e *Você* na posição de sujeito (pleno e nulo) e as marcas textuais tradicionais ou modos tradicionais de dizer contribuíam na variação dessas formas nas cartas de pernambucanos dos séculos XIX e XX.

Ao analisarmos 131 cartas pessoais (dos subgêneros amigo, família e amor) de pernambucanos nos séculos XIX e XX, vimos quantitativa e qualitativamente as formas de tratamento pronominal *Tu* e *Você* ocorrendo produtivamente na posição de sujeito pleno e nulo e, também, a presença dos modos tradicionais de dizer no gênero carta pessoal dos séculos XIX e XX. Esses modos de dizer tradicionais revelaram, sobretudo, nas relações de intimidade entre os correspondentes, certas preferências por certos elementos composicionais que contribuíram na alternância das formas de tratamento *Tu* e *Você* pleno e nulo e, conseqüentemente, os resultados quantitativos apontam para uma mudança na preferência pela realização ou não de uma forma tratamental em detrimento de outra.

Para atender ao objetivo geral e aos objetivos específicos, procuramos direcionar a atenção tanto para a historicidade do texto quanto para a historicidade da língua. No tocante à historicidade do texto, optamos pelo modelo de abordagem das TD (KOCH; OESTERREICHER; 1996) evocadas no gênero carta pessoal através dos modos de dizer tradicionais, como expressões formulaicas, elementos da estrutura composicional atuando na produtividade de sujeitos *Tu* e *Você* na posição de nulo e pleno. Em relação à historicidade da língua, resolvemos considerar o sistema interno linguístico (a língua-I) e, para isso, nos pautamos em estudos diacrônicos do PB centrado a atenção no PSN em interface metodológica com a sociolinguística quantitativa laboviana para análise dos dados intra e extralinguísticos (LABOV, 2008 [1972]). Nessa perspectiva, fundamentados no PSN,

pretendemos perceber, nas cartas em análise, possíveis restrições no uso de *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno em diferentes tipos de orações. Assim, tomamos como referência os contextos de análise adotados por estudos diacrônicos realizados sobre o PSN, como os Duarte (1993, 1995) e os de Kato e Duarte (2014) que verificam restrições para a produção de sujeitos nulos no PB.

Dessa maneira, os resultados principais buscaram atender a cada um destes objetivos específicos:

- I. Observar o comportamento das formas de tratamento *Tu* e *Você* na posição de sujeito, ao longo dos séculos XIX e XX, a partir dos dados intra e extralinguísticos que possam favorecer ou restringir o sujeito nulo ou pleno de uma ou outra forma;
- II. Verificar os modos de dizer recorrentes que mantêm uma ou outra forma de tratamento em função da natureza do texto, pelo viés da TD.
- III. Analisar quantum-qualitativamente quais fatores (linguísticos e extralinguísticos) podem indicar que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, pela perspectiva do PSN;
- IV. Averiguar as possíveis motivações sócio-histórico-pragmáticas da variação de *Tu* e *Você* nos subgêneros: carta de amigo, de amor e de família dos séculos XIX e XX.

Considerando os objetivos acima, os capítulos de análise sobre as formas de tratamento pronominal *Tu* e *Você* nulo e pleno e as TD presentes nas cartas pessoais de pernambucanos foram divididos em dois capítulos, um, abarca a análise dos modos tradicionais de dizer nas cartas de família, amigo e amor e, outro, engloba a discussão sobre a alternância das formas de *Tu* e *Você* nos três subgêneros da carta pessoal. Neste último capítulo, enfoca-se tanto nos fatores quantitativos intralinguísticos quanto nos fatores extralinguísticos. Dessa maneira, observamos a forma tratamental *Você* pleno ocorrendo produtivamente nos três subgêneros da carta pessoal dos séculos XIX e XX. Vimos também o *Tu* nulo diminuindo quantitativamente ao decorrer dos séculos, ao passo que o *Tu* pleno obteve um alto índice de produção na posição de sujeito. Sendo assim, no século XX, sobretudo nas cartas de amor, as formas plenas de *Tu* e *Você* competem o lugar da intimidade, evidenciado também nas marcas de TD atuando na implicação emocional da carta, no estabelecimento da amizade (intimidade). Além disso, no capítulo sobre os modos de dizer, podemos observar as expressões formulaicas, a composição do gênero, a escolha de diminutivos, possessivos presentes em cada subgênero da carta pessoal e operando na

construção da relação entre os interlocutores, esta relação, por sua vez, podendo ser uma relação simétrica ou assimétrica (BROWN; GILMAN, 1960).

Sendo assim, ao olharmos para a trajetória das formas *Tu* e *Você* na posição de sujeito nulo e pleno nos séculos XIX e XX, obtivemos que estas formas na posição de sujeito pleno foram percentualmente mais produtivas, principalmente, nas orações independentes, nas adverbiais e nas orações encaixadas substantivas das cartas de amigo, família e amor.

Diante do exposto, compreendemos como resultados significativos para os objetivos elencados para esta dissertação estes quatro resultados:

- I. a realização mais frequente da forma de tratamento pronominal *Você* na posição de sujeito pleno, majoritariamente nas encaixadas substantivas;
- II. o aumento da frequência da forma de *Tu* pleno ao decorrer dos séculos e diminuição do quantitativo de *Tu* nulo;
- III. a maior produtividade da forma tratamental *Você* nos três subgêneros da carta pessoal (amor, amigo e família);
- IV. os modos recorrentes de dizer atuando, através da implicação emocional das expressões, na alternância das formas *Tu* e *Você*, sobretudo, nas cartas de amor do século XX.

Os resultados, portanto, condizem, na medida do possível, com algumas hipóteses consideradas por Kato e Duarte (2014), como a predominância de ocorrências de sujeitos plenos com as formas pronominais *Tu* e *Você*. Estas formas de tratamento pronominal, por sua vez, têm traços de referencialidade semântica [+] específico e [+] humano e, conforme as autoras, isso facilita a realização plena do sujeito. Além disso, vimos as TD – nos três subgêneros da carta pessoal – atuando através da implicação emocional das expressões para estabelecimento da amizade entre os correspondentes e, portanto, quanto mais íntimo, mais possibilitava-se as ocorrências alternadas das formas *Tu* e *Você*. Assim, acreditamos que, com esses resultados, contribuimos para a ampliação de pesquisas anteriores histórico-diacrônicas voltadas para a realização de sujeitos nulos e plenos no PB e sobre os modos tradicionais de dizer, na perspectiva das TD. Ademais, as nossas inquietações aqui expostas e os nossos resultados contribuem para o surgimento de novas pesquisas na área sobre a história da forma de tratamento pronominal *Você* no PB.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE; C.V.O.; GOMES, V.S. *História do Português Brasileiro: Tradições discursivas do português brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos*. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 2003.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, Tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2006.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (ed.). *Style in Language*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, 1960. p. 253-276.
- CAPERNEO, C.; KOLLER, S.H. Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor. Rio Grande do Sul. *Interação Psicologia*, v. 8, n. 1, 2004.
- CINTRA, L. F. L. *Sobre "Formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizontes/ Coleção Horizonte 18, 1972.
- COSERIU, E. *O homem e a sua linguagem: estudos de teoria e metodologia linguística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1982.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Mouton: The Hague, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Sincronia, diacronia e historia: o problema da mudança linguística*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/USP, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Competencia lingüística: elementos de la teoría del hablar*. Madrid: Gredos, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Tereza Alves. Lisboa; Caminho, 1994 [1986].
- \_\_\_\_\_. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications, 1981.
- CASTILHO DA COSTA, A. Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A (Orgs.). *História do português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2012.
- COSTA, E. C. C.; SILVA, C. R. T. ; GOMES, V. S. *Marcas da oralidade na carta pessoal: apontando traços de tradição no discurso*. In: IV SINALGE - Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais, 2017, Campina Grande, PB. *Anais IV SINALGE*. Campina Grande: Realize, 2017. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Variação e Tradição: uma análise do TU e VOCÊ na posição de sujeito em cartas de pernambucanos (1860-1989)*. Rio de Janeiro: *Labor histórico*, v. 3, n. 2, 2018.

COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L. & KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A. & Negrão, E.V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. In *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018 [1993].

\_\_\_\_\_. *A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. The loss of the Avoid Pronoun principle in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A.; Negrão, E.V. (Eds). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 17-36.

\_\_\_\_\_. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs.). *Mudança Linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, FAPERJ, 2003. p. 115-128.

\_\_\_\_\_; KATO, M.A.; BARBOSA, A.P., 2001. *Sujeitos indeterminados em PE e PB*. Anais do II Congresso Internacional da ABRAOLIN, vol.1, 2001, p.405-409.

DUARTE, S. A noção de norma linguística segundo Eugênio Coseriu. In: *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, Catalão, vol. 2-3, 2001.

FARACO, C. A. O tratamento Você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*. Curitiba: no 13, Editora da UFPR, 1996. p. 51-82.

\_\_\_\_\_. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história linguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. *Norma culta brasileira: desatando nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GALVES, C. A sintaxe do português brasileiro. *Ensaaios de Linguística*, v.13, 1987. p. 31-50.

GUY, G.R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GOMES, V. S.; IAPECHINO, M. N. K. . Concepções de texto da tradição retórica à tradição discursiva. *Encontros de Vista*, v. 1, p. 1-17, 2008.

\_\_\_\_\_. *Tradições discursivas, variação e mudança no sistema pronominal de tratamento do português brasileiro em cartas pessoais pernambucanas (séculos XIX e XX)*. Relatório de atividades acadêmicas do Estágio Pós-Doutoral em Letras Vernáculas, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Nov., 2014. 52 p.

\_\_\_\_\_; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação entre formas dos paradigmas de tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX. *Revista do GELNE*, v.16, 2015.

\_\_\_\_\_; LOPES, Célia Regina dos Santos. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): Tradição Discursiva e Sociopragmática. *Revista de Estudos da Linguagem (RELIN)*, v.24, n.1, 2016. p.157-189.

GUEDES, M.; BERLINK, R. de A. (ed.). *E os preços eram commodos – Anúncios de jornais brasileiros século XIX*. São Paulo: Humanitas, 2000.

HOLMBERG, A. NAYUDU, A; SHEEHAN, M. Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguística*, v. 63(1), 59-97, 2009.

HUANG, J.T.C. Pro-drop in Chinese: a generalized control theory. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. *The null subject parameter*. Dordrecht, London: Kluwer Academic Publishers. p. 185-214, 1989.

KABATEK, Johannes. *Os falantes como linguistas: tradición, innovación e interferências no galego actual*. Edicions xerais de Galicia, 1996.

\_\_\_\_\_. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. In: CIAPUSCIO, Guiomar; KONSTANZE, Jungbluth; KAISER, Dorothee.; LOPES, Célia Regina dos Santos (eds.). *Sincronía y Diacronía de Tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Frankfurt a.m.: Vervuert, 2006.

KATO, M.A. Strong and weak pronouns in the null subject parameter. *PROBUS*, v.11(1), p. 1-38, 1999.

\_\_\_\_\_.; NEGRÃO, E.V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 223-258.

\_\_\_\_\_; DUARTE, M.E.L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. *Veredas*, v. 18(1), p. 1-22, 2014.

KENEDY, E. *Curso básico de língua gerativa*. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoría del Lenguaje. In: \_\_\_\_\_. *Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano*. Madrid: Editorial Gredos. 2006. p. 20-42.

\_\_\_\_\_. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik". In: Barbara Frank/Thomas Haye/Doris Tophinke (Hrsg.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr 1997 (ScriptOralia, 99), 1997, 43-79.

\_\_\_\_\_. Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEK, Johannes (Ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert (Linguística Iberoamericana 31), 2008. p. 53-88.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 1972 [2008].

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994. Volume 2.

\_\_\_\_\_. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistics Working Paper*. Texas, n. 44, 1978. p. 1-13.

\_\_\_\_\_. Building on Empirical Foundations, in LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Orgs.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991. p. 83-113.

LASS, R. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Linguística*, Madrid, v.25, 2011. p.30–65

\_\_\_\_\_. Tradição Textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas”. In: Marco Antônio Martins e Maria Alice Tavares. (Org.). *História do Português brasileiro no Rio Grande do Norte: análises linguística textual da correspondência de Luís Câmara Cascudo a Mário de Andrade 1924 a 1944*. 1 ed. Natal: EDUFRRN, 2012, v.1, p. 17-54.

\_\_\_\_\_; RUMEU, Maria Cristina de Brito; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A configuração diatópica-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. *Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*, v. 15, n. 1/2, 2013. p. 187-212

LIGHTFOOT, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Journal of Language Variation and Change*, v. 1, 1989. P. 199-244.

LONGHIN-THOMAZI, S.R. *Tradições Discursivas: conceito, história e aquisição*. São Paulo: Cortez, 2014.

MACHADO, A.C.M. *A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referência de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINET, A. Function, Structure and Sound Change, in KEILER A. R. *A reader in historical and comparative linguistics*. New York: Holt, Reinhart and Winston, [1972], p. 139–174.

MATTOS e SILVA, R.V. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIOTO, C.; SILVA, M.C.F.; LOPES, R.E.V. *Novo manual de sintaxe*. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2007.

NUNES, J. *Nominative pronoun reduction in Brazilian Portuguese*. University of Maryland, 1990.

OESTERREICHER, W. “Zur Fundierung von Diskurstraditionen”, in: Thomas Haye/Doris Tophinke (eds.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr, pp. 19–41, 1997.

PESSOA, M. B. *Latim II: Cartas de Cícero*. Trad. Marlos de Barros Pessoa. Recife: UFPE, 2018.

\_\_\_\_\_. *Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade: o caso do Recife, Brasil*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2003.

\_\_\_\_\_. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS FAPERJ, 2002. p. 198-205.

POPPER, Karl S. *A lógica da pesquisa científica*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. *Autobiografia*. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1977.

RAPOSO, E. *Teoria da Gramática: A faculdade da linguagem*. 2ª edição. Lisboa: Caminho, 1992.

RIZZI, I. *Issues in Italian Syntax*, Dordrecht: Foris, 1982.

ROBERTS, I. KATO, M.A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018 [1993].

RUMEU, Maria Cristina de Brito. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Itaca, 2013.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto. 2005.

SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. Uma rodada no Goldvarb X. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. Maceió: Edufal, 2011.

SILVA, C.R.T. *A natureza de Agr e suas implicações na ordem vs: um estudo comparativo entre o Português Brasileiro e o Português Europeu (Tese de doutorado)*. Departamento de Letras, UFAL, 2004.

SILVA, A.G. *Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Letras, UFPE, 2018.

SOTO, E. U. M. S. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Ed. da UFF, 2007.

SOUZA, Janaína Pedreira Fernandes de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

SCHERRE, M. P. M.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-177.

SCHLIEBEN-LANGE, B. Normas do falar, da língua e dos textos. In: \_\_\_\_\_. *História do falar e história da linguística*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

SCHRONDER, Bianca-Jeanette. *Bildung und Briefe im 6. Jahrhundert*. Berlin: de Gruyter, 2007.

TARALDESEN, K. T. On the NIC, *Vacuous Application and That-Trace Filter*. Indiana University Linguistics Club, Bloomington, 1979.

TARALLO, F. *Tempos linguísticos: itinerário histórico de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. Diagnosticando uma gramática brasileira: O português d'aquém e d'além mar o final do século XIX. In ROBERTS, I. KATO, M.A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018 [1993].

TODOROV, T. *Os gêneros discurso*. Trad. de Elisa A. Kossovitch. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

TULLI, M. Cicerones Epistolae. Vol. I *Epistolae ad Familiares*. Oxford, Oxford University Press, 1982.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].